



PAUL G. HIEBERT

D EVANGELHO E A DIVERSIDADE DAS CULTURAS

um guia de antropologia
missionária

PAUL G. HIEBERT

O EVANGELHO E A DIVERSIDADE DAS CULTURAS

um guia de antropologia
missionária

TRADUÇÃO

Maria Alexandra P. Contar Grosso



Copyright © 1985 Baker Books
Título do original: *Anthropological Insights for Missionaries*
Traduzido da edição publicada por
Baker Books, divisão da Baker Book House Company
Grand Rapids, Michigan, 49516, EUA
Todos os direitos reservados.

1.^a edição: 1999
Reimpressões: 2001, 2004, 2005, 2008

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os
direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos,
xerográficos fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados etc.), a não ser em citações breves, com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0269-3

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Robinson Malkomes

REVISÃO

Eulália Pacheco Kregness

Lenita A. do Nascimento

CONSULTORIA

Frances Blok Popovich

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Roger Luiz Malkomes

CAPA

Julio Carvalho

DIAGRAMAÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

Para
Frances,
Eloise e Michael,
Barbara e Byron,
e John,

que pacientemente me ensinaram muito a ser
um discípulo de Jesus Cristo. Devo a eles muito mais
do que possa expressar em palavras.



Conteúdo

Prefácio	9

PARTE 1 **O Evangelho e as Culturas Humanas**

1 Missões e Antropologia	13
2 Evangelho e Cultura	29

PARTE 2 **As Diferenças Culturais e o Missionário**

3 As Diferenças Culturais e o Novo Missionário	61
4 O Missionário Identificado	91
5 Os Pressupostos Culturais dos Missionários Norte-americanos	111

PARTE 3 **As Diferenças Culturais e a Mensagem**

6 As Diferenças Culturais e a Mensagem	141
7 Contextualização Crítica	171
8 A Autoteologia	193

PARTE 4 **As Diferenças Culturais e a Comunidade Bicultural**

9 A Ponte Bicultural	229
10 O Papel do Missionário	257
11 A Tarefa Inacabada	287
Bibliografia	301



Prefácio

ATUALMENTE, HÁ UMA VISÃO RENOVADA SOBRE A RESPONSABILIDADE DAS IGREJAS de todo o mundo de levar a todas as pessoas as Boas Novas da salvação e de ministrar a elas em suas necessidades. Isso pode ser observado não somente pelo novo interesse em missões, ocorrido no Ocidente, mas também pelo rápido crescimento da ação missionária nas igrejas da Ásia, África e América Latina.

Com essa renovação, houve a compreensão de que o trabalho missionário deve ser mais sensível às pessoas e às suas culturas. O movimento moderno de missões nasceu em um momento de expansão colonizadora e tecnológica do Ocidente, em que era freqüente os missionários compararem o evangelho à sua civilização. Em vários lugares, os missionários identificavam-se muito com as pessoas a quem serviam e aprendiam seu modo de viver. Muitos deles mostravam seu amor através de um profundo compromisso para com seu ministério. Partiam de seus países geralmente sabendo que em poucos anos enfrentariam a morte, e que os que sobrevivessem dedicariam suas vidas a essa tarefa. Mas a identificação do evangelho com o poder e com a tecnologia ocidental tornou-o estranho e, portanto, inaceitável para muitas vidas.

Hoje, as primeiras igrejas fundadas por missionários pioneiros estão clamando, instando a que estejamos mais atentos às culturas e suas diferenças, e nos lembrando de que Deus não é um Deus tribal, e sim o Deus do mundo; de que o evangelho é para todos; e que a igreja é um corpo que transpõe as barreiras da etnia, da classe social e do nacionalismo, que dividem os homens colocando-os em campos de guerra. Ao mesmo tempo, tem havido uma crescente atenção das ciências sociais, particularmente da antropologia, sobre a necessidade de compreender as pessoas em seus ambientes culturais. Além disso, surgiu uma crescente constatação de que os missionários atuais precisavam não somente de uma compreensão sólida das *Escrituras*, mas também de um profundo conhecimento das pessoas a quem servem.

Este livro é uma tentativa de oferecer aos jovens missionários algumas ferramentas básicas para a compreensão de outras culturas e a compreensão

de si mesmos ao penetrarem nelas. Não é um substituto do chamado divino nem do treinamento bíblico e vocacional. Todo missionário deve experimentar o chamado de Deus para missões e estar enraizado em seu amor e sua glória, e no amor pelas pessoas, sua salvação e bem-estar. Isso o manterá caminhando quando as coisas se tornarem difíceis. Infelizmente, hoje é comum estarmos muito preparados e pouco comprometidos.

Este livro também não substitui um treinamento consistente nas *Escrituras* e no ministério ao qual o missionário serve, seja pregando, ensinando, atuando como médico, desenvolvendo comunidades ou qualquer outra tarefa. É, no entanto, uma tentativa de introduzir os jovens missionários numa terceira área que lhes exige capacitação, a saber, a relação e comunicação transcultural.

De várias maneiras, o livro é autobiográfico. Baseia-se numa vasta reflexão sobre os nossos anos de ministério na Índia com o *Mennonite Brethren Board of Missions and Services* e em nossos muitos erros ali cometidos. Infelizmente, não podemos reviver o passado e desfazer tais erros, mas podemos aprender com eles e transmitir nossa compreensão para aqueles que irão nos suceder. Baseia-se também em muitas lições aprendidas na igreja da Índia. Nas igrejas jovens há sempre um vigor da mensagem do evangelho que, nas igrejas mais antigas, já se perdeu.

Muitos tornaram este livro possível. Devo uma palavra de agradecimento em particular ao Conselho Curador do Seminário Teológico Fuller, que me concedeu um ano sabático para finalizar este trabalho. Também desejo expressar meu agradecimento aos colegas da Escola de Missões Mundiais, que sempre estimularam e criticaram minhas opiniões, e a Diretoria da Baker Book House, particularmente à Betty De Vries que se apossou de meu tosco manuscrito tornando-o inteligível. Acima de tudo, quero agradecer à minha esposa Frances, que pacientemente me ouviu e me amparou durante as muitas horas que despendi redigindo esta obra.

O Evangelho e as Culturas Humanas

Missões e Antropologia

O AUTO DE NATAL FINDARA — PELO MENOS ERA O QUE EU PENSAVA. O NASCIMENTO de Cristo havia sido anunciado a Maria e José por anjos vestidos de puro branco. Suas faces eram morenas e sua mensagem, em telugu,* pois estávamos no sul da Índia. Os pastores cambaleavam no palco, fingindo-se meio bêbados, mas vigiando as crianças pequenas de quatro, como se fossem ovelhas. Não era bem o que eu esperava, mas algo que poderia ser explicado em termos de diferenças culturais. Ao contrário dos pastores palestinos, conhecidos pela sobriedade e religiosidade, os pastores indianos são conhecidos pela bebida e pela dança. Mas a mensagem não se perdeu porque, diante dos anjos, os pastores se prostraram assustadoramente sóbrios.

Os magos e Herodes apareceram no palco em esplendor real. Sentamos de pernas cruzadas e amontoados, enquanto os pastores, os magos e os anjos se reuniram a Maria e José, ao redor da manjedoura. Um bom final para a história do Natal. De repente, surgiu Papai Noel! Com uma canção e uma dança alegres, começou a distribuir presentes para Jesus e todos os outros. Foi o herói do espetáculo. Fiquei atônito.

O que havia de errado? Um caso de sincretismo, pensei — uma mistura de idéias hindus e cristãs esperadas em novos convertidos. Os missionários mais

*Telugu, também telegu ou telugus. Língua dravidiana falada em Andhra Pradesh, Índia (N. do.T.).

velhos haviam-nos alertado de que, se o teatro fosse permitido na igreja, traria consigo crenças hindus. Mas não. Papai Noel era uma idéia do Ocidente, trazida pelos ocidentais juntamente com a história do nascimento de Cristo. O que havia acontecido?

Mensagens Bíblicas e Ambientes Culturais

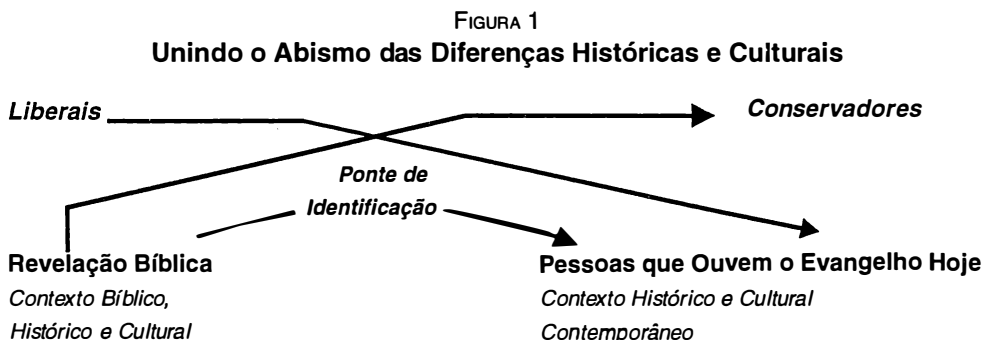
Em nossa preparação para o serviço missionário somos bem treinados na *Bíblia* e na mensagem missionária. Quando partimos, achamos que assim que aprendemos a língua do país podemos pregar, e as pessoas vão-nos entender. É um choque quando isso não ocorre, que comunicação eficaz em outra cultura é muito mais difícil do que imaginamos. Mas que precisamos fazer para melhorar isso?

Há um abismo entre nós e aqueles a quem vamos servir. Há ainda um abismo maior entre o contexto histórico e cultural da *Bíblia* e a vida contemporânea. Como unir esses abismos, tornando possível e eficiente a comunicação transcultural e meta-histórica do evangelho?

É claro que precisamos entender o evangelho em seu ambiente histórico e cultural. Sem isso, não há mensagem. Também precisamos de um claro entendimento de nós mesmos e do povo a quem servimos em contextos históricos e culturais distintos. Sem isso, estamos em perigo de proclamar uma mensagem desprovida de significado e relevância.

No entanto, com muita frequência nos contentamos em alcançar apenas um desses objetivos (Figura 1). Como evangélicos, enfatizamos o conhecimento da *Bíblia*, mas raramente paramos para examinar os povos e as culturas a que servimos. Logo, a mensagem que levamos quase sempre é mal-entendida e “estranha”. Por outro lado, a ala liberal da igreja ressalta o conhecimento do contexto do homem contemporâneo, mas menospreza a importância de fundamentos teológicos sólidos baseados na verdade bíblica. Este grupo corre o risco de perder o evangelho.

Precisamos das duas abordagens. Devemos conhecer a mensagem bíblica. Também precisamos conhecer o cenário contemporâneo, e só então poderemos



construir as pontes que tornarão a mensagem bíblica relevante ao mundo de hoje e aos povos de todos os lugares.

Contribuições Antropológicas para Missões

Como podemos conhecer a mensagem bíblica? É claro que devemos estudar a *Bíblia*, a teologia e a história da igreja. Como missionários também precisamos desenvolver as práticas de nosso ministério, seja a pregação, o ensino, o desenvolvimento, a comunicação de mídia, a medicina ou a literatura.

Como podemos aprender sobre o cenário contemporâneo? Podem-nos ajudar a Antropologia, a Sociologia, a História e outras ciências do homem. Elas nos fornecem ferramentas com as quais podemos examinar o contexto cultural em que trabalhamos e nos suprir de informações sobre a contemporaneidade; podem-nos auxiliar de diversas maneiras.

Primeiro, a Antropologia pode-nos fazer entender situações transculturais. Pode, por exemplo, nos auxiliar a analisar a dramatização do Natal mencionada anteriormente. Estudos recentes mostram que as pessoas organizam suas idéias em grandes blocos ou áreas do conhecimento. Neste caso, fica claro que os americanos possuem muitas idéias associadas com o Natal, mas as dividem em domínios conceituais distintos, resultando em dois Natais diferentes. Em um, na esfera sacra, eles colocam Jesus, Maria, José, os anjos, os magos e os pastores. Em outro, na esfera secular, colocam Papai Noel, as renas, as árvores de Natal, as meias na lareira e os presentes. Não misturam as duas em suas mentes. Rudolph, a rena do nariz vermelho, não pertence ao mesmo cenário dos anjos e dos magos. Nem Papai Noel faz parte do mesmo palco que Jesus. Os missionários apresentaram aos indianos conceitos básicos de “Natal”, mas deixaram de comunicar aos seus ouvintes a diferença implícita entre os dois Natais. Portanto, os indianos não separaram Papai Noel da cena da manjedoura.

Segundo, a Antropologia pode-nos dar esclarecimentos sobre tarefas missionárias específicas como a tradução da *Bíblia*. A exemplo dos missionários, os primeiros antropólogos precisaram aprender novas línguas, muitas delas ágrafas, desprovidas de gramáticas, dicionários ou professores. Eles desenvolveram técnicas para aprender línguas com rapidez e eficiência por meio de instrutores locais, e para traduzir mensagens de uma cultura para outra. Esses métodos têm sido de inestimável valor para os missionários no aprendizado de novas línguas e na tradução da *Bíblia*. Os antropólogos também têm examinado os problemas da comunicação transcultural, e os esclarecimentos obtidos podem auxiliar os missionários a levar sua mensagem a outras sociedades com o mínimo de distorção e de perda de significado.

Terceiro, a Antropologia pode auxiliar os missionários a compreender os processos de conversão, incluindo a mudança social que ocorre quando as pessoas se tornam cristãs. As pessoas são seres sociais, influenciados pela

dinâmica de seu ambiente social, e uma familiaridade com esses mecanismos psicológicos é importante para entender o processo missionário.

Quarto, a Antropologia pode-nos ajudar a tornar o evangelho relevante aos nossos ouvintes. Como observamos, há um profundo abismo entre as culturas contemporâneas e o contexto sociológico no qual a *Bíblia* foi fundamentada. Para acabar com esse abismo precisamos compreender a revelação divina dentro de seu contexto histórico e cultural bem como o homem moderno em seu ambiente atual. Este último pode ser obtido, em parte, por meio das ciências sociais.

Finalmente, a Antropologia pode-nos auxiliar em nossos relacionamentos com pessoas de todo o mundo, em toda a sua diversidade cultural e nos ajudar a construir pontes de compreensão entre elas. O evangelho derruba as barreiras que dividem as pessoas em judeus e gentios, escravos e senhores, homens e mulheres, primeiro mundo e terceiro mundo, americanos e russos, “nós” e “eles”. O evangelho chama os cristãos a serem cidadãos do Reino de Deus, para o qual pessoas de todas as nações e culturas são trazidas numa comunhão única, sem destruir suas diferenças étnicas.

Neste livro, exploraremos algumas idéias que a Antropologia pode dar à tarefa missionária. Supondo que meus leitores tenham uma familiaridade completa com a *Bíblia* e que tenham construído suas bases teológicas sobre esse conhecimento, não iremos assentar esses alicerces novamente. Em vez disso, veremos como a Antropologia pode contribuir para o estudo de diferentes povos em seus contextos histórico e cultural e examinaremos as implicações dessas idéias em nossos ministérios. Muitos missionários evangélicos são deficientes nessas áreas.

No entanto, antes disso, precisamos examinar rapidamente algumas hipóteses subjacentes neste livro. Todos os estudos se baseiam em certas considerações, e é importante saber quais são elas. Primeiramente, olharemos os pressupostos teológicos deste livro e, depois, os pressupostos antropológicos para vermos de que maneira moldam nosso pensamento. Então procuraremos reunir idéias bíblicas e antropológicas para alcançarmos um entendimento mais amplo da tarefa missionária. Devemos evitar uma visão distorcida que nos impeça de ver as coisas com clareza.

Pressupostos Teológicos

Quais são os pressupostos teológicos implícitos neste livro, particularmente quando se relacionam à tarefa missionária? Esta é uma questão importante porque não podemos separar nossos modelos antropológicos de nossa teologia. Fazê-lo implica separar a natureza espiritual e eterna dos seres humanos de sua natureza pessoal e temporal. A história humana deve ser entendida dentro da estrutura maior de acontecimentos cósmicos e nossos modelos antropológicos do homem devem-se ajustar à nossa estrutura teológica. É a revela-

ção bíblica que nos dá os principais fundamentos sobre os quais construímos nosso entendimento social e histórico do homem.

A Missão de Deus

Uma teologia de missões deve iniciar com Deus e não com os homens. Deve iniciar com a história cósmica da criação, da queda e da redenção que Deus providenciou para sua criação. Deve incluir a revelação que Deus faz de si mesmo ao homem, a encarnação de Jesus Cristo na história, a salvação concedida por meio de sua morte e ressurreição e o senhorio absoluto de Cristo sobre toda a criação. A história da humanidade é primeiramente, e acima de tudo, a história da missão de Deus para redimir os pecadores que buscam a salvação, a história de Jesus, que veio como missionário, e a história do Espírito de Deus, que atua nos corações daqueles que o ouvem.

É nesse contexto da atividade de Deus neste mundo e através da história que devemos entender nossa tarefa. A missão é fundamentalmente de Deus, e nós somos apenas parte dessa missão. Nossos planejamentos e estratégias são inúteis, e até mesmo destrutivos, se nos impedirem de buscar primeiramente a direção e o poder de Deus.

As Escrituras Autorizadas

A *Bíblia* é um registro completo e autorizado da auto-revelação de Deus aos homens. Ela é a Palavra de Deus, e nós nos voltamos para ela não somente a fim de ouvir a mensagem salvadora de Deus, mas também para ver como ele atua na história da humanidade, e através dela, para alcançar seus objetivos. As *Escrituras* são o padrão pelo qual medimos toda verdade e retidão, todas as teologias e toda a moral.

Porque a *Bíblia* é a Palavra de Deus, ela deve ser nossa mensagem para um mundo perdido. Nossa tarefa central é comunicá-la às pessoas para que compreendam e reajam. Podemos estar envolvidos em muitas coisas — programas de pregação, ensino, aconselhamento, cura e crescimento —, mas elas não serão partes verdadeiras das missões cristãs se não estiverem enraizadas na Palavra e não derem expressão ao evangelho. Dar testemunho do evangelho por meio da proclamação e da vida é o cerne da tarefa missionária.

A revelação de Deus sempre é dada aos homens dentro de contextos históricos e culturais específicos. Conseqüentemente, para compreender as *Escrituras*, devemos relacioná-las ao tempo e ao contexto em que são entregues. Até mesmo Cristo veio como um indivíduo específico dentro da cultura judaica de dois mil anos atrás.

Cristocentrismo

As *Escrituras* devem ser entendidas à luz de Jesus Cristo. Ele é o centro para o qual toda a revelação se direciona. O *Antigo Testamento* encontra sua plenitude nele e o *Novo Testamento* dá testemunho dele. Como Filho de Deus,

ele é a sua perfeita representação. Como Filho do homem, é o comunicador perfeito da auto-revelação de Deus aos homens. Portanto, Cristo se torna nosso exemplo, e sua encarnação é o modelo para a nossa missão. Não que possamos salvar o mundo, mas, como ele, devemos nos identificar com aqueles aos quais vamos para que apresentemos as boas novas da salvação de Deus de forma tal que possam entendê-las.

Nossa mensagem também está centrada em Cristo. Ela é tanto as boas novas da salvação de Deus por intermédio da morte e ressurreição de seu Filho como um chamado para o discipulado cristão. Ela parte de uma profunda consciência do pecado humano e termina em louvor quando todos no céu e na terra se curvarão diante dele e reconhecerão que Jesus é o Senhor.

O Ministério do Espírito Santo

O trabalho missionário não pode ser entendido à parte da atuação permanente do Espírito Santo na vida de seu povo e naqueles que ouvem o evangelho. Ele prepara nossos corações para receber e responder à mensagem da redenção. O Espírito atua dentro de nós para que cheguemos à maturidade espiritual, direcionando-nos a Cristo. É por meio do seu poder que ministramos aos perdidos, aos quebrantados de corpo e de espírito, aos oprimidos e aos famintos e desabrigados.

O Reino de Deus

O Reino de Deus foi a mensagem central de Cristo. Um Deus que ainda trabalha na criação e na história para redimir o mundo para si. A pessoa de Cristo certamente é fundamental nesse trabalho, mas vai além, estendendo-se à ação do Espírito Santo na vida das pessoas e ao trabalho de Deus no que se refere às nações e a toda a natureza. O alcance da missão de Deus não é somente o seu reinado no céu, mas também o seu reinado na terra. Embora isso tenha que ver com o destino eterno da humanidade, também trata do seu bem-estar na terra — com paz, justiça, liberdade, saúde, provimento e retidão.

A Igreja

No coração do Reino de Deus está a igreja, o povo de Deus na terra. Por intermédio dele, Deus proclama as boas novas do seu reino e fortalece aqueles que nele entram. Em missões, precisamos de uma forte teologia da igreja como um organismo, uma comunidade dos fiéis; pois a igreja é a comunidade discernente dentro da qual a tarefa missionária deve ser entendida. Missões não é primeiramente uma responsabilidade individual, é tarefa da igreja como um todo.

O Sacerdócio de Todos os Crentes

A igreja é um corpo vivo que possui muitos membros. A cada um deles foram concedidos dons para serem usados em favor do corpo como um todo. Embora os membros tenham dons diferentes, todos têm o direito de se aproximar de Deus e a responsabilidade de discernir a mensagem de Deus dentro do contexto da igreja. Todos os cristãos são sacerdotes!

Esta é uma mensagem radical, e são grandes suas implicações para missões. Significa que os convertidos de outras terras têm tanto direito quanto nós de ler e interpretar as *Escrituras*. Negar isso é negar a atuação do Espírito Santo em suas vidas. **Nossa tarefa então é levar-lhes a *Bíblia* e ajudá-los a discernir em suas páginas a mensagem que Deus tem para eles. Temos de ser modelo de povo de Deus, vivendo em obediência à sua Palavra. Nosso desafio também é conceder-lhes o maior privilégio que concedemos a nós mesmos — o direito de errar e aprender com os erros.**

Mas o sacerdócio dos cristãos nos força a diferenciar entre a *Bíblia*, a revelação de Deus para nós, e as teologias, que são interpretações humanas da revelação divina em diferentes contextos históricos e culturais. Portanto, falamos de uma *Bíblia*, mas falamos das teologias de Calvino, Lutero, dos anabatistas e outros. Como veremos no capítulo 8, **essa distinção entre a *Bíblia* e suas interpretações teológicas não relativiza a teologia. Uma teologia cristã tem um pé na revelação bíblica e outro no contexto histórico e cultural daqueles que ouvem a mensagem.**

Uma vez que a nós foi dado o direito de ler e interpretar as *Escrituras*, nossa primeira tarefa é permanecer fiéis à verdade bíblica. Isso começa com uma *exegese* cuidadosa, em que a mensagem da *Bíblia* é entendida dentro de um contexto histórico e cultural específico. Nossa segunda tarefa é descobrir o significado da mensagem bíblica para nós em nosso ambiente histórico e cultural específico, e então determinar qual deve ser nossa reação. Isso é *hermenêutica*. Embora a mensagem da *Bíblia* seja supracultural — acima de todas as culturas — ela deve ser entendida pelas pessoas dentro de sua própria tradição e época.

Pressupostos Antropológicos

Há certos pressupostos antropológicos implícitos neste livro que precisam ser explicados. As teorias da evolução cultural dominaram a antropologia até 1925. Nelas, como na teologia cristã medieval, buscou-se o significado da experiência humana em termos de história. Mas nessas teorias, a história foi explicada em termos puramente naturalistas em vez de teístas. A “cultura” foi vista como uma criação humana singular em vários estágios de desenvolvimento em diferentes partes do mundo. As sociedades foram ensinadas a progredir de organizações simples para complexas, do irracional para o pensamento racional, da magia para a religião e, finalmente, para a ciência.

Essa teoria da evolução cultural foi questionada após a Primeira Guerra Mundial. O otimismo sobre o progresso humano que precedeu essa guerra havia sido abalado. Além do mais, as pesquisas mostravam que longe de ser incoerentes, as sociedades chamadas primitivas são tão racionais e complexas quanto as do homem moderno, embora de maneiras diferentes.

Rejeitar a idéia de “evolução” cultural não significa abandonar paradigmas diacrônicos ou históricos de entendimento. A própria *Bíblia* explica a humanidade em termos de história cósmica, um drama no qual há um “roteiro” com início, meio e fim. As *Escrituras* rejeitam a idéia de que a experiência humana é um conjunto aleatório de acontecimentos sem direção, sem objetivo e, conseqüentemente, sem significado. Além do mais, elas afirmam que a força motriz atrás da história não é uma casualidade cega, mas os propósitos de Deus e as respostas do homem. Precisamos entender as pessoas e a revelação divina dentro do contexto histórico.

Na década de 30, as teorias da evolução cultural foram amplamente substituídas, parte delas pelas teorias funcionais estruturais que focalizavam a diversidade das sociedades humanas e viam-nas como sistemas auto-suficientes e integrados. À semelhança de organismos vivos, as sociedades foram ensinadas a ter muitos traços culturais, todos eles contribuindo para sobrevivência da sociedade como um todo.

Essas teorias contribuíram muito para que entendêssemos as estruturas sociais e a dinâmica das mudanças sociológicas, e vamos aproveitar esses conhecimentos aqui. Entretanto, no extremo, essas teorias tornam-se determinantes e desprezam o papel do homem como um ser pensante e atuante. Explicam, então, o pensamento humano em termos de organização social, e assim, relativizam todos os sistemas de crença, incluindo todas as religiões e, finalmente, o corpo da ciência. No final, esse relativismo enfraqueceu as alegações dos próprios deterministas sociais. Como Peter Berger observa (1970:42): “A relativização da análise, levada às últimas conseqüências, volta-se contra si mesma. Os relativizadores são relativizados, os que desiludem são desiludidos; certamente, a relativização está de alguma maneira liquidada”. O distanciamento do determinismo social não levou, como alguns antropólogos temiam, a uma paralisia total do pensamento, mas, sim, a uma nova flexibilidade e à liberdade de questionar a verdade e os significados.

Outra corrente de pensamento surgida após a rejeição das teorias da evolução cultural foi a antropologia cultural. Esta focalizava sua atenção em sistemas de idéias e símbolos. “Cultura” passou a significar não somente as agregações de pensamento e comportamento humanos, mas também os sistemas de crenças que se encontram atrás de idéias e ações específicas e os símbolos pelos quais essas idéias e ações são expressas. As culturas são vistas como conjuntos integrados nos quais as muitas partes atuam juntas para alcançar as necessidades básicas de seus membros.

Longe de reduzir crenças e comportamentos a respostas predeterminadas, esse conceito de cultura torna o pensamento e as escolhas humanas e racionais tanto possíveis como significativos. Ele nos ajudou a entender como as pessoas se comunicam e constroem grandes sociedades sem as quais a vida seria impossível. Também nos ajudou a entender as diferenças culturais, a natureza da comunicação transcultural e como as sociedades mudam. Essas compreensões são inestimáveis à tarefa missionária.

Os antropólogos recentemente voltaram sua atenção para as questões de fundamento que permeiam crenças culturais explícitas. Cada cultura parece ter sua própria cosmovisão, ou maneira fundamental de ver as coisas. Se isso é verdade, a comunicação transcultural em seu nível mais profundo só é possível quando compreendemos as visões de mundo das pessoas a quem ministramos. Também significa que as pessoas entenderão o evangelho da perspectiva de sua própria mundividência. Conseqüentemente, os missionários devem entender não somente os símbolos explícitos, mas também as crenças implícitas de uma cultura, caso queiram transmitir o evangelho com o mínimo possível de distorção.

Finalmente, os antropólogos desenvolveram teorias especializadas que tratam de aspectos específicos da vida humana, muitas das quais são úteis para missões. Uma delas é a Linguística, que examina a estrutura dos idiomas e nos alimenta com idéias importantes sobre aprendizado da língua e tradução da *Bíblia*. Outra é a Antropologia Psicológica que estuda as personalidades humanas e suas relações com as culturas e com as mudanças.

Neste livro, usufruiremos amplamente teorias antropológicas que têm mais relevância para a tarefa missionária. Também procuraremos criticá-las a partir de uma perspectiva cristã e integrá-las à nossa compreensão teológica da tarefa missionária.

Rumo à Integração

Como integrar nossa visão teológica e antropológica a respeito do homem? Precisamos fazer isso, e de modo consciente. Uma vez que utilizamos a ciência no dia-a-dia de nossas vidas — como o uso de eletricidade, automóveis, computadores, medicamentos modernos e de milhares de outras criações — as questões científicas influenciarão nossa teologia. O mesmo é verdade quando nos referimos às ciências sociais. E se não examinarmos essas influências, nossa compreensão do evangelho pode ficar distorcida.

Qualquer tentativa de integração deve ser completa em sua natureza. Não adianta tomar apenas alguns pedaços do pensamento científico e incorporá-los ao nosso pensamento cristão. Se quisermos aproveitar as idéias científicas, devemos encarar a questão de como a ciência se relaciona com a verdade bíblica.

Aqui, em particular, devemos olhar as teorias científicas sobre o homem e compará-las aos ensinamentos bíblicos sobre a natureza humana, porque a maneira como vemos as pessoas desempenha um papel crucial em nosso modo de conduzir a tarefa missionária. Embora precisemos utilizar as idéias científicas à medida que se ajustem à nossa compreensão da *Bíblia*, devemos também buscar uma integração entre o que Deus nos tem revelado por meio das *Escrituras* e o que ele nos tem mostrado por meio de sua criação.

O termo *holismo* possui hoje muitos significados. Por exemplo, as pessoas falam de “globalização” e de “medicina holística”. Nós utilizaremos o termo no sentido antropológico de entendimento amplo e integrado dos seres humanos e que lida com toda a extensão de sua existência.

A Diversidade e a Unidade do Ser Humano

Os missionários partilham com os antropólogos o interesse pelos seres humanos. Isso não acontece com a maioria das pessoas, uma vez que estão preocupadas primeiramente com seu próprio tipo de gente, sua própria sociedade, sua parte do mundo e ignoram o restante exceto quando este as afeta. A maioria de nossos jornais está cheia de notícias locais, mas traz muito pouco sobre o mundo em geral. As universidades oferecem diversos cursos sobre história e literatura européia, americana e brasileira, mas quase nada da Índia, de Gana ou da Indonésia.

Aqui, a expressão “todos os seres humanos” possui muitas dimensões. Ela inclui pessoas de todas as partes do mundo — China, Austrália, Arábia Saudita e Zâmbia. Refere-se também às pessoas de todos os níveis da sociedade — o pobre e o fraco tanto quanto o rico e o poderoso. Inclui ainda pessoas em toda a história — aquelas que viveram no passado e aquelas que viverão no futuro, bem como aquelas que vivem hoje. Só dentro deste panorama amplo podemos começar a entender o que significa ser “humano”.

Esse estudo sobre as pessoas em todos os seus ambientes tem feito com que os missionários e antropólogos estejam cientes de muitas diferenças entre os seres humanos. As pessoas se diferenciam biológica e psicologicamente. Distinguem-se nas sociedades que organizam, nas culturas que criam. Como veremos, essas diferenças levantam questões filosóficas e teológicas profundas.

Mas os missionários, como os antropólogos, também estão preocupados com o universo do homem — o que é comum a todos os seres humanos. É claro que os homens compartilham a maioria das funções fisiológicas. Geram filhos, digerem alimentos, sofrem dores e respondem a estímulos pelos mesmos processos biológicos. Experimentam alegria e dor e compartilham muitos estados psicológicos. Organizam sociedades e criam culturas. Sem esses aspectos universais do homem, seria impossível para as pessoas de uma cultura entender ou se comunicar com pessoas de outra. Na verdade, reconhecer a humanidade que temos em comum com os outros é o primeiro passo no

desenvolvimento de um relacionamento de amor e verdade que resolve as profundas diferenças que “nos” separam dos “outros”.

O cristianismo acrescenta outros aspectos universais humanos aos já mencionados. Todos pecaram e necessitam da glória de Deus, e a salvação é possível a todos por intermédio da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Não há outra maneira para o rico ou o pobre, o americano ou o chinês. Consequentemente, estamos preocupados com que todos possam ouvir e ter uma oportunidade de aceitar o evangelho.

A igreja também é chamada para ser um corpo de cristãos que transcenda as diferenças de raça e cultura por meio da criação de uma nova humanidade. Pode haver diferentes idiomas, mas só há um evangelho. Pode haver muitas formas de louvor, mas há um só Deus. Pode haver ambientes culturais diferentes, mas só há uma Igreja.

Um Modelo Holístico de Humanidade

Estamos interessados em todas as pessoas, mas também em maneiras abrangentes de considerá-las. Com frequência temos uma abordagem fragmentada dos homens. Ao vê-los como seres físicos sujeitos às leis do movimento, podemos analisar o que acontece com seus corpos quando sofrem acidentes automobilísticos. Ainda podemos olhá-los de outro ângulo — como criaturas biológicas, ao examinarmos seus corpos assimilando o alimento, excretando dejetos, reproduzindo-se e respondendo ao estresse; como seres psicológicos, fruto de impulsos conscientes e inconscientes, sentimentos e idéias; como seres socioculturais que criam sociedades e sistemas de crenças; ou como pecadores que necessitam da salvação.

Cada um desses modelos nos ajuda a entender um pouco do que significa sermos humanos. Mas como colocar todos juntos? Como evitar uma visão fragmentada do homem, que o divida e que perca de vista o fato de ele ser integral — não só braços e pernas, ou corpo, ou impulsos, ou espírito?

Reduccionismo. A resposta mais simples e comum é o reduccionismo. Embora possamos reconhecer muitas dimensões da vida humana, reduzimos todas elas a um tipo de explicação. Por exemplo, no reduccionismo biológico, verificamos que as pessoas acham difícil o convívio umas com as outras ou enfrentam momentos de depressão espiritual, mas nós as “explicamos” em termos de causas biológicas tais como desequilíbrios hormonais e tendências genéticas. No reduccionismo psicológico, nós as explicaríamos em termos de impulsos conscientes ou inconscientes e padrões humanos de resposta.

O perigo do reduccionismo em missões é a sua abordagem excessivamente simplista das necessidades do homem. Temos a tendência de considerar as pessoas somente a partir de suas necessidades físicas ou espirituais. Cristo ministrou a elas em todas as suas necessidades. É claro que a salvação eterna do homem é a nossa maior prioridade, mas devemos levá-lo ao evangelho

pleno. A salvação, no sentido bíblico, tem que ver com todas as dimensões da nossa vida.

Em particular, nós do Ocidente devemos nos guardar de um reducionismo mecânico. Geralmente pensamos na relação de causa e efeito e cremos que podemos resolver nossos problemas e alcançar nossos objetivos se apenas tivermos os métodos e as respostas corretas. **Essa abordagem nos transformou em mestres de muitas coisas da natureza, mas também nos levou a ver as outras pessoas como objetos que podemos manipular, se utilizarmos as fórmulas certas. Na verdade, mesmo as ciências sociais podem ser vistas como “fórmulas” novas, se forem mal utilizadas. O evangelho nos chama a ver as pessoas como seres humanos, e qualquer ação missionária eficaz começa pela construção de relacionamentos, não de programas.**

Uma abordagem mecânica também nos induz a controlar Deus com os nossos próprios objetivos. Organizamos a agenda e tentamos fazer com que Deus cumpra o nosso programa. Mas as *Escrituras* sempre nos exortam a deixar esse tipo de mágica e a caminhar em direção à adoração e à obediência. A tarefa missionária é, em primeiro lugar, trabalho de Deus, e devemos seguir sua liderança. Isso não elimina a necessidade de planejamentos ou estratégias. Mas significa que devemos fazê-lo em atitude de submissão a Deus, reconhecendo que Ele age quando quer, quase sempre de maneira que não podemos entender.

Abordagens estratigráficas. Uma segunda vertente rumo ao holismo é o que Clifford Geertz chamou de “abordagem estratigráfica”. Nela simplesmente empilhamos teorias diferentes sobre o ser humano sem nenhum esforço sério de integrá-las. Cada modelo, seja teológico, seja científico, continua sendo uma explicação auto-suficiente de algum aspecto da vida humana. O resultado é uma coleção de entendimentos fragmentados sobre as pessoas, que são unidos por vários métodos de análise, mas, tomados juntos, *não* nos dão uma visão integral do que significa ser homem (Figura 2).

Por exemplo, podemos ver pessoas famintas e apresentá-las à agricultura moderna, ou levar hospitais aos doentes, ou construir escolas para os analfabetos. Mas ao fazê-lo, com frequência desprezamos o fato de que esses fatores estão inter-relacionados — que o conhecimento pode evitar doenças e ajudar as pessoas a cultivar alimentos, e que alimentação e saúde adequadas são necessárias para que elas estudem. Porém, fracassamos por não ver que a fome, a doença e a ignorância têm suas raízes no pecado do homem. Também deixamos de ver como elas conduzem a mais pecado.

Aqui, novamente, os missionários do Ocidente devem estar alertas, porque crescemos em uma sociedade que traça uma linha bem nítida entre religião e ciência, entre sobrenatural e natural. Essa distinção é grega, não é bíblica. Ela nos tem levado a uma abordagem estratificada que explica a ordem material em termos de leis naturais autônomas e relega as atividades

FIGURA 2

Uma Abordagem Estratigráfica dos Seres Humanos

Modelos Teológicos
Modelos Antropológicos
Modelos Sociológicos
Modelos Psicológicos
Modelos Biológicos
Modelos Físicos

de Deus ao miraculoso. Separa o espírito humano do seu corpo e faz uma distinção clara entre evangelização e preocupação social. Os missionários evangélicos com muita frequência se acham ministrando em uma ou em outra dessas esferas. Os médicos, professores e agricultores sempre se encontram lidando com necessidades físicas enquanto os pregadores limitam sua preocupação à salvação eterna.

Mas as pessoas quebrantadas, em sofrimento e perdas ouvem os médicos, professores e agricultores porque eles as atendem naquilo que precisam. Nesse momento, a mensagem do pregador sempre lhes parece irrelevante. Conseqüentemente, aceitam uma ciência secular divorciada da teologia e rejeitam o cristianismo. Como John Stott disse, devemos enxergar o homem como alma e corpo. Não somos um ou o outro, mas uma relação entre ambos.

O tratamento estratigráfico da teologia e da ciência seculariza muito nossas vidas, deixando-as de fora da crítica teológica. A longo prazo, essa abordagem também subestima a teologia. Queiramos ou não, se utilizarmos os benefícios da ciência também absorveremos sua perspectiva da realidade, e geralmente sem uma avaliação crítica. Precisamos tratar conscientemente da relação da compreensão teológica e científica do homem se quisermos manter nossas convicções teológicas.

Rumo ao Holismo. A abordagem holística da compreensão do homem não pode ser obtida por modelos reducionistas nem estratificados. Devemos aprender o que a teologia e a ciência têm para nos ensinar acerca das pessoas e entrelaçar essas idéias em um entendimento amplo do homem como ser integral, percebendo que o nosso conhecimento sempre é imperfeito e incompleto.

Tal abordagem deve reconhecer a contribuição que diferentes estudos podem dar àquilo que compreendemos sobre as pessoas. A antropologia faz isso nas ciências sociais, mostrando como as várias idéias de cada disciplina se relacionam entre si (Figura 3). Por exemplo, as características físicas dos seres humanos afetam as culturas que eles criam. Se tivessem três metros de

altura ou fossem todos do mesmo sexo, suas culturas e sociedades seriam diferentes.

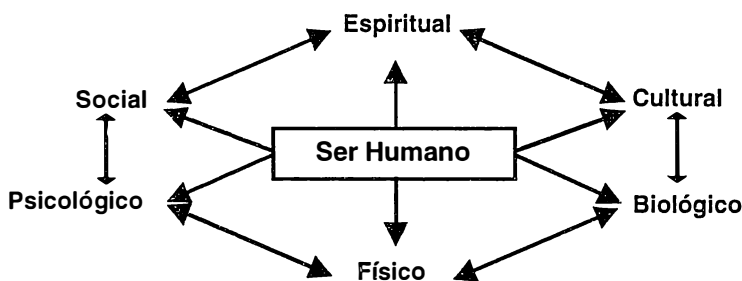
Por outro lado, a cultura molda as características físicas das pessoas. O homem é marcadamente criativo ao ajustar seu corpo aos seus gostos pessoais. Fura as orelhas, os lábios, as bochechas e os dentes para usar enfeites; amarra a cabeça ou os pés para mudar suas formas; usa óculos ou aparelhos auditivos para melhorar os sentidos; pinta e tatua a pele, as unhas e os cabelos; modela seu visual e dá forma aos seus penteados de mil maneiras diferentes. As culturas também influenciam as idéias que as pessoas têm sobre saúde e beleza. No Ocidente, onde o corpo longilíneo é considerado atraente, as mulheres fazem dietas para permanecerem magras; em Tonga, no sul do Pacífico, onde a beleza é medida pelo volume, a mulher se alimenta para se manter gorda.

Semelhantemente, a interação de modelos deve ser estudada a fim de determinar como o sistema biológico das pessoas as afeta psicologicamente, como o sistema psicológico as afeta fisicamente e como ambos afetam e são afetados por sua cultura.

Enquanto a Antropologia tem trabalhado em direção a uma visão integrada do ser humano do ponto de vista da ciência, nós, cristãos, devemos nos fazer uma outra pergunta. Como os modelos científicos do ser humano se relacionam com o nosso entendimento teológico deles? Infelizmente, durante o último século, a relação entre cientistas e teólogos tem sido sempre de confronto. Em parte, isso tem ocorrido pelas abordagens reducionistas do conhecimento. Tanto a ciência como a teologia tendem a reivindicar uma visão total e ampla da realidade e, portanto, uma ignorou a outra. Estamos nos tornando ainda mais cientes de que a realidade é muito mais complexa do que entendemos sobre ela — na melhor das hipóteses, podemos vê-la de perspectivas diferentes. À semelhança dos conjuntos de plantas que se completam.

FIGURA 3

Uma Abordagem Integrada do Estudo do Ser Humano



para uma só construção, conjuntos diferentes de conhecimento nos mostram aspectos diversos da realidade. A ciência nos oferece idéias sobre várias estruturas da realidade empírica. A teologia nos oferece uma visão geral da construção, do construtor, dos acontecimentos-chaves na sua história.

A complementaridade não significa que sempre haverá concordância entre a ciência e a teologia. Quando surgem divergências, precisamos reexaminar nossa ciência e nossa teologia à luz das *Escrituras* e da criação. Uma vez que Deus é a fonte de ambas, uma compreensão adequada de cada uma das perspectivas não levará ao conflito.

A Tarefa Missionária

Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mt 28.18-20).

Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio (Jo 20.21).

Com estas palavras, Jesus nos convocou para sermos suas testemunhas ao redor do mundo. A igreja cristã por algum tempo foi grande no Oriente Médio e no Ocidente com pequenos focos no sudoeste da Índia e na China. Hoje, a igreja se encontra em todas as partes do mundo e está crescendo mais rapidamente nas muitas igrejas jovens da África, Ásia, América Latina e Ilhas do Pacífico. Além disso, há um interesse crescente em missões nessas igrejas. Os missionários da Coreia estão servindo em Los Angeles, os da Índia, na Europa e os de uma parte da África, em outras partes daquele continente. Na verdade, o crescimento mais veloz da força missionária hoje vem dessas igrejas jovens.

Portanto, não podemos mais comparar missionários com ocidentais. Neste estudo, quando utilizamos a palavra *missionário* queremos dizer todo aquele que comunica o evangelho em um ambiente transcultural, seja ele um africano, servindo na Índia, ou um latino-americano, na Espanha. As ilustrações utilizadas são direcionadas a um público ocidental porque este livro será amplamente utilizado no Ocidente. Mas os princípios examinados aplicam-se igualmente aos missionários de outras regiões do globo. O leitor só precisa pensar em exemplos locais e substituir os exemplos ocidentais apresentados.

•

;

Evangelho e Cultura

OS MISSIONÁRIOS ENFRENTAM MUITOS DILEMAS, MAS NENHUM TÃO DIFÍCIL QUANTO aqueles que tratam da relação do evangelho com as culturas humanas. Essas questões não são novas. No livro de *Atos*, várias questões surgiram quando os gentios começaram a fazer parte da igreja, não individualmente ou acompanhados, mas aos milhares. Eles teriam de tornar-se judeus prosélitos e adotar práticas judaicas como a circuncisão e tabus como a proibição da carne de porco? Se não, quais ensinamentos do *Antigo Testamento* a igreja deveria seguir e que partes da cultura judaica poderiam ser descartadas?

O primeiro grande concílio da igreja (veja *Atos 15*) foi convocado para responder às questões que surgiram como resultado da evangelização feita pela igreja primitiva. As mesmas questões surgem hoje onde quer que as missões cristãs sejam bem-sucedidas. Enquanto não há convertidos, é fácil continuar o trabalho. Podemos pregar, ensinar, radiodifundir, distribuir folhetos, sem ter de lidar com os novos convertidos. Mas quando as pessoas se tornam cristãs em outras culturas, enfrentamos muitas decisões. Podem manter várias esposas? Devem oferecer alimento a seus ancestrais? E o que devem fazer com seus velhos costumes religiosos? Devemos ensinar-lhes nossos rituais ou estes são essencialmente ocidentais? Como missionários devemos viver como elas? Podemos, em sã consciência, participar de suas músicas e danças, ou elas têm conotações não-cristãs?

A maioria dessas questões se refere à relação entre o evangelho e as culturas humanas. Por outro lado, o evangelho não pertence a nenhuma cultura.

Ele é a revelação que Deus faz de si mesmo e de seus atos sobre todos. Por outro lado, o evangelho sempre deve ser entendido e expresso dentro de formas culturais humanas. Não há maneira de comunicá-lo fora de padrões de pensamento e idiomas humanos. Além do mais, Deus escolheu homens como o principal meio de se fazer conhecido a outros homens. Mesmo quando escolheu se revelar a nós, ele o fez de maneira plena tornando-se um homem que viveu dentro do contexto da história humana e de uma cultura em particular.

Antes de podermos analisar a relação do evangelho com as culturas humanas, precisamos olhar mais de perto o que esses padrões culturais abrangem.

O Conceito de Cultura

“Cultura” é uma palavra comum. Quando dizemos: “Ela é uma pessoa culta”, queremos dizer que ela ouve Bach, Beethoven e Brahms e sabe quais dos muitos garfos e colheres utilizar em um banquete. Ou quando dizemos: “Henrique não tem nenhuma cultura”, queremos dizer que ele não se comporta de maneira “civilizada”. Quando utilizamos a palavra neste sentido nós a estamos comparando a costumes de membros da elite de uma sociedade rica, estudada e poderosa. Implicitamente, pressupomos que pessoas comuns, particularmente as pobres e marginalizadas (aquelas que são membros simultaneamente de duas ou mais culturas e não se identificam totalmente com nenhuma delas), não têm “cultura” exceto quando tentam se igualar à elite.

Uma vez que os antropólogos utilizam a palavra em um sentido diferente e mais técnico, há um considerável debate entre eles a respeito de como o termo *cultura* deva ser definido. No entanto, para os nossos objetivos, começaremos por uma definição simples que podemos modificar posteriormente, à medida que a nossa compreensão do conceito se desenvolva. Definiremos cultura como “os sistemas mais ou menos integrados de idéias, sentimentos, valores e seus padrões associados de comportamento e produtos, compartilhados por um grupo de pessoas que organiza e regulamenta o que pensa, sente e faz”.

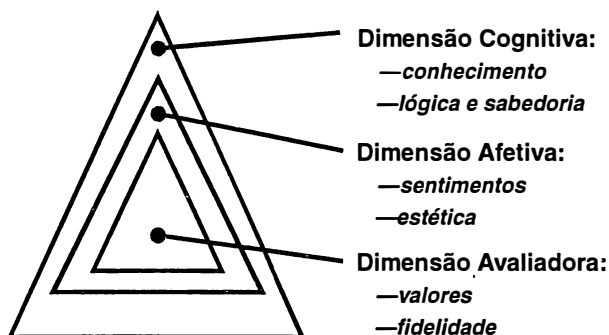
Dimensões de Cultura

Vamos estudar essa definição e desvendar alguns de seus significados. Primeiro observe que cultura se relaciona com “idéias, sentimentos e valores”. Essas são as três dimensões básicas de cultura (Figura 4).

A dimensão cognitiva. Este aspecto da cultura se relaciona ao conhecimento compartilhado pelos membros de um grupo ou uma sociedade. Sem o conhecimento compartilhado, fica impossível a comunicação e a vida em comunidade.

FIGURA 4

As Três Dimensões da Cultura



O conhecimento fornece o conteúdo conceitual de uma cultura. Reúne as experiências das pessoas em categorias e organiza essas categorias em sistemas maiores de conhecimento. Por exemplo, os americanos dividem o arco-íris em seis cores básicas: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e violeta. Os telugus no sul da Índia enxergam essas mesmas cores, mas dividem o arco-íris em duas cores básicas: *errras*, ou cores quentes (do vermelho ao laranja), e *patsas*, ou cores frias (do amarelo claro ao violeta).

O conhecimento também diz às pessoas o que existe e o que não existe. Por exemplo, a maioria dos ocidentais acredita em átomos, elétrons e gravidade, embora nunca os tenha visto. Por outro lado, os aldeões do sul da Índia acreditam em violentos *rakshasas*, espíritos com cabeças grandes, olhos saltados, presas, cabelos longos e despenteados, habitantes de árvores e locais pedregosos, e que durante a noite avançam sobre viajantes desavisados. Nem todos os indianos acreditam nos *rakshasas*, mas aqueles que não crêem devem pensar neles, pois existem como uma categoria dentro da cultura. Da mesma maneira, os ateus no Ocidente são forçados a lidar com o conceito de “Deus”.

O conhecimento cultural é mais do que categorias que utilizamos para entender a realidade. Ele inclui os pressupostos e as crenças que temos sobre a realidade, a natureza do mundo e como ele funciona. Nossa cultura nos ensina a construir e pilotar um barco, a plantar e cozinhar alimentos, a governar e a nos relacionar com ancestrais, espíritos e deuses.

Tendo em vista que nossa cultura nos fornece os ingredientes fundamentais de nosso pensamento, achamos quase impossível nos livrar de suas garras. Mesmo a nossa língua reflete e reforça nossa maneira cultural de pensar. Além disso, muito dessa influência é implícita; não temos nem mesmo consciência dela. Como óculos coloridos, a cultura afeta nossa percepção do mundo, sem estarmos conscientes dessa influência. Só quando as lentes ficam

sujas, ou colocamos outros óculos, ficamos cientes de seu poder de moldar nossa maneira de ver o mundo.

O conhecimento cultural é armazenado de várias maneiras. Muitos de nós armazenamos informações de forma impressa. Utilizamos jornais, livros, cartazes, embalagens e até mesmo inscrições feitas com fumaça no céu. Raramente percebemos o quanto dependemos da escrita. Privados dela, rapidamente ficamos intelectualmente famintos porque utilizamos pouquíssimas maneiras de armazenar informações. A maioria de nós, no Ocidente, sabe de memória apenas uns poucos versículos da *Bíblia* e as primeiras linhas de uns poucos hinos.

Embora o registro impresso seja excelente para armazenar conhecimento, ele não é o único meio. Frequentemente rotulamos quem não sabe ler de “analfabetos” e, portanto, ignorantes. O fato é que as sociedades não-alfabetizadas possuem um grande número de conhecimento e o armazena de outras maneiras. Elas utilizam histórias, poemas, canções, provérbios, enigmas e outras formas de tradição oral que são facilmente lembradas. Também encenam peças, danças e rituais que podem ser vistos.

Esta distinção entre sociedades de tradição oral e sociedades alfabetizadas, e as formas que armazenam e transmitem informações é de importância vital para os missionários. Uma vez que geralmente os missionários são pessoas instruídas, com frequência interpretam mal as sociedades de tradição oral e suas formas de comunicação. Por consequência, geralmente concluem que a maneira mais eficaz de implantar igrejas no campo missionário é ensinar as pessoas a ler e escrever.

Enquanto a alfabetização e a educação são importantes a longo prazo, particularmente na preparação de líderes eclesiásticos de alto nível, elas não são de forma alguma a única ou nem mesmo a maneira mais eficaz de implantar igrejas em sociedades de tradição oral. As pessoas não precisam aprender a ler para se tornarem cristãs ou crescer na fé. Por exemplo, P. Y. Luke e J. B. Carmen (1968) verificaram que os cristãos no sul da Índia armazenam suas crenças em canções — o que os autores chamam de “teologia lírica”. Na igreja e em casa, eles sempre cantam de cor dez versos de uma canção e quinze de outra. Também utilizam encenações apresentadas em praça pública. Embora os aldeões indianos se cansem rapidamente de uma pregação e vão embora, ficam quase a noite toda vendo um espetáculo até o final. Os cristãos em outras partes do mundo têm feito uso eficaz de trovas, danças, provérbios e outros métodos orais para comunicar o evangelho.

A dimensão afetiva. Cultura também engloba os sentimentos das pessoas — suas atitudes, noções de beleza, preferências alimentares e de vestuário, seus gostos pessoais e a maneira com que se alegram ou sofrem. Pessoas de uma cultura gostam de comida apimentada, as de outra, adocicada ou suave. Os membros de algumas sociedades aprendem a expressar suas

emoções e podem-se tornar agressivos e combativos; em outras, aprendem a ser autocontrolados e calmos. Algumas religiões estimulam o uso da meditação, do misticismo e das drogas para alcançar paz interior e tranquilidade. Outras reforçam o êxtase por meio de músicas frenéticas, danças e o autoflagelo. Em resumo, as culturas variam muito no modo de lidar com os lados emocionais da vida humana.

A dimensão afetiva da cultura se reflete na maioria das áreas da vida. Pode ser vista nos padrões de beleza e gosto de roupas, comida, casas, móveis, carros e outros produtos culturais. Por um momento, imaginem uma cultura em que tudo seja apenas funcional. Todas as roupas teriam cor e estilo iguais. Todas as casas seriam parecidas.

As emoções também desempenham uma parte importante nas relações humanas, em nossas noções de etiqueta e amizade. Comunicamos amor, ódio, escárnio e centenas de outras atitudes por meio de expressões faciais, do tom de voz e dos gestos.

Os sentimentos encontram vazão especial dentro da chamada “cultura expressiva” — na arte, literatura, música, dança e no teatro. Não os criamos com objetivos utilitários, mas para o nosso próprio prazer e expressão emocional. Isso fica óbvio quando vamos a um *show* de *rock* ou a uma ópera.

A dimensão avaliadora. Toda cultura também possui valores pelos quais as relações humanas são julgadas morais ou imorais. Algumas ocupações são consideradas nobres e outras, inferiores; algumas maneiras à mesa são apropriadas e outras, inaceitáveis.

Os julgamentos de valor podem ser divididos em três tipos. Primeiro, cada cultura avalia as crenças cognitivas para determinar se são verdadeiras ou falsas. Por exemplo, os europeus na Idade Média acreditavam que a malária era causada por uma substância nociva presente no ar. Hoje, eles a atribuem a esporozoários. Em outras culturas as pessoas acreditam que a malária seja causada por espíritos que vivem ao redor da aldeia. Em cada um destes casos a cultura determina o que as pessoas devem aceitar como verdade.

Todo sistema cultural também julga as expressões emocionais da vida humana e ensina às pessoas o que é belo e o que é feio, o que é amar e o que é odiar. Em algumas culturas, as pessoas são encorajadas a cantar com voz aguda e estridente, em outras, em tom grave e suave. Ainda na mesma cultura, gostos e preferências variam muito segundo os ambientes e subculturas. Smokings e vestidos de gala estão fora de cogitação em festas de *skatistas*, e música *country* geralmente é imprópria para um funeral.

Finalmente, cada cultura julga os valores e determina o certo e o errado. Por exemplo, na cultura norte-americana é pior dizer uma mentira do que ferir os sentimentos de alguém. No entanto, em outras é mais importante consolar alguém mesmo que isso signifique torcer a verdade um pouquinho.

Toda cultura tem seu próprio código de moral e seus próprios pecados culturalmente definidos. Julga alguns atos certos e outros imorais. Na sociedade hindu tradicional é pecado uma mulher comer antes do marido. Se o fizer, um provérbio local diz que ela reencarnará como cobra. Na China, uma pessoa deve venerar seus ancestrais ofertando-lhes comida regularmente. Não fazê-lo é pecado.

Cada cultura também tem seus próprios valores supremos e suas devoções fundamentais, e seus próprios objetivos culturalmente definidos. Uma cultura pressiona as pessoas a fazer do sucesso econômico seu alvo principal; outra estabelece como prioridade a honra e a fama, o poder político, e os favores dos ancestrais ou de Deus.

Estas três dimensões — idéias, sentimentos e valores — são importantes na compreensão da natureza das culturas humanas, e nós nos reportaremos a elas com frequência.

O evangelho em todas as três dimensões. Em seu trabalho, os missionários devem ter em mente as três dimensões de cultura porque o evangelho se relaciona com todas elas. No nível cognitivo, se refere ao conhecimento e à verdade, com entendimento e aceitação da informação bíblica e teológica e com o conhecimento de Deus. É neste nível que nos preocupamos com as questões de verdade e ortodoxia.

O evangelho também inclui os sentimentos. Sentimos temor e mistério na presença de Deus, culpa ou vergonha pelos nossos pecados, felicidade pela nossa salvação e conforto na comunhão com o povo de Deus.

Finalmente, o evangelho tem que ver com valores e fidelidade. Jesus proclamou as boas novas do Reino de Deus, o qual governa com retidão. Suas leis são contrastantes com as dos reinos terrestres, e sua perfeição julga nossos pecados culturais. Jesus também nos chama a segui-lo. Ser cristão é prestar fidelidade total a ele. Qualquer outra coisa é idolatria.

As três dimensões culturais são essenciais na conversão. Precisamos saber que Jesus é o Filho de Deus, mas só o conhecimento não é suficiente. Até mesmo Satanás tem de reconhecer a divindade de Cristo. Nós precisamos também dos sentimentos de afeição e de obediência a Cristo. Mas os sentimentos também não são suficientes. Tanto o conhecimento como os sentimentos devem nos levar à adoração e à submissão, à obediência e a seguir Jesus como Senhor de nossa vidas.

Todas as três dimensões também devem estar presentes em nossa vida cristã. Precisamos tanto de uma boa teologia — um conhecimento da verdade — quanto das emoções de temor e exaltação. Mas elas devem levar ao discipulado e ao fruto do Espírito: amor, alegria, paz, etc. Ironicamente, no Ocidente temos reduzido tudo isto a “sentimentos”. Na *Bíblia*, eles são compromissos e valores. É por isso que Paulo pode nos ordenar ao amor, ao rego-

zijo e à paz. No cristianismo somos chamados a dar nossas vidas a Deus e ao próximo. O entendimento e os sentimentos geralmente vêm em seguida.

Nós missionários e líderes eclesiásticos temos a tendência de ressaltar os aspectos cognitivos do evangelho. Estamos preocupados com o conhecimento bíblico e teológico. Afinal de contas, esta é a área em que fomos treinados. Conseqüentemente, os métodos que utilizamos, tais como a pregação e o ensino, enfatizam a informação e a razão.

No entanto, falhamos por não entender a importância dos sentimentos e das atitudes no dia-a-dia da maioria das pessoas. Os seres humanos gastam muito de seu tempo livre e de seus recursos na busca de empolgação e de emoções ou do afeto e da tranqüilidade — talvez mais do que em adquirir conhecimento. Fazem qualquer coisa para evitar a dor, o medo e a tristeza.

As emoções também desempenham papel crucial nas decisões tomadas pela maioria das pessoas. Elas escolhem suas roupas, preparam suas refeições e compram seus carros tanto pela emoção quanto pela razão. Se isso é verdade, devemos apresentar o conhecimento do evangelho com emoção, a fim de que as pessoas creiam e sigam. Devemos ensinar a verdade reconhecendo que muitas pessoas aceitam o evangelho não porque sejam racionalmente persuadidas, mas porque ficam livres de medos ou porque experimentam o perdão e o regozijo da salvação. E devemos persuadi-las a aceitar.

Na igreja, precisamos de uma boa pregação e de um bom ensino a fim de que os novos cristãos cresçam em maturidade. Também precisamos oferecer caminhos para que os cristãos se expressem por meio da música, da arte, da literatura, do teatro, da dança, dos rituais e das festas. Com muita frequência, o cristianismo protestante não tem muita força diante de africanos e asiáticos porque parece triste, apagado e monótono em comparação com as religiões que já possuem.

Todavia, nosso objetivo principal é o discipulado. Não proclamamos o evangelho simplesmente para informar as pessoas ou para fazê-las sentir-se bem. Nós as estamos chamando para que se tornem seguidoras de Jesus Cristo.

Manifestações de Cultura

Outra parte de nossa definição de cultura inclui “comportamento e produtos”. Estes são manifestações de cultura que podemos ver, ouvir e experimentar por meio de outros sentidos.

Comportamento. De modo geral, as pessoas aprendem a se comportar por meio de sua cultura. Na América do Norte, elas aprendem a se cumprir, a comer com garfo, a dirigir no lado direito da rua e a competir umas com as outras por melhores notas e mais dinheiro. No Japão, são ensinadas a se curvar, tirar seus sapatos à porta, sentar em tatames no chão, comer com pauzinhos e a ajudar as outras na escola e no trabalho.

No entanto, nem todo comportamento é culturalmente moldado. Em situações formais, o comportamento é definido com precisão. Por exemplo, em um banquete, nossas roupas, nosso comportamento e nossa conversa são cuidadosamente circunscritos. Mas na vida diária, geralmente são menos formais e é-nos permitido escolher entre uma gama de comportamentos permissíveis. Nossas escolhas refletem a ocasião (roupas de banho não são apropriadas na sala de aula) e a nossa personalidade. Também refletem nossas decisões do momento, que são influenciadas por circunstâncias econômicas, políticas, sociais e religiosas de nossa vida.

De certo modo, nossa cultura reúne o conjunto de regras do jogo da vida de que nós e os membros da sociedade participamos. Como jogadores, freqüentemente tentamos “torcer um pouco as regras” sem ser punidos. Se somos descobertos, há punição; se não, temos alguma vantagem ou sensação de poder.

Todas as culturas possuem meios de impor suas regras, como a fofoca, o ostracismo e a força. Mas nem todos os infratores são punidos. Uma sociedade pode ignorar alguns transgressores, particularmente aqueles que são importantes ou poderosos. Ou pode ser incapaz de impor uma regra específica, particularmente quando muitas pessoas a transgridem. Em tais casos, as leis culturais podem morrer, e conseqüentemente a cultura se altera.

As pessoas de uma mesma cultura nem sempre concordam com as regras. Como crianças em um jogo recreativo de futebol elas discutem por causa de uma ou outra regra. No final, aquelas que conseguem fazer valer suas regras tornam-se líderes e controlam o jogo a seu favor.

Produtos. A cultura também inclui objetos materiais — casas, cestas, canoas, máscaras, cartas, carros e computadores entre outros. As pessoas vivem na natureza e devem adaptar-se a ela ou moldá-la usando-a para seus próprios objetivos. Também constroem cabanas para se abrigarem da chuva e do frio, barcos para navegar, enxadas e pás para cultivar a terra. Costuram roupas para se manterem aquecidas e fazem armas para caçar ou para guerrear umas com as outras. Derrubam florestas, constroem estradas, represam rios e escavam túneis através das montanhas. No final, como suas ações alteram o ambiente, são forçadas a mudar suas culturas.

As pessoas em sociedades tribais simples vivem num ambiente amplamente formado pela natureza. Sua cultura pode ensiná-lhes a fabricar armas para caçar e a construir abrigos de galhos e tecer roupas para protegê-las do tempo. No entanto, na maioria dos lugares, devem adaptar-se à natureza. Nas sociedades industriais complexas, a maior parte do ambiente das pessoas pode ser culturalmente moldado. A eletricidade obscurece a distinção entre dia e noite; carros, aviões, rádios e telefones quebram as barreiras da distância geográfica; aquecedores e condicionadores de ar criam climas artificiais, e os registros fonográficos congelam momentos da história.

A cultura material inclui mais do que respostas humanas ao ambiente. As pessoas fazem muitas coisas para seu uso próprio e para expressarem suas habilidades criativas. Nas culturas nômades simples, essas coisas são raras. Nas sociedades modernas, o número de diferentes objetos produzidos é impressionante. Por exemplo, um único Boeing 747 tem mais de 4500000 peças e uma loja de ferragens de porte médio possui mais de 15 000 tipos diferentes de objetos à venda.

O comportamento humano e os objetos materiais são prontamente observados. Conseqüentemente, são meios importantes para estudarmos uma cultura. Podemos começar nossa tarefa examinando as coisas que as pessoas fabricam, quem as fabrica e como, quem as utiliza e para quais objetivos, qual o valor que atribuem a suas criações e como se desfazem delas. Podemos observar como as pessoas se comportam em diferentes situações, e com pessoas diferentes. Na verdade, se não observarmos o comportamento e os objetos assim que entrarmos em uma nova cultura, logo se tornarão comuns e não prestaremos mais atenção a eles.

Sistemas de Símbolos

A terceira parte de nossa definição é a palavra *associado*. O comportamento e os produtos do homem não são partes independentes de uma cultura; eles estão intimamente ligados às idéias, aos sentimentos e valores presentes dentro de seu povo. Essa associação entre um significado, uma emoção ou um valor específico e um certo comportamento ou produto cultural é chamada de símbolo (Figura 5). Na América do Norte, por exemplo, mostrar a língua para alguém significa ridicularizar e rejeitar; no Tibete, é um símbolo de cumprimento e amizade (Firth 1973:313).

Num certo sentido, uma cultura é feita de muitos conjuntos de símbolos. Por exemplo, a fala, a escrita, os sinais de trânsito, a moeda, os selos, os sons como os de sirenes e campainhas, os aromas como os dos perfumes são apenas alguns dos poucos conjuntos de símbolos das culturas ocidentais. Mesmo o vestuário, além do seu valor utilitário como proteção e aquecimento, carrega

FIGURA 5

Símbolos Ligam Significados, Sentimentos e Valores às Formas



sentimentos e significados. Nos Estados Unidos um *smoking* ou um vestido de gala fala de uma ocasião formal, assim como um *jeans* indica informalidade. Os uniformes dos garçons e pilotos indicam suas profissões, assim como as insígnias dos militares mostram suas patentes.

Forma e significado. A união simbólica entre formas e significados (emoções ou valores) é complexa e variada. Algumas vezes é puramente arbitrária. Uma empresa pode escolher utilizar um círculo triplo como sua logomarca ou uma faculdade pode tomar um cão da raça *husky* como seu mascote.

No entanto, a maioria dos símbolos culturais deve ser entendida dentro de seu contexto histórico e cultural. Por exemplo, os gregos associavam a palavra *polys* ao significado de “cheio” ou “muitos”. Ao longo dos séculos, à medida que outras línguas apareceram e fizeram empréstimo do grego, a associação básica foi mantida. Atualmente, o português utiliza palavras como “policromático”, “poligamia” e “poliedro”, que são, em parte, produtos de sua história simbólica.

Da mesma forma os símbolos, uma vez criados, também se tornam parte dos sistemas culturais. Raramente permanecem isolados. Eles adquirem significados não só pelas definições que lhes damos, mas também por sua relação com outros símbolos do mesmo conjunto. Por exemplo, quando pensamos na palavra *vermelho* nós o fazemos em relação a todas as outras categorias de cores que temos. Logo, ao dizermos “vermelho” também queremos dizer “não é laranja, nem amarelo, nem púrpura”, e assim por diante. Portanto, os símbolos carregam significados positivos assim como negativos.

Muitos símbolos são utilizados em locais diferentes e adquirem significados diversos, mas relacionados. Por exemplo, dizemos de uma casa: “É *vermelha*” (cor); de uma pessoa: “Ele é *Vermelho* (ideologia política)”; de nós mesmos: “Vi tudo *vermelho*” (sentimento de raiva); de nosso amigo: “Ele ficou *vermelho*” (sentimento de vergonha); e do sinal: “Estava *vermelho*” (sinal de trânsito). Estes símbolos multivalentes ajudam a integrar uma cultura, unindo vários domínios do pensamento.

Finalmente, para que os símbolos façam parte de uma cultura, devem ser compartilhados por uma comunidade de pessoas. Todos nós possuímos símbolos próprios que utilizamos para nos comunicar. Por exemplo, inventamos códigos para nos lembrar do que devemos fazer. Mas os símbolos se tornam cultura somente quando um grupo de pessoas associa os mesmos significados com formas específicas.

É essa natureza compartilhada dos símbolos culturais que torna a comunicação humana possível. Não podemos transmitir nossos pensamentos para a cabeça dos outros. Devemos primeiro codificá-los em símbolos que os outros entendam. Embora recebam apenas as formas desses símbolos (comportamento, fala ou objetos) eles podem inferir o que queremos dizer porque compartilham conosco um conjunto comum de símbolos (Figura 6).

FIGURA 6

Os Símbolos Tornam a Comunicação Possível Transformando Significados em Formas



Tendo em vista que os símbolos culturais são compartilhados e permanecem com o passar do tempo, as pessoas podem transmitir seu conhecimento e seus sentimentos de umas para as outras e de uma geração para outra. É isso que dá estabilidade e traz mudança às culturas. Somos os receptores de uma cultura desenvolvida por gerações anteriores. Embora comecemos com ela, nós a mudamos e transmitimos essa forma modificada para a próxima geração. Essa transição de uma geração para outra também é responsável pela natureza cumulativa da cultura. Novas informações são adicionadas e novos produtos são criados, e é importante lembrar que as culturas são de natureza social e histórica.

A fusão da forma e do significado. Em alguns símbolos, a união entre forma e significado é tão próxima que os dois não podem ser diferenciados. Isto é freqüente com relação aos símbolos históricos. Para os muçulmanos, Meca possui fortes significados religiosos porque foi onde Maomé nasceu. Semelhantemente, para os cristãos, a cruz simboliza a morte de Cristo pela simples razão de que Cristo foi pregado em uma cruz. Podemos escolher outros símbolos para falar daquela morte, mas não podemos mudar os fatos históricos.

Formas e significados também podem ser equivalentes em símbolos ritualísticos. Por exemplo, em algumas culturas, os adoradores utilizam imagens simplesmente como forma de lembrar seus deuses. Em outras culturas, acreditam que seus deuses habitam o ídolo. Ainda em outras culturas, os adoradores igualam os dois — o ídolo *é* seu deus. Muitos cristãos ocidentais diferenciam formas e significados em seus rituais. A Ceia do Senhor lembra-lhes da última refeição de Jesus com seus discípulos, e o pão e o vinho *representam* simbolicamente o corpo e o sangue de Cristo. Os cristãos dizem: “Vamos à igreja *a fim de* adorar”. Em outras palavras, o ato de ir à igreja não é em si um ato de adoração. A adoração é um sentimento interno que experimentam na igreja. Outros cristãos não fazem tal distinção. Para eles, a Eucaristia *é* comer com Cristo, e o pão e o vinho são vistos como seu corpo e sangue. Eles dizem: “Ao irmos à igreja *estamos* adorando”. Não separam o ato

externo de ir à igreja dos pensamentos e sentimentos internos que os levam a fazê-lo.

Em particular, os ocidentais tendem a separar formas e significados, enquanto as culturas tradicionais e agrícolas tendem a compará-los. Consequentemente, os rituais geralmente têm pouco significado no Ocidente, embora sejam vitais para a vida das pessoas em outras partes do mundo. Como missionários ocidentais, precisamos reconhecer isso a fim de não entender erradamente o lugar que os rituais ocupam na vida das pessoas a quem servimos.

Como veremos nos Capítulos 5 e 6, é importante que os missionários entendam a natureza dos símbolos culturais não só quando traduzem a *Bíblia* e sua mensagem para uma nova língua, mas também quando implantam uma igreja e contextualizam seus símbolos e rituais dentro de um novo ambiente cultural.

Padrões e Sistemas

As culturas são mais do que conjuntos aleatórios de símbolos que as pessoas utilizam aos poucos. Como observado em nossa definição, os símbolos são utilizados de maneiras específicas. Por exemplo, os americanos usam garfo quando comem a maioria de seus alimentos. Essa associação de um símbolo específico com uma utilização ou um contexto determinado é chamada de traço cultural, e agrupamentos desses traços ligados entre si em padrões maiores algumas vezes são chamados de complexos culturais. Ao jantar, os americanos utilizam garfos juntamente com colheres, facas, pratos, canecas, copos, cadeiras, mesas e, geralmente, toalhas. Além do mais, os talheres devem ser utilizados de certas maneiras, dependendo da ocasião. Os indianos, ao contrário, usam os dedos e comem em pratos de latão, alumínio ou em folhas de plantas sentados no chão.

Entretanto, nem todo comportamento é padronizado. Quando uma professora deixa cair um livro ou um estudante escorrega no gelo, muito provavelmente estes atos são considerados acidentes, não prescritos pela cultura. Além disso, alguns padrões são pessoais e não têm importância ou significado na sociedade. Um indivíduo pode comer somente alimentos ácidos ou se vestir apenas de marrom. Por outro lado, os traços e complexos culturais são padrões que possuem significado para os membros de uma certa sociedade.

A prática de alguns traços pode ser limitada a uma única pessoa. Um rei, por exemplo, pode ser o único com permissão para usar a coroa ou se sentar no trono, porém, esses costumes são entendidos por todos em sua corte. No entanto, muitos traços são praticados por grupos específicos de pessoas dentro de uma sociedade. Os jogadores de beisebol, as secretárias, os estudantes universitários e até mesmo os missionários têm seus padrões próprios de comportamento cultural. Assim também homens e mulheres. Finalmente, alguns traços são praticados pela maioria ou por todas as pessoas de uma sociedade.

Por exemplo, nos Estados Unidos espera-se que, em público, todos estejam vestidos e, com poucas exceções, aqueles que não o fizerem serão punidos.

No comportamento humano, nem sempre é fácil distinguir entre o que é padronizado e o que não é, porque a cultura muda à medida que novos traços são adicionados e os velhos, eliminados. Atos criativos ou acidentais podem ser copiados por outros e incorporados à cultura. Um exemplo disso é o do missionário americano na Índia que decidiu oferecer aos filhos dos missionários americanos de sua área uma festa de Natal. Vestido de Papai Noel e montado numa bicicleta, ele ia até suas casas com presentes. Infelizmente, no meio do caminho, escorregou na lama quando atravessava uma vala de irrigação. Daquele dia em diante, todos os anos as crianças o esperavam na vala para vê-lo cair. E ele nunca as desapontava!

Os traços e complexos culturais são organizados ao redor de sistemas de crenças. Por exemplo, o sistema médico no Ocidente inclui um grande número de crenças sobre a natureza das doenças e suas curas, sobre a natureza dos médicos como profissionais e sobre a maneira como o sistema de saúde deve ser organizado. Essas crenças dão aos médicos, às enfermeiras e aos pacientes diretrizes para o seu comportamento e para os tipos de hospitais que constroem. Por outro lado, atuando de acordo com as normas culturalmente prescritas, eles reforçam seus próprios sistemas de crenças.

Em sociedades complexas, como nos Estados Unidos ou no Canadá, é difícil falar em uma única cultura. Algumas crenças e práticas podem ser aceitas por todos, tal como dirigir do lado direito da estrada. Mas as diferenças também são significativas. Nessas sociedades é conveniente falar de “estruturas culturais”. Uma estrutura cultural é um ambiente social que tem sua própria subcultura — suas crenças específicas, regras de comportamento, seus produtos materiais, símbolos, suas estruturas e seus ambientes. Por exemplo, um banco é uma subcultura que tem sua própria informação, seus sentimentos, valores, símbolos correspondentes, sua propriedade e seus padrões de comportamento. De maneira semelhante, os supermercados, hospitais e as igrejas são estruturas culturais. A maneira como as pessoas pensam e se relacionam, seus valores e os objetivos e produtos que utilizam variam consideravelmente de uma instituição para outra.

Em sociedades tribais simples, o número de estruturas culturais é pequeno, e as diferenças entre elas é mínima. Entre os aruntas do deserto australiano, os homens caçam e praticam rituais secretos de que nenhuma mulher pode participar, e as mulheres partilham outras atividades entre si. No entanto, durante grande parte do tempo, homens e mulheres permanecem juntos no acampamento interagindo dentro da mesma estrutura cultural.

Por um outro lado, nas cidades modernas há muitas estruturas e as diferenças entre elas são grandes. As instituições religiosas, sociais, políticas, educacionais, econômicas, estéticas e de lazer formam suas próprias subculturas. Na verdade, existem até mesmo diferenças culturais significantes entre as

escolas de primeiro e segundo graus, faculdades e seminários, e em menor extensão, entre faculdades e seminários.

Nas sociedades urbanas, as pessoas fazem parte de instituições diferentes, mas encontram sua identidade principal em apenas uma ou duas delas. Um indivíduo pode ser um consumidor regular de um supermercado e cliente de um banco em particular e, vez ou outra, assistir a uma ópera ou a um jogo de futebol profissional. Mas seu compromisso maior pode ser com sua atividade de professor, executivo ou médico, com seu papel de pai ou mãe, com uma igreja como diácono, diretor do conjunto coral ou leigo, ou mesmo com um time de futebol ou clube de iatismo. É lá que o indivíduo investirá tempo e irá procurar obter reconhecimento da comunidade.

A diversidade das estruturas culturais nas sociedades modernas reflete sua crescente complexidade e crescente especialização de suas instituições. Nas sociedades simples, muitas das funções da vida, tal como instruir os jovens, cultivar alimentos, cuidar dos doentes e desempenhar rituais religiosos, são conduzidas pela família e por grupos de parentes. Nas sociedades complexas essas tarefas são assumidas pelas escolas, pelos agricultores, hospitais e pelas igrejas. Mas tais diversidades também refletem a hierarquia social crescente nessas sociedades. As estruturas culturais dos ricos são muito diferentes das dos pobres, tão diferentes como um clube de campo é de um bar de favela ou um escritório de uma multinacional é diferente de uma mina de carvão.

Embora as sociedades modernas sejam constituídas de subculturas surpreendentemente diversas, elas são sistemas maiores unidos por sistemas de comunicação e transporte, por ligações de comércio e governo comuns e por redes de relacionamentos sociais.

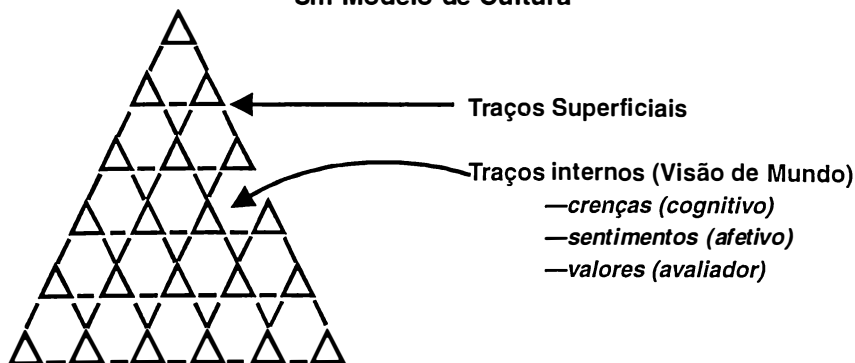
Integração Cultural

As culturas se mantêm unidas não só pela organização econômica, social e política, mas também, em níveis mais profundos, por crenças e valores fundamentais compartilhados pelos indivíduos. Muito do conhecimento de uma cultura é explícito. Em outras palavras, há pessoas da cultura que nos podem falar sobre ela. Mas atrás desse conhecimento estão pressupostos básicos sobre a natureza das coisas que são altamente implícitos. Como alicerces, eles mantêm a cultura, embora permaneçam em grande parte fora de vista. Aqueles que desafiam esses pressupostos são considerados loucos, hereges ou criminosos porque se estas bases forem abaladas, a estabilidade de toda a cultura é ameaçada (veja Figura 7).

Podemos ilustrar a integração cultural investigando nosso jeito de sentar e dormir. Em grande parte, os americanos evitam sentar-se no chão. Em um auditório, encontram pequenas plataformas onde se sentar. Os atrasados, que não encontram assentos vagos, permanecem em pé ao longo das paredes ou se retiram. Em casa, grandes somas são empregadas na compra de plataformas

FIGURA 7

Um Modelo de Cultura



De Paul G. Hiebert, *Anthropological tools for missionaries* (Cingapura: Haggai Institute, 1983), p. 4.

especiais adequadas às várias dependências e ocasiões: sofás, cadeiras de descanso, cadeiras de banheiro, cadeiras de jantar, banquetas e cadeiras de jardim.

Os americanos também evitam dormir no chão. Quando viajam, se preocupam em ter uma cama em um quarto particular, principalmente à noite. Logo, além das passagens, fazem reservas em hotéis. O interessante é que não fazem reservas para as refeições — têm certeza de que podem encontrar comida em qualquer lugar ou, se necessário, ficar sem comer. Se à noite estiverem num aeroporto, procuram dormir largados numa cadeira em vez de se deitarem no chão acarpetado, tendo em vista que preferem perder o conforto à dignidade.

Em resumo, as plataformas são encontradas em todos os lugares nos Estados Unidos. As pessoas se sentam nelas, dormem nelas, constroem suas casas sobre elas, armazenam seus bens nelas e até mesmo colocam cercas ao redor delas para seus bebês. Por que essa obsessão com as plataformas? Os japoneses tradicionais se sentam confortavelmente em tatames no chão. Os indianos sabem que tudo de que se precisa para um bom repouso noturno é uma cobertura para manter-se limpo e um lugar plano para se deitar; e o mundo está cheio de locais planos: saguões de aeroportos, corredores de trens, calçadas e parques.

Então, por que os norte-americanos insistem em se sentar em cadeiras e dormir em camas? A maioria deles nunca pensou muito sobre o assunto. Se o fizeram, podem alegar que estas são as maneiras mais “naturais” e confortáveis de se sentar e dormir. Mas isso não é verdade. Por sua vez, seu comportamento está ligado a uma atitude fundamental que têm sobre os pisos, ou seja, que são “sujos”. E porque a sujeira é ruim, devem evitar o contato com o chão sempre que possível.

Esse pressuposto também nos ajuda a entender outros padrões de nosso comportamento. Se um menino derruba uma batata frita no chão e depois a coloca na boca, sua mãe fica zangada. No momento em que a batata toca o chão, não importa o quanto este esteja limpo, ela fica suja. E quando as pessoas entram em casa, continuam com os sapatos no pé. Afinal de contas, o chão já está sujo.

É possível construir uma cultura sobre o pressuposto de que os assoalhos sejam limpos? Nós nos sentaríamos e dormiríamos em colchões no chão e deixaríamos os sapatos na porta. Deixaríamos nossas crianças brincarem no chão. Esse, na verdade, é o padrão da cultura japonesa tradicional.

“Mais ou menos.” Culturas e estruturas culturais nunca estão completamente integradas. Conseqüentemente, devemos utilizar qualificadores como “mais ou menos” e “tende a ser”. Os seres humanos são criaturas curiosas e exploram áreas diferentes do mundo ao redor deles, não só para satisfazer necessidades pessoais, mas também para entendê-las. Desenvolvem teorias sobre a natureza, o tempo, as doenças, a agricultura, a pesca, o nascimento, as origens humanas e o porquê de o sol cruzar o céu. Também parecem necessitar de alguma medida de consistência entre essas teorias — uma harmonia encontrada parcialmente na cosmovisão subjacente. Mas os seres humanos e suas crenças nunca são completamente coerentes. Há lacunas e contradições internas em suas teorias, como há em seus comportamentos.

Há outra maneira em que a integração cultural é incompleta, particularmente nas sociedades complexas. Grupos e indivíduos da mesma sociedade podem sustentar teorias diferentes. O rico e o pobre, por exemplo, vêem as coisas de maneiras diferentes; um grupo étnico vê a mesma coisa de maneira diferente de outro grupo. Há diferenças entre as crenças folclóricas das pessoas comuns e as teorias dos especialistas com respeito à religião e à medicina. Também há discordâncias entre os especialistas. Por exemplo, um cientista agnóstico e um ministro cristão podem oferecer explicações diferentes para o mesmo acontecimento.

A. F. C. Wallace (1956) salienta que as diferenças de crenças de um indivíduo para outro, nas sociedades modernas complexas, são tão grandes que devemos falar sobre cosmovisão pessoal, em vez de cultural. Nessas sociedades, as pessoas geralmente sofrem uma crise de crença quando não recebem a aprovação do grupo sobre o que pensam ser correto. Quando alguém discorda delas, começam a questionar suas próprias convicções.

A cosmovisão nos ajuda a entender a estabilidade cultural e a resistência à mudança. Nas sociedades tribais e agrícolas, geralmente as pessoas compartilham crenças e pressupostos fundamentais que são constantemente reforçados pelo grupo. Também ensinam sua cosmovisão a seus filhos e, assim, garantem sua perpetuação. A mudança geralmente sofre resistência nesses ambientes porque a sociedade como um todo é unificada em suas crenças. Os

indivíduos que adotam novas idéias caem no ostracismo. Conseqüentemente, os primeiros convertidos ao cristianismo geralmente são rejeitados por seu povo.

Por outro lado, as contradições internas geralmente conduzem a mudanças na cosmovisão. Quando são mudanças menores, as pessoas podem revisar suas crenças ou modificar seu comportamento. Se o homem de uma tribo acha que seu amuleto não o protege mais do perigo, ele o joga fora e busca um novo. Uma mulher moderna que enfrenta um racionamento de combustível pode comprar um carro menor ou utilizar o ônibus. Da mesma forma, os cientistas medievais acreditavam que o sol girava em torno da terra e faziam constantes ajustes no sistema ptolemaico de astronomia para fazê-lo ajustar-se a suas descobertas experimentais.

A integração é limitada pelo fato de que todas as culturas estão constantemente mudando, algumas rapidamente e outras, vagarosamente. Novas características são adicionadas e, num certo momento, seu impacto é sentido em outras áreas da cultura. Enquanto isso, outras características são eliminadas. Todas essas mudanças demandam uma nova síntese cultural.

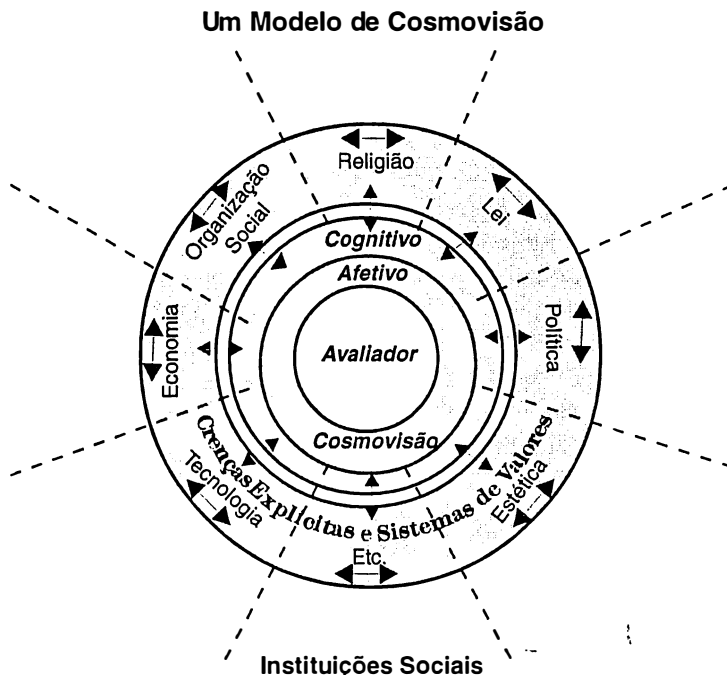
Incoerências, teorias competitivas entre si e mudanças nos costumes debilitam a harmonia interna de uma cultura. Mas à medida que há uma integração cultural mínima, a vida social organizada é possível.

Cosmovisão. As pessoas percebem o mundo de maneiras diferentes porque constroem pressupostos diferentes da realidade. Por exemplo, a maioria dos ocidentais afirma que há um mundo real, além deles, feito de matéria inanimada. No entanto, os habitantes do sul e do sudeste da Ásia acreditam que esse mundo exterior realmente não existe; é uma ilusão da mente. Os povos tribais ao redor do mundo vêem a terra como um organismo vivo com o qual devem relacionar-se.

Juntos, os pressupostos básicos sobre a realidade que se encontram atrás de crenças e comportamentos de uma cultura são, algumas vezes, chamados de cosmovisão (Figura 8). Tendo em vista que essas hipóteses são tidas como certas, geralmente não são examinadas e, portanto, altamente implícitas. Mas são reforçadas pelos sentimentos mais profundos, e qualquer pessoa que os desafie se torna objeto de veemente ataque. As pessoas acreditam que o mundo é realmente da maneira como o vêem. Raramente estão cientes de que a maneira que vêem é moldada por sua cosmovisão.

Há pressupostos básicos implícitos em cada uma das três dimensões de cultura. Os pressupostos existenciais dão à cultura estruturas cognitivas fundamentais que as pessoas utilizam para explicar a realidade. Essas estruturas definem o que é “real”. No Ocidente, incluem átomos, vírus e gravidade. No sul da Índia, incluem *rakshasas*, *apsaras*, *bhutams* e outros seres espirituais. Na África Central, incluem os ancestrais que, depois da morte, continuam a viver entre as pessoas.

FIGURA 8



As suposições existenciais ou cognitivas também munem as pessoas com os conceitos de tempo, espaço e outros mundos. Por exemplo, nós do Ocidente afirmamos que o tempo é linear e uniforme. Ele corre em linha reta de um começo para um fim, e pode ser dividido em intervalos uniformes de anos, dias, minutos, segundos e milésimos de segundo. Outras culturas acreditam que o tempo é cíclico: uma repetição infindável de verão e inverno, dia e noite, nascimento, morte e renascimento; crescimento e decadência. Outras ainda o vêem como um pêndulo. Ele vai para frente e para trás, se move em velocidade diferente e, algumas vezes, pára de todo. Na verdade, isso corresponde de alguma forma com nossa experiência pessoal de tempo. Um bom filme acaba logo, mas uma palestra maçante demora uma eternidade. E, algumas vezes, quando temos experiências profundas de adoração a Deus, o tempo parece estacionar.

Os pressupostos cognitivos desempenham muitas outras tarefas. Modelam as categorias mentais que as pessoas utilizam para pensar; desempenham um papel vital na determinação de tipos de autoridade em que as pessoas acreditam e os tipos de lógica que utilizam. Juntos, esses pressupostos dão ordem e significado à vida e à realidade.

Os pressupostos afetivos permeiam as noções de beleza, estilo e estética encontradas em uma cultura. Eles influenciam o gosto das pessoas em músi-

ca, arte, vestuário, comida e arquitetura, bem como a maneira de se sentirem umas diante das outras e acerca da vida em geral. Por exemplo, nas culturas influenciadas pelo budismo teravada, a vida é comparada ao sofrimento. Mesmo os momentos alegres criam sofrimento, porque sabemos que eles terminarão. Portanto, não vale a pena lutar por uma vida melhor aqui na terra. Em contraste, nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, muitas pessoas estavam otimistas. Acreditavam que, com trabalho árduo e planejamento, poderiam alcançar uma existência feliz e confortável por toda a vida.

As hipóteses de avaliação fornecem os padrões que as pessoas utilizam para fazer seus julgamentos, incluindo seus critérios para determinar a verdade e a mentira, gostos e preferências, e o certo e o errado. Por exemplo, os norte-americanos pressupõem que a honestidade significa dizer às pessoas como as coisas são, mesmo se, ao fazê-lo, ferir-lhes os sentimentos. Em outros países, honestidade significa dizer às pessoas o que elas desejam ouvir porque é mais importante que sejam consoladas do que saibam a verdade.

As hipóteses de avaliação também determinam as prioridades de uma cultura e, por sua vez, moldam as vontades e as obrigações das pessoas. Durante o último século, os norte-americanos valorizaram muito a tecnologia e os bens materiais, e os negócios são sua atividade principal. Sua posição social é determinada principalmente por sua riqueza, e a sua cultura é focalizada em temas econômicos. O horizonte das cidades americanas modernas é dominado por bancos e agências de seguros. Por outro lado, no interior da Índia as pessoas dão um alto valor à pureza religiosa, e a honra maior é dada aos membros da casta sacerdotal. Sua cultura é organizada em torno de temas religiosos, e os templos são o centro de suas aldeias. As cidades medievais, com seus reis, vassalos, senhores e cavaleiros davam importância às conquistas e à política. Os castelos e fortes eram suas estruturas dominantes.

O fato de que culturas diferentes possuem padrões diferentes de moralidade cria muitos equívocos transculturais. Na América do Norte, o maior pecado entre os cristãos é a imoralidade sexual, e os missionários dessa parte do mundo têm dado uma grande ênfase ao comportamento sexual adequado. No entanto, aqueles que foram para o sul da Ásia geralmente não sabiam que um pecado grave naquela parte do mundo é perder a paciência. Quando ficavam impacientes ou zangados com os serviçais, alunos e pastores indianos não percebiam as consequências de sua atitude.

O fato de que os sistemas morais são diferentes de cultura para cultura levanta muitas questões difíceis em missões. Como lidar com a existência de crenças éticas pessoais e como introduzir conceitos bíblicos de pecado? Na verdade, qual é a visão bíblica de pecado e em que medida estamos em perigo de forçar nossos próprios valores culturais sobre os outros?

Além do mais, o que acontece quando não satisfazemos o padrão das pessoas? Por exemplo, em muitas sociedades a infertilidade é vista como uma maldição de Deus àqueles que são maus, então um homem deve ter uma

segunda esposa se a primeira não lhe der filhos. Nessas sociedades, o que um casal de missionários faz se não tiver filhos? Ter uma segunda mulher vai contra o que acreditam a respeito do pecado, mas não ter filhos arruína a veracidade do seu testemunho.

Reunidos, os pressupostos cognitivos, afetivos e avaliadores fornecem às pessoas uma maneira coerente de ver o mundo, a qual faz que se sintam em casa e lhes garante estarem corretos. Essa cosmovisão serve de fundamento para que edifiquem suas crenças e sistemas de valores explícitos, e as instituições sociais dentro das quais vivem o dia-a-dia.

Funções da cosmovisão. Juntos, os pressupostos implícitos em uma cultura oferecem às pessoas uma maneira mais ou menos coerente de olhar o mundo. A cosmovisão pessoal tem várias funções importantes.

Primeiro, nossa cosmovisão nos dá os *fundamentos cognitivos* sobre os quais construir nossos sistemas de explicação, fornecendo justificativa racional para a crença nesses sistemas. Em outras palavras, se aceitarmos nossas hipóteses de cosmovisão, nossas crenças e explicações fazem sentido. Nós tomamos os pressupostos como certos e raramente os examinamos. Como diz Clifford Geertz (1972:169), uma cosmovisão nos oferece um modelo ou mapa da realidade estruturando nossas percepções da realidade.

Segundo, nossa cosmovisão nos dá segurança emocional. Diante de um mundo perigoso, cheio de forças adversas e incontroláveis crises de seca, doença e morte, e assoladas pelas ansiedades de um futuro incerto, as pessoas se voltam para as suas crenças culturais mais profundas em busca de conforto emocional e segurança. Portanto, não é surpresa que os pressupostos da cosmovisão fiquem mais evidentes em nascimentos, iniciações, casamentos, funerais, celebrações de colheita e outros rituais que as pessoas utilizam para reconhecer e renovar a ordem na vida e na natureza.

Uma emoção forte que enfrentamos é o medo da morte. Outra, é o terror da falta de sentido. Podemos enfrentar a morte como se fôssemos mártires se acreditarmos que há um objetivo para isso, mas esses significados devem trazer profunda convicção. Nossa cosmovisão fortalece nossas crenças fundamentais com reforço emocional para que elas não sejam facilmente destruídas.

Terceiro, nossa visão de mundo *legitima nossas normas culturais mais profundas* utilizadas para avaliar nossas experiências e escolher modos de agir. Ela nos oferece as idéias de justiça e de pecado e como lidar com ele. Também funciona como um mapa para dirigir nosso comportamento. Por exemplo, o mapa de uma cidade não só nos diz os nomes das ruas, mas também nos permite escolher o caminho que nos leva de nosso quarto de hotel até um restaurante recomendado. Semelhantemente, nossa cosmovisão nos dá um mapa da realidade e também serve como um mapa para *dirigir* nossas vidas. As cosmovisões servem tanto como funções preditivas como prescritivas.

Quarto, nossa cosmovisão *integra nossa cultura*. Ela organiza nossas idéias, nossos sentimentos e valores em um único planejamento geral. Assim, nos dá uma visão mais ou menos unificada da realidade, reforçada por emoções e convicções profundas.

Finalmente, Charles Kraft (1979:56) diz que nossa cosmovisão *monitora a mudança da cultura*. Somos constantemente confrontados com novas idéias, comportamentos e produtos que vêm de dentro de nossa sociedade ou de fora dela. Estes podem introduzir pressuposições que corroem nossa ordem cognitiva. Nossa cosmovisão nos ajuda a selecionar aquelas que se ajustam a nossa cultura e a rejeitar as que não o fazem. Ela também nos ajuda a reinterpretar aqueles pressupostos adotados a fim de que se ajustem ao nosso padrão cultural geral. Por exemplo, os aldeões da América do Sul fervem a água não para matar os germes, mas (como eles dizem) para acabar com os espíritos maus. Portanto, a cosmovisão tende a manter velhos costumes de ser e oferece estabilidade nas culturas durante longos períodos de tempo. Assim, elas resistem à mudança.

Mas as cosmovisões em si mudam, já que nenhuma delas está completamente integrada e sempre há contradições internas. Além disso, quando adotamos novas idéias, estas podem desafiar nossos pressupostos fundamentais. Embora todos nós vivamos com incoerências culturais, quando as contradições internas se tornam muito grandes, procuramos maneiras de reduzir a tensão. Normalmente, mudamos ou abandonamos alguns de nossos pressupostos. O resultado é uma transformação gradual da cosmovisão, da qual talvez nem nós mesmos tenhamos consciência.

No entanto, algumas vezes, nossa cosmovisão não atende mais nossas necessidades básicas. Se uma visão mais adequada nos for apresentada, podemos rejeitar a velha e adotar a nova. Por exemplo, alguns muçulmanos e hindus podem decidir que o cristianismo responde melhor suas questões do que as suas antigas religiões. Tais mudanças de cosmovisão estão no âmago do que chamamos de conversão.

Implicações para missões. A integração dos traços, complexos e sistemas culturais numa única cultura tem considerável significado para os missionários. Primeiro, como veremos adiante, quanto mais integradas as culturas, mais estáveis serão — porém resistirão às mudanças. Segundo, quando introduzimos mudanças em uma parte da cultura, geralmente há efeitos paralelos imprevistos em outras áreas.

Em uma conferência, Jacob Loewen citou um exemplo de conseqüências não intencionais ao se introduzirem mudanças. As pessoas em uma parte da África mantinham suas aldeias limpas. No entanto, quando se tornaram cristãs, suas aldeias foram rapidamente invadidas pelo lixo. Investigando o fato, o missionário verificou que antes os moradores temiam os espíritos, que acreditavam habitar as florestas e vinham para a aldeia, escondendo-se atrás de

tapetes velhos, pedras, vasos quebrados e outros entulhos. Conseqüentemente, mantinham tudo limpo para que os espíritos não entrassem na aldeia e ferissem o povo. Mas quando se tornaram cristãos, não temiam mais esses espíritos e não tinham mais motivo para remover a sujeira e os detritos.

A poligamia é outro caso em questão. Em muitas partes do mundo, os homens com freqüência morrem jovens. Para providenciar companhia e proteção para si e seus filhos, a viúva se casa com o irmão ou o parente mais próximo do marido morto, a despeito de aquele já ser casado ou não. Se a igreja então proíbe a poligamia, deve providenciar outros recursos para as viúvas e órfãos, uma vez que as pessoas não podem mais recorrer às soluções tradicionais. Os missionários precisam perceber que as mudanças que introduzem geralmente têm conseqüências de amplo alcance em outras áreas da vida das pessoas, e devem ser sensíveis aos efeitos paralelos não intencionais.

Educação Cultural

Por definição, restringimos “cultura” às crenças e aos comportamentos aprendidos. Fazendo isso, nós a diferenciamos das respostas biologicamente instintivas. Por exemplo, quando uma moça americana acidentalmente toca em um fogão quente ela retira sua mão e diz “ai”, “maldito” ou qualquer coisa semelhante. A primeira reação é instintiva, mas a última é aprendida.

Se a cultura é aprendida, ela também deve ser ensinada. Todas as pessoas nascem desamparadas — sem idioma, cultura nem capacidade de sobreviver sozinhas no mundo exterior. Mesmo assim, dentro de um tempo surpreendentemente curto, o mesmo indivíduo pode ser moldado como canadense, alemão ou chinês ou membro de uma das milhares de outras sociedades. Uma das descobertas importantes das ciências sociais foi a da importância crucial da infância na formação da personalidade humana e na transmissão da cultura de uma geração para outra. Como alguém bem-humorado disse, toda geração deve civilizar sua própria multidão de bárbaros infantis.

Toda sociedade tem sua própria maneira de “tornar cultos” seus jovens, ensinando-lhes suas condutas culturais. No entanto, todos utilizam uma combinação de pressioná-los num lado e atraí-los em outro. As pressões geralmente são óbvias. Os pais disciplinam seus filhos pelo mau comportamento e a sociedade pune os adultos por infrações sérias das normas culturais. Outras pressões não são tão óbvias, como fofocas, sinais obscenos, ostracismo social e retenção de gratificações, mas são igualmente eficazes para reforçar as regras de uma sociedade.

As sociedades atraem as pessoas dando-lhes heróis culturais, personalidades e modelos ideais para vários papéis encontrados dentro da sociedade e recompensando-as pelo bom comportamento. Por exemplo, uma criança ocidental é ensinada pelo exemplo o que significa ser um bom professor, prega-

dor ou motorista. Ela também é ensinada, pelo mesmo método, a se comportar como esposa ou marido, mãe ou pai.

“Compartilhada por um Grupo de Pessoas”

Finalmente, uma cultura é “compartilhada por um grupo de pessoas”. Ela simboliza as crenças, os símbolos e os produtos de uma sociedade.

Os homens são criaturas sociais, dependentes umas das outras para sobreviverem e terem uma existência com sentido. Precisam de cuidado durante toda a infância e, com efeito, durante a velhice. Tendo em vista que encontram sua maior alegria e realização na companhia de outros, o isolamento social está entre os maiores castigos que podem impor um ao outro.

Todas as relações humanas exigem uma grande soma de entendimentos compartilhados entre as pessoas. Precisam de uma linguagem comum, seja verbal, seja não-verbal, um conjunto de expectativas compartilhadas entre si e algum consenso entre as crenças para que ocorra a comunicação. Em outras palavras, de algum modo devem compartilhar uma cultura comum. Quanto mais tiverem em comum, maiores as possibilidades de inter-relação.

Precisamos esclarecer o que queremos dizer com “sociedade” e como ela se relaciona com a “cultura”. Sociedade é um grupo de pessoas que se relacionam mutuamente de maneira ordenada em ambientes diferentes. A ordem básica implícita nessas relações é chamada de organização ou estrutura social. Estrutura social é como as pessoas verdadeiramente se relacionam umas com as outras. A estrutura social está ligada à cultura, mas é diferente dela; a cultura inclui o que as pessoas crêem sobre relacionamentos.

As pessoas nem sempre agem como sua cultura diz que deveriam agir. Por exemplo, a maioria dos cristãos acredita que deve ir à igreja no domingo, mas muitos encontram desculpas quando desejam ficar em casa. O interessante é que quando querem transgredir regras culturais, a própria cultura lhes diz como fazê-lo. Para eles é correto dizer ao pastor que estavam doentes ou em viagem. Mas não lhe devem dizer que detestam seus sermões ou que não suportam outro membro da igreja.

Até mesmo o suicídio, o ato supremo de rejeição social, é culturalmente moldado. Nas culturas ocidentais, os homens pensam em revólveres ou venenos, e as mulheres utilizam medicamentos, ao passo que as mulheres indianas se jogam em poços abertos e os homens podem escolher a forca.

A relação entre uma sociedade e sua cultura é dialética. As pessoas desenvolvem estruturas para conduzir suas vidas. Com o tempo, ensinam essas estruturas a seus filhos como parte da cultura que modelará suas vidas. As pessoas também criam idéias e produtos novos que, se forem aceitos pela sociedade, influenciam a maneira como elas se relacionam umas com as outras. O carro, por exemplo, gerou maior mobilidade, que por sua vez levou os mais ricos para os bairros residenciais afastados da cidade.

Os limites sociais e culturais são claramente definidos nas sociedades tribais. Nelas um grupo de pessoas compartilha uma cultura distinta e, geralmente, o mesmo território e língua, e a “cultura” e a “sociedade” ficam bem unidas.

No entanto, nas áreas urbanas e rurais complexas, os limites culturais e sociais se tornam confusos e a relação entre eles é mais complicada. Por exemplo, há muitas subculturas em Los Angeles, mesmo que as pessoas naquela cidade participem de muitas das mesmas estruturas sociais, como o governo, os partidos políticos, bancos e mercados. Por outro lado, as pessoas que compartilham a mesma cultura, tal como os imigrantes coreanos, tomam parte não só das atividades da comunidade coreana, mas também das escolas, fábricas e da vizinhança constituída por pessoas de muitas culturas diferentes.

Em tais situações, o que constitui uma cultura ou uma sociedade? Neste momento, precisamos retornar ao conceito de estruturas culturais. Por exemplo, toda instituição social é uma estrutura cultural; tem sua própria comunidade de pessoas, estrutura social e subcultura. Em uma escola, os membros de um grupo se relacionam uns com os outros por meio de regras próprias, sejam professores, alunos, administradores, diretores ou zeladores. Compartilham crenças e sentimentos sobre como esses relacionamentos devem ocorrer. Também se beneficiam do mesmo conjunto de conhecimentos, grande parte dele armazenado em bibliotecas, de maneiras comuns de expressar seus sentimentos e de valores e regras comuns.

Por outro lado, em um banco, outro grupo de pessoas se inter-relaciona de maneiras diferentes, desempenhando papéis como o de cliente, caixa, gerente da agência e presidente do banco. Também têm certo conhecimento, sentimentos e normas em comum. Um hospital oferece ainda outro caso de estrutura cultural que tem sua própria comunidade de pessoas e cultura local.

Os indivíduos em sociedades complexas se mudam de uma estrutura para outra, de um grupo para outro e de uma cultura para outra “trocando engrenagens” à medida que se mudam. Dependendo da estrutura, podem usar roupas diferentes, mudar a maneira de falar, agir de modos diferentes e falar sobre coisas diferentes. Para alguém de fora, muitas vezes parecem ser pessoas diferentes em contextos diversos.

As estruturas culturais são unidas umas às outras em culturas locais. As escolas, os bancos, os hospitais e as igrejas numa cidade não são apenas constituídos de muitas das mesmas pessoas, mas também estão relacionados por sistemas de leis, comércio econômico e redes de comunicação.

Culturas locais são integradas a culturas regionais e nacionais maiores. Por exemplo, as pessoas e instituições nos Estados Unidos compartilham uma história cultural e crenças comuns em liberdade e democracia, utilizam a mesma moeda e selos postais e possuem outros laços culturais. Nesse sentido, podemos falar de diferentes níveis de integração cultural, começando pelas

estruturas culturais na base e terminando pelas culturas nacionais ou mesmo internacionais no topo.

O Evangelho e a Cultura

Se as culturas são as formas de pensar, sentir e agir das diferentes pessoas, onde se encaixa o evangelho? Ele não é parte de uma cultura específica? Se dissermos que sim, que cultura devemos adotar para nos tornarmos cristãos? Obviamente que não as culturas européias ou norte-americanas, porque aconteceram mais tarde na história e por certo não são essencialmente cristãs. A resposta deve ser a cultura judaica da época de Cristo. Mas eis aqui a questão levantada pelos gentios convertidos do livro de *Atos*. Devem-se tornar judeus a fim de se tornarem cristãos?

A igreja primitiva lutou com esta questão. A resposta dada foi não. Embora o evangelho tenha sido entregue dentro do contexto da cultura judaica de Abraão até Cristo e deva ser entendido dentro desse contexto, as boas novas foram a mensagem de Deus entregue *dentro* daquela cultura. Não estão limitadas àquela estrutura cultural.

No entanto, desde então, o debate continuou. Toda comunidade cristã é tentada a comparar o evangelho com sua própria cultura. Isso tem levado igrejas a se dividirem com base apenas nas diferenças culturais.

As conseqüências têm sido igualmente devastadoras em missões. Comparando o cristianismo à cultura ocidental, temos utilizado o evangelho para reforçar nosso sentido de superioridade cultural e tornado o evangelho estrangeiro a outras culturas, chamando as pessoas a se converterem à nossa cultura para que se tornem cristãs.

Então, o que é o evangelho e como ele se relaciona com as culturas humanas? Nós aqui falaremos do evangelho como a revelação de Deus sobre si mesmo — na história, por meio de seus feitos e, acima de tudo, por intermédio da sua encarnação. O registro definitivo dessa revelação é encontrado na *Bíblia*. O relacionamento entre a revelação de Deus nas *Escrituras* e as culturas humanas é complexo e pode ser entendido melhor por analogia com a encarnação de Cristo. Assim como Cristo foi completamente Deus, mas se tornou completamente humano sem perder a divindade, o evangelho também é a revelação de Deus, mas é comunicado por meio de culturas humanas sem a perda de seu caráter divino.

Há três princípios que precisamos examinar para entender a tensão dinâmica entre o evangelho e as culturas humanas.

O Evangelho Versus a Cultura

Primeiro, o evangelho deve ser separado de todas as culturas humanas. Ele é revelação divina, não especulação humana. Uma vez que não pertence a nenhuma cultura, pode ser expresso adequadamente em todas elas.

Não diferenciar entre evangelho e culturas humanas tem sido uma das grandes fraquezas das missões cristãs modernas. Os missionários com muita frequência comparam as boas novas com sua própria herança cultural. Isso os tem levado a condenar a maioria dos costumes locais e a impor seus próprios costumes aos convertidos. Conseqüentemente, o evangelho tem sido visto como algo estrangeiro de maneira geral e como ocidental em particular. As pessoas o têm rejeitado não porque rejeitem o senhorio de Cristo, mas porque a conversão geralmente significa negar sua herança cultural e seus laços sociais.

Um segundo perigo em comparar o evangelho à cultura tem sido justificar o imperialismo ocidental. Os cristãos do início dos Estados Unidos acreditavam que Deus havia abençoado seu país de maneira especial e que eles eram o povo escolhido de Deus. O pietismo e o patriotismo se misturaram. Os partidos políticos e o governo nacional utilizaram os sentimentos e os símbolos cristãos em benefício próprio. Quando a religião é utilizada para justificar práticas políticas e culturais, ela é “religião civil”.

Os primeiros americanos acreditavam que Deus estava do lado de seu país, tornando-o diferente dos outros e melhor que eles. Para aqueles americanos, os objetivos de sua nação e de Deus tornaram-se um. O colonialismo e as ações militares eram justificados como meio de evangelização do mundo. Não é de surpreender que em muitas partes do mundo o cristianismo seja comparado ao militarismo e ao imperialismo.

Um terceiro perigo na comparação do evangelho com a cultura tem sido um sentido crescente de relativismo com respeito ao pecado. Todas as culturas têm suas próprias definições do que é pecado. Como as culturas mudam, suas idéias de pecado também mudam. Por exemplo, calças compridas para as mulheres já foi pecado no Ocidente. Hoje elas são amplamente aceitas. Antigamente, os casais jovens eram publicamente condenados se vivessem juntos sem se casar, porém, isso não levanta mais comentários em alguns círculos modernos.

Tendo em vista que as definições culturais de pecado mudam, muitos alegam que o pecado é relativo e que não há absolutos morais. Alegam que as igrejas que antes proibiam os jovens casais de ir ao cinema agora promovem encontros de jovens nesses locais. Quem pode então garantir que as relações sexuais pré-matrimoniais, ainda geralmente condenadas, não serão um dia aceitas? Como as definições culturais de pecado mudam, se não distinguirmos as normas bíblicas das de nossa cultura não podemos afirmar a natureza absoluta dos padrões bíblicamente definidos.

Como cristãos, afirmamos que há padrões de retidão dados por Deus pelos quais todos os homens e culturas serão julgados. A boa nova é que há perdão para o pecado.

O Evangelho na Cultura

Segundo, embora o evangelho seja diferente das culturas humanas, ele sempre deve ser expresso em formas culturais. Os homens não podem recebê-lo fora de seus idiomas, símbolos e rituais. Se as pessoas devem ouvir e crer no evangelho, ele precisa ser apresentado em formas culturais.

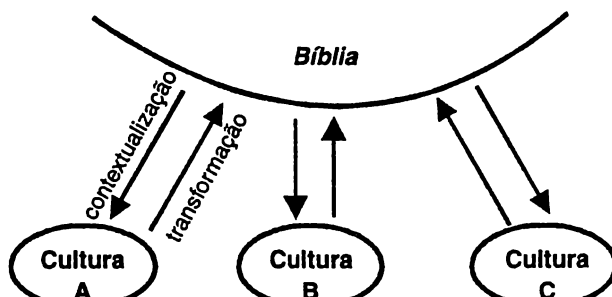
No nível cognitivo, as pessoas devem entender a verdade do evangelho. No nível emocional, devem experimentar o temor e o mistério de Deus. E no nível de avaliação, o evangelho deve desafiá-las a responder à fé. Nós nos referimos a esse processo de tradução do evangelho para uma cultura, a fim de que as pessoas o entendam e respondam a ele, como “naturalização” ou “contextualização”.

A *Bíblia* toda é um testemunho eloquente de Deus encontrando e convertendo os homens em seus próprios contextos culturais. Deus caminhava com Adão e Eva no Jardim, no frescor do dia. Ele falou a Abrão, Moisés, Davi e outros israelitas dentro de uma cultura hebraica em mutação. E ele se tornou a Palavra que viveu no tempo e no espaço como um membro da sociedade judaica. De maneira semelhante, a igreja primitiva apresentava a mensagem apostólica de forma que as pessoas entendessem. O sermão de Pedro no Pentecostes e o discurso de Paulo no Areópago em Atenas mostram como eles apresentaram a mensagem sob medida para seus ouvintes. Da mesma maneira, os evangelhos e as epístolas alcançam as pessoas em culturas diferentes de formas diferentes. Toda comunicação autêntica do evangelho em missões deve ser padronizada a partir da comunicação bíblica e deve procurar fazer com que as boas novas sejam entendidas pelas pessoas dentro de suas próprias culturas.

Todas as culturas podem servir adequadamente como veículos de comunicação do evangelho. Se não fosse assim, as pessoas teriam de mudar de cultura para se tornarem cristãs. Isso não significa que o evangelho seja totalmente entendido em uma cultura, mas que todas as pessoas podem aprender o

Figura 9

O Evangelho Deve Ser Contextualizado e Profético



suficiente para serem salvas e crescerem na fé dentro do contexto de sua própria cultura.

Nem todas as culturas são capazes de expressar o âmago do evangelho, mas cada uma também traz à luz certos aspectos salientes do evangelho que têm permanecido menos visíveis ou mesmo escondidos em outras culturas. As igrejas em culturas diferentes podem-nos ajudar a entender os vários lados da sabedoria de Deus, servindo por sua vez como canais para o entendimento de diferentes facetas da revelação divina, verdades que uma teologia amarrada a uma cultura em particular pode facilmente desprezar.

O Evangelho em relação à Cultura

Terceiro, o evangelho propõe mudanças para todas as culturas. Assim como a vida de Cristo foi a condenação de nossa natureza pecaminosa, da mesma forma o Reino de Deus julga todas as culturas (Figura 9).

Nem tudo na cultura humana é condenável. Os seres humanos são criados à imagem de Deus e, como tais, criam culturas, que têm muito de positivo e utilizável pelos cristãos. Toda cultura oferece uma medida de ordem que torna a vida possível e significativa.

Todavia, por causa do pecado do homem, todas as culturas também possuem estruturas e práticas pecaminosas. Entre elas estão escravidão, discriminação, opressão, exploração e guerra. O evangelho as condena, assim como julga os pecados dos indivíduos.

Uma teologia verdadeiramente autóctone deve não só reforçar os valores positivos da cultura na qual está sendo formulada, mas também deve desafiar aqueles aspectos que expressam as forças demoníacas e desumanizadoras do pecado. Kenneth Scott Latourette (Minz 1973:101) diz: “Devemos observar que o cristianismo, se não for irremediavelmente desnaturalizado, nunca se sente completamente à vontade em nenhuma cultura. Sempre, quando é verdadeiro à sua essência, cria tensão”.

O evangelho exerce uma função profética, mostrando-nos o caminho que Deus planejou para vivermos como seres humanos, julgando nossas vidas e nossas culturas por essas normas. Onde o evangelho perder essa voz profética, está em perigo de juntar-se a crenças e valores que distorcem sua mensagem. Charles Taber (1978:73) observa:

Este é exatamente um dos mais evidentes fracassos da teologia ocidental: com muita frequência ela pretende castrar o evangelho, aceitar, sem críticas, valores e princípios profundamente antibíblicos — e até mesmo oferecer justificativas levemente banhadas de culpa para alguns dos pecados mais grosseiros da história humana.

O mesmo pode acontecer nas igrejas jovens que buscam contextualizar acriticamente o evangelho dentro de sua cultura. Nirmal Minz (1973:110) alerta:

Há um tipo muito sutil de sujeição na qual a igreja autóctone pode viver. O ressurgimento de heranças nacionais e várias formas de neopaganismo podem ser trazidos para a igreja e dominar sua vida e seu trabalho. A igreja *batak* na Indonésia (por um tempo) quase sucumbiu a essa tentação e viveu sob o domínio do nacionalismo e do neopaganismo... Tais igrejas autóctones são contrárias aos ensinamentos e ao Espírito de Jesus Cristo.

Todos os cristãos e todas as igrejas devem lutar sempre com as questões sobre o que é o evangelho e sobre o que é a cultura — e qual é a relação entre eles. Se deixarmos de fazer isso, corremos o risco de perder as verdades do evangelho.

Sugestão de Exercício: Evangelho e Cultura

Este exercício pretende ajudá-lo a testar sua coerência teológica em várias questões que os protestantes de várias denominações têm considerado importantes. Como cristão em um ambiente transcultural, você precisará aprender as diferenças entre os elementos essenciais e os não-essenciais à igreja em cada cultura.

Primeira Parte

Separe todos os itens abaixo em duas categorias, com base nas seguintes definições:

Essencial. Estes itens (normas, práticas, costumes) são essenciais à igreja em qualquer época (marque-os com E na lista).

Negociável. Estes itens (normas, práticas, costumes) podem ou não ser válidos para a igreja em qualquer local ou época (marque-os com N na lista).

1. Cumprimentar com ósculo santo.
2. Questões entre cristãos não devem ser levadas aos tribunais.
3. Não comer carne utilizada em cerimônias pagãs.
4. As mulheres devem usar véu quando orarem ou falarem na igreja.
5. Lavar os pés por ocasião da Ceia do Senhor (Eucaristia).
6. Imposição de mãos para a ordenação.
7. Cantar sem acompanhamento musical.
8. Abster-se de comer sangue.
9. Abster-se da fornicação.
10. Participar da Ceia do Senhor (Eucaristia) juntos.
11. Utilizar somente vinho de verdade e pão não levedado na Ceia (Eucaristia).

12. Utilizar somente suco de uva na Ceia (Eucaristia).
13. Unção com óleo para cura.
14. As mulheres não devem ensinar homens.
15. As mulheres não devem usar cabelo trançado, ouro ou pérolas.
16. Os homens não devem ter cabelos compridos.
17. Não beber vinho.
18. A escravidão é permissível se os escravos forem bem- tratados.
19. Permanecer solteiro.
20. Buscar o dom de línguas.
21. Buscar o dom de cura.
22. Levantar as mãos quando orar.
23. Quem não trabalhar não come.
24. Ter uma "hora devocional" particular todos os dias.
25. Dizer *Amém* no final das orações.
26. Nomear presbíteros e diáconos em toda congregação.
27. Eleger os líderes.
28. Confessar os pecados uns aos outros.
29. Confessar os pecados em secreto a Deus.
30. Dar pelo menos dez por cento de sua renda/bens/colheita a Deus.
31. Construir um lugar para a adoração.
32. Confessar a Cristo publicamente por meio do batismo.
33. Ser batizado por imersão.
34. Ser batizado quando adulto.
35. Ser batizado quando criança/bebê.
36. Não ser polígamo.
37. Não se divorciar de seu cônjuge por nenhuma razão.
38. Não se divorciar de seu cônjuge exceto por adultério.

Segunda Parte

Refleta sobre o processo usado para separar os itens "essenciais" dos "negociáveis". Que princípio ou princípios dirigiram sua decisão? Escreva o método utilizado, num relato simples e conciso. Seja completamente honesto com você mesmo e descreva com precisão como tomou suas decisões. Seu(s) princípio(s) deve(m) ser responsável(is) por suas decisões.

Terceira Parte

Reveja suas decisões novamente e responda às seguintes questões:

Seus itens "essenciais" são tão importantes que o impediram de se associar a um grupo que não praticasse todos eles?

Há alguns itens "essenciais" que são um pouco mais "essenciais" que os outros?

Há algum item que não tem explicitamente nada que ver com as *Escrituras*?

As Diferenças Culturais e o Missionário

As Diferenças Culturais e o Novo Missionário

*T*ODO MISSIONÁRIO SENTE — A EMOÇÃO DA VIAGEM E O ROMANTISMO DE CENÁRIOS estrangeiros. Provamos comidas exóticas, andamos de jinriquixás e compramos cobertas finamente bordadas no bazar. Passeamos hesitantes em templos e assistimos aos devotos oferecerem sacrifícios a deuses estranhos. Exatamente como achávamos que seria!

Então, chega a realidade. A constatação de que tudo isso é o nosso lar. Aqui nossos filhos irão crescer como filhos da terra. E devemos nos tornar um com essas pessoas que falam uma língua ininteligível e têm maneiras bem diferentes, antes que possamos efetivamente compartilhar com elas as boas novas do evangelho. De repente, as coisas que pareciam românticas e emocionantes tornam-se estranhas e ameaçadoras. Surgem as perguntas. Podemos de fato fazer nossa essa cultura? Podemos realmente nos identificar com essas pessoas e implantar uma igreja entre elas? Sobreviveremos? Quando ocorre essa mudança, estamos diante de uma das preocupações centrais de todos os novos missionários: o problema das diferenças culturais.

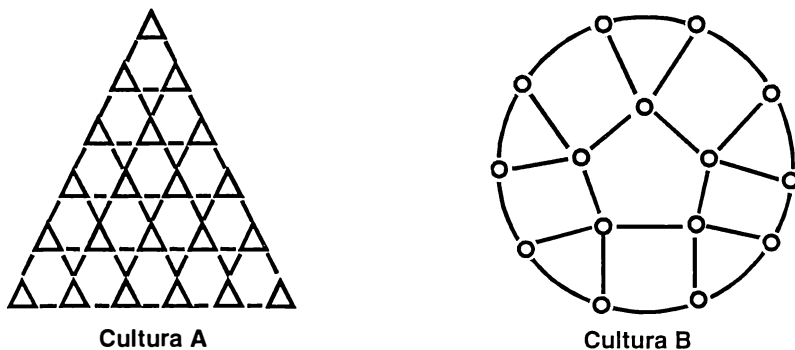
Diferenças Culturais

Os povos criam uma grande variedade de culturas. Comem alimentos diferentes, constroem tipos diferentes de casas, falam diversas línguas e se cumprimentam de maneiras diferentes. As mulheres das ilhas Carolinas, no Pacífico, usam saias de capim até os tornozelos; os homens dinka cobrem seus corpos com cinzas; em público, as mulheres muçulmanas ficam escondidas nos *burkas*; e alguns habitantes das ilhas dos Mares do Sul usam apenas batoques nos lábios. Os maçais no Quênia sugam sangue bovino através de setas ocas, geralmente misturando-o com leite fresco, e consideram isto comida fina. Em sua maioria, os chineses rejeitam produtos derivados do leite, mas apreciam carne de porco. Os muçulmanos e os judeus ortodoxos abominam o porco e gostam de leite. Algumas tribos africanas fazem manteiga, mas usam-na para enfeitar o corpo (Nida 1975:77-78).

Menos óbvias, porém muito mais profundas, são as diferenças na maneira de as pessoas se relacionarem umas com as outras e de pensarem sobre o seu mundo. Os fazendeiros americanos cultivam lavouras para alimentar suas famílias. Os homens das Ilhas Trobriand cultivam lavouras para alimentar suas irmãs e os filhos delas. Por sua vez, esses homens e seus filhos vivem do alimento fornecido pelos irmãos de suas mulheres. Os shilluks do Sudão consideram os escorpiões e os crocodilos seus parentes; os índios do sudoeste americano comem brotos de mescal para terem visões de espíritos protetores; os esquimós idosos costumavam caminhar sobre o gelo até morrerem para não consumirem alimento, que era escasso durante o inverno. Todas as pessoas enxergam o mesmo mundo, mas o percebem através de lentes culturais diferentes e nem sempre estão cientes de sua cultura e de como ela dá cor ao que vêem (Figura 10).

FIGURA 10

As Culturas Vêem o Mundo de Diferentes Maneiras



Um estudo de Edward Hall (1959) ilustra quão diferentes as culturas podem ser quanto às suas percepções de tempo. Desde que todo mundo vive dentro do tempo, podemos pressupor que todos o vêem da mesma maneira. Não é bem assim, diz Hall. Por exemplo, os americanos dão valor à pontualidade e definem como “chegar na hora” de cinco minutos antes a cinco minutos depois da hora estabelecida. Alguém que chegue quinze minutos depois do horário marcado deve-se desculpar, mas não precisa dar explicações. No entanto, aqueles que chegam mais de meia hora “depois” são “grosseiros” e devem oferecer uma desculpa plausível (Figura 11).

Hall afirma que no Egito tradicional espera-se que os serviços cheguem na hora estabelecida como um ato de obediência. No entanto, os homens do mesmo nível precisam mostrar sua independência e o fazem chegando na hora “adequada”: uma hora mais tarde. Só aqueles que chegam meia hora depois disso é que devem apresentar desculpas.

Não há confusão quando dois americanos ou dois egípcios se encontram, porque eles se entendem. Mas há confusão quando um pastor egípcio e um missionário americano se encontram. O americano chega “na hora” combinada, e o egípcio, “na hora”, uma hora depois. O primeiro fica frustrado e reclama (equivocadamente) que os egípcios não têm percepção de tempo, e o pastor egípcio fica perplexo ante a aparente subserviência do missionário.

As diferenças culturais podem levar a situações engraçadas. Eugene Nida (1975:5-6) conta sobre os primeiros missionários das Ilhas Marshall que rece-

FIGURA 11

A Utilização do Tempo Difere nas Culturas

	Tempo Árabe	Tempo Americano
5 minutos antes		
Hora Marcada	Serviçais no horário	Todos no horário
5 minutos depois		Recomendável uma pequena desculpa
10 minutos depois	Serviçais atrasados	Necessário pequena desculpa
15 minutos depois		Leve insulto
20 minutos depois		Necessário forte desculpa
30 minutos depois		Grosseiro
45 minutos depois		
1 hora depois	Iguais no horário	Muito insultante
1 hora e 15 minutos depois	Iguais atrasados	Imperdoável

Níveis de atraso

biam sua correspondência uma vez por ano quando um barco incluía em sua rota o sul do Pacífico. Certa vez, o barco estava um dia adiantado e os missionários estavam fora, numa ilha vizinha. O capitão do navio deixou a correspondência com os marshaleses, que finalmente tinham em mãos aquilo de que os missionários tanto falavam e com tamanha expectativa. Pouco familiarizados com os modos diferentes dos estrangeiros, tentaram descobrir o que tornava a correspondência tão atraente. Concluíram que ela deveria ser boa para comer. Cozinharam então as cartas, e não gostaram nem um pouco do sabor. Quando os missionários retornaram, verificaram que sua correspondência de um ano havia-se tornado um mingau.

As diferenças culturais também criam dificuldades. Por exemplo, duas missionárias trabalhando no México central tinham muita cautela quanto ao relacionamento com os homens, mas não viam mal nenhum em beber suco de lima no café da manhã, por razões de saúde. No entanto, os índios estavam certos de que as jovens tinham amantes, uma vez que os habitantes locais usavam suco de lima, chamado de “matador de bebês”, como abortivo (Nida 1975:8).

Veremos, nos três capítulos seguintes, os efeitos das diferenças culturais sobre os *missionários*. Nos Capítulos 6 a 8 iremos examinar essa influência sobre a *mensagem*. Nos Capítulos 9 a 11, veremos como elas afetam a *comunidade bicultural* dentro da qual os missionários e os nacionais trabalham.

Como as diferenças culturais afetam os missionários? Primeiro, veremos algumas dificuldades pelas quais passam os missionários jovens. No Capítulo 4, examinaremos mais detalhadamente os problemas que os missionários enfrentam nos ministérios transculturais.

Choque Cultural

Todos nós ficamos emocionados e um pouco temerosos quando entramos em uma nova cultura. Quando chega a carta de nomeação, nosso nível de satisfação pessoal é alto (ver Figura 12). Nossos sonhos tornaram-se realidade. Isso é o que havíamos planejado e para isso fomos treinados durante os últimos anos.

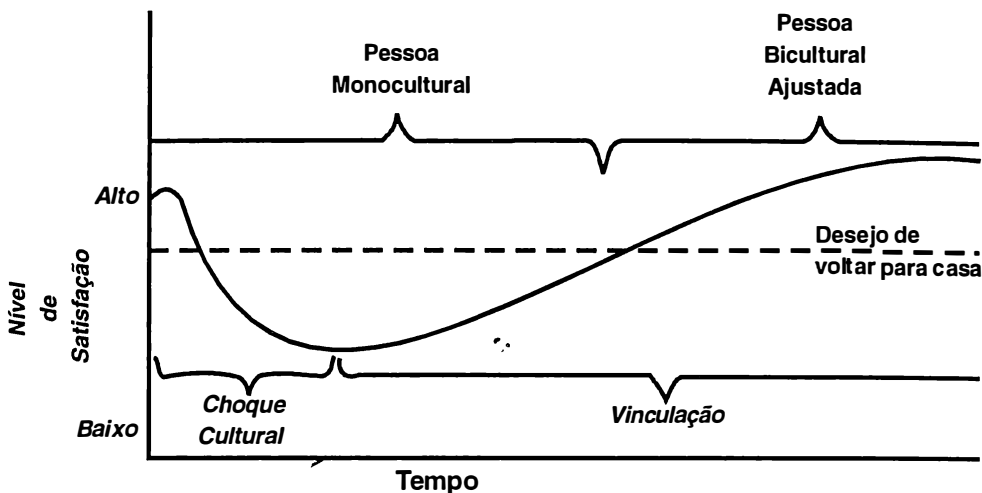
A despedida na igreja é ainda mais agradável. Durante toda a nossa vida ocupamos os bancos da igreja, mas agora estamos no centro do palco. Até mesmo o pastor fica em segundo lugar. As despedidas no aeroporto são ainda mais emocionantes, uma terna mistura de festejo e dor, além da vibração da nova aventura.

Ao aterrissarmos em uma cidade estranha, no exterior, nossa satisfação ainda é grande. Estamos cansados do vôo, mas há a emoção dos novos lugares e dos diferentes costumes. Estamos de fato ali. Mal podemos acreditar!

Paramos em um restaurante e pedimos um almoço. Mas quando chega, reconhecemos apenas metade dele como alimento. A outra metade não parece

FIGURA 12

Choque Cultural



De Paul G. Hiebert, *Cultural anthropology*, 2ª. ed. (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 40.

comestível — parecem vermes ou até mesmo formigas. Famintos, paramos no mercado e pedimos algumas laranjas, mas a mulher na banca não nos entende. De repente, constatamos que todas aquelas pessoas não falam a nossa língua. Desesperados para comer alguma coisa, apontamos como crianças para nossa boca e para o estômago e depois para as laranjas. Quando a vendedora finalmente entende e nos dá as frutas, enfrentamos outro problema. Como iremos pagar? Não podemos entendê-la, e as novas moedas não fazem sentido para nós. Finalmente, em desespero, oferecemos as moedas e deixamos que ela pegue o que quiser. Temos a certeza de que estamos sendo enganados. Para tornar as coisas piores, as crianças ao redor ficam rindo de nós, obviamente se divertindo com essas pessoas ricas e educadas que não conseguem falar uma língua que até mesmo alguém de três anos de idade conhece bem. Estamos zangados intimamente e queremos dizer-lhes o quanto somos instruídos, mas isso de nada vale. Nossa instrução aqui é de pouca utilidade para nós.

No dia seguinte, nosso anfitrião nos manda de ônibus para a cidade, com instruções para descermos depois de oito quilômetros na parada que tem uma casa grande marrom, à esquerda, e uma verde e pequena, à direita. Saímos confiantemente, mas algumas paradas depois, vemos uma casa grande marrom à esquerda, e uma verde pequena à direita. Sabemos que devemos continuar mais adiante, porém todas as paradas que se seguem são iguais. De

repente, ficamos com medo de nos perder, mas não podemos retornar. Temos visões de que passaremos o resto de nossas vidas rodando de ônibus ao redor de uma cidade estranha.

Depois, ficamos doentes e somos levados a um médico local. Ficamos com medo, pois todos os médicos estrangeiros são curandeiros, não são? Eles podem realmente nos curar?

À medida que as ansiedades se multiplicam, parece que fizemos pouco, além de nos manter vivos. Tudo é estranho, todo mundo se parece, temos poucos amigos a quem pedir ajuda e não podemos admitir a derrota e voltar para casa. Ao contrário dos turistas, não podemos nem mesmo ir para o Hilton local, cujo ambiente nos é familiar. O que aconteceu com nossos sonhos?

Causas do Choque Cultural

O que causa esse desconforto psicológico quando entramos em uma nova cultura? Como poderíamos suspeitar, não é o cenário de pobreza e sujeira. Nem é o medo de doenças, embora quem esteja passando pelo choque cultural se preocupe muito com a limpeza e a saúde. O choque cultural é a desorientação que vivemos quando todos os mapas e diretrizes culturais que aprendemos quando crianças não funcionam mais. Despidos de nossa maneira normal de lidar com a vida, ficamos confusos, amedrontados e zangados. Raramente sabemos o que aconteceu de errado, muito menos o que fazer a respeito.

O choque cultural atinge a maioria das pessoas que vai fundo em novas culturas. Não aflige apenas os ocidentais que vão para fora. Os africanos o experimentam quando se mudam para os Estados Unidos tanto quanto os coreanos ao se mudarem para a Indonésia. Alguns apresentam sérios quadros, outros, leves ataques. A gravidade depende da extensão das diferenças entre as culturas, da personalidade do indivíduo e dos métodos utilizados para lidar com situações novas.

Quais são alguns dos sintomas e causas, e como a doença progride? (Myron Loss, 1983, nos deu um excelente resumo do choque cultural, e a ele devo muito dessas idéias.)

Choque Lingüístico

O primeiro choque que geralmente experimentamos em uma nova cultura é a nossa incapacidade de comunicação. Desde a nossa mais tenra infância, conversamos, gesticulamos, escrevemos e conversamos mais um pouco — até que não nos apercebemos mais dos processos de comunicação. Eles se tornam quase automáticos.

De repente, como estranhos em um novo mundo, somos privados de nossos principais meios de interação com as outras pessoas. Como crianças, lutamos para dizer até mesmo as coisas mais simples e constantemente estamos cometendo erros. Descrevendo isso, William Smalley (1978:698) escreve:

Mesmo após semanas de estudo [o missionário] é incapaz de discutir muito mais do que o preço de meio quilo de batatas. Ele é incapaz de mostrar sua instrução e inteligência, os símbolos que lhes deram *status* e segurança em casa. Ele encontra pessoas inteligentes e estudadas, mas responde às perguntas delas como uma criança ou um idiota porque não é capaz de fazer nada melhor...

O aprendiz de uma língua tem a sensação estranha de que as pessoas estão rindo dele pelas costas — e estão. Seus estudos são cansativos, entediantes, frustrantes. Nada parece acontecer de maneira lógica ou sem problemas porque a lógica é identificada com os modos familiares de falar e pensar. Ela se baseia na tradição lingüística e acadêmica.

Muitos americanos no exterior que começaram a aprender uma língua acabaram por rejeitá-la. Algumas vezes, o padrão de rejeição significa cada vez menos estudo e o desenvolvimento de cada vez mais contatos em inglês. Algumas vezes, significa doença, doença física verdadeira.

Algumas pessoas acreditam que simplesmente não conseguem aprender uma nova língua. Outros têm um bloqueio mental contra praticar coisas que não entendem ou não sabem fazer bem. Mas não se pode aprender uma língua sem cometer erros e sem praticá-la até que se fique familiarizado com ela. O choque lingüístico pode colocar as pessoas num círculo vicioso — incapazes de aprender e incapazes de se arranjar sem aprender. Vencidas, procuram uma saída. Smalley continua:

Eles se agarram à muleta da tradução e tentam desesperadamente encontrar um meio de traduzir as coisas que querem dizer, do inglês para a língua local. Enganam-se pensando que porque aprenderam a dizer os equivalentes de algumas afirmações em inglês (até mesmo “pregando” sermões inteiros), já conhecem a língua. Usando esse processo, têm perdido porções inteiras dela, eliminando-as com sua insistência em abordar o idioma por meio do inglês. E o que perderam é causa constante de ansiedade, pois perdem muito do que está acontecendo ao redor deles.

Alguns nunca aprendem o idioma local e trabalham vida afora utilizando-se de intérpretes — às vezes por quarenta anos ou mais!

Mudanças na Rotina

Outra frustração que enfrentamos no choque cultural é a mudança na nossa rotina diária. Em nossa cultura materna, desempenhamos com eficiência tarefas como comprar, cozinhar, ir ao banco, lavar roupa, ir ao correio, ao dentista e montar uma árvore de Natal e deixamos tempo para o trabalho e o lazer. Em um ambiente novo, até as tarefas mais simples tomam uma grande soma de energia física e tempo. Muito mais tempo. Em alguns países, leva-se duas ou três vezes mais tempo para cozinhar os alimentos porque temos de acender o

fogão a lenha e porque compramos as galinhas ainda vivas. Elisabeth Elliot (1975:41) escreve:

Então, havia coisas simples que, por segurança, não se deve desprezar. Elas tomam apenas um minuto, como lavar alface. “Evite vegetais crus” é um bom conselho para um turista, mas se você está indo viver em um lugar (nosso alvo era morar, não apenas sobreviver nos trópicos), quer comer vegetais crus de vez em quando. O livro dizia que se devia mergulhar tudo, inclusive alface, em água fervente por alguns segundos. Isso geralmente matava as amebas e sempre matava o desejo da gente por saladas.

A vida durante o primeiro ano em uma nova cultura geralmente é uma luta pela simples sobrevivência. Todo o nosso tempo parece ser gasto em cozinhar, lavar roupas, fazer compras ou construir e consertar nossa casa. Não sobra tempo para trabalharmos naquilo que viemos fazer. A frustração aumenta à medida que os meses passam e não podemos ensinar, pregar, aconselhar ou traduzir a *Bíblia*. E não há muito que possamos fazer contra isso.

Mudanças nos Relacionamentos

A vida humana está centrada nos relacionamentos com parentes, amigos, colegas de trabalho, chefes, caixas de banco, balconistas e até mesmo estranhos. Por meio deles, ganhamos nossa identidade dentro de uma sociedade e nossa auto-imagem. Quando nossa percepção de nós mesmos entra em conflito com as imagens que os outros têm de nós, trabalhamos desesperadamente para mudar o que estão pensando. Se isso falhar, somos forçados a mudar a idéia que temos de nós mesmos. Poucos de nós podem sustentar suas crenças ou o sentido de valor sem o reforço constante dos outros. Até mesmo uma fofoca é melhor do que passar totalmente despercebido.

Manter relacionamentos em nossa própria cultura, na qual entendemos o que está acontecendo, já é difícil bastante. Em outra cultura, a tarefa parece quase inenquívavel. Nossos cônjuges e filhos têm seus próprios problemas de ajustamento a uma nova língua e cultura e precisam de atenção extra justamente no momento em que estamos clamando por ajuda. Eles nos deixam nervosos (e nós a eles) porque fomos atirados juntos em situações estressantes, com poucos relacionamentos de fora que nos dêem apoio. Outros missionários, se estiverem por perto, geralmente são de pouca ajuda porque estão ocupados e parecem tão bem ajustados que ficamos com medo de admitir nossas fraquezas a eles. Afinal de contas, nós agora somos “missionários”. É obvio que a culpa é nossa, porque somos incapazes de nos ajustar com facilidade a uma nova cultura. Então nos distanciamos, com medo de compartilhar nossas mais profundas ansiedades.

Fazer amizade com as pessoas locais é ainda mais estressante. Mal podemos falar sua língua e não entendemos as nuances sutis de seus relaciona-

mentos. Seu humor nos escapa, e o nosso os faz franzir as sobrancelhas. Tentar ouvi-los em atividades sociais normais esgota nossas energias. Até mesmo ir à igreja, o que no início nos entusiasmava pela novidade, se torna tedioso e contribui muito pouco para o nosso sustento espiritual. Estamos solitários e não temos ninguém com quem compartilhar as dúvidas que temos sobre nós mesmos.

Além de tudo isso está a nossa perda de identidade como adultos importantes na sociedade. Em nossa própria cultura, sabemos quem somos porque temos cargos, diplomas e participação em diferentes grupos. No novo ambiente nossa velha identidade se vai. Temos de começar tudo novamente e nos tornar alguém. Richard McElroy (1972; capa interna) escreve:

Durante a primeira semana de estudo da língua, o novo missionário vive o “choque da posição”. Na América do Norte, ele era um líder-bem sucedido e seguro. De repente, ele é um aprendiz, tendo um secundarista como professor de fonética espanhola o qual o corrige constantemente. Se o missionário não mudar os papéis, ele se sentirá inseguro, se auto-reprovará e se verá ameaçado. Em alguns alunos, a experiência coloca em evidência o pior: teimosia, agressividade, retração e hipercrítica.

Outro choque é ter serviços em casa. Geralmente eles são necessários para aquecer a água de lavar, matar e depenar galinhas e outras tarefas que no Ocidente poderíamos fazer com a ajuda de eletrodomésticos e de alimentos pré-cozidos. Além disso, logo verificamos que não teríamos tempo de sobra para trabalhar se eles não estivessem conosco. E somos criticados se não dermos trabalho a eles. Mas como nos relacionarmos com os empregados? Como cristãos, queremos ser igualitários, assim os convidamos para comer conosco. No entanto, isso entra em conflito com o pensamento local sobre a posição dos empregados na casa, e os deixa constrangidos. Tendo em vista primarmos também pela privacidade em nossa casa, a presença dos empregados é considerada uma invasão.

Até mesmo a participação na vida local pode ser traumática. Quando tentamos fazer alguma das atividades locais ou participar de alguns dos estranhos esportes, somos vagarosos e desajeitados e nosso desempenho é como o de crianças. Também temos a tendência de ver algum significado religioso perigoso em toda atividade que temos dúvida.

Perda de Entendimento

Tornar-se verdadeiramente humano é assimilar uma cultura e entender o que está acontecendo nela. É saber o que esperar da vida e o que é esperado de nós. Um americano sabe dirigir do lado direito de uma estrada, não pechinchar com o atendente por causa de açúcar e ficar em fila no caixa. Um indiano sabe o valor de uma rúpia, como pechinchar por um sári e o significado de

Tirupathi Venkateswara. Precisamos desse conhecimento para entender o que está acontecendo em volta de nós e encontrar o significado de nossa vida.

Numa cultura nova, muito de nosso velho conhecimento é inútil, se não enganoso. Quando apontamos alguma coisa com o dedo, as pessoas ficam ofendidas porque fizemos um sinal obscuro. Oferecemos ajuda e ficamos quietos se as pessoas a rejeitam. Só depois aprendemos que em muitas sociedades as pessoas devem sempre recusar a primeira oferta, e que devemos reiterá-la. O resultado muitas vezes é constrangimento e confusão. William Smalley (1978:693) dá outro exemplo:

Quando fui a Paris pela primeira vez para estudar francês, eu e muitos outros americanos achamos difícil saber quando e onde trocar um aperto de mão. Os franceses pareciam se cumprimentar sempre e, do nosso ponto de vista, sem que fosse necessário. Nós nos sentíamos bobos apertando as mãos a toda hora e contávamos histórias como aquela em que as crianças francesas trocavam um aperto de mão com seus pais antes de ir para a cama todas as noites... Essa pequena e inconsequente diferença no hábito de cumprimentar foi o suficiente para nos trazer dificuldades e, combinada a centenas de outras incertezas, provocou um choque cultural em muitos.

Quando nosso conhecimento nos desaponta repetidamente, ficamos desesperados, pois nossa vida parece estar saindo do controle. A longo prazo, é a sensação de falta de significado surgida dessa confusão que pode ser a consequência mais perigosa do choque cultural. Parece que perdemos nosso controle sobre a realidade.

Desorientação Emocional e de Avaliação

O choque cultural tem uma dimensão cognitiva, mas também implica desorientação emocional e avaliadora. No nível emocional, enfrentamos privação e confusão. A música que ouvimos geralmente soa dissonante, a comida, tem tempero estranho, e o entretenimento é ininteligível. Temos o desejo de ouvir música conhecida, comer comida familiar, assistir às notícias da televisão e sair para o tipo de entretenimento que tínhamos “em casa”. Muito tempo depois de entendermos os significados na nova língua, suas nuances emocionais mais sutis como o humor, a ironia, o sarcasmo, a poesia e o duplo sentido nos escapam.

Também enfrentamos sentimentos de frustração que surgem do ambiente transcultural. Depois do entusiasmo inicial de estarmos no estrangeiro, temos saudade de casa e começamos a nos desagradar daquilo que não é familiar. Nós nos sentimos culpados porque não podemos viver segundo nossas próprias expectativas. Ficamos zangados porque ninguém nos disse que seria dessa maneira e porque fazemos tão pouco progresso na adaptação à nova cultura.

No nível dos valores, nos zangamos com o que parece ser uma falta de moral: a ausência de roupa adequada, a insensibilidade aos pobres e o que para nós obviamente é roubo, engano e suborno. Ficamos ainda mais chocados ao saber que as pessoas também consideram *nosso* comportamento imoral. Por exemplo, na Nova Guiné, os habitantes locais acusavam os missionários de serem mesquinhos porque não repartiam liberalmente seus alimentos e pertences tais como roupas, cobertas e armas com aqueles ao seu redor. Afinal de contas todos devem agir assim. As pessoas do país também repartiriam com o missionários caso viesse a lhes faltar o alimento.

Os indianos consideravam o vestuário das mulheres missionárias imoral. Em sua sociedade, a parte mais atraente do corpo de uma mulher é a barriga da perna. Portanto, uma mulher séria usa sáris até o tornozelo; mas as mulheres missionárias usavam saias que lhes cobriam só até os joelhos.

Sintomas do Choque Cultural

Os primeiros dias em uma nova cultura são uma mistura caótica de fascinantes novos cenários e experiências chocantes. Os americanos na Índia ficaram horrorizados ao ver lagartixas nas paredes de seus quartos (elas acabam com os mosquitos) e cobras na grama, lembrando-se que vinte mil indianos (entre os setecentos milhões) morrem anualmente de picadas de cobras. Nos Estados Unidos, os indianos ficam igualmente horrorizados com o tráfego nas rodovias, sabendo que quarenta mil americanos entre duzentos e trinta milhões, morrem anualmente em acidentes automobilísticos.

Esses choques iniciais podem parecer ruins, mas não são sérios. O problema real do choque cultural é a distorção psicológica que surge sem ser percebida enquanto pensamos que estamos funcionando normalmente. Ela muda nossa percepção da realidade e debilita nosso corpo. Quais são os sintomas dessa moléstia transcultural?

O Estresse Crescente

Todos nós vivemos com estresse. Na verdade, sem ele aproveitaríamos ou obteríamos muito pouco da vida. Porém, em demasia pode ser destrutivo. Quanto é muito? É difícil medir o estresse com precisão, mas Thomas Holmes e M. Masusu (1974) nos deram uma escala aproximada pela qual estimamos o estresse provocado por várias experiências na vida. A escala vai de “nenhum estresse” a um máximo de 100 pontos, referentes à morte do cônjuge (Tabela 1).

O estresse é cumulativo e persiste muito tempo depois de passados os acontecimentos que o causaram. Para medir as tensões que estamos experimentando no momento, precisamos calcular os pontos de estresse que acumulamos no último ano. Holmes e Masusu verificaram que somente um terço daqueles que tiveram menos de 150 pontos de estresse apresentavam possibilidade de ficar muito doentes nos dois anos seguintes. Mas metade daqueles que acumularam

mais de 150 pontos de estresse e quatro quintos daqueles que tiveram mais de 300 teriam problemas significativos de saúde no mesmo período de tempo.

Em face disso, a maioria dos missionários deveria ficar maluca, particularmente durante o seu primeiro período no campo. No primeiro ano de trabalho, os novos missionários geralmente passam por mudanças marcantes em sua condição financeira, ocupação, localização geográfica, meios de recreação, rotina eclesiástica, atividades sociais e hábitos alimentares. Se forem jovens, podem estar recém-casados ou terem filhos pequenos. Além disso, enfrentam o estresse que surge com a mudança para culturas radicalmente diferentes — tensões que Holmes e Masusu nem mesmo tentaram medir. James Spradley e Mark Phillips (1972), por exemplo, estimam que só o aprendizado de uma nova língua nas atividades do dia-a-dia acrescenta mais de 50 pontos de estresse à vida do novo missionário. Então, não deveríamos nos surpreender que muitos missionários em início de carreira alcancem mais de 400 pontos.

TABELA 1

O Estresse Provocado por Mudanças na Vida

Natureza do Acontecimento	Pontos de Estresse Devido à Mudança
1 Morte do cônjuge	100
2 Divórcio	73
3 Morte de um membro próximo da família	63
4 Doença ou dano pessoal	53
5 Casamento	50
6 Mudança na saúde de um membro da família	44
7 Gravidez	40
8 Chegada de novos membros na família	39
9 Mudança no <i>status</i> financeiro	38
10 Mudança para uma linha de trabalho diferente	36
11 Mudança nas responsabilidades no trabalho	29
12 Mudança nas condições de vida	25
13 Mudança nas horas ou condições de trabalho	20
14 Mudança na residência	20
15 Mudança na recreação	19
16 Mudança nas atividades eclesiásticas	19
17 Mudança nas atividades sociais	18
18 Mudança no número de reuniões familiares	15
19 Mudança nos hábitos alimentares	15

De Thomas H. Holmes e M. Masusu, "Life Change and Illness Susceptibility", em *Stressful life events: their nature and effects*, org. Barbara S. Dohrenwend e Bruce P. Dohrenwend (Nova York: Wiley, 1974), p. 42-72, © John Wiley & Sons, Inc.

Doença Física

Uma consequência do estresse alto é a doença física. Entre as doenças mais comuns causadas pelo estresse prolongado estão dores de cabeça crônicas, úlceras, dor nas costas, pressão sanguínea alta, ataques cardíacos e fadiga crônica. O estresse também prejudica nossa capacidade de concentração e nos deixa sujeitos a acidentes. Cecil Osborne (1967:198) escreve:

O estresse emocional cria um desequilíbrio químico que resulta no mau funcionamento de glândulas e de outros órgãos. O corpo então fica incapaz de oferecer resistência aos germes que normalmente são combatidos. Uma vez que a mente, por um processo inconsciente, tende a passar a dor, a culpa e a tristeza para o corpo, achamos mais fácil cair adoentados fisicamente do que em angústia mental. Para começar, quando estamos fisicamente doentes recebemos compaixão, que é uma forma de amor. Mas a pessoa que sofre angústia ou depressão provavelmente será orientada a “sair dessa” ou a “se conter”.

No entanto, a doença em um ambiente estranho só aumenta nossa ansiedade, particularmente se os serviços médicos com que estamos acostumados não estiverem disponíveis. Em ambientes estranhos, facilmente nos tornamos obsessivos com a saúde e a limpeza e exageramos os sintomas. Nem todos esses receios são totalmente infundados. Muitas vezes enfrentamos doenças estranhas e perigos, e é a nossa vida que está em jogo.

Depressão Psicológica e Espiritual

As consequências mais sérias do estresse geralmente são a depressão e o sentimento de fracasso. Quando estamos desprevenidos, não somos capazes de lidar com os problemas de viver em uma nova cultura. Ficamos oprimidos por ter de enfrentar constantemente situações confusas e a tensão de aprender uma nova forma de vida. Há pouco tempo para o lazer — afinal de contas, é correto que os missionários descansem quando há tanto que fazer? Nossos sistemas de apoio se foram. Somos parte de uma comunidade de missionários constituída por estranhos com grande força de vontade, a quem não ousamos admitir nossas fraquezas, e pode não haver ninguém que desempenhe o papel de um pastor quando falharmos.

Também pende sobre nós a espada das expectativas irreais. A imagem que o povo faz do missionário é a de um pioneiro forte que sofre grandes privações — um santo que nunca peca, um excelente pregador, médico ou profissional autônomo que supera todos os obstáculos. Em resumo, uma pessoa criativa, corajosa, sensível e sempre triunfante. Quando somos jovens e cruzamos o oceano, quase acreditamos que podemos ser assim.

Não é de surpreender então que enfrentemos depressão, em geral grave, quando descobrimos que ainda somos demasiadamente humanos. Sair ao campo

não muda nossa natureza fraca e pecaminosa nem nos dá novos talentos. Levi Keidel (1971:67) reflete a experiência de muitos missionários quando escreve:

Comecei a colocar numa lista minhas diversas manifestações de dessemelhança com Cristo para dar uma boa olhada nelas: mau gênio, irritação com as circunstâncias inevitáveis, auto-escravização por motivos legalistas, má vontade com os que atrapalhavam meu programa.

A essas juntei exaustão terminal recorrente. ... lembro-me do conselho de meu pastor quando fomos pela primeira vez ao Congo: “Escuta Levi, você não tem de fazer tudo durante o seu primeiro período”. Antes de completar dois anos no campo, fui parar no hospital. ... eu era uma tigela que havia sido totalmente esvaziada e raspada pelo apetite devastador da exigência.

Infelizmente, se achamos que estamos fracassando, trabalhamos mais arduamente para manter a auto-estima. Mas isso só multiplica nossos problemas, porque o medo do fracasso consome nossas energias. Vencidos, concluímos que a culpa é nossa e não servimos para o trabalho de Deus.

Algumas vezes, colocamos máscaras para disfarçar nossas fraquezas. Por um tempo podemos enganar os outros, até nós mesmos, mas, a longo prazo, descobrimos que essas auto-imagens não têm valor. Dwight Carlson (1974:65) escreve:

A exemplo de outros conflitos não resolvidos, a máscara requer muita energia e gera outros problemas além do medo, tais como irritabilidade, preocupação, ansiedade, fadiga, auto-indulgência, acusação aos outros e, não menos freqüentes, mentira e falsidade. ...

Quando nos recusamos a remover nossas máscaras, não só criamos conflitos internos e fadiga, mas também impedimos nosso próprio crescimento e o crescimento dos outros. Os indivíduos crescem se relacionando com outras pessoas de verdade e vendo como elas lidam com os problemas da vida. Os líderes cristãos devem estar prontos para remover primeiro suas próprias máscaras antes de esperar que os outros façam o mesmo. Só quando nós cristãos estivermos prontos para expor nossos pés de barro os outros se sentirão (e talvez só depois) seguros para expor a si e as suas necessidades.

O Ciclo do Choque Cultural

Quando estamos em choque cultural é um consolo saber que somos seres humanos normais e que no momento certo os traumas de adaptação a uma nova cultura irão terminar. Além disso, saber como o choque cultural progride pode nos ajudar a lidar com ele e transformá-lo numa experiência positiva que nos prepara para o nosso futuro ministério. O primeiro ou segundo ano é

crucial na adaptação a uma nova cultura. A maneira como nos ajustamos durante esse tempo dará o tom ao nosso ministério para o resto da nossa vida.

Kalervo Oberg (1960:177-182) traça os passos que normalmente aprendemos para vivermos num ambiente cultural novo.

O Estágio de Turista

Nossa primeira reação a uma nova cultura é a fascinação. Vivemos em hotéis, com outros missionários ou em casas não tão diferentes daquelas a que estávamos acostumados, e nos relacionamos com pessoas do país que sabem falar nossa língua e são amáveis conosco como estrangeiros. Gastamos dias explorando os novos sons e cenários e nos retiramos à noite para lugares parcialmente isolados da estranha cultura lá fora. Somos levados para ver as atrações locais e nos encontrar com pessoas importantes, que nos dão as boas-vindas. Respondemos então com palavras de afeição e cortesia à cultura local.

Dependendo das circunstâncias, esse estágio de lua-de-mel pode durar desde umas poucas semanas até vários meses. Os turistas comuns voltam antes que essa fase termine e retornam para casa para contar histórias sobre as maneiras exóticas das pessoas. Mas como missionários, viemos para ficar, o que significa que devemos começar a difícil jornada de nos tornar membros de uma nova cultura.

O Desencanto

O estágio de turista termina quando saímos da condição de visitantes para nos tornarmos membros da cultura. Isso ocorre quando montamos nossa própria casa, assumimos responsabilidades e começamos a participar da comunidade local. É nesse momento que surgem as frustrações e ansiedades. Temos problemas com a língua e com as compras, atribulações com o transporte e confusões na lavanderia. Ficamos preocupados com a limpeza da água potável, com a comida e a cama, e temerosos de ser enganados ou roubados. Também nos sentimos abandonados. Aqueles que nos receberam tão calorosamente voltaram para o seu trabalho e agora parecem indiferentes aos nossos problemas.

O resultado é o desencanto. Aquela cultura estranha não é mais emocionante. Agora, parece inescrutável e impossível de ser aprendida. Nossa resposta normal é a hostilidade porque a segurança da nossa vida está ameaçada. Encontramos erros na cultura e a comparamos, desfavoravelmente, com a nossa. Criticamos as pessoas e vemos todo acontecimento como prova de sua preguiça e inferioridade, desenvolvendo estereótipos que caricaturam de forma negativa o país anfitrião. Nós nos retiramos da cultura e nos refugiamos em círculos pequenos de amigos estrangeiros ou ficamos em nossa casa, onde tentamos recriar a cultura de nossa terra natal.

Esse estágio marca a crise na doença. A maneira como reagimos a ela determina se ficaremos ou não e como vamos finalmente nos adaptar à nova

cultura. Durante esse período, a maioria dos missionários é classificada abaixo da linha “voltar para casa” (veja Figura 12). Olhamos a correspondência e falamos das coisas que faremos quando retornarmos para “casa”. Escrevemos cartas de demissão, mas não as enviamos. Afinal de contas, o que os nossos amigos ou a igreja diriam se voltássemos?

No entanto, também está acontecendo outro processo durante esse estágio, algo que nós dificilmente percebemos. Estamos aprendendo a viver na nova cultura. Começamos a perceber que podemos aprender a fazer compras numa nova língua, utilizando a moeda local. À medida que fazemos amigos entre as pessoas, começamos a ter dias melhores. Com uma palavra de encorajamento dos missionários mais velhos e líderes locais, a maioria de nós joga fora suas cartas de demissão e começa a longa tarefa de aprender a língua e de se ajustar à nova cultura. Aqueles que não conseguem fazer essa transição devem voltar antes de ter um colapso nervoso.

Resolução

A restauração do humor sempre marca o início da recuperação. Começamos a rir da nossa condição e fazemos piadas sobre as pessoas em vez de criticá-las. Começamos a nos simpatizar com os outros que pensam ser piores que nós. Embora ainda possamos tomar uma atitude de superioridade, começamos a aprender as novas maneiras culturais.

Nesse estágio, a maneira como nos relacionamos com as pessoas e a cultura é particularmente crucial porque os padrões de adaptação que formamos aqui tendem a permanecer conosco. Se desenvolvemos atitudes positivas de simpatia e aceitação das pessoas que nos recebem, estabelecemos os fundamentos para o aprendizado de sua cultura e nos tornamos como um deles. Por outro lado, se permanecemos negativos e indiferentes, as chances são de que permaneçamos estrangeiros e nunca nos identifiquemos com a população local. E uma vez que somos modelos do evangelho para essas pessoas, o próprio evangelho lhes parecerá distante e estrangeiro.

Na verdade, não só o nosso primeiro ano, mas o primeiro mês é crucial para moldar a nossa relação por toda a vida com uma cultura; também é o momento que estamos mais adaptáveis a ela. Temos poucos preconceitos do que devemos fazer e um forte idealismo que nos motivou a vir. Tendo em vista que ainda não estabelecemos rotinas confortáveis que nos escondem o que está acontecendo, nesse estágio temos o desejo de nos identificar intimamente com as pessoas e fazer de sua cultura a nossa. Assim, o choque cultural não é simplesmente uma experiência para suportar. Na verdade, como os Brewsters observam (1982), é um dos períodos mais significativos e formativos de toda a nossa experiência missionária. Usando suas palavras, é um momento em que, de uma maneira ou de outra, nos “vinculamos” à nova cultura.

A Adaptação

O estágio final do choque cultural ocorre quando nos sentimos confortáveis na nova cultura. Aprendemos o suficiente para funcionarmos de maneira eficiente em nosso novo ambiente sem sentimentos de ansiedade. Não só aceitamos a comida, o vestuário e os costumes locais mas, na verdade, começamos a nos simpatizar com eles. Temos estima pela amizade das pessoas e começamos a nos sentir construtivos em nosso trabalho. Se pensarmos sobre isso, verificaremos que vamos sentir saudades do país e de sua gente quando partirmos.

Podemos nos ajustar à nova cultura de diversas maneiras. Podemos, por exemplo, manter nossa distância e construir um gueto ocidental de onde nos arrancamos para fazer nosso trabalho. Ou rejeitamos nosso passado e tentamos “ser nativos”. Uma terceira possibilidade é a de nos identificar com a cultura e trabalhar por algum tipo de integração com a nossa. (Veremos essas alternativas e como elas afetam nosso ministério no próximo capítulo.)

Os Missionários são Desequilibrados?

T. Norton Sterrett

Os missionários são desequilibrados? Claro que são. Sou um deles. Devo saber.

O missionário provavelmente começou como uma mulher ou um homem comum. Vestia-se como as outras pessoas. Gostava de jogar tênis e ouvir música.

Porém, mesmo antes de sair para o campo, ele se tornou “diferente”. Admirado por alguns, digno de dó de outros, ele era conhecido como alguém que estava deixando o país, os projetos e o lar por uma visão. Logo, parecia ser um visionário.

Agora que ele voltou para casa parece ainda mais diferente. Para ele, algumas coisas — grandes coisas — simplesmente não parecem importantes. Até mesmo os jogos do Campeonato Mundial ou da Copa Davis não o interessam de maneira especial. E aparentemente não vê as coisas como as outras pessoas vêem. Oportunidade única na vida — encontrar Isaac Stern pessoalmente — parece deixá-lo indiferente. Isso faz com que você queira saber onde ele esteve.

Bem, onde ele esteve?

Onde o conflito com o mal é aberto e intenso, uma luta, não uma moda — onde as roupas não se combinam porque há pouco tempo para cuidar disso — onde as pessoas estão morrendo, carecendo da ajuda que ele pode oferecer, a maioria delas sem ao menos saber que ele tem algo a dar — onde o calor é de 48 graus à sombra, e ele não pode perder tempo refugiando-se nela.

Não só o espaço, mas o tempo também parece ter passado para ele. Quando você fala sobre os Rolling Stones ele olha indignado. Quando você menciona “Guerra nas Estrelas” ele pergunta o que é isso. Você então imagina há quanto tempo ele está fora.

Tudo bem, quanto tempo ele esteve fora? Tempo suficiente para que trinta milhões de pessoas fossem para a eternidade sem Cristo, sem nenhuma oportunidade de ouvir o evangelho — e algumas delas se foram diante de seus olhos: quando aquele barco frágil afundou; quando aquela epidemia de cólera se espalhou; quando aquele motim hindu-muçulmano foi deflagrado.

Há quanto tempo ele está fora? Tempo suficiente para sofrer dois surtos de disenteria amebiana, para cuidar de sua esposa com repetidos ataques de malária, para ser informado da morte de sua mãe, que ele nem sabia que estava doente.

Quanto tempo? Tempo suficiente para ver uns poucos homens e mulheres se voltando para Cristo, vê-los beberem do ensinamento bíblico que lhes deu, para lutar e sofrer com eles por causa da perseguição oriunda dos parentes não-cristãos, para vê-los crescer em um bando barulhento de crentes dirigindo seu próprio louvor, para ver esse grupo desenvolver uma igreja local que está alcançando a comunidade.

Sim, ele está fora há muito tempo.

Então, ele é diferente. Mas parece desnecessário agora. Pelo menos, já que ele está neste país, deveria dar mais atenção às roupas, ao que está acontecendo ao redor, ao lazer, à vida social.

É claro que poderia.

Mas ele não pode esquecer — pelo menos durante a maior parte do tempo — que o dinheiro de um terno novo compraria três mil Novos Testamentos, que enquanto um americano gasta um dia no trabalho, cinco mil indianos ou chineses vão para a eternidade sem Cristo.

Logo, quando um missionário volta para a igreja ou para o seu grupo de cristãos, lembre-se de que ele provavelmente estará diferente. Se ele tropeçar em alguma palavra aqui e ali, é porque provavelmente está falando há vários anos uma língua estrangeira quase exclusivamente e possivelmente continua fluente nela. Se não está no grupo de preletores é porque talvez não tenha tido a oportunidade de falar em inglês em um púlpito faz um bom tempo. Pode ser que ele seja eloquente na rua de um mercado indiano.

Se parece que ele não entra no ritmo tão rápido quanto você gostaria, se ele se mostra menos acessível que um jovem evangelista ou professor universitário, lembre-se que ele esteve sob um sistema social radicalmente diferente desde que você começou o segundo grau e pode não estar familiarizado com a conversa informal.

Lógico, o missionário está desequilibrado.

Mas pelo padrão de quem? O seu ou o de Deus?

Originalmente publicado em HIS, revista estudantil da Inter-Varsity Christian Fellowship, ©1948, 1960, 1967, 1982 e utilizado com permissão.

Reversão do Choque Cultural

A idéia de que vivemos um choque cultural invertido quando voltamos para “casa” depois de uma longa residência no exterior pode nos surpreender. Afinal de contas, estamos voltando para uma cultura que nos é familiar. Mas aquela cultura mudou e nós também. Mais profundamente do que esperamos. As pesquisas mostram que os indivíduos que se ajustaram com mais sucesso a uma nova cultura têm maior dificuldade na readaptação à sua velha cultura (Bristlin e Van Buren, 1974).

De muitas maneiras a readaptação à nossa cultura original é como entrar em uma nova sociedade. A princípio, há a emoção do retorno. Estamos de volta àqueles a quem amamos — parentes, amigos e colegas. Somos objeto de muita atenção, orgulho e emoção, e as pessoas nos ouvem quando contamos nossas diferentes experiências. Saímos para comer hambúrgueres e para ir ao shopping center com que sonhávamos enquanto estávamos fora. Em resumo, esperamos retomar nossas vidas do ponto de onde as deixamos.

Depois que essa emoção inicial diminui, começamos o sério negócio de nos restabelecer na cultura local. É nesse momento que começamos a experimentar irritação e frustração. As coisas que antes pareciam tão naturais, agora nos parecem extravagantes e insensíveis num mundo cheio de necessidades. As pessoas parecem tão bairristas. Elas logo perdem o interesse em nossas histórias e se voltam para assuntos mais importantes — mudança nos últimos modelos de carro, política local, fofoca da vizinhança e esportes. Achamos difícil até mesmo nos relacionar com nossos amigos e parentes porque eles não nos ouvem ou nos ouvem educadamente, embora pareçam não entender o que estamos tentando dizer. Continuam a fazer perguntas ridículas como: “As pessoas na Guatemala sabem o que é telefone?”.

Nossa frustração se intensifica pelo fato de que tudo isso é tão inesperado. Nós nos tornamos estranhos em nossa própria cultura! Somos colocados em novos papéis que não esperávamos. Estamos fora de compasso com o estilo de vida que uma vez pareceu tão importante, mas agora parece tão extravagante e egocêntrico.

Nossa resposta inicial é defensiva. Ficamos irritados e críticos acerca dos costumes locais. Assumindo uma atitude de superioridade, nos retiramos dos acontecimentos locais. Algumas vezes, desejamos não ter voltado para “casa”. Começamos a perceber que nenhum lugar é a casa a que estávamos acostumados, que somos peregrinos, aqui na terra.

Joseph Shenk (s.d.:5) descreve esse sentimento:

“Vazio” é uma boa palavra para descrever os primeiros seis meses de volta a casa. Saímos de um centro de muitas atividades para ser o centro de nada. Não fazemos parte de nenhuma “comissão”. Não temos relações com a comunidade. Na igreja, as pessoas ficam um pouco temerosas de dizer algu-

ma coisa que possa desencadear um discurso de nossa parte sobre a injustiça ou algo assim. Por isso, as conversas se mantêm no nível mais superficial possível. As noites são quietas, a menos que estejamos expostos a alguma situação.

“Defasagem” é outra boa palavra. Enquanto estivemos no exterior, ficamos estagnados econômica e tecnologicamente. Nosso vocabulário ficou velho. Não temos mais roupas, nem veículos, nem aparelhos, nem casa que combinem com a contemporaneidade. Uma vez que o valor individual nos Estados Unidos e Canadá é amplamente medido por essas coisas, é muito possível que experimentemos momentos sombrios de dúvidas. Na hora do desespero, hipotecamos tudo a fim de conseguir aquelas bugigangas tão importantes aqui. Descobrimos então que estamos trancados em parâmetros econômicos muito restritos para atravessar os próximos anos.

Nossa segunda resposta é tentar mudar a cultura. Em torno de um ano depois que voltamos, estamos em perigo de ser pessoas mal-humoradas, irritadas. Não podemos compreender a riqueza ao redor de nós e estamos loucos por qualquer oportunidade de dizer aos “nativos” o quanto o resto do mundo é pobre. Mas as pessoas parecem não querer ouvir. Isso apenas reforça nossa frustração e nos leva a buscar a companhia de pessoas de outras culturas ou outros na mesma condição.

No entanto, no tempo certo, nos reajustamos de uma maneira ou de outra à nossa cultura original. Algumas vezes, nossos modelos de adaptação são destrutivos a nós mesmos e aos outros. Nós nos tornamos abusados ou arredios, ou deixamos nossa comunidade original.

Contudo, geralmente encontramos de novo o nosso lugar na sociedade. Aprendemos o suficiente a respeito de esporte e política local para participar das conversas da vizinhança. Assimilamos o último sucesso musical e o estilo de roupa para não ficarmos mais por fora. Descobrimos que podemos construir novamente vidas com significado em nossa cultura original. Acima de tudo, descobrimos que não somos a mesma pessoa que deixou essa cultura — que mudanças profundas ocorreram dentro de nós durante os anos em que estivemos fora e que nunca nos ajustaremos plenamente em nossa primeira “casa”.

Na readaptação é aconselhável olhar nossa sociedade original como uma comunidade estrangeira e entrar nela da maneira que entramos na outra cultura. Geralmente somos mais tolerantes com as pessoas de outras sociedades do que com as da nossa. Precisamos aprender com os “nativos” e nos identificar com eles o máximo que pudermos sem negar quem somos agora. Precisamos estar cientes de que eles não nos podem entender completamente porque não viveram o mesmo que nós.

Aprendendo a Adaptar-se a Novas Culturas

Todos nós vivemos o deslocamento ao mudarmos para novos ambientes — alguns mais que outros. Os turistas americanos podem minimizar o choque voltando toda noite para o Hotel Hilton, uma ilha de americanos no meio de um oceano de costumes estranhos. Lá, eles se sentem em casa e se recuperam para um novo dia de aventuras. No entanto, os missionários vêm para fazer desse novo ambiente sua casa.

O choque cultural raramente é definitivo. Com experiência e paciência todos nós aprendemos a viver de uma maneira ou de outra em novos ambientes culturais. Aprendemos a comer as comidas locais e também a gostar delas. Acharmos que podemos andar de ônibus e até nos perder já que podemos achar o caminho de volta para casa. Apreendemos a língua bem o suficiente para manter nossas conversações comuns e pedir laranjas no mercado. Conseguimos encontrar sentido no valor da moeda local. Fazemos amigos e descobrimos que as pessoas locais não parecem todas iguais. Verificamos que o médico do lugar nos pode curar e que não morreremos com a primeira doença. Enfim, aprendemos não só a sobreviver, mas também a viver e a apreciar a nova cultura. Nosso nível de satisfação começa a aumentar. O lugar se torna a nossa “casa”.

Os indivíduos diferem muito na medida com que enfrentam o choque nos ambientes culturais novos. Isso em parte depende da personalidade. Algumas pessoas são flexíveis e podem viver com uma grande dose de ambigüidade e logo se vêem adaptadas aos novos costumes com certa facilidade. Outras são rígidas e precisam ter um grande controle sobre sua vida. A gravidade do choque depende parcialmente das diferenças entre sua primeira cultura e aquela para a qual se mudam. Quanto mais profundas as diferenças, mais elas precisam mudar para se ajustar ao cenário local.

Mas o choque cultural também depende dos métodos utilizados para lidar com as diferenças culturais. Podemos aprender métodos que nos ajudem a minimizar as tensões de adaptação a uma nova cultura e que podem, na verdade, torná-la uma experiência emocionante de crescimento. Podemos nos identificar com as pessoas de maneiras que tornarão nosso ministério mais eficaz.

Reconhecendo Nossas Ansiedades

O primeiro caminho para minimizar o choque cultural é reconhecer nossas ansiedades. É perfeitamente normal termos medo de situações novas por causa das incertezas que elas trazem. O medo é uma resposta humana importante que nos faz reagir a perigos imediatos e específicos. No entanto, a longo prazo, o medo pode-se transformar em ansiedade — um sentimento de desconforto e receio de algum perigo vago, incerto. Em certo sentido, é o medo de algumas incertezas que enfrentamos em novos ambientes. É essa ansiedade, não os medos específicos, o componente mais perigoso do choque cultural.

Como podemos lidar com a ansiedade quando nem sequer sabemos qual é o nosso inimigo? Uma maneira é localizar ansiedades específicas, reconhecendo-as, para que possamos lidar com elas. Quando olhamos conscientemente para os nossos receios, verificamos que muitos deles são infundados. Outros podem ser eliminados mudando o nosso estilo de vida, uma vez que se deixará a maioria deles se aprendermos como viver na nova cultura. É muito útil saber que somos normais quando nos sentimos ansiosos e que podemos aprender maneiras de lidar com as ansiedades em vez de disfarçá-las e esperar que desapareçam.

Aprendendo a Nova Cultura

Aprender uma nova cultura também pode ser uma provação terrível ou uma experiência nova emocionante. A diferença sempre está na atitude que temos com a nova situação. Se temos medo do desconhecido, teremos a tendência de nos refugiar em pequenos círculos de amigos constituídos em sua grande maioria de colegas missionários e cristãos locais. Tentaremos reconstruir o melhor que pudermos uma ilha de cultura ocidental onde possamos viver. O resultado é uma comunidade cristã pequena muito isolada do mundo em torno dela. Nela podemos conduzir nosso trabalho missionário dentro de um mínimo de deslocamento, mas com o mínimo de testemunho para as pessoas ao nosso redor.

Por outro lado, podemos nos aventurar a aprender a nova cultura. A princípio, isso aumenta nossas ansiedades, mas logo aprendemos que o risco vale a pena. Como o nosso conhecimento da cultura cresce, nossos medos do desconhecido diminuem. Além do mais, verificamos que estudar uma cultura estranha e conhecer pessoas novas pode ser uma experiência emocionante e satisfatória. Descobrimos que muitos querem nossa amizade e ficam encantados quando fazemos o esforço mais simples para aprender com eles. Ficam todos prontos para serem nossos professores culturais se desejarmos ser alunos honestos.

Aprendemos melhor uma cultura nos envolvendo com ela. Embora ler sobre tudo o que pudermos acerca de uma cultura antes de chegarmos ajude, não há substituto para a nossa participação na vida das pessoas. Por exemplo, em vez de fazermos compras de mantimentos para uma semana, podemos ir à loja todos os dias e comprar alguns poucos itens de cada vez. Podemos sentar com as pessoas no café ou ficar com elas na praça. Podemos convidá-las para vir a nossa casa — afinal de contas, elas estão curiosas com a nossa cultura como nós estamos com a delas — e aceitar convites para visitá-las. Veremos que as amizades e oportunidades de participar na cultura local se multiplicam rapidamente se gastarmos tempo nos relacionando com as pessoas em um nível pessoal.

É importante que entremos em uma cultura imediatamente, antes de estabelecermos rotinas que nos isolem das pessoas. Como os Brewsters (1982)

apontam, é melhor mergulhar em uma nova cultura e experimentar a vida com as pessoas locais do que primeiro estabelecer nossa vida em um território estrangeiro, de onde saímos só para fazer o nosso trabalho. Eles acrescentam que “*Desde o primeiro dia é importante desenvolver muitos relacionamentos significativos com as pessoas do lugar. Os recém-chegados devem comunicar logo suas necessidades e o desejo de se tornarem aprendizes. Pessoas ajudam pessoas que estão em necessidade!* Então, quando surgem as situações potencialmente estressantes poderão, como aprenderam, obter ajuda, respostas ou idéias daqueles que pertencem àquela cultura” (1982:8-9).

Quando entramos em outra cultura como alunos genuínos, as pessoas geralmente ficam ansiosas para nos ensinar, porque ficam orgulhosas de sua cultura. Enquanto aprendemos sobre a cultura, construímos relacionamentos que nos tornam parte da comunidade.

O interessante é que aprender uma nova cultura também é um meio importante de evangelização. Encontramos sempre mais oportunidades de testemunhar aos não-cristãos quando entramos na cultura como aprendizes do que em papéis missionários mais formais. Enquanto estudamos as pessoas, elas se tornam interessadas em nós, em nossa vida. Sendo seus alunos, não somos uma ameaça para elas.

Finalmente, aprender bem a língua e a cultura é fundamental para o nosso serviço missionário futuro. Durante nossos primeiros anos, é importante que aprendamos a falar a língua corretamente, o que requer uma grande quantidade de tempo e exercícios. Em geral, ficamos tão preocupados em como aprender a comunicar nossa mensagem que desprezamos os sons e as estruturas da língua. Desse modo, aprendemos a falar, mas com sotaque e sem fluência. No início, devemos gastar tempo para aprender os sons corretamente porque os erros logo se tornam hábitos inconscientes, difíceis de mudar, e permanecem para sempre conosco.

Semelhantemente, precisamos aprender a cultura local em nossos primeiros anos. Durante esse tempo, estamos mais cientes das diferenças culturais. Depois, perdemos a sensibilidade aos costumes diferentes e o trabalho ocupará muito do nosso tempo. Se quisermos conhecer bem uma cultura, devemos começar a estudá-la imediatamente e continuar a fazê-lo durante toda a vida.

Desenvolvendo a Confiança

Aprender uma nova cultura e gostar de seus hábitos não é suficiente. Podemos fazer isso e ainda permanecer como estrangeiros, para quem as pessoas olham desconfiadas. Como Marvin Mayers (1974) menciona, o passo mais importante ao entrar em uma nova cultura é desenvolver a confiança. Só quando as pessoas confiarem em nós é que ouvirão o que temos para dizer.

Confiança é o valor que damos a uma relação, embora seja algo que raramente paramos para considerar. Quando construímos relações a fim de alcançar

alguma coisa — fazer um negócio, ensinar ou aprender uma lição ou casar-nos —, normalmente nos concentramos naquilo que queremos obter. Paramos para considerar o estado da relação só quando as coisas estiverem erradas.

Dentro da nossa própria cultura há muitos indícios que nos ajudam a avaliar nosso relacionamento mútuo. Entre eles estão títulos e posições (normalmente dá-se crédito a um pregador ou a um juiz), o contexto social (não se espera ser enganado por um caixa de supermercado), e a posição social (ficamos mais desconfiados de um andarilho do que de uma pessoa bem-vestida).

No entanto, em uma cultura estranha, não reconhecemos esses indícios. Conseqüentemente, achamos difícil julgar quando podemos confiar em uma pessoa. Nem sabemos como convencer os outros de que somos dignos de confiança. Portanto, há uma grande dose de desconfiança mútua quando um estranho chega na cidade, particularmente quando é estrangeiro. Os relacionamentos no serviço missionário devem ter prioridade sobre a tarefa, principalmente no início. A confiança na mensagem depende primeiro da confiança no mensageiro.

O desenvolvimento da confiança tem início no *interesse* e na *aceitação* daqueles entre os quais servimos. Temos as nossas razões para vir para o ministério, mas elas são de pouco valor para as pessoas. Elas têm seus próprios motivos para quererem se relacionar conosco. Só quando esses motivos são atendidos terão razão para continuar a se relacionar. Muito depois de uma relação ter sido estabelecida, as pessoas continuarão o relacionamento por sua própria conta, como amizade ou companheirismo.

Nosso interesse nos outros deve ser genuíno. As pessoas logo percebem e se ressentem profundamente de estarmos desenvolvendo relacionamentos simplesmente para alcançarmos nossos objetivos, porque essa é uma forma sutil de manipulação. Elas se sentem “usadas”.

O verdadeiro interesse se expressa de diferentes maneiras. É verificado em nosso desejo de aprender sobre as pessoas, sua vida e cultura. Reflete-se simbolicamente em nosso desejo de usar seu tipo de roupa, experimentar sua comida e visitar sua casa. É demonstrado na forma de hospitalidade quando as convidamos para nossa casa e deixamos nossos filhos brincarem com os delas. E isso se mostra em rituais formais, por meio de visitas oficiais, trocas de presentes, jantares cerimoniais e refinamento nas apresentações. Antes de mais nada, essas maneiras formais precisam ser cuidadosamente estudadas e informalmente comparadas com os daquela cultura, porque um erro aqui é uma afronta pública, difícil de ser desfeita. Mayers (1974:34) nos conta que convidou o vice-prefeito de uma aldeia rural para um banquete, uma vez que o prefeito estava ausente. E verificou ter ofendido o anfitrião, que tinha uma posição social mais alta na aldeia que a do vice-prefeito. Quando, por causa do erro de Mayer, ele foi forçado a receber o vice-prefeito, estava publicamente reconhecendo a superioridade deste.

A aceitação começa quando amamos as pessoas como elas são, não como gostaríamos que fossem. A princípio isso pode ser difícil de fazer, em parte porque elas são tão diferentes de nós, e em parte porque viemos com um desejo grande de trazer alguma mudança. Infelizmente, e em geral sem o saber, demonstramos rejeição às outras pessoas como indivíduos. Nós as interrompemos quando estão falando, rimos de suas observações, questionamos seus fatos, não as deixamos falar e comparamos sua cultura desfavoravelmente com a nossa. Ou as evitamos, esquecemos seus nomes ou falhamos não lhes confiando dinheiro e tarefas. Certo missionário nunca entregava passagens aos “nativos” porque tinha medo de que fossem perdê-las. Fazendo isso, ele expressava desconfiança de maneira gritante como se o dissesse em palavras.

Desenvolver a confiança requer *abertura*. É uma rua de duas mãos. Antes de esperar que os outros confiem em nós, precisamos confiar neles. Se esperamos que abram suas vidas para nós, devemos abrir a nossa para eles. Precisamos desmanchar nossas pretensões e as máscaras que usamos para impressionar os outros e devemos permitir que vejam quem realmente somos, revelando nossas fraquezas e temores bem como a nossa força. Confiança também requer *consistência*. Precisamos ser previsíveis a fim de que as pessoas saibam o que esperar e o que dizer das necessidades pessoais para corresponderem ao que dizemos em público. É de pouco valor exaltarmos os costumes locais se fazemos comentários maldosos acerca deles quando estamos sozinhos com nossos amigos, pois o que fazemos em particular reflete nossa verdadeira atitude em relação a eles.

Finalmente, a confiança precisa ser nutrida até amadurecer. No início, ela geralmente é frágil e facilmente perdida. Por isso, devemos nos concentrar no desenvolvimento do relacionamento. Geralmente concordamos com as pessoas não porque aceitamos o que elas dizem, mas como um sinal de confiança. A discordância nos primeiros estágios de um relacionamento geralmente é vista não como uma diferença de opinião, mas como uma rejeição da pessoa. Mais tarde, à medida que a relação cresce, ela pode suportar questionamentos e dissensões. Também serve como uma ponte efetiva para a comunicação do evangelho porque as pessoas agora podem confiar na mensagem já que aprenderam a confiar no mensageiro. O estágio final de uma boa relação implica confiança total e certeza, um desejo total de se entregar nas mãos da outra pessoa.

Nenhuma tarefa é mais importante nos primeiros anos de ministério em uma nova cultura do que o desenvolvimento de relacionamentos de confiança com as pessoas. Sem eles, as pessoas não ouvirão o evangelho, nem nós seremos aceitos em suas vidas e comunidades.

Lidando com o Estresse

Outra maneira de lidar com o choque cultural é reduzir estresse sempre que possível. Quando nos mudamos para situações novas, vivemos uma grande tensão; portanto, precisamos monitorar nossos sentimentos para ver se nós ou os

outros membros de nossa família estão ficando tensos, irritados, inflexíveis e prontos para explodir a qualquer minuto. O que podemos então fazer para reduzir o estresse antes que ele se torne destrutivo?

Estabeleça metas realistas. Uma maneira importante de reduzir o estresse é estabelecer metas realistas. Como Myron Loss assinala (1983:67), os cristãos ocidentais têm comparado espiritualidade com atividade intensa, e o lazer geralmente é visto como uma perda de tempo. Precisamos entender que somos as primícias de Deus. Deus pode nos usar em seu trabalho se estivermos física e espiritualmente sadios. Precisamos medir nosso progresso mais pelo que nos estamos tornando do que pelo que fazemos. Precisamos nos lembrar de que somos humanos. Devemos dar tempo a nós e a nossas famílias para lazer, exercícios e recreação, para leitura e crescimento pessoal e para nossa vida devocional. Devemos evitar o esgotamento a curto prazo e viver de tal maneira que tenhamos um ministério longo.

Há uma segunda razão por que devemos estabelecer objetivos realistas durante os primeiros anos de nosso ministério, principalmente pelo fato de que simplesmente não podemos produzir no mesmo nível em situações estranhas à nossa cultura. Precisamos de mais tempo e energia para realizar até mesmo as tarefas mais simples como encontrar lojas onde haja suprimentos, cuidar dos documentos que fotocopiar e dos cheques para sacar. Somada a isso está nossa frustração por não sermos capazes de “sair para trabalhar” naquilo para o que viemos. Grande parte do nosso tempo e de energia é gasta só na sobrevivência, e o pouco que sobra deve ser direcionado para o aprendizado da nova cultura.

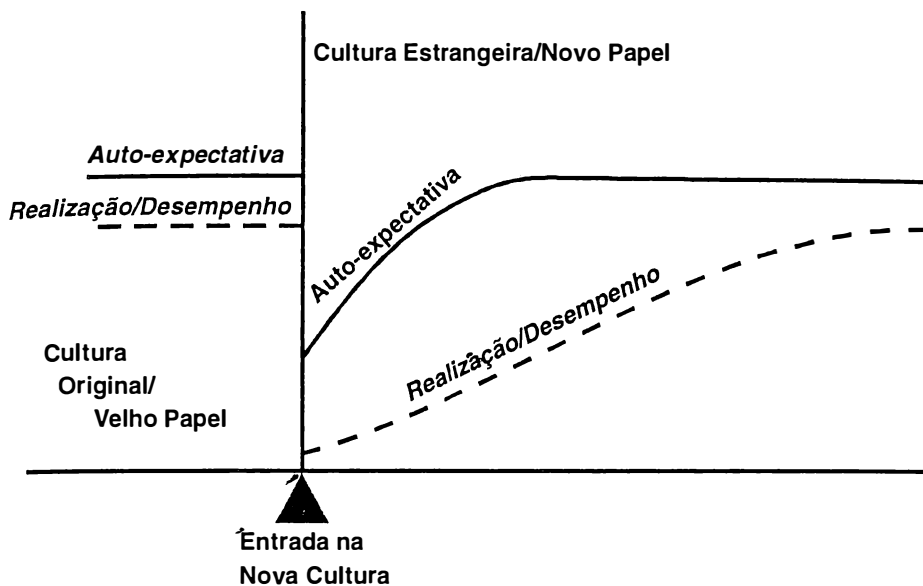
Myron Loss localiza essa tensão entre as nossas próprias expectativas e o nosso verdadeiro desempenho nos ambientes culturais novos (Loss 1983:66, Figura 13). Ele observa que dentro da sua própria cultura, a auto-expectativa das pessoas bem ajustadas excede um pouco o desempenho delas. Em outras culturas, essa diferença aumenta significativamente. A única forma de lidarmos com o estresse produzido por essa grande discrepância entre o que esperamos de nós (e dos outros) e o que na verdade podemos fazer, é reduzir nossos objetivos a proporções realistas.

Aprenda a não se levar a sério demais. Uma segunda maneira de lidar com o estresse é olhar de uma perspectiva correta. É natural autoperceber-se como o centro da atividade e considerar o tempo presente como de maior importância. No entanto, isso tem grande impacto sobre tudo que fazemos, preenchendo cada momento com muita tensão.

Precisamos ver as oportunidades momentâneas dentro da perspectiva de todo o nosso ministério. Não comparecer ao encontro de amanhã, que parece tão crucial para nós agora, muito provavelmente será esquecido cinco anos depois. Por outro lado, gastar tempo aprendendo a língua e visitando as pessoas, que

FIGURA 13

Expectativa versus Realização



De Myron Loss, *Culture shock* (Middleburg, Pa.: Encouragement Ministries, 1983), p. 66.

hoje nos parecem fora do nosso trabalho, pode, retrospectivamente, ser a aquisição mais significativa do início do nosso ministério.

Da mesma forma, precisamos ver nosso trabalho dentro de um amplo ministério, que inclui nossos colegas locais e missionários. Nenhuma pessoa é chamada para carregar sozinha toda a responsabilidade do trabalho. Podemos ser necessários, mas não somos indispensáveis. Essa constatação nos livra de um falso senso de nossa importância.

O humor é um grande remédio para o sentimento excessivo de valor próprio e é também um sinal de segurança interna e auto-estima. Precisamos rir dos nossos erros com as pessoas. Cometemos muitos deles ao aprender uma nova cultura, e em geral são muito engraçados. Lembre-se de que as pessoas não estão rindo de *nós*, mas de nossa maneira estranha e do nosso *faux pas* cultural. Aprender a rir com eles nos ajuda a superar o medo do fracasso que geralmente nos impede de tentar algo novo. Aprendemos melhor novas culturas quando tentamos e falhamos, quando rimos e tentamos novamente, aprendendo com os próprios erros.

Flexibilidade também é um remédio para o estresse. Sempre ficamos irritadiços, inflexíveis e autoritários quando estamos autocentrados ou inseguros. Por isso, toda mudança nos planos e toda acontecimento inesperado gera

uma grande quantidade de estresse. Mas é difícil programar a vida, particularmente em situações transculturais e em profissões que se relacionam com as pessoas. Portanto, é importante que os nossos planos sejam mantidos de maneira tranqüila e sejamos flexíveis em nosso estilo de vida e em nossa forma de lidar com os seres humanos.

O perdão é um terceiro antídoto para a tensão que surge de um falso senso de valor próprio. Ministar o evangelho e servir como líder facilmente contaminam a pessoa com um espírito de perfeccionismo que pode destruir sua vida cristã. Nesse caso, começamos não perdendo a nós mesmos e terminamos não perdendo aos nossos amigos missionários, aos cristãos locais nem aos não-cristãos ao nosso redor. A mensagem do perdão e da salvação de Deus é apagada e ficamos destruídos pelo estresse que surge dos níveis mais profundos de nossa identidade. Afinal de contas, se quisermos ser alguma coisa, devemos ser justos!

Mas a essência do evangelho é o perdão para o pecado e o erro. Durante o tempo em que permaneceremos na terra, não seremos santos nem nos tornaremos intocáveis no que diz respeito a tentações e pecados. Somos pecadores salvos que, frente às falhas humanas, se ajudam mutuamente na condução rumo a Jesus Cristo. Como Pedro, precisamos cultivar um estilo de vida de perdão tanto para os outros como para nós mesmos. Precisamos aprender dia após dia que a justiça não advém de nosso empenho. É um dom de Deus aos pecadores que se arrependem.

Gratidão é outro agente contra o estresse. Em ambientes estranhos é fácil observar tudo o que acontece de errado e desprezar as muitas coisas que estão bem. Se pararmos para pensar sobre o acontecimento do dia, encontraremos muitos momentos de felicidade — o aprendizado de um novo verbo, a aquisição de algo novo ou a admiração do pôr-do-sol. A alegria e a gratidão contribuem muito para uma vida em paz.

Cuide de si mesmo. Há momentos em situações transculturais que, não importa o quanto nos esforcemos, o nosso nível de estresse aumenta. Até nosso esforço para reduzir a tensão produz mais tensão. Somos simplesmente recarregados com toda a situação querendo nos livrar dela. Algumas vezes, precisamos nos tratar e sair de nosso envolvimento com a nova cultura. Podemos ler um bom livro, sair com a família para um piquenique, tirar alguns dias de folga. Outras vezes, a saudade de nossa cultura original é forte demais, e sair da cidade e comer em um restaurante num hotel moderno vai nos fazer bem. Todos nós mantemos nossa identidade enraizada na cultura de nossa infância e não podemos acabar completamente com ela. Geralmente, um rápido mergulho em nossa cultura de origem é tudo de que precisamos para nos preparar para uma reimersão na nova sociedade.

Nesse momento, uma palavra de cautela é necessária. Quando saímos, há sempre a tentação de nos isolarmos das pessoas e formar um gueto pequeno e só nosso. Enquanto isso pode reduzir temporariamente nosso estresse, a longo

prazo impede nossa imersão na nova cultura, o que, por sua vez, reduziria o estresse que surge de vivermos afastados da estrutura cultural local.

Cuidar de nós mesmos também implica que podemos monitorar o tempo de exposição a situações particularmente estressantes. Há momentos em que estamos preparados para nos aventurar em novas e audaciosas experiências. Outras vezes, quando já estamos estressados, precisamos evitá-las. Aprender uma nova cultura sempre acarreta estresse, o que é essencial para o crescimento. O que precisamos não é evitar o estresse, mas controlá-lo.

Reparta a carga. Paulo nos aconselha a levar a carga uns dos outros e isso é particularmente apropriado no serviço missionário. O missionário precisa estar preocupado com a carga dos outros, particularmente a da esposa e dos filhos. Isso pode ajudar a evitar o egocentrismo como subproduto do alto estresse.

No entanto, esse conselho possui dois lados. Enquanto somos encorajados a levar a carga dos outros, devemos querer compartilhar a nossa com eles e permitir que nos ajudem a suportá-la. É essencial que, como missionários, encontremos outras pessoas a quem possamos contar nossos problemas e buscar aconselhamento. Há uma tendência freqüente de sentirmos que agora somos líderes e, portanto, não precisamos mais de ninguém para nos pastorear. Nada é menos verdadeiro. É exatamente como missionários que temos uma grande necessidade de alguém a quem possamos nos voltar para nos aconselhar espiritual e pessoalmente. Como todas as vocações, ser missionário tem seus próprios problemas e tentações. Infelizmente, as agências de missões em geral não nomeiam ninguém para pastorear aqueles que estão no campo. Logo, os missionários por sua própria conta acabam responsáveis por encontrar alguém.

Além do Choque Cultural

O choque cultural pode dominar nossa atenção no primeiro ou segundo ano de serviço missionário. Ainda que na ocasião possamos descrever, essa é, de fato, uma experiência passageira associada com a entrada em uma nova sociedade e não apenas com o aprendizado da cultura, que pode e deve continuar durante todo o nosso ministério.

O choque cultural, entretanto, é uma experiência importante porque através dele desenvolvemos atitudes e tipos de relacionamentos que irão caracterizar a natureza e a eficácia de nosso ministério naquela sociedade. Portanto, é crucial saber o que está acontecendo conosco quando entramos em uma nova cultura e assim moldar nossas respostas de maneira adequada.

Alicja Iwanska (1978:701-702) captou bem a essência de atitudes e de relacionamentos culturais em sua análise das pessoas que vivem no noroeste dos Estados Unidos. Verificou que elas tendem a dividir seu mundo em três grandes domínios de experiência. O primeiro é o domínio do “panorama”. Este

inclui a natureza, o tempo, a política, o esporte e outros acontecimentos sobre os quais têm pouco controle. O panorama lhes fornece os assuntos para a maioria das conversas informais. Elas discutem o clima, as questões mundiais e a Olimpíada. Tiram férias para depois poderem conversar sobre elas no trabalho e na igreja.

O segundo domínio, de acordo com Iwanska, é o do “maquinário”. Este inclui as “ferramentas” que as pessoas utilizam para trabalhar e alcançar seus objetivos. São utilizadas enquanto forem úteis e necessárias. Depois disso, são descartadas. As ferramentas incluem tratores e granjas, lápis e livros, cadeiras e camas, roupas e casas. Elas são qualquer coisa que as pessoas utilizam para “fazer o trabalho”. São propriedades.

Finalmente, Iwanska diz que esses americanos têm o domínio das “pessoas”. São seres humanos com quem eles se relacionam, vistos como pessoas que pensam, sentem e cuidam dos outros como de si próprios.

A descoberta mais significativa da pesquisa de Iwanska é que o grupo que ela estudou não via todos os homens como “pessoas”. Eles consideravam as pessoas diferentes, como os índios americanos, por exemplo, como partes do “panorama”. Visitavam as reservas indígenas da mesma maneira que iam a um zoológico para passear. Além do mais, viam os trabalhadores — operários imigrantes mexicanos — como “maquinário”. Valiosos por sua produtividade, tornavam-se descartáveis como uma ferramenta velha ao deixarem de ser úteis. A tendência era de os americanos considerarem “pessoas” reais e seres humanos somente seus parentes e amigos.

A importância dessa ilustração para os jovens missionários é óbvia. Todos nós temos a tendência de tratar as pessoas estranhas e as novas culturas panoramicamente. Também temos a tendência de ver aquelas pessoas que trabalham para nós como máquinas, sejam elas secretárias, enfermeiras ou serviçais. A mudança mais crucial que deve ocorrer em nossa adaptação a uma nova cultura é aprender a ver sua gente como “pessoas” — seres humanos como nós — e sua cultura, como a nossa cultura. Precisamos traçar um círculo imaginário em torno delas, onde estamos incluídos, para que possamos então dizer “nós”. Precisamos acabar com a barreira que impõe separação entre o “nós” e o “eles”. Esta lição não é nova. Ela é a essência da mensagem cristã de amor.

O Missionário Identificado

AGORA ESTAMOS AJUSTADOS À NOSSA NOVA CULTURA. SOBREVIVEMOS AO CHOQUE cultural. Sabemos o suficiente da língua para começarmos nosso trabalho e fizemos amigos entre as pessoas. Estabelecemos nossa casa e nos firmamos numa rotina. Os problemas sérios de lidar com as diferenças culturais se foram — ou pelo menos pensamos assim.

Na verdade, nesse ponto, nossa adaptação à nova cultura está apenas começando. Sabemos o suficiente para exercer nosso trabalho e conduzirmos nossa vida diária com um mínimo de estresse. Mas também estamos cientes de que há muito mais que aprender sobre a cultura, se realmente quisermos entendê-la e nela entrar. E temos uma vaga sensação de que já nos atracamos com questões profundas surgidas pelo fato de que as culturas organizam o mundo de maneiras diferentes. A verdade é que agora estamos prontos para assumir a difícil tarefa de aprender a saber e a se identificar com a cultura. Em outras palavras, devemos nos tornar missionários identificados e lidar com questões teológicas surgidas das diferenças culturais.

Identificando-se com a Nova Cultura

Como já vimos, as culturas têm três dimensões — conhecimento, sentimentos e valores. Há impedimentos ao longo de cada uma delas à medida que procuramos nos tornar participantes plenos de uma sociedade. Quais são eles e como superá-los?

Mal-entendidos Transculturais

A primeira barreira para entrar completamente em outra cultura é a questão dos mal-entendidos. Como o termo denota, eles têm que ver com um bloqueio cognitivo, a ausência de conhecimento e entendimento da nova cultura, que gera confusão.

Os mal-entendidos geralmente são engraçados e podem ter pequenas consequências sérias. Na Índia, se comermos com a mão esquerda, isso é engraçado para as pessoas, porque utilizam essa mão apenas para o trabalho sujo. Podemos estender nossa mão para cumprimentar alguém no Japão e verificar que a pessoa se curva graciosamente.

Porém, algumas vezes, os mal-entendidos são mais sérios. Dar a um indiano um presente com a mão esquerda é um insulto grave, pior que esbofeteá-lo. Igualmente grave é olhar na comida da pessoa de uma casta elevada quando ela estiver comendo. Um casal americano foi convidado para o casamento de uma alta casta brâmane. Após a cerimônia, os estrangeiros foram os primeiros a serem servidos na festa porque comiam carne e não podiam comer com os brâmanes ritualmente puros. Após a refeição, a mulher americana foi agradecer à anfitriã a hospitalidade e a encontrou na cozinha. A ocidental não percebeu que, uma vez que sua presença como uma pessoa impura na cozinha corrompia toda a comida preparada para os convidados brâmanes, a pobre anfitriã precisaria cozinhar tudo de novo para o festejo deles!

Eugene Nida relata a confusão surgida em uma parte da África quando os missionários chegaram. No início, as pessoas eram amáveis, mas depois passaram a evitá-los. Os recém-chegados tentaram verificar por quê. Finalmente, um homem idoso lhes disse: “Quando vocês chegaram, vimos seu jeito estranho. Vocês trouxeram latas redondas que do lado de fora tinham uma figura de grãos de feijão. Vocês abriam e dentro havia feijão e vocês comiam. Em algumas, havia a figura de milho e dentro tinha milho, e vocês comiam. Do lado de fora de algumas latas havia a figura de carne, e dentro havia carne e vocês comiam. Quando tiveram seu bebê, vocês trouxeram latas e do lado de fora havia figuras de bebês. Vocês as abriram e deram ao seu bebê a carne, carne de bebês que ali estava!”. A conclusão das pessoas foi perfeitamente lógica, mas era um mal-entendido.

Em outra parte do mundo, os missionários carregaram consigo um gato como animal de estimação para seus filhos. Sem saber, foram para uma tribo onde as únicas pessoas a ter gatos eram as bruxas. Os habitantes locais acreditavam que, à noite, as bruxas deixavam seus corpos e entravam no dos gatos, para rondarem as choupanas roubando a alma dos habitantes. Na manhã seguinte, aqueles cujas almas haviam sido roubadas, sentiam letargia e fraqueza e, se não fossem ao curandeiro, que poderia lhes devolver a alma, teriam a fraqueza aumentada e morreriam. Quando as pessoas viram o gato da família, concluíram que os missionários eram bruxos. A coisa piorou quando o missionário se levantou para dizer que eles vieram para unir as almas!

Arruinou ainda mais quando a mulher missionária lavou os cabelos no rio e os aldeões viram a espuma do xampu caindo da cabeça. Tendo em vista que nunca haviam visto sabão, tinham certeza que as bolhas eram as almas que os missionários haviam roubado.

Infelizmente, os mal-entendidos surgem não apenas nos relacionamentos, mas também com respeito ao evangelho. Por exemplo, os recém-convertidos nas montanhas da Nova Guiné chegaram a um missionário e lhe pediram que lhes ensinasse a orar com poder. Embora tivesse dito que já havia ensinado a eles tudo que sabia sobre oração, eles insistiam. Disseram que falavam e falavam na caixa, mas nada acontecia. Quando o missionário lhes perguntou o que estavam querendo dizer, trouxeram uma caixa pequena feita de bambu com botões na frente. Eles disseram: “Falamos na caixa e viramos o botão, mas nada aconteceu”. Imediatamente o missionário verificou o que havia de errado. Eles sempre o viam ir ao escritório e sintonizar as ondas do rádio para pedir açúcar, carne, enlatados e a correspondência. No dia seguinte, do céu, vinha o avião da “Asas de Socorro” com o açúcar, a carne, os enlatados e a correspondência que ele havia solicitado. As pessoas, que não sabiam nada sobre rádio de ondas curtas, estavam certas de que o missionário havia-lhes ensinado orações fracas, mas que mantinha para si as orações fortes!

Superando os mal-entendidos. Há dois tipos de mal-entendidos que precisamos superar: o que temos sobre as pessoas e suas culturas e aquele que elas têm sobre nós. Para superar o primeiro, devemos entrar na nova cultura como aprendizes. Precisamos fazer do estudo da cultura uma de nossas principais preocupações durante o nosso ministério missionário porque só então estaremos aptos a comunicar o evangelho de maneira que as pessoas o entendam.

Nossa tentação nesse caso é pensar que, porque somos portadores das boas novas, viemos para lecionar. No entanto, como professores, acabamos sempre fechando as portas ao aprendizado que poderíamos obter sobre as pessoas, seus costumes e crenças. Com essa atitude de superioridade, dificultamos também a aceitação das pessoas em relação a nós e à mensagem que trazemos.

O estranho é que, geralmente, temos mais oportunidades de compartilhar o evangelho de forma eficaz quando adentramos uma sociedade na condição de alunos ao invés de professores. As pessoas têm orgulho de sua cultura e, se somos verdadeiros estudantes, muitas delas ficam extremamente felizes de nos ensinar sua maneira e nos fazer chegar até o seu mundo. Uma vez desenvolvida a confiança, ficarão interessadas em nós e em nossas crenças. Então, poderemos compartilhar com elas o evangelho de maneira que não as ameacemos, como amigos e participantes de sua sociedade.

Uma tentação comum e perniciosa que enfrentamos depois de termos estudado uma cultura por um tempo é pensar que agora nós realmente a entendemos. Mas raramente isso se dá. Anos de estudo só nos fazem entender o

quão distantes estamos de ver um mundo cultural como alguém que faz parte dele. Um indício de que não entendemos alguma parte de uma cultura é quando ela parece não fazer sentido para nós. Precisamos sempre nos lembrar de que uma cultura só faz sentido para o seu próprio povo. Se ela não parece clara para nós, somos nós que não a entendemos bem e devemos estudá-la mais.

Para superar o mal-entendido das pessoas sobre nós e nossos costumes, precisamos estar abertos e explícitos a nos explicar para elas. Uma vez que tenha sido desenvolvida uma certa confiança, suas perguntas serão muitas: “Por que você dorme em cama?”, “Você realmente come carne?”, “Por que você ainda não casou sua filha se ela já tem seis anos ?!”, “Quanto isso custa, e isso, e aquilo?”, “Quanto você ganha?”, “O que você faz com tanto dinheiro?”.

As pessoas param para ver nosso jeito estranho — como comemos e nos arrumamos para dormir, como escovamos os dentes e escrevemos cartas. Elas querem experimentar nossas máquinas estranhas — o rádio, o gravador, a câmera fotográfica, o fogão e o *flash*. As bonecas de nossas filhas são passadas de mão em mão, e as crianças geralmente são objeto de um exame cuidadoso e de discussão. E quando ficam satisfeitas, falam muito bem de nós na aldeia, sob as árvores. Para muitos missionários, essa perda de privacidade é difícil. Eles não sabem que tais investigações são importantes no desenvolvimento da confiança. Mesmo quando sabem disso, sua paciência pode acabar depois de explicarem vinte vezes a forma como o gravador funciona.

Visão interna e externa. Ao aprender outra cultura e compartilhar a nossa, logo ficamos cientes de que há mais de uma maneira de olhar uma cultura. Primeiro, todos nós aprendemos a ver nossa própria cultura pelo lado de dentro. Crescemos nela e a consideramos como a única maneira correta de ver a realidade. Os antropólogos se referem a essa perspectiva como uma visão “endêmica” de cultura.

No entanto, quando deparamos com culturas diferentes, logo verificamos que estamos olhando para elas como estranhos. Examinamos seus conhecimentos culturais utilizando as nossas categorias. Depois, descobrimos que pessoas de outras culturas estão olhando nossa maneira através de seus próprios pressupostos culturais. Isto significa que estamos condenados para sempre a olhar outras culturas somente pela nossa perspectiva? Se for assim, a compreensão transcultural é possível?

O entendimento transcultural é possível, e nós o vemos acontecendo em todo momento. As pessoas migram para novas culturas e pessoas de diferentes origens interagem com muitos ambientes. A compreensão entre elas nunca é perfeita, mas em geral é razoavelmente boa. A princípio podemos pensar que as pessoas devem descartar sua própria cultura e se converter a uma outra para entendê-la. Por exemplo, podemos questionar se os missionários devem rejeitar suas próprias culturas para se tornarem membros de outra. Mas isso é impossível uma vez que nunca podemos apagar totalmente o regis-

tro de nossa cultura original, nos níveis mais profundos dos nossos pensamentos, sentimentos e valores. Mesmo se pudéssemos, nem sempre seria bom. Como Jacob e Ann Loewn dizem (1975:428-443), muito do valor que temos sobre as pessoas a quem servimos advém do nosso próprio conhecimento de mundo. Em certo sentido, somos intermediadores culturais que vivemos entre dois mundos e transmitimos informações de um para outro. Isso não significa que devemos viver desvinculados da cultura a qual servimos. Significa que, mesmo depois de nos termos identificado com ela o mais próximo que pudemos, reconhecemos que em algum sentido ainda fomos intrusos.

Uma exceção para isso podem ser as missões “migratórias”. A grande maioria dos missionários ocidentais se identifica com a sua primeira cultura. Eles se referem a ela como “lar” e esperam ali se aposentar um dia. Os missionários migrantes, tal como os espanhóis e portugueses dos séculos dezoito e dezenove, se estabeleciam na nova área e se tornavam cidadãos locais. Seus filhos se casavam com pessoas nativas e, com o tempo, eram absorvidos na sociedade. No entanto, mesmo nesse caso a primeira geração de migrantes não se livraria de sua primeira cultura. Levaria ainda muitas gerações para que um grupo de migrantes e seus filhos fossem plenamente assimilados em uma sociedade.

Mesmo se o missionário se identifica com uma nova cultura, de certa maneira o evangelho sempre vem de fora. É a revelação divina dada em um contexto cultural específico para os ouvintes de hoje.

Como então são possíveis o entendimento e a comunicação transcultural? Quando participamos a fundo de outra cultura, descobrimos que há visões diferentes da realidade. Nela somos forçados a sair do sistema de pensamento de nossa própria cultura e pensar de maneira diferente.

Primeiro aprendemos, embora de maneira imperfeita, a ver o mundo através dos olhos de nossos anfitriões. Depois, desenvolvemos níveis mais altos de análise — estruturas conceituais supraculturais — que nos permitem ficar acima da nossa e de outras culturas, compará-las e traduzi-las. Durante o processo, ficamos mais cientes dos nossos pressupostos culturais fundamentais que até agora tínhamos por certos. Por exemplo, ficamos conscientes de que em nossa cultura as pessoas pensam sobre o tempo como um rio que sempre corre, que se move ao longo de uma direção. Em outra cultura, ele é um círculo interminável que sempre retorna para o mesmo ponto sem nunca chegar a lugar algum. Quando fazemos essa constatação, começamos a comparar os dois sistemas de tempo e, fazendo assim, desenvolvemos uma forma de comparar suas semelhanças e diferenças.

O desenvolvimento dessa estrutura metacultural é que caracteriza o que chamamos de pessoas biculturais — aquelas que participaram profundamente de mais de uma cultura. Sua visão mais ampla permite que separem em alguma medida sua primeira cultura e traduzam crenças e práticas de uma cultura para outra. Na verdade, se tornam intermediários culturais, permutadores que se movem entre culturas e trazem idéias e produtos de uma para outra.

A perspectiva de um estranho, desvinculado de qualquer cultura, é uma visão de cultura “ética”. A antropologia tem-se especializado em desenvolver modelos éticos para estudar e comparar culturas. E em certo sentido, porém, todas as pessoas biculturais criam estes modelos porque a compreensão e a comunicação entre culturas diferentes seria impossível sem a referida visão.

Edward Hall (1959) nos oferece um excelente exemplo de como uma comparação ética das culturas pode nos ajudar a entender e nos comunicar com pessoas de outra cultura. Ele diz que o espaço, como o tempo, é uma linguagem silenciosa e comumente mal entendida em situações transculturais porque lida muito com a comunicação implícita. Por exemplo, os norte-americanos, normalmente distam de um metro e vinte a um metro e meio um do outro durante conversas informais. Os assuntos que discutem a essa distância são política, questões locais, as últimas férias, o tempo ou qualquer outro de caráter público de que qualquer um pode participar. Hall chama isso de Espaço Social (entre um metro e vinte e três metros de distância). Geralmente se sentem obrigados a se relacionar com as pessoas, dentro desse espaço, ao se dirigir àqueles que se sentam próximos deles em um avião ou num jogo.

Fora desse Espaço Social está a Zona Pública. Nessa zona, as pessoas podem ser ignoradas porque estão muito distantes de uma conversa normal.

Quando os norte-americanos querem se comunicar mais intimamente, baixam o tom da voz e se aproximam mais, de trinta a noventa centímetros de distância. Hall chama isso de Espaço Pessoal.

Finalmente, Hall observa que os norte-americanos têm um Espaço Íntimo que se estende do contato físico até trinta centímetros. Eles utilizam essa distância para a maioria das comunicações pessoais.

Os latino-americanos têm uma linguagem espacial semelhante, com menores distanciamentos. Eles ficam mais perto uns dos outros quando conversam e freqüentemente se abraçam como um sinal de cumprimento. À medida que os norte-americanos e os latino-americanos se mantêm cada qual em sua cultura, não há confusão. No entanto, quando se encontram, há mal-entendidos. Em conversas informais, os norte-americanos ficam incomodados se os latino-americanos ficam em seu Espaço Pessoal, embora estejam discutindo generalidades que eles reputam ao Espaço Social. Assim, dão um passo para trás até que fiquem numa distância confortável. Daí, o latino-americano fica incomodado — os norte-americanos estão em seu Espaço Público, e fora de alcance. Assim, eles dão um passo mais perto até que os norte-americanos fiquem no Espaço Social. Novamente, aqueles ficam incomodados e dão um passo para trás. Outra vez os latinos se sentem distantes e dão um passo para frente. Nenhum deles está ciente de que suas culturas utilizam o espaço de maneira diferente. Os norte-americanos acabam por achar que os latino-americanos são invasivos. Estes, por sua vez, acham que os norte-americanos são frios e distantes. Fornecendo essa estrutura teórica na qual as duas culturas

podem ser comparadas, Hall nos ajuda a entender as diferenças entre elas, para que possamos nos movimentar de uma para outra com maior conforto.

Os entendimentos êmico e ético de uma cultura se autocomplementam. O primeiro é necessário para entendermos como as pessoas vêem o mundo e por que respondem a ele como o fazem. O último é necessário para compararmos uma cultura com outras culturas e avaliarmos o entendimento do mundo diante da realidade.

Em missões, as duas abordagens são importantes para nós. Precisamos entender as pessoas e como elas pensam a fim de traduzirmos o evangelho conforme seus padrões de entendimento. Também precisamos compreender as *Escrituras* dentro do seu contexto cultural para que possamos traduzi-las para a cultura local sem perder sua mensagem divina. Com esse senso, tanto o missionário como a mensagem se tornam “identificados”. Eles devem se tornar membros de uma cultura para apresentarem o evangelho de maneira que as pessoas possam entendê-lo. Ao mesmo tempo, continuarão como estranhos — os missionários como membros de outras culturas e o evangelho como a revelação de Deus.

Etnocentrismo

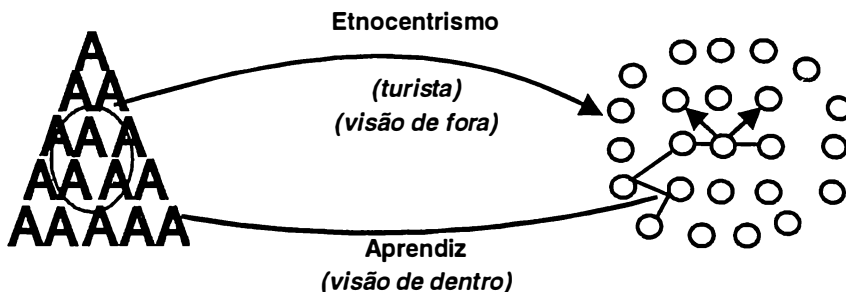
No nível cognitivo, a confusão transcultural gera mal-entendidos, mas no nível afetivo gera o “etnocentrismo”, a reação emocional normal que as pessoas têm quando se confrontam com outras culturas pela primeira vez. Elas têm a sensação de que sua cultura é civilizada e que as outras são primitivas e atrasadas. Essa reação tem que ver com atitudes, não com entendimentos.

A raiz do etnocentrismo é a nossa tendência humana de reagir à maneira das outras pessoas utilizando nossos próprios pressupostos afetivos e reforçar essas respostas com profundos sentimentos de aprovação ou desaprovação. Quando somos confrontados por outra cultura, a nossa é colocada em questionamento. Nossa defesa é evitar a questão concluindo que somos melhores e que as outras pessoas são menos civilizadas (Figura 14).

Mas o etnocentrismo é uma rua de duas mãos. Achamos que as pessoas de outras culturas são primitivas e elas nos julgam incivilizados. Isto pode ser observado melhor por meio de uma ilustração. Alguns norte-americanos estavam recepcionando um visitante indiano acadêmico em um restaurante, quando um deles, que nunca havia estado fora, fez a pergunta inevitável: “Na Índia, vocês realmente comem com os dedos?”. Em sua pergunta estava implícita uma atitude cultural de que comer com os dedos é grosseiro e sujo. Os norte-americanos podem usar os dedos para comer cenoura, batata frita e sanduíches, mas nunca purê de batatas com molho ou bistecas. O estudante indiano respondeu: “Você sabe, na Índia vemos as coisas de maneira diferente. Eu sempre lavo minhas mãos com cuidado antes de comer e só uso minha mão direita. Além disso, meus dedos nunca foram levados até a boca de ninguém.

FIGURA 14

O Etnocentrismo é o Sentimento de Superioridade Cultural



Lembre-se: As pessoas amam suas culturas. Precisamos aprender a gostar de outra cultura e aprender a não reclamar das áreas que não gostamos.

De Paul G. Hiebert, Anthropological tools for missionaries (Cingapura: Haggai Institute, 1983), p.13.

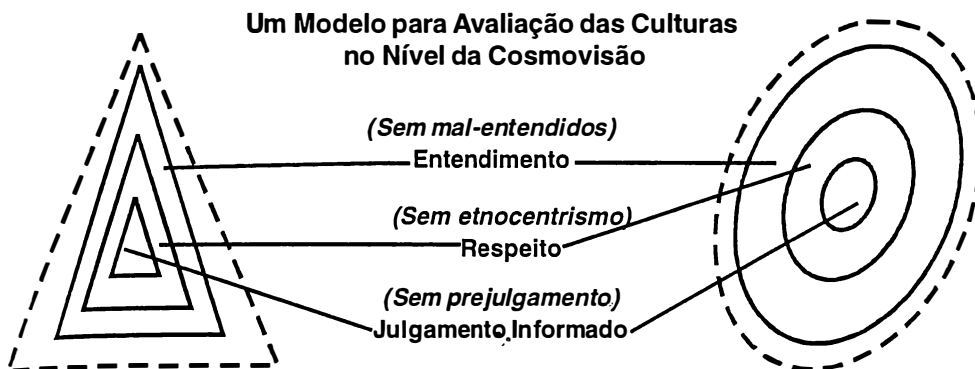
Quando olho um garfo ou uma colher, fico sempre pensando que muitas outras pessoas estranhas já os colocaram na boca!”.

O etnocentrismo ocorre onde quer que sejam encontradas diferenças culturais. Os americanos ficam chocados quando vêem os pobres de outras culturas morando nas ruas. Naquelas sociedades, as pessoas ficam surpresas de saber que entregamos nossos doentes e idosos e o corpo daqueles que morreram para estranhos cuidarem.

O etnocentrismo também pode ser encontrado dentro de uma sociedade. Pais e filhos podem criticar um ao outro porque as estruturas culturais na qual foram criados são diferentes. As pessoas de um grupo étnico se consideram melhores que as de um outro grupo; as pessoas da cidade vêem com desprezo seus primos do interior; pessoas de classes sociais mais altas criticam as mais pobres.

A solução para o etnocentrismo é a empatia. Precisamos ter consideração com as outras culturas e suas maneiras. Mas nossos sentimentos de superioridade e nossas atitudes negativas em relação a costumes estranhos vão mais fundo e não são facilmente eliminados. Um jeito de superar o etnocentrismo é sermos aprendizes na cultura para a qual vamos, porque o nosso egocentrismo geralmente está enraizado na nossa ignorância sobre os outros. Outro modo é lidar com questões filosóficas surgidas pelo pluralismo cultural. Se não as examinarmos, ficaremos inconscientemente ameaçados de aceitar a outra cultura porque, ao fazê-lo, colocamos em questionamento nossa crença implícita de que

FIGURA 15

Avaliando Outras Culturas

Lembre-se: Não devemos julgar outra cultura pelos valores da nossa própria cultura. Em vez disso, precisamos julgá-la por 1) uma escala de avaliação bicultural que seja desvinculada das duas, e pelas 2) *Escrituras* e a revelação de Deus.

De Paul G. Hiebert, *Anthropological tools for missionaries* (Cingapura: Haggai Institute, 1983), p. 13.

a nossa própria cultura está certa e as outras erradas. Uma terceira maneira de superar o etnocentrismo é evitar criar estereótipos das pessoas de outras culturas, em vez de enxergá-las como seres humanos como nós. O reconhecimento de nossa humanidade comum une as diferenças que nos dividem. Finalmente, precisamos nos lembrar de que as pessoas amam suas próprias culturas e se desejarmos alcançá-las devemos fazê-lo dentro do contexto das suas culturas.

Julgamentos Prematuros

Temos mal-entendidos no nível cognitivo e etnocentrismo no nível afetivo, mas o que pode acontecer de errado no nível avaliador? A resposta está nos julgamentos prematuros (veja Figura 15). Quando nos relacionamos com outras culturas, temos a tendência de julgá-las antes de termos aprendido a entendê-las ou respeitá-las. Ao fazê-lo, utilizamos os valores da nossa própria cultura, não de alguma estrutura metacultural. Conseqüentemente, as outras culturas parecem menos civilizadas.

O Missionário Viável: Aprendiz, Permutador, Contador de Histórias**Donald N. Larson**

Segundo minha visão, há três papéis que o missionário pode desenvolver a fim de se tornar viável aos olhos dos não cristãos locais: aprendiz, permutador e contador de histórias. Eu me tornaria primeiro um aprendiz. Após três meses, adicionaria outro: permutador. Depois de mais três meses, adicionaria um terceiro: contador de histórias. Depois de mais três meses, enquanto continuo a ser aprendiz, permutador e contador de histórias, começaria a desenvolver outros papéis específicos na descrição de minhas tarefas.

Permita-me ser claro. O missionário, em sua posição como um estranho à cultura, deve encontrar uma maneira de se mover em direção ao centro, se deseja influenciar as pessoas. Alguns papéis o ajudarão a fazer essa mudança. Outros não. Sua primeira tarefa é identificar aqueles que são mais apropriados e eficazes. Em seguida, ele pode começar a desenvolver maneiras e meios de comunicar sua experiência cristã por intermédio desses papéis em que encontrou aceitação.

Aprendiz

Mais especificamente, como aprendiz, minha ênfase maior é sobre a língua, o primeiro símbolo de identificação em minha comunidade anfitriã. Quando tento aprendê-la, as pessoas sabem que não estou brincando — que elas são valiosas para alguma coisa porque faço um esforço para me comunicar em seus termos. Aprendo um pouco cada dia e coloco em uso o que sei. Falo com uma pessoa nova todo dia. Digo alguma coisa nova cada momento. Gradualmente, chego ao ponto onde entendo e sou em parte modestamente compreendido. Posso aprender muito em três meses.

Gasto minhas manhãs com um instrutor de línguas (num programa-estruturado ou em um que estruturei por minha conta) já tendo escolhido os tipos de assuntos que preciso para falar com as pessoas durante a tarde. Mostro-lhe como me conduzir nesses assuntos e então gasto uma boa parte da manhã praticando. À tarde vou para lugares públicos e faço os contatos naturais com os residentes locais, conversando com eles o melhor que posso, partindo de minha limitada proficiência. Inicio uma conversa após outra, cada uma delas transparecendo tanto verbal como não-verbalmente que “sou um aprendiz, por favor fale comigo e me ajude”. Com cada parceiro de conversa adquiro um pouco mais de prática e um pouco mais de proficiência desde o primeiro dia.

No final dos meus primeiros três meses relacionei-me com dezenas de pessoas em potencial e alcancei o ponto onde posso fazer afirmações simples naquela língua, perguntar e responder a perguntas simples, me localizar, saber o significado de novas palavras em situações de apuro e, o mais importante, experimentar sentir-me “em casa” na comunidade que adotei. Não posso aprender a “língua toda” em três meses, mas *posso* aprender a iniciar conversas, controlá-las de uma maneira limitada e aprender um pouco mais sobre a língua com cada um que encontro.

Permutador

Quando o meu quarto mês começa, adiciono um papel — o de permutador, trocando experiências e idéias com pessoas de minha comunidade adotada — vendo-nos mais claramente como parte da humanidade, não só como membros de diferentes comunidades ou nações. Preparo-me para esse papel quando possível, através de períodos de residência em muitos outros lugares ou vicariamente através do trabalho do curso de antropologia e campos correlatos. Também me equipo com um conjunto de fotos 8 x 10 ilustrando uma grande variedade de situações pelas quais passa o ser humano.

Durante o segundo grupo de três meses gasto manhãs com meu instrutor de línguas aprendendo a falar sobre as fotos de minha coleção. Assim, ganho proficiência na língua desenvolvida no primeiro mês. Pratico minha descrição dessas fotos e me preparo o melhor que posso para responder sobre elas. Então, à tarde, visito informalmente a comunidade, utilizando as fotos como parte de minha demonstração de “mostre e conte”. Falo o máximo que posso sobre a maneira como os outros vivem, como constroem suas casas, o que fazem para se divertir, como sofrem e como lutam pela sobrevivência e sustento.

No final dessa segunda fase, me estabeleço não somente como um aprendiz, mas como alguém que está interessado em outras pessoas e que procura trocar um pouco de informação com elas. Minha proficiência na língua ainda está em desenvolvimento. Encontro muitas pessoas. Dependendo do tamanho e da complexidade da comunidade, estabeleço-me como uma figura bem-conhecida nessa ocasião. Torno-me uma ponte entre as pessoas da comunidade local e um mundo maior — pelo menos simbolicamente.

Contador de Histórias

Quando começo meu sétimo mês, troco a ênfase novamente para um papel novo. Agora me torno um contador de histórias. Gasto manhãs com meu instrutor de línguas. Agora é para aprender a contar uma história simples para as pessoas com quem me encontro e a responder suas perguntas o melhor que puder. As histórias que conto se baseiam nas viagens do povo de Israel, na vinda de Cristo, na formação do novo povo de Deus, no movimento da igreja em todo o mundo, e principalmente nessa comunidade, e finalmente na minha própria história sobre o meu encontro com Cristo e na minha caminhada como cristão. Durante as manhãs, desenvolvo essas histórias e as pratico intensivamente. Então, à tarde, vou para a comunidade como tenho feito por meses. Agora, porém, encontro-me com as pessoas como contador de histórias. Ainda sou um aprendiz da língua e permutador, mas acrescentei o papel do narrador de histórias. Compartilho o máximo de histórias com o maior número de pessoas que posso a cada dia.

Ao final dessa terceira fase, fiz aquisições e amigos. Tive incontáveis experiências que nunca esquecerei. Deixei impressões positivas como aprendiz, permutador e contador de histórias. Estou pronto para outros papéis, um após outro.

Relativismo cultural. Os julgamentos prematuros geralmente são errados. Além do mais, eles fecham a porta para o entendimento e a comunicação futuros. Qual então é a resposta?

À medida que os antropólogos aprenderam a entender e a valorizar outras culturas, passaram a respeitar sua integridade como modo viável de organização da vida humana. Algumas se despontaram em áreas como a tecnologia. Outras, na dos vínculos familiares. Mas todos “fazem o trabalho”, ou seja, todos tornam a vida possível e mais ou menos significativa. Desse reconhecimento da integridade de todas as culturas emergiu o conceito do relativismo cultural: a crença de que todas as culturas são igualmente boas — que nenhuma cultura tem o direito de julgar as outras.

A posição do relativismo cultural é muito atraente. Ele mostra alto respeito por outras pessoas e suas culturas e evita erros de etnocentrismo e julgamento prematuro. Também lida com questões filosóficas difíceis como a verdade e a moralidade, contendo o julgamento e confirmando o certo em cada cultura com o objetivo de justificar suas próprias respostas. No entanto, o preço que pagamos ao adotar o relativismo cultural total é a perda de coisas como a verdade e a justiça. Se todas as explicações da realidade são igualmente válidas, não podemos mais falar de erro, e se todo comportamento é justificado segundo seu contexto cultural, não podemos mais falar de pecado. Não há, então, a necessidade do evangelho e nenhuma razão para missões.

Que outra alternativa nós temos? Como podemos evitar os erros de julgamento prematuro e etnocêntricos e ainda afirmar a verdade e a justiça?

Além do relativismo. Cresce a consciência de que nenhum pensamento humano está livre de julgamento de valor. Os cientistas esperam um do outro que sejam honestos e abertos ao relatar suas descobertas e cuidados quanto aos de suas pesquisas. Os cientistas sociais devem respeitar o direito de seus clientes e as pessoas que estão sendo estudadas. Executivos, funcionários do governo e outras pessoas possuem valores pelos quais vivem. Não podemos evitar fazer julgamentos, nem tampouco que uma sociedade exista sem a outra.

A partir de que bases, então, podemos julgar outras culturas sem ser etnocêntricos? Como indivíduos, temos o direito de fazer julgamentos com respeito a nós mesmos e isso inclui julgar outras culturas. Mas esses julgamentos devem ser bem informados. Precisamos entender e respeitar outras culturas *antes* de julgá-las. Nossa tendência é fazer julgamentos prematuros com base na ignorância e no etnocentrismo.

Como cristãos, buscamos outra base de avaliação, chamada de norma bíblica. Como revelação divina, ela põe em julgamento todas as culturas, confirmando o que é bom e condenando o que é mau nas ações do homem. Para ficarem seguros, os não-cristãos podem rejeitar essas normas bíblicas e utilizar as suas. Nós só podemos apresentar o evangelho em espírito de amor misericordioso e deixá-lo falar por si mesmo. No final, a verdade não depende do

que pensamos ou dizemos, mas da realidade em si. Quando damos testemunho da verdade, não buscamos nossa superioridade, mas afirmamos a verdade do evangelho.

Então, que nos livra de interpretar as *Escrituras* segundo o nosso ponto de vista cultural e impor muitas de nossas próprias normas culturais sobre as pessoas? Em primeiro lugar, precisamos reconhecer que somos tendenciosos quando interpretamos as *Escrituras* e, depois, ficar abertos à correção. Também precisamos deixar o evangelho atuar na vida dos novos cristãos e, através deles, na cultura a que pertencem, reconhecendo que o mesmo Espírito Santo que nos conduz está trabalhando neles e os levando à verdade.

Em segundo lugar, precisamos estudar tanto os valores da cultura a que ministramos como os da nossa própria cultura. Por esse procedimento, podemos desenvolver uma estrutura metacultural que nos permite comparar e avaliar as duas. O processo de buscar e entender genuinamente outro sistema de valores caminha juntamente com a ruptura da perspectiva monocultural. Permite que apreciemos o que é bom nos outros sistemas e sejamos mais críticos em relação ao nosso.

Uma vez que mesmo na formulação de um sistema metacultural de valores nossas próprias tendências culturais entram em ação, precisamos nos envolver com líderes cristãos de outras culturas. Eles podem detectar nossos pontos culturais falhos melhor que nós. Da mesma forma, vemos geralmente seus prejulgamentos culturais melhor que eles.

A hermenêutica crítica que implica um diálogo entre cristãos de diferentes culturas pode nos ajudar a desenvolver um entendimento mais livre da cultura sobre os padrões de moral de Deus revelados na *Bíblia*. Por um lado, nos mantém longe do legalismo de impor normas estrangeiras sobre uma sociedade sem levar em conta sua situação específica. Por outro lado, nos livra de uma ética situacional puramente relativista em sua natureza.

O interessante é que não podemos alcançar tal entendimento transcultural da *Bíblia* sem primeiro experimentar o rompimento de nossas perspectivas monoculturais sobre a verdade e a justiça. Quando verificamos pela primeira vez que outras culturas possuem normas diferentes, ficamos tentados a rejeitá-las sem examiná-las e a justificar a nossa como bíblica. Mas essa atitude só fecha a porta para lidarmos bíblicamente com os problemas de outra cultura. Além disso, faz que o evangelho pareça estrangeiro para outras culturas.

De certa maneira, para nos livrarmos de nossas tendências monoculturais, precisamos enfrentar o relativismo que advém ao constatar que nossos valores culturais não são absolutos. Começamos então a ver todas as culturas com maior consideração. Podemos, entretanto, desenvolver tal perspectiva evitando julgamentos prematuros e procurando entender e respeitar profundamente a outra cultura antes de avaliá-la. À medida que entramos em uma outra cultura, o controle que temos sobre nós se enfraquece. O interessante é

que quando nos tornamos biculturais ficamos mais sensibilizados com as outras culturas e mais críticos com a nossa.

Tendo experimentado o rompimento com os nossos próprios absolutos culturais e enfrentado o abismo do relativismo, podemos nos colocar além do monoculturalismo e do relativismo para uma aceitação das culturas e das normas transculturais das *Escrituras*. Uma perspectiva metacultural verdadeira também nos pode ajudar a ser mais bíblicos em nosso entendimento da realidade.

Avaliação nas três dimensões. Como seres humanos, julgamos as crenças para determinar se elas são verdadeiras ou falsas, os sentimentos para decidir gostos e preferências e os valores para diferenciar o certo do errado. Como missionários, temos de avaliar as outras culturas e a nossa própria em cada uma dessas dimensões.

No nível cognitivo, devemos lidar com percepções diferentes da realidade, incluindo idéias diversas sobre caça, agricultura, construção, procriação humana e saúde. Por exemplo, no sul da Índia, os aldeões acreditam que as doenças são causadas por deusas locais quando ficam iradas. Conseqüentemente, devem ser oferecidos sacrifícios a elas para que parem com a peste. Devemos entender as crenças das pessoas a fim de compreendermos seu comportamento, mas se quisermos extirpar a doença, podemos decidir que as teorias modernas sobre saúde são melhores. Por outro lado, depois de examinarmos seu conhecimento sobre caça esportiva, podemos concluir que ele é melhor que o nosso.

Precisamos avaliar não só a ciência popular das pessoas, mas suas crenças religiosas, porque elas afetam seu entendimento das *Escrituras*. Embora já tenham conceitos sobre Deus, ancestrais, pecado e salvação, eles podem ou não ser adequados para o entendimento do evangelho.

No nível afetivo, podemos achar que muitas coisas são uma questão de “gosto”. As pessoas de algumas culturas gostam de comida quente, de outras, doce ou salgada. Em uma cultura preferem roupas vermelhas, casa com telhados íngremes, comer com os dedos ou se divertirem com teatro. Em outra, escolhem roupas escuras, casa de telhado reto, comer com colheres e se divertir com canções de lamento. No entanto, mesmo nesse nível, as culturas que preferem a paz e o perdão podem ser melhores que aquelas que enfatizam o ódio e a vingança.

No nível avaliador, a maioria das normas de outras culturas são “boas”. Sempre é dado um alto valor a amar as crianças, cuidar dos idosos e a repartir com os necessitados. Por outro lado, pode haver normas conflitantes com os valores bíblicos tal como escravidão, decapitação, cremação das viúvas nas piras funerárias de seus maridos ou opressão do pobre.

Veremos que há muitas coisas válidas em toda cultura e que não devem ser apenas preservadas, mas estimuladas. Por exemplo, a maioria das culturas são

muito melhores que a nossa quanto às relações humanas e à preocupação social, e podemos aprender muito com elas. Muitas coisas também são “neutras” e não precisam ser mudadas. Na maioria dos lugares as casas de madeira servem tão bem como as de barro ou tijolos, e um vestido não é melhor que um sári ou um sarongue. Todavia, algumas coisas em todas as culturas são falsas e más. Uma vez que todas as pessoas são pecadoras, não devemos ficar surpresos se as estruturas sociais e culturais que criam sejam afetadas pelo pecado. São os nossos pecados corporativos e não só os pecados individuais que Deus procura mudar.

Vivendo em Dois Mundos

Quando nos tornamos pessoas biculturais, convivemos com dois mundos dentro de nós. Como podemos conciliá-los?

Rejeição

Uma solução para viver dois mundos é rejeitar um deles. Isso é mais fácil de ser feito rejeitando a cultura na qual estamos ministrando. É obvio que não podemos fazer isso abandonando a sociedade — afinal de contas viemos aqui para ser missionários. Mas podemos fazê-lo de maneira mais sutil. Podemos discriminar a cultura “primitiva” sem que, no caso, necessitemos levá-la tão a sério. Podemos reconstruir nossa própria cultura dentro de nossas casas e grupos de estrangeiros, criando ilhas de segurança em um mar de alienados. Essas duas abordagens fecham as portas para a comunicação do evangelho com significado para as pessoas. Por um lado, as pessoas logo sabem que realmente não as amamos. Por outro, o evangelho se veste com roupa estrangeira.

Uma segunda solução é rejeitar nossa própria cultura e “virarmos nativos”. De certa maneira, isso parece ideal. Não fomos chamados para nos identificar plenamente com as pessoas por causa do evangelho? Por muitas razões, essa abordagem geralmente falha. Primeiro, nossos motivos para rejeitar nossa primeira cultura podem estar errados. Podemos ter um profundo sentimento de culpa porque pertencemos a uma sociedade opulenta, ainda que saibamos que o evangelho nos chamou para um estilo de vida simples e para compartilhar com um mundo necessitado. No entanto, isso é um problema espiritual que devemos enfrentar dentro de nós mesmos antes de entrar no trabalho missionário. Não podemos fugir de nossa cultura simplesmente indo embora. Ou podemos ser culturalmente mal-ajustados em nossa própria sociedade, estranhos à nossa própria gente. Fugir para uma outra sociedade não resolve os problemas psicológicos que fazem surgir tal alienação.

Segundo, há um sentido no qual não importa quanto tentemos, nunca poderemos realmente “virar nativos”. Não nascemos como páginas em branco em que a nova cultura pode ser escrita. Nossas vidas já estão totalmente

marcadas com a escrita da nossa infância e juventude. Negar o início da nossa vida é suprimir muito de quem realmente somos. Com o tempo, esta supressão gera doenças, raiva e ódio e explosões mentais. A identificação com outra cultura não pode vir através da negação de alguma parte de nós mesmos.

Terceiro, por mais que tentemos, as pessoas sempre saberão que somos estrangeiros. William Reyburn (1978:746-760) descobriu isso. Depois de viver com os quíchuas — vestindo-se como eles, comendo como comiam, caminhando como caminhavam — eles ainda se referiam a ele como *patroncito*. Não importava o que fizesse para se identificar com eles, consideravam-no como um estranho. Finalmente, em desespero, ele perguntou por que faziam assim. Um líder se levantou e pôs seu braço sobre o ombro de Reyburn e sussurrou: “Nós te chamamos *patroncito* porque você não nasceu de mãe índia”.

Quarto, rejeitar nossa primeira cultura reduz nossa utilidade para a igreja como contato lá fora. Como membros da nova cultura, somos concorrentes nos recursos e posições de liderança. Mas como estranhos que se identificam com as pessoas locais, somos fonte de novas idéias e advogamos quem possa defender seu interesse no mundo como um todo.

Uma vez isoladas, as sociedades não podem mais viver de maneira autônoma. Elas estão atadas, gostem ou não, às teias econômicas e políticas que circundam o mundo. Tendo pouco conhecimento de como o mundo lá fora funciona, elas são sempre vítimas de exploração — expulsas de suas terras porque não têm títulos registrados com o governo, reduzidas ao campo de trabalho porque precisam de dinheiro para pagar taxas, e roubadas de suas culturas à medida que são absorvidas em cidades. Um papel duplo que o missionário pode desempenhar em tais situações é defender as pessoas e suas culturas contra as invasões externas e prepará-las para enfrentar o mundo moderno pelo qual inevitavelmente serão absorvidas.

Uma abordagem consubstanciada para missões nos chama a afirmar as duas culturas dentro de nós — e a construir uma ponte entre elas.

Compartimentação

Outra solução para o problema de viver em dois mundos é a compartimentação. Ao escolher essa opção, nos adaptamos em qualquer cultura que estivermos, mas separamos as diferentes culturas na nossa mente. Por exemplo, na África, agimos e pensamos como africanos. Nos Estados Unidos, agimos e pensamos como norte-americanos. E mantemos os dois mundos separados.

Todas as pessoas biculturais utilizam a compartimentação, e geralmente ela oferece a solução mais simples e imediata para viver em mundos culturais diferentes. Colin Turnbull (1968) descreve alguns líderes africanos modernos nascidos e criados em aldeias tribais que hoje vivem em casas modernas em suas cidades. Suas mulheres urbanas se vestem de acordo com a alta moda ocidental e enviam os filhos para escolas inglesas. Eles dirigem, bebem uísque e viajam pelo mundo em jatos, hospedando-se em hotéis internacionais. Mas

quando visitam seus parentes na aldeia, se vestem em *dashikis*, falam sua língua nativa, comem a comida da aldeia e, em alguns casos, possuem uma segunda e uma terceira esposa que criam os filhos da aldeia segundo os costumes tradicionais. Turnbull descreve um líder que vivia na cidade em uma casa de dois andares: o pavimento superior era moderno e o térreo era tribal!

Os missionários também compartimentam mundos culturais. Com frequência, nos movemos de uma cultura para outra, de um contexto para outro, dentro de uma cultura. Visitamos os líderes brâmanes na aldeia hindu de manhã, os pobres à tarde e os funcionários do governo no dia seguinte. Isso requer “mudança de direção” mental. Aprendemos a viver em muitos ambientes diferentes e a lidar com a tensão mental criada pela mudança de um para outro.

No entanto, se levada muito longe, a compartimentação pode ter sérias conseqüências. Primeiro, um missionário em particular pode ser acusado de hipocrisia e duplicidade. À medida que as pessoas em uma cultura não nos vêem no outro ambiente, este perigo é pequeno. Mas, essa barreira acaba caindo. Os nossos compatriotas lêem nossos relatórios e artigos que escrevemos para as nossas igrejas-mãe e nos vêem na companhia de visitantes estrangeiros e funcionários do governo. Se notarem uma mudança muito grande em nós, suspeitam que estamos num jogo duplo e nos identificando com eles não por causa do nosso amor por eles, mas para alcançar os nossos próprios objetivos.

Segundo, a compartimentação não lida com as tensões internas que enfrentamos quando vivemos em dois mundos. Não há apenas a tensão inevitável de mudar de um contexto para outro, há também o conflito mental de vivermos em duas culturas que possuem crenças, sentimentos e valores contraditórios. Por exemplo, no ocidente, somos criados para respeitar nossa individualidade, mas podemos servir em uma sociedade onde tudo — comida, roupas e ferramentas — pertence ao grupo e pode ser usado por todos. A constante mudança de uma cultura para outra pode gerar confusão e insegurança e, quando levada ao extremo, uma crise de identidade e esquizofrenia cultural.

A compartimentação é uma tática que todas as pessoas biculturais devem utilizar em certas áreas de suas vidas, mas isso não resolve os problemas mais profundos surgidos ao viver em duas ou mais culturas.

Integração

A longo prazo e em níveis mais profundos, precisamos trabalhar rumo a uma integração entre as duas culturas dentro de nós. Para fazê-lo, precisamos de uma estrutura metacultural bem desenvolvida que nos permita aceitar o que seja verdadeiro e bom em todas as culturas e criticar o que seja falso e mau em cada uma delas. Além de uma aceitação sadia da variação cultural, ela deve nos oferecer um entendimento claro de quem somos como pessoas biculturais.

Para os cristãos, essa perspectiva metacultural deve ser profundamente enraizada na verdade bíblica. A revelação de Deus deve oferecer os pressupostos que fundamentam nossas crenças, afeições e normas. E a história redentora de Deus deve-nos oferecer a saga maior dentro da qual entendemos toda a história humana.

Estabelecidos esses fundamentos, devemos lidar com questões surgidas pelas diferenças culturais quando se relacionam não somente com a tarefa de missões, mas também com a unidade da igreja. Num certo sentido, a igreja é uma instituição humana, multicultural; em outro, é um corpo espiritual. Cristo quebrou as barreiras que nos dividem para que possamos ser unidos apesar de nossas diferenças. Cristo é o relativizador de todas as culturas porque seu reino julga todas elas.

Níveis de Identificação

Cristo nos dá o modelo de Deus para o ministério. Em Cristo, Deus se tornou completamente homem para nos salvar, ainda que, assim fazendo, tenha permanecido completamente Deus (Fp 2.5-8). Nós também devemos nos identificar o máximo que pudermos com as pessoas, sem comprometer nossa identidade cristã.

Estilos de Vida

A princípio pensamos em “identificação” em relação ao estilo de vida. Naturalmente, precisamos aprender bem a língua, porque em nenhum aspecto nosso exotismo é mais óbvio do que quando falamos com nosso sotaque ocidental e sem fluência. Em geral, podemos também nos vestir como as pessoas, comer sua comida da maneira que fazem e experimentar sua cortesia. Podemos até mesmo aprender a viver de acordo com seus conceitos de tempo e espaço.

Muitos missionários acham mais difícil se ajustar ao transporte e à habitação local. Tendo em vista que os ocidentais acham mais difícil romper sua predileção por carros, as reuniões administrativas das missões são recheadas de discussões com respeito a automóveis. Argumentamos que eles nos tornam mais eficientes, que podemos pregar em mais encontros e trabalhar mais do que podemos fazer sem exaurir nossos corpos. Pode ser o caso. Mas devemos pesar esses argumentos pelo fato de que, em muitos países, a aquisição de um carro nos identifica com o governo, com a riqueza ou com os “estrangeiros”. Também devemos ser cuidadosos em não medir o nosso sucesso como missionários pelo número de vezes que pregamos ou pelos encontros de que participamos.

A habitação também apresenta problemas de identificação. Estamos habituados a certos tipos de casa e geralmente encontramos locais mal-arranjados para os nossos objetivos. Os banheiros são diferentes, a cozinha fica fora, a lavanderia é um conjunto de tinhas e a sala e o quarto são combinados. Ainda

mais difícil é a perda de privacidade. No ocidente, a casa de uma pessoa é um santuário particular onde ela pode-se refugiar quando as pressões do mundo lá fora forem muito grandes. Mas em muitas outras sociedades, as casas são abertas aos amigos e parentes que podem chegar sem avisar e ficar para uma ou duas refeições sem serem convidados. Além do mais, pode haver serviços rodeando a casa o tempo todo.

Também devemos perceber que há limites para a nossa capacidade de identificação com a outra cultura — limites determinados pelas diferenças entre as culturas, pela nossa personalidade e pelas pessoas locais. É mais fácil nos identificarmos intimamente com outra cultura por um tempo curto — um ano ou dois — do que por uma vida toda, particularmente se a família estiver envolvida. Para alguns, também é mais fácil a adaptação do que para aqueles menos flexíveis. Devemos nos identificar o máximo que pudermos com uma cultura, mas não à custa de nossa sanidade e nosso ministério. Devemos ter em mente que as pessoas nem sempre estão satisfeitas com tudo em sua cultura e podem estar procurando maneiras melhores de vida. O estilo de vida dos missionários deve refletir não só a cultura local, mas também as melhoras que ocorrem quando alcançam as pessoas.

Nenhuma área de identificação é mais difícil de lidar do que a de nossos filhos. Podemos optar por fazer sacrifícios. Mas podemos impô-los aos nossos filhos? É óbvio que devemos deixar nossos filhos brincar com as crianças locais, mas e com respeito a sua educação, namorados e até mesmo casamento? Veremos essas questões com mais detalhes no Capítulo 9. Agora parece ser suficiente lembrar que, uma vez que nossas crianças nunca pertencerão completamente à nossa cultura original, um dos maiores presentes que podemos lhes dar é a oportunidade de, no mínimo, conhecerem o mundo.

Papéis

Menos óbvia é a nossa necessidade de trabalhar com líderes locais e até mesmo sob seu comando, quando a ocasião exigir. Não importa quanto busquemos nos identificar com as pessoas, se estivermos numa posição social que nos coloca acima delas, haverá barreiras a nos separar. Com muita frequência, consideramos que um missionário está automaticamente incumbido das responsabilidades institucionais às quais se submete. O que o missionário disser tem maior peso do que o que os outros disserem.

Onde existirem igrejas, é importante que os missionários desejem servir juntamente com os líderes locais e acabem subordinando-se a eles. Por exemplo, as enfermeiras missionárias devem mostrar respeito quando trabalham com os médicos locais da mesma forma com que os missionários evangelistas também devem mostrar respeito quando estão sob a liderança de pastores locais.

Os problemas surgem em situações como estas: os líderes da igreja local podem não ter a visão de evangelização ou da implantação de igrejas, e os

médicos podem estar mais interessados em construir sua própria reputação do que no bem-estar de seus pacientes. Mas esses problemas são encontrados nas igrejas em toda parte do mundo. Em tais situações, precisamos — o máximo possível, mas sem comprometer nosso próprio chamado pessoal — trabalhar dentro das estruturas existentes para fazermos mudanças. Veremos esses problemas mais adiante, no Capítulo 10.

Atitudes

A principal identificação não ocorre só porque vivemos como as pessoas que nos recebem ou até mesmo porque nos tornamos parte de sua estrutura social. Começa com nossas atitudes em relação a elas. Podemos viver em sua casa, trabalhar sob sua autoridade e até mesmo casar nossos filhos com as filhas delas, mas se temos a sensação de distância e superioridade, eles logo perceberão. Por outro lado, se vivemos em casas estrangeiras e comemos comida estrangeira, mas verdadeiramente amamos as pessoas, elas também perceberão isso.

Um amor genuíno pelas pessoas nos levará a tratá-las com dignidade e respeito e a confiar a elas não somente nossos bens, mas também poder e posições de liderança. Isso evitará que as tratemos com condescendência, como “crianças”, ou com desdém, como “incivilizados”. Isso também nos dará um profundo desejo de compartilhar com elas as boas novas do evangelho que nos foi entregue.

A identificação no nível das atitudes é a base para todas as outras identificações. Estranhamente, quando realmente amamos as pessoas e as vemos como seres humanos como nós, as diferenças de estilo de vida e os papéis parecem menos importantes. Há uma ligação implícita que nos une a elas. Por outro lado, esse amor nos permite ir mais além na identificação com as pessoas em nossos papéis e estilo de vida do que poderíamos fazê-lo fora do nosso trabalho. Mas isso não é nada novo para o cristão. O apóstolo Paulo escreveu: “Ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (1Co 13.3).

Os Pressupostos Culturais dos Missionários Norte-americanos

COMO JÁ VIMOS, DOIS DOS MAIORES PROBLEMAS ENFRENTADOS PELOS MISSIONÁRIOS ao entrarem em novas culturas são os mal-entendidos e os julgamentos prematuros. Eles são particularmente danosos porque, geralmente, não estamos cientes deles. Como indivíduos, temos fortes convicções sobre a realidade. Raramente paramos para perguntar se os outros a enxergam como nós, uma vez que parece tão óbvio que as coisas sejam como nós as vemos.

Porém, as outras pessoas vêem o mundo de maneira diferente. Seus pressupostos tornam a realidade diferente da nossa. Conseqüentemente, sua visão de mundo, a maneira como o percebem é diferente.

Como, então, podemos descobrir os mal-entendidos e os julgamentos falsos que fazemos quando entramos em uma outra cultura? Obviamente devemos estudá-la para entendê-la da forma como a entendem os que dela fazem parte. Na verdade, esse deve ser o nosso empenho durante toda a vida.

Menos óbvia é a nossa necessidade de entender nossa própria cosmovisão. Afinal de contas, já não conhecemos nossa própria cultura e suas crenças? Como já vimos, a resposta para isso é não. Sabemos muito sobre a nossa cultura, mas desconhecemos os pressupostos profundos que temos sobre a natureza da realidade. Portanto, se quisermos descobrir os mal-entendidos e o etnocentrismo que surgem quando servimos em uma outra cultura também

devemos estudar nossa própria cosmovisão. Só então podemos construir pontes de entendimento e aceitação com as pessoas do local.

Estudando as Cosmovisões

Se as cosmovisões são fortemente implícitas, como então podemos estudá-las? Não há resposta fácil para essa questão, nem as nossas conclusões estão sempre certas. Quando estudamos a cultura de um povo, devemos inferir seus pressupostos básicos a partir de suas crenças e práticas. Precisamos considerar as semelhanças como um fio que interliga uma grande variedade de crenças e comportamentos culturais e que fazem sentido quando isoladas. Precisamos examinar a língua a fim de descobrir as categorias que as pessoas utilizam em seu pensamento. E precisamos estudar seus símbolos e rituais, tal como festas e cerimônias de nascimento, casamento e morte. Esses rituais, geralmente, revelam suas crenças mais profundas. Sempre enxergamos melhor os pressupostos básicos presentes em uma outra cultura do que os reconhecemos na nossa. Aprendemos nossa cultura básica desde crianças e seus pressupostos são tidos como certos. Outras culturas são estranhas para nós, por isso, olhamos para os seus fundamentos a fim de entendê-los. Semelhantemente, os estrangeiros sempre vêem os nossos pressupostos mais claramente que nós e precisamos ouvir o que eles têm a dizer sobre isso. Nossa reação inicial geralmente é rejeitar suas observações, considerando-as excessivamente críticas. No entanto, depois de refletirmos, geralmente, consideramos-las verdadeiras.

Também vemos nossa própria cultura com mais clareza ao retornarmos de um outro ambiente. Como vimos, entrar em outra cultura nos força a desenvolver uma certa medida de afastamento da nossa. Quando voltamos para casa, nós a vemos com novos olhos.

Há várias maneiras que podemos utilizar para estudar uma cosmovisão. A mais fácil, que utilizaremos aqui, é olhar para temas comuns presentes em uma cultura. Isso pode ser expresso de modos diferentes em diferentes áreas da vida. Por exemplo, depois de estudar a cultura norte-americana podemos concluir que seu povo deseja conforto e bens materiais. Isso se observa pelas casas que constroem, os carros que têm e as mercadorias de suas lojas. Isso também pode ser observado pelo fato de que avaliam o *status* uns dos outros pelos bens materiais que possuem ou mesmo porque acham difícil a adaptação às condições de vida em outras partes do mundo.

Os Norte-Americanos e as Outras Cosmovisões

Quais são então alguns temas da cosmovisão norte-americana e como se contrastam com os de outras partes do mundo? Para tornar o nosso estudo possível, devemos simplificar nossa análise. Há muitas culturas na América

do Norte, e os temas de sua cosmovisão diferem marcadamente. Na melhor das hipóteses, podemos sugerir alguns temas que caracterizam o principal setor da cultura norte-americana, particularmente a vida da classe média, tendo em mente que em qualquer caso haverá sempre grandes exceções.

Para entendê-los mais claramente por meio de comparação, vamos nos referir de vez em quando aos temas encontrados em outras partes do mundo. Obviamente tais comparações são generalizações grosseiras, mas podem-nos ajudar a começar a pensar sobre a nossa própria cosmovisão e suas diferenças das outras. Posteriormente, cada um de nós deve examinar em mais detalhes nossos próprios pressupostos individuais e o das pessoas entre as quais trabalhamos, se quisermos construir pontes de entendimento e respeito mútuos.

Um Mundo Real e Racional

Um pressuposto que a maioria dos norte-americanos possui é que vivemos em um mundo real, existente fora de nós. Vemos esse mundo como racional e ordenado e funcionando segundo leis naturais que podem ser descobertas e entendidas pela razão humana. A matéria obedece às leis da física e da química, e os animais reagem às leis da biologia, psicologia e sociologia. A importância das ciências em nossa sociedade é uma evidência dessa convicção.

Tendo em vista que o mundo é real, levamos a história muito a sério. Fazemos uma clara distinção entre os eventos reais e o mito, os fatos e a ficção, a realidade e os sonhos ou as ilusões.

Essa percepção da realidade tem suas raízes na crença judeu-cristã de que Deus criou um universo que existe fora, mas que depende dele. Ela se coloca em forte contraste com a cosmovisão do sul e sudoeste da Ásia, onde o mundo exterior é considerado uma ilusão, um sonho na mente divina. As pessoas existem somente como projeções de quem sonha. Para descobrirem a realidade, devem olhar dentro de si mesmas por meio da meditação e constatar que fazem parte de um espírito universal. É claro que em tal mundo as pessoas aprendem pouco sobre a verdade fundamental usando a ciência e o exame sistematizado do mundo externo.

É óbvio que o nosso apelo cristão à história, como prova do evangelho, faz muito pouco sentido para aqueles que vêem toda a história como uma mera invenção da imaginação. Para eles, os relatos bíblicos são mitos, não fatos registrados.

Dualismo cartesiano. Como sabemos, uma mudança básica ocorreu quando o evangelho foi traduzido na visão de mundo neoplatônica dos gregos. O dualismo bíblico, que diferencia Deus e a criação (o que inclui espíritos, homens e natureza), foi substituído por um dualismo entre espírito e matéria, alma e corpo. Esse dualismo grego dominou o pensamento ocidental desde o século XVII e gerou uma clara distinção entre ciência e religião.

A princípio, considerava-se a ciência como estando a serviço da fé cristã. No entanto, com o tempo, ganhou sua independência e passou a dominar o cenário moderno. Hoje, muitos ocidentais utilizam a ciência para explicar o mundo natural e limitam a religião aos milagres e visões, além de questões fundamentais como a criação e o destino espiritual.

Esse dualismo levou os missionários ocidentais a fazer distinção entre o “ministério espiritual”, tais como a evangelização e o trabalho pastoral, e o “evangelho social”, que lida com os problemas materiais desse mundo. Conseqüentemente, embora pregassem o evangelho, introduziram a ciência nas escolas e nos hospitais. O resultado, com frequência, foi a disseminação do secularismo à medida que as pessoas aceitavam a ciência que os missionários traziam, mas rejeitavam seus ensinamentos religiosos.

A maioria das culturas não faz distinção clara entre o natural e o sobrenatural. Para eles, o sobrenatural permeia o natural. Portanto, não deve ser surpresa para nós que os cristãos, nessas culturas, de alguma maneira entendam a mensagem bíblica melhor que nós, não separando as dimensões espirituais e humanas do evangelho.

Homens *versus* natureza. Como norte-americanos, traçamos uma linha divisória entre os homens e as outras formas de vida. Vemos os homens como um valor único.

Essa visão é parcialmente uma herança cristã. Surgiu da visão cristã de que o homem possui alma eterna. Tal visão se coloca em forte contraste com as de muitas culturas, em que os homens são vistos como um tipo de vida entre outros tantos. A natureza em si é considerada viva. Os animais e até mesmo os objetos inanimados possuem seus próprios espíritos e nenhuma linha divisória separa os homens das plantas, montanhas, rochas e rios.

Tendo em vista que a maioria dos norte-americanos pensa sobre os homens como singulares, eles se vêem responsáveis pelo mundo natural. Os homens devem dominá-lo e fazer com que os sirva. Edward Stewart (1972:62) comenta:

A terrível e às vezes despercebida tendência dos norte-americanos de controlar o mundo físico parece não combinar com um pressuposto dominante em qualquer outra grande sociedade. Ela é expressa melhor através do procedimento tomado pela engenharia diante do mundo tecnológico e pela sua extensão às esferas sociais como a “engenharia social e humana”. ... As leis naturais consideradas implícitas ao mundo físico parecem ficar protegidas porque produzem bens materiais e ainda ficam a serviço do homem.

Essa visão levou os norte-americanos a estudar o mundo e desenvolver a ciência e a tecnologia. Também gerou uma mentalidade combativa, na qual os homens devem “controlar o calor”, “combater as doenças” e “conquistar o espaço”.

O resultado foi uma exploração destrutiva da natureza, com pouca preocupação com o meio ambiente.

Outras sociedades elaboram pressupostos alternativos sobre a relação entre o homem e a natureza. Em grande parte do mundo oriental, o homem é considerado parte da natureza, e o mundo físico, por sua vez, oposto a ela. Por exemplo, em contraste com edifícios americanos construídos para dominar os espaços, as formas e linhas dos edifícios no Japão reforçam uma unidade entre ambiente natural e estruturas artesanais.

Os judeus, no Antigo Testamento, consideravam-se jardineiros da natureza. Para eles, a natureza era basicamente boa e gentil, e a lei de Deus destinava-se a “dominá-la”, não a agredi-la. Por sua vez, os homens deviam cuidar da natureza. Os cristãos ocidentais devem sua visão de uma natureza hostil mais aos gregos do que à *Bíblia*.

As pessoas de outras culturas se vêem não só como controladoras ou integradas ao mundo natural, mas como dominadas por ele. Por exemplo, os mestiços colombianos consideram a natureza perigosa e viva pela presença de espíritos.

Sol, lua e estrelas, vento e chuva, calor e frio, luz e sombra — crê-se que todos tenham poderes por vezes prejudiciais sobre o corpo e a mente. O ar fresco próximo ao rio, ou o calor refletido pelas rochas ou trilhas, são considerados perigosos, exatamente como a sombra de certas árvores ou a umidade da floresta. Os perigos são encontrados em toda a natureza e tentar entendê-los ou superá-los seria considerado tolice [Reichel-Dolmatoff 1961:440].

Portanto, a atitude das pessoas é de desamparo e descrença, restrita não só ao ambiente físico, mas também à vida social e política.

Materialismo e propriedade. Considerando o dualismo entre as realidades espirituais e materiais e a ênfase crescente, desde o século XVI, sobre o mundo material e a ciência, não é de surpreender que os norte-americanos tenham a tendência de julgar os homens pelo que eles próprios possuem. Eles medem a realização e o sucesso principalmente pela quantidade de bens materiais que uma pessoa tem. Além do mais, têm a tendência de comparar a felicidade mais pela riqueza material e bem-estar físico adquiridos do que com conquistas intelectuais ou espirituais. Condon e Yousef (1975:114) escrevem: “Para muitos americanos, a busca da felicidade significa a oportunidade de assegurar a propriedade e o conforto material”.

Essa ênfase sobre a aquisição de bens materiais na América do Norte pode ser observada nos negócios. Normalmente dá-se prioridade primeiro ao lucro e depois ao bem-estar dos trabalhadores. Há pouco lugar para os idosos, os incapazes e os menos ágeis. Em momentos de crise na empresa, os trabalhadores de

menor nível são dispensados muito antes que os salários dos administradores de alto escalão sejam cortados.

Fora de seu país, os norte-americanos tendem a julgar outras culturas pelo desenvolvimento tecnológico. Stewart (1972:61) observa que “guiados por sua expectativa das coisas materiais, os americanos no exterior quase que invariavelmente julgam a sociedade local pelos seus padrões de bens materiais definidos em grande parte por conforto físico e saúde”. Como missionários, comparamos nossa cultura com as culturas em que servimos: carro *versus* carro de boi e bicicleta, eletricidade *versus* lâmpada a óleo, fogão a gás e refrigeradores *versus* fogareiros e frutas secas, banheiro *versus* um improvisado no mato. E concluímos que somos mais civilizados.

Stewart (1972:64) declara que os americanos consideram quase um direito estar materialmente bem e fisicamente confortáveis. Têm a expectativa de transporte rápido e conveniente, comida limpa e saudável e casas confortáveis equipadas com diversos eletrodomésticos, certamente com aquecimento central e água quente.

O direito à propriedade privada. Essa ênfase nas coisas materiais está associada com uma profunda crença de que a propriedade pode ser privada. Compramos terras, casas, carros e outros bens imóveis e ninguém pode usá-los sem a nossa permissão. Podemos vendê-los sem precisar da aprovação de nossos parentes e vizinhos.

O conceito de propriedade privada coloca-se em contraste direto com muitas tribos do mundo, onde a terra, os barcos, as casas e até mesmo a comida pertencem a grupos maiores tais como a linhagem familiar, as associações ou a tribo como um todo. Os indivíduos podem usar, mas nunca vender a propriedade. Um exemplo disso é a recente decisão de uma tribo indígena americana de não vender suas terras. Os mais velhos disseram que seus ancestrais não se opunham, tampouco os vivos; mas as crianças ainda não nascidas se opunham, porque teriam muito que perder caso a terra fosse vendida.

Os missionários sempre entendem mal essa dependência na relação de propriedade. Eles tentam comprar terras e depois tentam vender as casas que constroem. Em muitas tribos, elas sempre pertencem ao grupo. Ou então, os missionários não permitem que as pessoas usem seus bens livremente ou retirem comida de sua despensa, e as pessoas os vêem como mesquinhos.

Progresso. De maneira geral, os norte-americanos acreditam no progresso. Buscam uma vida melhor e pensam nisso em termos muito materiais. Tendem a acreditar que os problemas básicos do mundo são tecnológicos e podem ser resolvidos com mais pesquisa científica e dinheiro. “Progresso” significa conforto físico, boa saúde, um alto padrão de vida para todos, e evitar a dificuldade e o perigo. Os norte-americanos consideram que há fontes suficientes no mundo para todas as pessoas terem esse padrão de vida.

George Foster (1965) constatou que as pessoas de sociedades agrícolas acreditam que os recursos básicos — terra, riqueza, saúde, amigos, poder, *status* e segurança — são limitados e pouco disponíveis. Não há o suficiente para todos. Conseqüentemente, as pessoas devem competir por eles. O resultado é a desconfiança e a certeza de que se alguém está passando à frente dos outros, estes necessariamente devem estar perdendo. As pessoas de tais sociedades não são estimuladas a trabalhar bastante para progredirem, e as que o fazem geralmente são boicotadas pelo grupo. Por sua vez, são estimuladas a manter seu lugar e se ajustar à sociedade como ela é, como já existe.

Abordagem Analítica

Os norte-americanos adoram analisar situações. Acreditam não só que o mundo seja real, mas que também é ordenado. Acreditamos que com um estudo cuidadoso podemos entender por que as coisas acontecem e remediar os erros cometidos.

A maneira básica de analisar as coisas é por meio da ciência. Nós a utilizamos para dividir o mundo em categorias nítidas e descobrir causas e conseqüências. Usamos esse conhecimento para controlar o mundo ao nosso redor. Quando surgem os problemas, acreditamos que eles podem ser resolvidos se tivermos tempo e dinheiro suficientes.

Esse modo de resolver problemas estende-se à maioria das áreas da vida ocidental. Quando acontece um acidente, queremos saber o que aconteceu de errado e quem é o culpado. Em casa, queremos saber quem deixou as luzes acesas ou a porta aberta, a fim de podermos determinar o castigo. Se as organizações humanas enfrentam dificuldades ou não alcançam seus objetivos, achamos que há um “problema” que podemos resolver. Tudo isso implica que o mundo é ordenado, que os homens podem entender essa ordem e que têm o poder de mudar as coisas.

As pessoas em muitas culturas vêem o mundo basicamente como incompreensível ou, se puder ser entendido, vêem-no como além do controle humano. Teríamos isso por “fatalismo” porque parece que as pessoas não se esforçam para mudar suas condições. Mas muitos crêem que é a maneira como as coisas realmente são. Outros vêem o mundo como se ele tivesse muitas causas e efeitos interligados. Conseqüentemente, o planejamento é difícil, e a culpa não pode ser atribuída a nenhuma causa, pessoa ou ação.

Pensamento Alternativo. Na análise das situações, os americanos tendem a classificar a realidade em categorias opostas, às quais geralmente são atribuídos valores morais. Arensberg e Niehoff (1964:214) afirmam:

Uma característica especial do pensamento ocidental ... é fazer julgamentos duplos baseados nos princípios. ... Uma situação ou ação é atribuída a uma categoria considerada superior, que oferece portanto uma justificativa

para o esforço positivo, ou a uma outra, considerada inferior, com justificativa para rejeição, repúdio ou qualquer ação negativa. Julgamentos entre dois opostos parecem ser uma regra no Ocidente e na vida norte-americana: moral—imoral, legal—ilegal, certo—errado, pecado—virtude, sucesso—fracasso, limpo—sujo, civilizado—primitivo, prático—complicado, introvertido—extrovertido, secular—religioso, cristão—pagão.

Por exemplo, muitos norte-americanos acreditam que os outros países devem-se posicionar ao lado dos Estados Unidos ou da Rússia. Não há abertura para países politicamente neutros que desejem seguir seus próprios caminhos e serem amigos de ambos.

Os americanos também fazem distinção clara entre trabalho e diversão. Trabalho é o que as pessoas fazem para viver e no trabalho devem obedecer ao chefe e se manter ocupadas. A diversão, por sua vez, é o momento para relaxamento e prazer, em que as pessoas podem fazer o que lhes agrada.

Nos Estados Unidos dá-se grande ênfase ao trabalho. Estar sem trabalho é ser um pária da sociedade. Isso é o que um antropólogo indiano constatou quando tentou estudar uma cidadezinha americana. Durante o tempo em que se sentou tentando conversar com os homens, ninguém falava com ele. Mas quando conseguiu um trabalho de meio período com um fazendeiro local, foi aceito por todos.

O trabalho, porém, não é tudo que há na vida americana. Também há a diversão, uma atividade que é nitidamente diferenciada do trabalho. Arensberg e Niehoff (1964:161-162) escrevem:

Para a maioria das pessoas criadas atualmente no ambiente americano rural, comercial ou industrial, o trabalho é o que elas fazem regularmente, com austeridade e objetividade (seja pelo dinheiro, seja para produzir um bom resultado, seja para fazer sucesso), gostando dele ou não. É uma necessidade. Talvez até ainda mais importante: uma tarefa, uma “coisa boa em si mesma, desde que se mantenham ocupadas”. Um homem é julgado por seu trabalho. Para os adultos, é algo sério, porque se espera que um homem “progrida” ou “dê uma contribuição” para a comunidade e para a humanidade.

A diversão é diferente. É alegria, um apêndice do trabalho, sem objetivo sério, exceto para tornar o trabalho mais eficiente. É uma categoria menor ... [logo] quando é hora de trabalhar, a diversão e os objetivos menos importantes devem ser colocados de lado.

O trabalho é coisa séria; a diversão é alegria. No trabalho somos máquinas; na diversão podemos ser muito pessoais.

Essa dicotomia entre trabalho e diversão é incompreensível para as sociedades em que o trabalho e a diversão são misturados no dia-a-dia. Nessas sociedades, construir uma casa nova ou fornecer peixe para uma escola pode ser motivo

para toda a comunidade trabalhar, dançar e cantar. E a plantação é uma atividade social caracterizada pela música e pela recepção de visitas.

Outra dicotomia norte-americana é a separação entre público e privado. Administramos negócios, política e religião em público. Em público, espera-se que nos adaptemos às normas da sociedade e nos comportemos o melhor possível. Por outro lado, nossa casa é nosso refúgio particular, onde podemos nos expressar como desejarmos. Até recentemente, só se permitia que homens competissem no domínio público. Às mulheres era destinado o domínio privado a fim de que os homens tivessem um local para se refazerem depois de um dia de trabalho.

Planejamento. Em um mundo ordenado racionalmente é possível planejar o futuro — estabelecer objetivos e alcançá-los, ver os problemas e evitá-los. Portanto, é importante fazer planejamentos.

Também acreditamos que as pessoas têm o poder de escolha. Temos o controle de nossa vida e podemos fazer qualquer coisa que realmente queiramos. Escolhe-se a carreira com senso de responsabilidade. Aqueles que obtêm sucesso são aplaudidos e aqueles que fracassam são censurados. Uma grande parte do tempo na vida dos americanos é gasta fazendo censuras.

Dada a nossa propensão ao planejamento, não deve ser surpresa para nós que, em geral, fiquemos frustrados quando vamos para sociedades em que as pessoas não fazem planejamentos. Mais frustrante ainda é o fato de que em muitas culturas as pessoas não só deixam de planejar, como também acham errado fazê-lo. Alguns antropólogos alegam que, além da tecnologia, os ocidentais hoje estão exportando para o mundo altas técnicas de administração baseadas no planejamento e na liderança organizacional.

Pragmatismo. Na vida, quando procuramos soluções para os problemas, geralmente examinamos várias possibilidades. Ao escolhermos uma solução, dentre as inúmeras, geralmente queremos saber qual delas é a melhor, não qual é verdadeira ou correta. **Em outras palavras, somos pragmáticos. Raramente paramos para perguntar se os objetivos que perseguimos são válidos. Queremos saber como ver as coisas realizadas e raramente examinamos os meios que utilizamos para ver se são “bons”. Pressupomos que devam ser assim se derem resultados.**

Na maior parte do mundo essa atitude é vista como ruim. As pessoas de outros países acham que ser uma boa pessoa e construir relacionamentos é mais importante do que ter um trabalho concluído e que utilizar métodos maus para alcançar objetivos bons é errado. Conseqüentemente, elas nos julgam com base no tipo de vida que vivemos e nos relacionamentos que travamos com o próximo. Podemos fazer um bom trabalho, mas se a nossa vida diária não refletir nossa mensagem, as pessoas rejeitarão o que dissermos. Com respeito à implantação de igrejas na Nova Guiné, G. F. Vicedom (1961:16-17) escreve:

Deus se aproxima das pessoas através de seus mensageiros. Deus é julgado pelo comportamento deles. Se os missionários forem bem-sucedidos em entrar na vida dos papuas, se se adaptarem ao modo de vida deles, aprenderem a língua e se tornarem sobretudo conselheiros, amigos e auxiliares, gradualmente terão estabelecida a confiança. Esta confiança é primeiramente transferida para Deus. Deus sempre é julgado à luz do que os missionários são.

Stewart (1972:36) diz que “a orientação através dos meios ou operacionalismo do americano, do ponto de vista dos não-ocidentais, geralmente parece sacrificar o fim para assegurar os meios”.

Uma Cosmovisão Mecanicista

Como americanos temos a tendência de pensar na natureza como se ela fosse uma máquina em que as ações das várias partes são determinadas por forças externas. Essa visão mecanicista da realidade emergiu durante o século XVI como parte das ciências físicas (Burt 1954). Na verdade, a primeira ciência foi a “mecânica”. Posteriormente, os cientistas sociais, vendo o sucesso das ciências naturais, adotaram os modelos mecanicistas de homens e de sociedades.

Segundo Peter Berger (1974), esse modo mecanicista de ver as coisas surgiu para dominar nosso pensamento e se reflete nas duas marcas da sociedade americana: a fábrica e a burocracia. Na primeira, tratamos a natureza como se ela fosse uma máquina e a moldamos para se ajustar aos nossos objetivos. Pensamos nela como um composto químico de átomos sem vida, controlado por forças impessoais. Na última, organizamos as pessoas como se fossem engrenagens de uma máquina. O tratamento burocrático tende a padronizar os papéis, tais como secretárias, mineiros, enfermeiros. Assim eles são substituíveis como parafusos em um carro. Não queremos que as pessoas tragam seus problemas pessoais para o trabalho porque assim teríamos de começar a tratá-las como seres humanos.

Em um mundo mecanicista, podemos controlar a natureza e os homens se soubermos as fórmulas certas. Podemos ficar responsáveis em nossas áreas específicas e perseguir nossos objetivos sem ter de constantemente negociá-los com os outros. No trabalho, as tarefas concluídas têm prioridade sobre o desenvolvimento de relacionamentos.

Essa visão mecanicista se coloca em nítido contraste com a maioria das outras visões de mundo, que tratam a natureza e os homens como seres vivos. Nesses mundos, a vida é cheia de negociações a partir das quais o indivíduo tem apenas um controle limitado. As relações precedem a finalização das tarefas. Não é de admirar então que as pessoas dessas culturas vejam os americanos como impessoais e rudes. Quando elas vêm visitar os missionários, eles estão tão ocupados que têm pouco tempo para a sociabilidade. De acordo

com as pessoas locais, esses missionários têm suas prioridades erradas. Eles deveriam deixar o trabalho e usar o tempo fazendo visitas. Afinal de contas, dizem eles, as relações pessoais não são mais importantes do que um trabalho pronto?

Produção e lucro. Eis os principais valores das fábricas e da burocracia, o critério pelo qual o sucesso dessas instituições é medido. Portanto, trabalhar e “fazer” são importantes. Devemos nos manter ocupados. Ficar ocioso é preguiça — um dos pecados capitais de nossa cultura. Na verdade, como Warner, Meeker e Eells (1960) dizem, medimos a posição de uma pessoa na sociedade principalmente pela ocupação e pela renda.

Na maior parte do mundo não-ocidental, *ser* e tornar-se têm prioridade sobre *fazer* (Kluckhohn e Strodtbeck 1961:15-17). A pessoa contemplativa é reverenciada. O intelectual, o místico ou o guru são altamente respeitados em vez dos heróis culturais norte-americanos que realizam grandes feitos — o atleta, o cantor de *rock* e o executivo de uma companhia. Quando os americanos vão para o exterior, essa diferença cria uma grande confusão, particularmente na área da liderança. Procuramos pessoas jovens e influentes, motivadas pela ação. No entanto, os orientais e sul-asiáticos ouvem a sabedoria dos líderes mais velhos, que gastam o tempo pensando.

Quantificação. Outra característica básica de uma cosmovisão mecanicista é a mensurabilidade. Sem medidas quantificadas é difícil avaliar a produção e o lucro. Stewart (1972:68) diz:

O sucesso e o fracasso são medidos estatisticamente, logo, são quantidade de trabalho, capacidade, inteligência e desempenho. A quantificação do mundo e a experiência são profundamente inerentes aos americanos. Só com muita dificuldade é que eles podem entender a reação dos outros a suas práticas. Além disso, para alguns estrangeiros, descrever o Monumento a Washington em termos estatísticos desvitaliza a experiência de vê-lo.

Juntamente com a quantificação está a ênfase na escala — quanto mais e maior, melhor. Atribui-se grandiosidade àqueles que podem acumular mais dinheiro, ganhar a maioria dos jogos ou lutar as maiores batalhas. Essa ênfase na grandeza parece imponente naquelas culturas que enfatizam a simplicidade e o equilíbrio e que medem a grandiosidade por qualidades que não podem ser medidas.

Mentalidade de linha de montagem. Um ingrediente importante da abordagem mecanicista da produção é a mentalidade de linha de montagem. Peter Berger (1974) observa que tanto o trabalho burocrático quanto o industrial são divididos em tarefas menores, que são organizadas sequencialmente

e são realizadas por pessoas diferentes. Fazendo isso, podemos padronizar o procedimento e obter os mesmos resultados sempre.

A divisão do trabalho em pequenas partes leva à especialização. Uma pessoa em uma fábrica coloca os pneus no automóvel e outra, o pára-choque. Um médico em um hospital cuida dos pés, outro, dos olhos ou do nariz e da garganta.

Essa fragmentação e especialização do trabalho é totalmente estranha para as sociedades em que o artesanato desempenha o papel principal. Nelas um trabalhador produz um objeto inteiro. Ele primeiro idealiza uma máscara ou uma canoa. Depois trabalha para transformar sua idéia em realidade. O que ele produz é uma parte de si mesmo. Ele é um artista.

Individualismo

Um dos temas mais fundamentais na cosmovisão dos Estados Unidos é que o bloco básico da sociedade é o indivíduo. Todo homem deve ser uma pessoa autônoma com sua identidade separada. Ele aprende isso desde a infância. Nos primeiros anos de vida somos ensinados a pensar e fazer escolhas por nós mesmos, considerando nossas qualidades pessoais e estimulando a defesa de nossos direitos. Edward Stewart (1972:32) escreve:

O egocentrismo da criança raramente é questionado. Está implícito aceitar que cada criança ou cada pessoa deva ser estimulada a decidir por si mesma, desenvolver suas próprias opiniões, resolver seus próprios problemas, ter suas próprias coisas e, em geral, aprender a ver o mundo de seu ponto de vista próprio.

Mesmo em nossos grupos, espera-se que cada um mantenha sua individualidade.

Intimamente relacionada ao individualismo está nossa crença de que cada pessoa tem o seu valor e que todas têm direito inalienável à vida, à liberdade e à busca da felicidade. A liberdade é um valor inquestionável.

Em muitas tribos e no Oriente, o bloco básico da sociedade não é o indivíduo, mas o grupo. As pessoas não se vêem como autônomas, mas como membros dos grupos aos quais pertencem. Os indivíduos não são altamente diferenciados do nexos social. No Japão, por exemplo, as pessoas adquirem sua identidade pelo grupo (cf. Nakamura 1964). Pelo fato de estarem inseridas em grupos diferentes, possuem “rostos” diferentes. Em tais situações, manter a “dignidade”, o “respeito”, a “honra” e relações harmoniosas é de grande importância. As qualidades humanas mais valiosas são aquelas que ajudam a preservar a fidelidade do grupo e a manter relações sociais apropriadas. Qualidades necessárias para alcançar certos objetivos individuais são secundárias. Isso é, claro, muito confuso para um americano, que pode indicar um curso

objetivo e prático de ação a fim de completar uma tarefa e vê-la rejeitada somente para manter o prestígio de alguém.

Busca de identidade. Uma coisa que as pessoas de fora sempre observam é que nós, norte-americanos, parecemos buscar uma identidade. Se somos pessoas autônomas, essa identidade está vinculada principalmente a quem somos como indivíduos. Conseqüentemente, há uma grande necessidade de realizar — de ser alguém. Em nossa sociedade, aqueles que não têm essa motivação não são recompensados.

Essa ênfase em nossa realização pessoal está intimamente ligada à nossa noção de competição entre indivíduos, por bens materiais, posição ou poder ou para nosso conceito de empresa livre. Em um mundo no qual se pensa que sempre há mais bens para obter, o ganho de uma pessoa necessariamente não significa a perda de outra. Conseqüentemente, a competição nem sempre é vista como destrutiva para aqueles que perdem. Acreditamos que todos podem ganhar se tiverem uma forte motivação de realizar e se esforçarem bastante.

A busca da identidade pessoal é muito estranha nas sociedades em que o ponto de referência básico é o grupo, não o indivíduo. Uma pessoa nasce em um grupo e por isso tem uma identidade dentro da sociedade. **Por exemplo, uma mulher sabe quem ela é porque pertence a uma família, linhagem e clã que possuem certa posição na tribo. Ela sabe que todas as decisões importantes com respeito a sua vida, tais como casamento, lugar de residência e trabalho, serão tomadas por seu grupo. Embora isso possa restringir sua liberdade pessoal, ela é ensinada que sua realização e seu crescimento pessoal devem sempre dar lugar aos melhores interesses de seu grupo. É claro que isso frustra os americanos e eles podem tentar fazê-la defender-se.**

Autoconfiança. O cerne da identidade de um americano é a autoconfiança. Francis Hsu, um antropólogo chinês, diz (1961:248) que os maiores temores dos americanos são: ficar dependentes dos outros e sem dinheiro. Quando o nosso carro se quebra ficamos constrangidos de solicitar ajuda dos amigos. Quando precisamos de dinheiro, preferimos fazer um empréstimo bancário a pedir a um irmão ou primo. Por outro lado, quando os outros nos pedem ajuda, levamos a sério justamente porque sabemos que o pedido não é feito de modo leviano. Mas nos ressentimos quando as pessoas constantemente pedem dinheiro emprestado, que cuidemos de uma criança ou que lhe demos carona. Esperamos que as pessoas cuidem de si mesmas.

A autoconfiança pertence a um grupo de valores norte-americanos: autonomia, auto-realização e crescimento pessoal. No entanto, mesmo nos Estados Unidos, obtemos muito de nossa identidade e auto-realização dentro do contexto das outras pessoas. Como podemos organizar grupos quando damos tanta ênfase aos indivíduos? A resposta está parcialmente nas associações de voluntários,

que se reúnem com base em objetivos comuns ou interesses compartilhados. Nesses grupos, a adesão não advém de direitos de nascimento ou poder, mas pela conformidade pessoal ao grupo. Portanto, não é de surpreender que, enquanto a maioria dos americanos reforçam seus direitos como pessoas autônomas, na prática escolham adaptar-se aos grupos dos quais fazem parte. Poucos de nós ousam ser diferentes. A excentricidade está reservada àqueles que têm um sentido claro de identidade e um lugar estabelecido na sociedade.

A autoconfiança necessariamente não é um valor positivo na maior parte do mundo. No Oriente e na América Latina, onde há fortes ligações com a família e os grupos imediatos, ela caracteriza um solitário — alguém que seja anti-social.

No sul da Ásia, as relações ideais são as de dependência. Uma relação como essa é a de patrão e empregado. O patrão, como um pai, é totalmente responsável pelo bem-estar de seus empregados. Ele não só os abastece com gêneros alimentícios básicos e uma pequena renda, mas também dá-lhes cobertas quando as velhas estão esfarrapadas, mais arroz na ocasião de uma festa, e pasto para seu rebanho, quando o suprimento acaba. Na verdade, os empregados podem pedir ao patrão o que acham que ele pode oferecer, mas isso não é considerado mendicância — não mais do que os cristãos pensam que estão mendigando quando pedem a ajuda de Deus.

Por sua vez, os empregados devem ser totalmente fiéis a seus patrões. Devem trabalhar para ele onde quer que haja trabalho para ser realizado e sem nenhum pagamento adicional. Devem votar nele e, se necessário, lutar por ele. Por outro lado, passam a ter garantia de trabalho porque não podem ser despedidos. Muitos herdaram de seus pais o direito de servir a um determinado patrão. Tanto o patrão como o empregado ganham no relacionamento. O padrinho ganha poder e prestígio dentro da sociedade e o afilhado ganha segurança.

Essa diferença de visão do que constitui um bom relacionamento gerou muita confusão entre os norte-americanos e os sul-asiáticos. Os americanos ficam assustados quando se vêem totalmente responsáveis por aqueles que trabalham para eles. Eles interpretam as reivindicações de seus trabalhadores como mendicância. Os sul-asiáticos, por sua vez, nos vêem como **frios e impessoais quando não queremos construir relacionamentos profundos e duradouros que implicam um total comprometimento de um com o outro. Os relacionamentos dos americanos são vistos como superficiais porque se limitam meramente ao coleguismo.**

Grupos contratuais. Numa sociedade que enfatiza o individualismo e a realização das coisas, as relações geralmente são pouco consistentes. Temos a tendência de participar de atividades de grupo como indivíduos separados, unidos em uma atividade comum, em vez de um corpo só, no qual direitos e interesses pessoais se subordinam aos do grupo. Stewart (1972:56) escreve:

[Os americanos] não se comprometem sinceramente com um grupo ou com organização. Eles perseguem seus próprios objetivos pessoais enquanto cooperam com os outros que, da mesma forma, perseguem seus objetivos. Aceitam os objetivos do grupo, mas se suas expectativas não forem preenchidas, eles se sentem livres para sair e se associar a outro qualquer.

Esse compromisso com nossos próprios interesses pode ser observado em nossa relação com nossos parentes e a comunidade local. Quando surge um trabalho melhor, ficamos prontos para deixar nossos familiares e amigos em favor do progresso e de melhores rendas. Os resultados são uma alta mobilidade e uma tendência de limitar as atividades em grupo a relacionamentos superficiais em associações de voluntários que podemos deixar quando bem quisermos. Nós nos associamos porque elas atendem às nossas necessidades e somos livres para sair quando não nos for mais conveniente. Como Francis Hsu (1963) afirma, a forma básica de organização social na América do Norte é o clube. Organizamos clubes para atender a quase todos os objetivos. Existem clubes de esporte, negócios, associação de moradores, grupos específicos de amigos, grupos de interesse comum, sociedades profissionais e forças de operações especiais, como a Sociedade Americana para o Câncer. Pensamos até mesmo nas nossas igrejas como associações de voluntários em vez de grupos com base em nosso parentesco e nascimento.

As relações são informais em muitas associações de voluntários, e as associações em si geralmente duram pouco. Outros grupos tais como escolas, hospitais e negócios se tornam instituições formais com papéis e propriedade claramente organizados e perduram com o passar do tempo. No entanto, mesmo nestes, as relações geralmente são superficiais e confinadas a áreas específicas da vida como trabalho, esporte e política, e os indivíduos têm o direito de deixá-los, se desejarem.

A ênfase no voluntariado parece estranha nas sociedades em que as relações mais fortes são herdadas e os laços mais fortes de alguém são com a família e a comunidade local. Estas são as bases para os grupos perdurarem: que atendam às necessidades essenciais da pessoa e, em troca, exijam dela maior fidelidade. Uma pessoa não se associa com estranhos porque podem ser inimigos, embora geralmente lhes seja permitido entrar na comunidade depois que tenham sido adotados por um dos grupos de parentes. Por exemplo, os missionários geralmente são considerados intrusos até se tornarem membros de uma tribo local.

Necessidade de aprovação. Os americanos dão um alto valor à aprovação pessoal e vêem isso como um sinal de sucesso nas relações sociais. Uma vez que nos preocupamos com a maneira que os outros se sentem em relação a nós, captamos uma aceitação ou uma rejeição em cada comentário ou gesto que fazemos. O cumprimento alegre, o sorriso pronto, o tapinha nas costas e

uma palavra de elogio, todos se tornam comportamentos que sinalizam normalidade. Sem tais expressões de amizade e popularidade, ficamos confusos e inseguros de nós mesmos porque nos foi negado um dos requisitos para a garantia pessoal por uma sociedade altamente individualista. O sucesso social é uma medida importante de realização. Stewart (1972:58) observa que “os americanos tendem a julgar seu sucesso pessoal e social pela popularidade — quase literalmente pelo número de pessoas que gostam deles”. Ser aprovado significa que somos merecedores de amor. Necessariamente não significa que, em contrapartida, precisemos gostar dos outros nem que nossas relações com eles resultem em amizades.

Essa necessidade de aceitação é forte, especialmente quando vamos para o exterior. Os americanos esperam que as pessoas comuns em todo mundo gostem deles e ficam profundamente feridos quando são rejeitados. Nós, por nossa vez, odiamos estar comprometidos com tarefas que não sejam “populares” mesmo que saibamos que precisam ser realizadas. Nossa necessidade de ser aprovados sempre frustra nossos colegas missionários europeus, que consideram a aprovação popular uma medida muito pobre de sucesso, e que fazer bem a tarefa é a própria recompensa.

A propriedade privada. Uma expressão particularmente importante do individualismo americano é a propriedade privada. Desde a infância, as crianças têm seus próprios brinquedos e quartos. São estimuladas a compartilhar o que possuem, mas o fato de possuírem essas coisas não é questionado. Posteriormente, a propriedade é estendida à maioria das coisas — terra, carros, árvores, canetas e livros. Há exceções. Peixes e pássaros são propriedades públicas até serem capturados. O ar e o oceano também podem ser utilizados por qualquer pessoa. A propriedade privada traz consigo o direito exclusivo de usar e dispor da propriedade. Um comprador se torna o proprietário absoluto de uma casa ou de um carro e pode destruí-los, se desejar.

O conceito americano de posse não é o mesmo que o de muitas culturas em que a posse é da tribo ou do grupo de parentesco. Por exemplo, a terra dos índios americanos pertencia aos clãs e linhagens. Um jovem filho que precisasse de terra pediria a seus anciãos e eles lhes dariam uma área que pudesse manter em quanto a cultivasse. Quando ele parasse, a terra retornaria para o grupo de parentesco. Quando os estrangeiros chegaram, como os primeiros colonos, lhes foi permitido utilizar a terra que ainda não havia sido usada. Os índios consideraram que os presentes que os recém-chegados lhes deram em troca eram lembranças normais de agradecimento pelo uso temporário da terra. Posteriormente, quando a tribo precisou da terra para a sua própria gente, pediram que os estrangeiros saíssem. Segundo eles, a terra indígena nunca poderia ser alienada de seus proprietários tribais porque pertencia não somente aos vivos mas também aos ancestrais e aos que viriam a nascer. Por outro lado, os colonos pensavam que haviam comprado a terra dando presentinhos e chamavam os

nativos de “índios tratantes” porque queriam de volta a terra que aparentemente haviam vendido.

Humanitarismo. Uma expressão da ênfase dos americanos no valor de todo indivíduo é o humanitarismo. Sempre respondem prontamente aos apelos de ajuda e dão-na liberalmente aos outros em ocasiões de catástrofes. O auxílio americano às vítimas da fome e de terremotos ou às crianças órfãs de guerra e às nações destruídas é bem conhecido.

A preocupação com o sofrimento humano é uma das melhores heranças de nossa cultura. Infelizmente, sempre também é altamente institucionalizada e impessoal. Em muitas partes do mundo, o humanitarismo significa hospitalidade, o que é altamente pessoal. Isso significa levar a vítima até sua casa e integrá-la à vida social. Como Mortimer Arias (1982) aponta, essa era uma das maneiras recomendadas pela qual os israelitas do Antigo Testamento foram estimulados a evangelizar seus vizinhos.

Devemos reconhecer que as pessoas de países mais pobres em geral não repartem com todos; elas não podem. No entanto, têm seus próprios padrões de partilha, que são seletivos e pessoais. Por exemplo, no Oriente Médio, o aleijado, o coxo e o cego vão para a mesquita ou para a porta da igreja, onde recebem esmolas. A reação americana normal geralmente é condenatória: “Quanta gente pobre! Esta comunidade deve ser muito cruel ou não toma conta dessas pessoas!” (Arensberg e Niehoff 1964:183).

Igualdade

O conceito americano de dignidade de cada indivíduo está intimamente ligado a um outro de seus pressupostos fundamentais chamado “igualdade de todos os seres humanos”. As relações interpessoais são tipicamente horizontais, conduzidas entre indivíduos autônomos considerados iguais.

Para nós, igualdade significa oportunidade igual, não o nivelamento automático de todos a um padrão de vida social e econômico comuns. Rejeitamos as formas socialistas de governo. Por outro lado, idealizamos uma democracia em que todos têm a palavra na tomada de uma decisão, mas a maioria jamais viola os direitos da minoria.

Dizer que a igualdade é um pressuposto fundamental nos Estados Unidos não significa que a sociedade sempre a coloque em prática. Nosso tratamento cultural em relação aos negros e às mulheres é a evidência disso. Mas isso significa que quando os negros e as mulheres buscam igualdade de oportunidades, poucos americanos argumentam publicamente que esses grupos são inferiores e que devem ficar contentes com posições inferiores.

A ênfase na igualdade parece absurda para a maioria das culturas do mundo, nas quais a hierarquia é vista como realidade e norma para todas as formas de vida. Como homens, somos superiores aos animais. Alguns tipos de animais são superiores a outros. Logo, alguns tipos de homens são melhores

que outros. Por exemplo, no sul da Ásia, as pessoas nascidas em castas diferentes são vistas como intrinsecamente diferentes e não possuem os mesmos direitos nem responsabilidades dentro de uma sociedade. Aqueles que nasceram abaixo são impuros por causa dos pecados de vidas anteriores. Só por meio do sofrimento e da aceitação de seu destino esses pecados serão apagados. Então, eles irão renascer como pessoas de casta superior ou como deuses. Conseqüentemente, dizer que todas as pessoas são nascidas iguais é dizer que os pecados não são punidos e que a justiça é destruída.

Informalidade. Devido à ênfase na igualdade, os americanos ficam incomodados com relações hierárquicas. Por conseguinte, mesmo dentro dela temos a tendência de estabelecer uma atmosfera informal de igualdade. Por exemplo, um chefe pode brincar com seus funcionários, ou um oficial comandante pode pedir a um subordinado algo pessoal ou oferecer uma xícara de café antes de iniciar uma conversa. No entanto, sob esse etos igualitário, superficial, geralmente reside uma hierarquia bem definida e não declarada, baseada em classe, riqueza, educação e/ou autoridade.

Essa informalidade, às vezes, é uma qualidade quando os americanos estão fora. Contudo, ela é muito mais mal-entendida, particularmente nas partes do mundo onde certas formalidades são enfatizadas. Arensberg e Niehoff (1964:180) dizem que;

Em alguns países, onde a hierarquia é importante, negar a um certo homem a deferência que lhe é devida é um insulto. A tendência americana de tentar transformar um estrangeiro em um garoto normal ou comum por meio de um procedimento informal, alegre e “brincalhão”, é perigosa. A informalidade da genuína gentileza, cortesia e vida sem ostentação deve ser mantida. Mas quando a informalidade significa depreciação ou diferenciação de uma pessoa cuja própria sociedade considera elevada, não é aconselhável. A “amabilidade” e o humor americanos são produtos muito especiais de uma cultura igualitária. É melhor que sejam mantidos em casa.

Até que estejamos completamente familiarizados com uma cultura e a maneira de pensar de sua gente, é melhor ser respeitoso e manter uma medida de reserva.

Competição e livre empresa. Os americanos dão um grande valor à competição; a questão de vencer é estimulada desde a infância. Na escola as crianças são ensinadas a competir por notas e a aprender que o louvor do herói advém do sucesso nos esportes. Parker Palmer (1977:9) diz que o sistema escolar americano se tornou um terreno de treinamento para a competitividade e a autoconfiança. E, “mais do que um terreno de treinamento, a educação em si se tornou uma arena competitiva onde os vencedores e os

perdedores são determinados até mesmo antes que a competição marcada tenha começado”.

Mais tarde na vida, os americanos competem por *status*, poder, fama e fortuna. Há pouco lugar para os perdedores, os fracos, os fracassados, os menos ágeis e os atrasados. A atitude que prevalece sempre é de que todos podem vencer se persistirem o suficiente.

Intimamente ligada à competição está a idéia da livre empresa. Todos têm de ter oportunidade igual de realização, e a competição garante que o melhor ganhe. Nisso está a noção de “jogo limpo”. Todos devem competir sob as mesmas regras. Nos esportes, há juízes que agem como deuses em miniatura e garantem que todos joguem corretamente. Na vida, há o governo do qual se espera justiça igual para todos.

Essa ênfase na competição e na realização pessoal é estranha para muitas sociedades tais como os índios hopi na América do Norte, os kikiui do Quênia e os thai, que são ensinados desde a infância a não competir nem lutar com os outros, especialmente aqueles de sua própria idade ou mais velhos. Por consequência, na escola eles se ajudam a terminar as tarefas e a não tentar ser o primeiro a completar as lições. Nem discordam dos professores, que são mais velhos. E nos esportes não gostam de fazer pontos porque não querem ganhar dos outros no grupo. Esse tipo de atitude é quase incompreensível para muitos americanos.

Direto e em confronto. Devido à nossa ênfase na conclusão de tarefas e na informalidade, temos a tendência de ser diretos mesmo que entremos em confronto em nossas relações. Quando enfrentamos um problema, queremos imediatamente ir à sua fonte. Como Stewart (1972:52) explica: “Isso significa enfrentar os fatos, colocar o problema em evidência, jogar as cartas na mesa e obter informações direto da fonte. Também se espera que se enfrente as pessoas diretamente para confrontá-las intencionalmente”. Há pouco tempo para a educação e a etiqueta ou para o desenvolvimento de relacionamentos.

De forma contrária, a cultura japonesa indiretamente dá um alto valor às boas maneiras e ao trabalho na realização dos objetivos de alguém. A habilidade nas relações sociais é apreciada. A agressividade ou o confronto aberto envergonha os amigos e é ridicularizado pelos outros. Ao contrário dos americanos, que querem apresentar as questões e tomar decisões em reunião de negócios, os japoneses preferem tomar decisões em negociações pessoais, atrás dos bastidores. As reuniões são utilizadas para confirmar decisões já tomadas e fazê-las conhecidas do público.

Outro contraste à idéia americana do confronto é encontrado em muitas sociedades, como na Tailândia, onde se utiliza uma terceira pessoa para alcançar o consenso. Um negócio importante geralmente é conduzido por meio de um emissário e não por negociação direta *tête à tête* dos principais envolvi-

dos. Isso inclui até mesmo decisões pessoais como escolher o cônjuge ou comprar uma casa.

Cooperação. Pode parecer contraditório, mas um pouco de reflexão mostra que a competição entre os americanos ocorre dentro do contexto da cooperação porque a competição requer uma quantidade considerável de coordenação entre os indivíduos e os grupos (Stewart 1972:56). Por exemplo, no futebol os jogadores devem competir como times, mesmo que a honra no final seja dada a certos indivíduos. Portanto, não deve nos surpreender que os americanos sejam conhecidos pela sua habilidade de trabalhar juntos, mesmo quando perseguem objetivos pessoais.

Essa capacidade de combinar competição e cooperação está no fato de que os americanos não se comprometem de todo com um grupo ou organização, mas cooperam até onde podem enxergar algum ganho pessoal em fazê-lo. Eles aceitam os objetivos de um grupo e obedecem às suas regras, mas se suas expectativas não forem preenchidas, sentem-se livres para sair e se unir a outro grupo.

A facilidade de cooperar com aqueles que veementemente discordam deles é bem-vinda quando os americanos saem do país, porque lhes permite agir como catalisadores que atraem os outros para trabalharem juntos. Também é mal-entendida. As pessoas de outras culturas geralmente nos consideram oportunistas, que queremos desistir de nossos princípios para ver um trabalho realizado.

Prioridade do Tempo sobre o Espaço

Os norte-americanos dão um alto valor ao tempo. Ele é escasso e deve ser economizado porque pode ser gasto e perdido. Acima de tudo, tempo é dinheiro, porque o trabalho e a renda estão ligados a ele. Os empregadores compram o tempo de seus trabalhadores. Eles determinam o trabalho, estabelecem objetivos e pagam o salário com base no tempo. As companhias aéreas estabelecem horários rígidos, e os passageiros reclamam se precisam esperar. As escolas e os escritórios organizam suas atividades pelo relógio. O tempo é um dos principais meios pelos quais são organizadas as atividades complexas da sociedade americana.

A ênfase no tempo é um tanto estranha para as pessoas de culturas não-industriais. Na maioria das sociedades rurais, o trabalho não está amarrado ao tempo, mas à tarefa imediata a ser realizada, às emergências sazonais, às variações na temperatura e na chuva, e aos ciclos cerimoniais. Os rituais, teatros e cultos religiosos começam quando as pessoas se reúnem e continuam até que a atividade se encerre. Os amigos e parentes se visitam sem olhar o relógio. Os americanos ficam em má situação em sociedades assim se tiverem a expectativa de que as pessoas apareçam para as reuniões "no horário" ou apareçam regularmente.

Tempo linear. Para os americanos, o tempo é linear. Tem um começo e um fim. Corre numa razão constante sem se repetir e, portanto, pode ser medido e planejado.

Com uma referência de tempo linear, duas questões são de vital importância: como as coisas começaram e como terminarão? Tais indagações desenvolveram em grande parte o pensamento ocidental, tanto religioso como secular. No cristianismo, temos a teologia da criação e a escatologia, que tratam do mundo, e os ensinamentos sobre a salvação e o destino eterno, que lidam com o indivíduo.

O tempo em muitas partes do mundo não é um artigo nem é linear. Na maior parte da África, por exemplo, ele é episódico e descontínuo. Não há um "relógio" absoluto nem escala de tempo única. Em vez disso, há muitos tipos de tempo: mítico, histórico, ritual, agrícola, sazonal, solar, lunar e assim por diante. Cada um destes tem duração e qualidade diferente. O cultivo da terra ocorre no tempo agrícola, mas nascimentos, casamentos, mortes e festas ocorrem no tempo ritualístico. De certo modo, os americanos utilizam o tempo dessa maneira quando falam de um calendário anual que começa em 11 de janeiro; um ano contábil, que começa em 11 de julho; e um ano escolar, que começa no outono. Mas na África, não há um sistema fundamental de tempo com o qual todos os outros se relacionam. Todos eles se relacionam um com o outro de maneiras complexas. Além do mais, em todo esse tempo, o foco está no acontecimento em questão, não no tempo em si.

Em algumas tribos o tempo é quase que um pêndulo, vai para a frente e para trás. As pessoas nessas culturas falam de voltar para trás no tempo ou de o tempo "parar".

No sul da Ásia o tempo é cíclico e linear. Logo, os homens nascem e renascem em uma série infundável de vidas, mas esses ciclos são parte da vida maior de um deus, que tem um começo e um fim.

Orientação para o futuro. O tempo linear aponta para um futuro e, para os americanos, é o futuro que é importante, não o passado. Isso nos leva a planejá-lo como se pudéssemos ter controle, olhando para a frente, para os bons momentos vindouros. Damos pouca ênfase aos nossos ancestrais e à manutenção de nossa família e das tradições nacionais. Os costumes antigos são rapidamente rejeitados em favor de alguma coisa nova. Lemas como "Hoje é o primeiro dia do resto de sua vida" e "Planeje o futuro" são nossos planos de vida. Essa noção de tempo está intimamente ligada à nossa fé no progresso e na ação.

No Ocidente, o tempo é visto como um produto que pode ser manipulado e controlado. J. C. Condon (1976:345) escreve que "os americanos da classe média são obcecados com a efemeridade do tempo. Conseqüentemente, procuram controlar sua passagem com inumeráveis planos. Fazendo isso, traduzem sua ação-orientação numa direção rumo ao futuro". Temos agendas e pla-

nejamos nossos horários geralmente com semanas ou meses de antecedência. Isso em geral é frustrante para as pessoas de outras culturas que param para ver umas às outras, sem compromissos. Nossas fábricas, companhias aéreas e escolas programam suas atividades em minutos, uma prática incompreensível para as pessoas criadas em culturas em que as atividades começam quando todos estiverem prontos.

O pensamento africano tradicional se concentra no passado, não no futuro. Como John Mbiti (1969:15-28) diz, há três divisões de tempo: (1) o passado mítico, um período longo, durante o qual os grandes acontecimentos tribais ocorreram; (2) o passado recente, um período relativamente curto, durante o qual aqueles ancestrais que ainda são lembrados viveram; e (3) o presente, que inclui o passado imediato e o futuro imediato. O importante são os grandes acontecimentos que ocorreram no passado e não os acontecimentos que podem ocorrer no futuro.

O pensamento chinês tradicional, por sua vez, dá maior ênfase ao presente, que inclui tanto o passado imediato como o futuro imediato. Stewart (1972:67) escreve:

Na verdade, o tempo não oferece aos chineses os mesmos meios racionais de explicação e predição que o conceito americano e ocidental salienta nas causas e nos efeitos materiais. Os chineses demonstram um enfoque muito maior na situação e buscam uma explicação para um acontecimento específico em termos de outros fatores que ocorrem ao mesmo tempo que o acontecimento em questão. Essa visão de tempo faz com que o chinês se integre com o ambiente em vez de dominá-lo, e o adapta a uma situação em vez de mudá-la.

Ênfase na juventude. Uma forte ênfase na juventude está intimamente relacionada à orientação para o futuro dos americanos. Isso pode ser observado nos anúncios comerciais e no entretenimento — o velho raramente é representado. No trabalho, os jovens são freqüentemente lembrados como mais ativos e produtivos e são mais promissores que os mais velhos, a despeito da experiência e senso de responsabilidade destes.

Há pouco interesse de envolver os idosos no curso principal da sociedade. Já que estão aposentados, considera-se que tenham pouco a contribuir. E quando não podem mais cuidar de si, geralmente são colocados em asilos, isolados de seus filhos e cuidados por outros que não são seus parentes.

No mundo inteiro, essa ênfase no jovem é a exceção, não a regra. Na maioria das sociedades, os idosos são vistos positivamente como sábios e experientes. São respeitados, sendo-lhes oferecidos os lugares de honra. São consultados nas decisões familiares e comunitárias, e a aposentadoria da vida pública não existe. Na verdade, a aposentadoria como nós concebemos agora, é um fenômeno do século XX, observado principalmente no Ocidente.

O tempo sobre o espaço. Um dos maiores mal-entendidos que os americanos têm sobre as sociedades tradicionais agrícolas e tribais é com respeito a suas idéias de terra e a sua relação com o tempo. Para nós, o tempo é mais importante que o espaço. A terra é um bem secular e pode ser comprada e vendida como qualquer outra coisa. O tempo, por sua vez, é precioso porque uma vez vivido, se vai.

A prioridade que os americanos dão ao tempo em detrimento do espaço é observada na ênfase que damos à história. Colocamos datas em cheques e aplicações financeiras. Acompanhamos as datas de nascimentos, aniversários e outros eventos importantes em nossa vida. Entretanto, para nós é difícil entender aquelas pessoas que consideram a terra e o espaço como mais importantes que o tempo.

Por outro lado, em muitas culturas a terra é sagrada e mais importante que o tempo. Ela une as pessoas a seus ancestrais, aos heróis culturais e aos deuses de uma forma que o tempo nunca poderia fazê-lo. Embora percebam que não podem voltar ao passado e viver os dias em que os grandes homens realizaram grandes feitos, elas podem ir aos *lugares* onde esses grandes feitos ocorreram. Por exemplo, aqui está a árvore plantada por nosso grande antepassado. Há o monte onde nossos fundadores venceram o inimigo e estabeleceram nossa tribo. Raja Rao (1967:vii) capta essa visão do espaço quando escreve:

Não há nenhuma aldeia na Índia que não tenha uma *sthalapurana* ou história legendaria rica sobre ela. Algum deus ou herói semelhante passou pela aldeia — Rama pode ter descansado sob esta figueira, Sita pode ter secado suas roupas sobre esta pedra amarela depois de tomar banho, ou Mahatma em uma de suas muitas peregrinações pelo país pode ter dormido nesta cabana, aquela baixa, perto do portão da aldeia. Dessa maneira, o passado se mistura com o presente, e os deuses se misturam com os homens.

Provavelmente, os cristãos norte-americanos chegam mais perto desse entendimento da realidade quando visitam a Palestina e vêem a terra que Deus deu a Abraão, caminham nas ruas da cidade que Davi construiu e sobem ao monte onde Jesus morreu. De alguma maneira, o espaço torna o passado real e significativo por unir o espaço de tempo que nos separa dos acontecimentos bíblicos. Daniel Kelly (1982) acredita que a insensibilidade dos missionários com respeito à cosmovisão que índios americanos têm da terra e de seus relacionamentos e nossa ênfase no tempo e na realização de coisas, sejam os maiores obstáculos em nosso ministério com os índios. Não entendemos a importância do espaço e dos ancestrais na vida das pessoas entre as quais ministramos.

Ênfase na Visão

Outro tema fundamental na mundividência americana é a nossa ênfase na visão e não no som, no tato, paladar ou no olfato. Isso se observa em nossa escolha por expressões como “cosmovisão”, “Veja bem” e “Vamos olhar para a situação”.

Essa ênfase ocidental no mundo visual tem suas raízes na filosofia grega. Walter Ong (1969:642) escreve:

As idéias de Platão impulsionaram o novo mundo, oposto ao velho, cujos ataques aos poetas foram condenados. O velho mundo [oral] transformou muitas das atividades do homem e da sua luta como o foco ou o eixo de toda a realidade. Onde o velho mundo era acolhedor é humano, as “idéias” e “formas” de Platão... eram frias e abstratas. O velho mundo era móvel [e] cheio de acontecimentos, [e sua] narrativa [oral] era um turbilhão de atividades emocionantes. Ao contrário disso, as novas idéias de Platão eram sem movimento, não-históricas; onde a velha visão mantinha todo o conhecimento num ambiente humano concreto, a nova traçava tudo para o abstrato, um outro mundo, totalmente objetivo, fixo, modelado numa figura imóvel visualizada em um campo imóvel.

A coroação dessa visão foram a alfabetização e a palavra impressa.

No entanto, a maioria das pessoas do mundo continua a viver em sociedades de tradição oral, em que suas principais experiências são acontecimentos passageiros e as memórias desses acontecimentos. Uma vez que suas idéias não se congelam na escrita, as lembranças são reinterpretadas com o passar do tempo. Há menos senso de uma realidade fixa, imutável e mais um sentimento de que o mundo é uma interação dinâmica entre as pessoas e outros seres.

O pensamento e a expressão nas culturas de tradição oral geralmente são altamente organizados, mas de maneiras não-familiares e geralmente não-congêneres ao pensamento alfabetizado. Essa organização se baseia em fórmulas, provérbios, adivinhações, mitos e outros conjuntos de expressões. Em geral, tratam de experiências humanas concretas e não de pensamento abstrato. Envolvem uma interação entre aquele que conta e o que ouve, em lugar de uma comunicação unidirecional.

Os missionários ocidentais precisam perceber quanto a alfabetização modelou nossa mente, produzindo padrões de raciocínio que parecem perfeitamente naturais para nós, mas que são estranhos para aqueles das sociedades não alfabetizadas.

Conhecimento abstrato. A escrita divorcia a mensagem do mensageiro. Lemos livros e testamos suas idéias nem tanto pela credibilidade do escritor, que geralmente não conhecemos, mas pelo mérito de suas idéias em si.

Nossa tendência, portanto, é construir sistemas abstratos de idéias que não estejam diretamente relacionados com as experiências da vida diária.

Os missionários geralmente são culpados por esse divórcio entre sistemas de idéias e a vida diária. Em nossos sermões e livros, apresentamos idéias abstratas e tentamos estabelecer precisamente as estruturas cognitivas de nossos ouvintes. Em nossas preleções, nos dedicamos mais a defender teologias corretas do que a aplicá-las aos problemas que os novos cristãos enfrentam em suas vidas.

Desenvolver sistemas abstratos de pensamento é uma tarefa importante na igreja, particularmente para seus líderes. De certa forma, eles são responsáveis por definir o significado do evangelho dentro de um determinado ambiente cultural e por defendê-lo dos ataques intelectuais de outros sistemas de crença. Mas não devemos esquecer que as pessoas em culturas de tradição oral pensam em termos de histórias, exemplos concretos e problemas humanos específicos. Elas falam do que viveram. Logo, quando Jesus utilizou parábolas para falar às multidões, ele estava utilizando métodos de pensamento e comunicação que elas entendiam prontamente. Ao lidar com as pessoas comuns nas sociedades de tradição oral também devemos enfatizar a mensagem pessoal e concreta do evangelho.

Por isso a comunicação pessoal é sempre ligada a uma pessoa. As pessoas ouvem um pregador em um local determinado e julgam a mensagem pela vida dele. Por essa razão, devemos ter cuidado para viver o que pregamos, ou não seremos ouvidos.

Armazenamento da informação através da escrita. Os americanos dão um grande valor à informação escrita e acreditam mais numa mensagem se ela estiver impressa. Uma vez que consideram a capacidade de ler e escrever como a mais alta forma de comunicação, investem pesadamente em escolas, livros, revistas e registros escritos. Ainda que inconscientemente, em geral eles vêem as pessoas iletradas como ignorantes e sem conhecimento.

Essa tendência à alfabetização é comum em missões, em que se dispensou um grande esforço com o objetivo de alfabetizar as pessoas e produzir *Bíblias* impressas, folhetos, cursos por correspondência e livros. Pouca atenção se dá às formas não-escritas tradicionais de comunicação, encontradas nas sociedades de tradição oral.

Grande parte do mundo depende da informação oral armazenada nas canções, nos provérbios, nas adivinhações, nas histórias, no teatro, na dança, rituais e nos discursos — e podemos utilizá-los para armazenar e comunicar o evangelho. As pessoas não têm de ser primeiro alfabetizadas antes de ouvir e entender sua mensagem. Embora a alfabetização desempenhe um papel importante no mundo moderno e se espalhará a muitas culturas de tradição oral contemporâneas, não temos de esperar que isso aconteça antes de levarmos às pessoas as boas novas.

Ênfase no conhecimento. Em virtude de um sistema eficiente de escrita para armazenar informação, não é de surpreender que os americanos dêem um alto valor ao conhecimento. Livros, enciclopédias, e agora os computadores, produzem grandes quantidades de informação disponível para as pessoas alfabetizadas. Na escola, a ênfase é dada na aquisição de conhecimento por si mesmo, e àqueles que o adquirem é atribuída uma alta posição. A própria ciência seria impossível sem a escrita.

Todavia, com frequência, este conhecimento fica divorciado da vida. Os professores universitários nem sempre vivem o melhor de suas vidas. Na igreja, a fé geralmente é definida em termos de conhecimento, não de discipulado. Para muitos de nós, o senhorio de Cristo geralmente significa dar consentimento mental e verbal a sua divindade no lugar de vivermos em obediência aos seus mandamentos.

As culturas de tradição oral, por sua vez, premiam a sabedoria — a capacidade de lidar com as questões diárias para o bem da sociedade e dos indivíduos envolvidos, a habilidade de tornar o conhecimento relevante para a vida. Por conseguinte, a sabedoria de um professor é testada pela sua vida.

Para nós, como missionários, é importante perceber que muitos líderes locais com quem trabalhamos podem parecer “ignorantes” ou sem grandes conhecimentos, mas na verdade são homens sábios para lidar com as situações da igreja. Eles sempre sabem como lidar eficientemente com as pessoas e como aplicar as *Escrituras* à vida diária.

Sistemática. A escrita nos permite organizar grandes quantidades de informação em sistemas coerentes de conhecimento de grande precisão, permitindo-nos retroceder às idéias e trabalhá-las novamente. Também alimenta o pensamento racional, divorciando idéias de sentimentos. Nenhuma página impressa tem o impacto emocional que uma apresentação oral pode ter.

Como missionários ocidentais, trazemos conosco esse modo de sistematizar e racionalizar nossas atividades. Nós nos empenhamos em planejar programas de desenvolvimento educacional lógico e de grande dimensão e estruturas institucionais bem definidas. Ficamos surpresos quando as pessoas se atrasam ou não cumprem seus compromissos. Em nossas escolas, ensinamos sistemas de conhecimento e em nossas igrejas ficamos preocupados com as teologias abstratas.

Precisamos entender que nas sociedades de tradição oral a vida é vivida pelo que a realidade é, como uma série de acontecimentos ricos, embora caóticos, geralmente desvinculados um do outro. A vida é uma série de interrupções. Um fazendeiro pode querer arar seu campo, mas deve esperar pela chuva. E quando ele começa, alguns parentes distantes podem chegar para uma visita de alguns dias. Ao mesmo tempo uma criança fica doente e precisa de atenção ou uma quadrilha rouba parte do gado. Considerando as expectati-

vas culturais sobre ele, não é de surpreender que encontre pouco lugar para o planejamento e para a pontualidade.

Os sistemas de pensamento são necessários, particularmente aos líderes que devem estabelecer os fundamentos de suas igrejas jovens e ajudá-las a enfrentar o mundo moderno que sempre as assedia. Mas mesmo assim devem ter em mente que a comunicação entre as pessoas comuns é mais eficaz quando ocorre por meio de experiências concretas de vida.

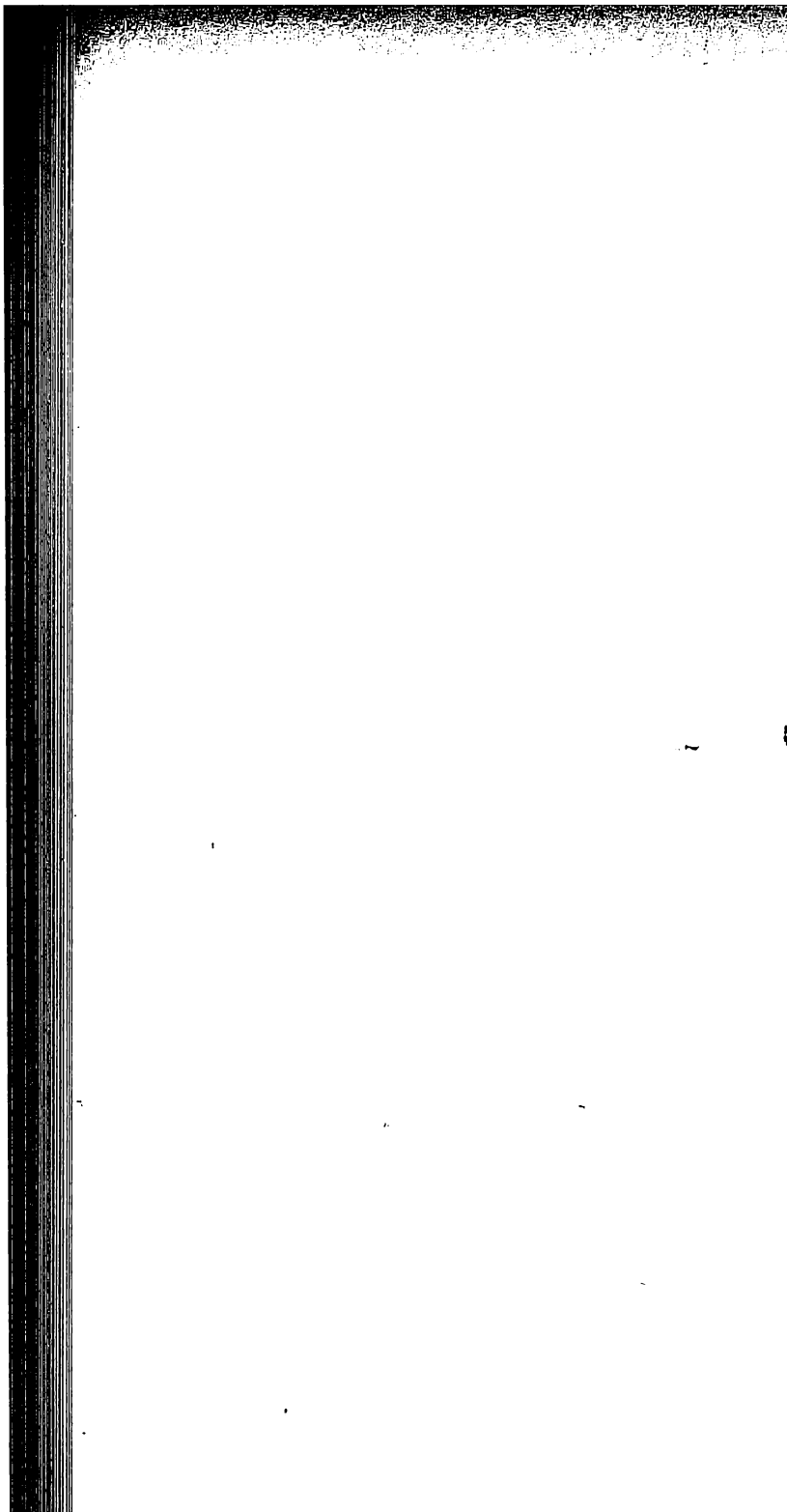
Nossos Preconceitos Missionários

Observamos rapidamente alguns dos principais temas da cosmovisão americana. Obviamente há muitos outros, e esses que consideramos precisam ser examinados mais detalhadamente no que diz respeito ao seu conteúdo e à maneira que influenciam nossa vida diária.

Nem todos os missionários ocidentais compartilham todos esses pressupostos porque são influenciados pela cultura particular na qual cresceram. Mas antes de rejeitá-los, precisamos examiná-los com cuidado, porque os pressupostos da cosmovisão são altamente implícitos e a cosmovisão americana está mais enraizada em nossa mente do que podemos imaginar.

É importante perceber a quantidade e a extensão de nossos preconceitos culturais quando trabalhamos em missões transculturais, porque assim podemos fazê-lo reduzindo nossos etnocentrismos e mal-entendidos mútuos. No entanto, isso não significa que devamos desistir dos nossos pressupostos básicos. Devemos ter alguns pressupostos porque não há como organizar uma cultura ou pensamento sem eles. Outra razão por que precisamos examinar nossos pressupostos culturais cuidadosamente é que muitos deles favorecem o pensamento cristão. Na verdade, a cultura americana se moldou profundamente pelo cristianismo, mas ela não é intrinsecamente uma cultura cristã. Devemos examiná-la criticamente à luz das *Escrituras*. Se não, provavelmente, iremos confundi-la com o evangelho e apresentar aos outros um evangelho marcado por uma cultura.

As Diferenças Culturais e a Mensagem



As Diferenças Culturais e a Mensagem

AS DIFERENÇAS CULTURAIS AFETAM NÃO SÓ OS MENSAGEIROS, MAS TAMBÉM A MENSAGEM. Cada sociedade olha o mundo de maneira própria e codifica essa maneira em sua língua e cultura. Nenhuma língua é imparcial, nenhuma cultura é teologicamente neutra. Conseqüentemente, a tradução e a comunicação transcultural não são tarefas fáceis. Se não entendermos isso, estamos, na melhor das hipóteses, em perigo de ser mensageiros ineficazes e, na pior, de comunicar um evangelho mal-entendido e distorcido.

As diferenças culturais podem afetar uma mensagem de diversas maneiras. Primeira, a menos que os mensageiros utilizem formas de comunicação que as pessoas entendam, elas não receberão a mensagem. De nada adianta falar suaíle aos camponeses indianos ou adotar um ritual de dança, se as pessoas rejeitam ou não se sentem familiarizadas com aquela forma de comunicação. Segunda, a mensagem em si deve ser traduzida a fim de que as pessoas a entendam com o mínimo de distorção. Isso não só implica transportá-la para o idioma local, que possua significados semelhantes ao do original, mas também cuidar para que os significados daquelas palavras, no contexto mais amplo daquela cultura, não introduzam distorções. Terceira, a mensagem deve ser contextualizada em formas culturais locais. Os templos, as formas de louvor e os estilos de liderança devem ser adaptados para se ajustarem aos padrões culturais. Os ritos de nascimento, casamento, funeral e outros

rituais devem-se tornar nativos embora verdadeiramente cristãos. Finalmente, as pessoas devem desenvolver uma teologia na qual as *Escrituras* lhes falem em seu ambiente histórico e cultural particular.

Neste capítulo vamos tratar da primeira questão: Como podemos traduzir o evangelho para novas formas culturais e comunicá-lo com eficiência?

Símbolos e Comunicação

A comunicação é a transmissão de informações de um “emissor” para um “receptor”. Isso pode ocorrer entre homens, animais e até mesmo máquinas. As abelhas se comunicam com relação à direção onde está o mel. Os homens acionam chaves para ligar carros e introduzir dados e operações nas calculadoras; os relógios disparam o sinal da escola; os semáforos regulam o tráfego; cães avisam de ladrões; maestros regem orquestras; e os computadores fazem voar os aviões. Em todos esses casos, a informação é transmitida para gerar mudança. Este é um dos principais objetivos de toda comunicação.

Neste momento, estamos preocupados não só com a comunicação num sentido geral, mas com a comunicação interpessoal — entre Deus e os homens, e entre os homens e outros homens — porque ela é o cerne da tarefa missionária. A comunicação interpessoal é diferente porque tanto o “emissor” como o “receptor” são seres inteligentes e suas mensagens incluem não só afirmações sobre realidades concretas, mas também expressões de pensamentos e sentimentos abstratos.

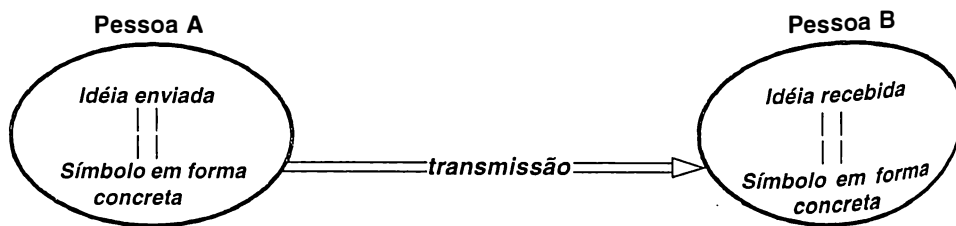
As idéias e emoções não podem ser comunicadas diretamente de uma mente para outra. Elas devem primeiro ser expressas de maneira que os outros possam recebê-las através de seus sentidos (Figura 16). É nessa ligação dos significados e sentimentos às formas que reside o cerne do que chamamos “símbolos”.

A Natureza dos Símbolos

Os símbolos são coisas complexas. São a união dos significados com as formas na mente de certas pessoas, que os utilizam para alcançar objetivos

FIGURA 16

As Idéias Devem ser Expressas em Formas Concretas para Serem Recebidas



particulares em situações específicas. Em outras palavras, os símbolos unem (1) significados, (2) formas, (3) pessoas, (4) funções e (5) contextos (veja Figura 17).

Por exemplo, em certas situações, dizemos a palavra *árvore* significando um certo tipo de planta. Em outro contexto, utilizamos a palavra para significar descendência genealógica.

As pessoas de outras culturas utilizam formas diferentes para expressar significados semelhantes. Os indianos dizem *chetlu* quando se referem às árvores (plantas) mas *santhanamu* quando falam de sua genealogia.

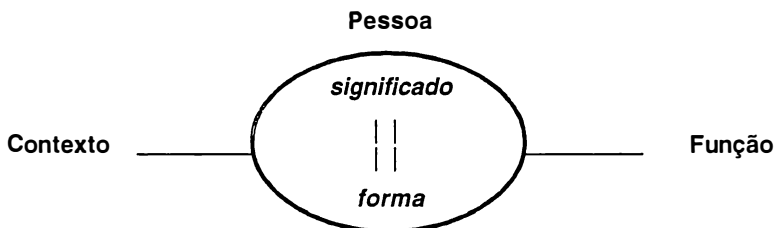
A cultura torna a comunicação possível. Os símbolos devem ser compartilhados por um grupo de pessoas para que ocorra a comunicação. As pessoas devem associar as mesmas formas e significados em contextos semelhantes e com objetivos semelhantes. Ao contrário, a comunicação cria grupos sociais participantes nas mesmas culturas.

Tipos de símbolos. Os símbolos não são autônomos. Fazem parte de sistemas maiores dentro dos quais cada símbolo individualmente encontra seu significado e utilização. Por exemplo, falamos uma linguagem constituída por milhares de palavras, língua escrita composta de letras, códigos de cores como os semáforos, formas designadas para sinais de tráfego e até mesmo aromas que comunicam mensagens (Tabela 2). Como já vimos, nossa utilização do tempo e do espaço possui um significado, como freqüentemente o silêncio também o possui.

Cada um desses sistemas de símbolos é utilizado para comunicar certos tipos de informação. Por exemplo, normalmente utilizamos palavras para estabelecer mensagens cognitivas, mas gestos e tons de voz para comunicar sentimentos. Na verdade, em grande parte do tempo, particularmente na comunicação pessoal, utilizamos vários sistemas simultaneamente — língua falada, paralinguagem, expressão ou linguagem corporal e símbolos temporais e espaciais. Mehrabian (1979:173) calcula que numa conversa média entre duas pessoas na América do Norte, 38% do que se comunica é verbal. Mais de 60% é não-verbal!

FIGURA 17

Os Símbolos São um Conjunto Complexo de Relações



Significado dos símbolos. Por meio dos símbolos comunicamos idéias, sentimentos e valores. Eles adquirem estes significados de duas maneiras diferentes. Primeira, muitos símbolos se referem a fatos da vida diária. Eles se referem a árvores, pássaros, pastagens, felicidade, inveja, roubo e milhares de outras experiências específicas que as pessoas vivem, reunindo-as em categorias. Mas ao se referirem a algumas coisas, não o fazem para outras, ainda que relacionadas. Por exemplo, em português quando dizemos “vermelho” pensamos numa certa cor. Mas também estamos dizendo que “não é púrpura”, “não é laranja” e assim por diante. Portanto, os símbolos ganham significados em parte por sua relação com outros símbolos que pertencem ao seu mesmo domínio ou campo. Esses significados aos quais os símbolos se referem determinando ser algo específico às vezes são denominados *significados denotativos*.

Segunda, os símbolos possuem significados *conotativos*. Estes são os que damos aos símbolos que advêm de outros domínios do pensamento e do sentimento. Por exemplo, quando dizemos “vermelho de raiva”, “ser vermelho” ou “estar no vermelho” a palavra não significa mais a cor vermelha mas adquiriu outros significados no campo da emoção, da política e da economia.

Ao mesmo tempo em que é fácil aprender os significados denotativos dos símbolos, em outras culturas geralmente é difícil descobrir seus significados conotativos, em parte porque, com freqüência, não estamos cientes de que eles existam e também porque devemos olhar nas muitas maneiras que os símbolos são utilizados a partir de diferentes contextos, para aprender esses significados. É importante que aprendamos os dois conjuntos de significados para os símbolos que utilizamos. Se não o fizermos, nossas mensagens, que podem estar denotativamente corretas, serão mal-entendidas por causa de suas conotações, como na anedota norte-americana que conta de um banqueiro que, ao ouvir que “Jesus saves” [Jesus salva], disse: “That’s nothing. I do too”. [Isso não é nada; eu também faço isso].*

Até agora examinamos os significados explícitos dos símbolos. Mas os símbolos se referem não somente à consciência do mundo dos pensamentos e dos sentimentos humanos. Eles também refletem os pressupostos implícitos que as pessoas têm sobre a realidade; em outras palavras, sua cosmovisão. Isso é particularmente verdadeiro nas palavras, porque a língua é o sistema mais poderoso de símbolos. Esses significados ocultos geralmente criam os maiores problemas na comunicação transcultural porque nós e as pessoas em geral não temos consciência deles. Elas os têm por certo porque para elas essa é a maneira de ser do mundo e nós achamos difícil descobri-los se elas não podem verbalizá-los. Geralmente os aprendemos apenas observando como as pessoas

* O verbo *to save* (salvar) significa também “economizar”. (N. do T.)

TABELA 2
Há Muitos Sistemas Diferentes de Símbolos

1 Língua Falada	Fala, radiodifusão
2 Paralinguagem	Ritmo, altura, ressonância, articulação, inflexão, andamento e pausas da fala, tons emocionais
3 Língua Escrita	Escrita, inscrições, cartazes
4 Pictórico	Sinais de trânsito, guias de ruas, desenhos de magia, mapas astrais, diagramas, gráficos, insígnias militares, decalques, logotipos
5 Expressão Corporal	Gestos corporais, movimentos de mãos e pés, expressões faciais, olhares, posturas
6 Áudio	Música (<i>rock</i> , <i>jazz</i> , valsa, etc.), sinos, gongos, tambores, traques, salvas de tiro, trombetas
7 Espacial	Distância entre uma pessoa e outra, multidão, proximidade ou intimidade, separação entre o orador e a platéia, marcha em fila (algumas vezes chamada de <i>proxêmica</i>)
8 Temporal	Significado de "no horário" e "atrasado", importância dada ao tempo, às festas de Ano Novo, à idade relativa dos comunicadores, sequência de acontecimentos em rituais.
9 Toque	Abrços, cumprimentos de mão, condução de um cego, tocar o pé de alguém, colocar as mãos sobre a cabeça de alguém, tortura física, flagelação religiosa
10 Paladar	Bolos e doces para comemorações, alimentos requintados, alimentos étnicos e culturais, cachimbos da paz, alimentos "quentes" e "frios" no sul da Ásia, vegetarianismo, alimentos sagrados
11 Aromas	Perfume, incenso, defumação dos xamãs, odores corporais, perfume das flores
12 Aspectos Ecológicos	Montanhas sagradas, árvores sagradas, territórios proibidos, rios sagrados, locais históricos
13 Silêncio	Pausa em orações, página em branco, silêncio no tribunal ou no templo, espaço vazio na arte japonesa, ausência de resposta
14 Rituais	(Os rituais utilizam muitos dos sistemas acima, mas acrescentam outra dimensão de símbolos, chamados de <i>representação</i> ou <i>performance</i> simbólica.) Casamentos, funerais, rituais de sacrifício, cultos, Ceia do Senhor
15 Produtos do Homem	Arquitetura, móveis, decoração, vestuário, cosméticos, símbolos de riqueza como relógios, carros, casas e chapéus.

Adaptado em parte de uma lista sugerida por Donald Smith, Daystar Communications, Nairobi.

utilizam esses símbolos no relacionamento mútuo em muitos contextos diferentes (Tabela 3).

Os significados implícitos podem ser observados melhor por meio de uma ilustração. Quando os missionários foram para o sul da Índia, estavam curiosos para saber que palavra deveriam utilizar para “Deus”. Havia várias palavras em telugu que poderiam utilizar: *parameshwara* (Governante de Todos), *bhagavanthudu* (Aquele que Merece Louvor), *ishvarudu* (O Xiva Supremo) e *devudu* (Deus). As três primeiras tinham problemas porque, com frequência, eram associadas a deuses específicos do panteão hindu. Por isso, os tradutores optaram por adotar a última palavra.

No entanto, uma análise dos significados implícitos dessas palavras nos mostra alguns problemas na utilização de qualquer uma delas para a tradução do conceito bíblico de Deus. Se pedirmos aos falantes de inglês para organizarem uma lista de categorias relacionadas à natureza, eles tendem a fazê-lo de certas maneiras (veja Figura 18). A maioria deles coloca *mulher*, *homem* e *moça* juntos e os chama de “seres humanos”. Colocam *árvore* e *arbusto* juntos e os denominam “plantas”. Colocam *leão*, *cão* e *boi* juntos e se referem a eles como “animais”. Classificam *areia* e *rocha* como “objetos inanimados” e colocam *Deus*, *anjos* e *demônios* juntos e os designam “seres sobrenaturais”. Já que muitos não têm certeza do que fazer com *bactéria*, *vírus*, *mosca* e *percevejo*, sempre criam outras categorias para eles. Recusam-se a colocar o *Mickey Mouse* em qualquer um desses grupos alegando que ele pertence a um outro domínio de categorias, chamado de “personagens de ficção” em contraposição às “coisas reais”.

Há pressupostos teológicos e filosóficos fundamentais implícitos nessa classificação. Primeiro, há uma distinção clara entre os seres sobrenaturais e os naturais. A maioria dos ocidentais pensa nos primeiros em termos religiosos e mentalmente os coloca em algum outro mundo, seja ele o céu ou o inferno. Quanto ao restante eles pensam em termos científicos e os colocam na terra.

TABELA 3

As Palavras Têm Significados Implícitos e Explícitos

	Significados Denotativos	Significados Conotativos
Significados Explícitos	Os significados das palavras, que as pessoas nos dão	Idéias, sentimentos e valores conscientemente associados às palavras
Significados Implícitos	Estrutura básica das palavras como sistemas de categorias	Crenças profundas, sentimentos e julgamentos inconscientemente associados às palavras

Segundo, os seres vivos são divididos em categorias distintas, os quais se considera terem diferentes tipos de vida. Por exemplo, podemos comer animais, mas homens não, porque a vida desses últimos de alguma maneira é diferente da dos primeiros. Da mesma maneira, adoramos a Deus, mas adorar a um homem é sacrilégio porque a adoração está sendo dada a seres que não são deuses. Finalmente, uma clara distinção se faz entre coisas "vivas" e "não-vivas", entre o orgânico e o inorgânico, ou o animado e o inanimado.

Se solicitássemos aos falantes de telugu que organizassem as mesmas palavras ou seus equivalentes conotativos em telugu, eles o fariam de maneira diferente (veja Figura 19).

Os pressupostos fundamentais que permeiam essa classificação obviamente são diferentes dos do falante em inglês. Primeiro, não há uma distinção exata entre os tipos de vida. Na verdade, *toda vida é considerada a mesma*. Essa é a crença fundamental do hinduísmo (*ekq jivām*). Conseqüentemente, uma vez que não há diferença real entre deuses e homens, pode-se adorar a um santo ou um guru. Por outro lado, uma vez que não há distinção real entre a vida de um animal e a de um ser humano, matar um boi, ou mesmo um cachorro ou um inseto, para alguns é assassinato!

Segundo, todos os seres vivos, incluindo os deuses, são parte do mundo "criado". A palavra *criação* na verdade é mal-entendida, porque esse universo e seus deuses, espíritos, homens, animais e plantas são todos sonhos da mente do grande deus Brahma, que em si mesmo é uma emanção de Brahman. Logo, eles são *maya*, ou passageiros e ilusórios. No entanto, Brahman não é um ser vivo, mas uma força impessoal fundamental. Finalmente, a própria terra não é totalmente inanimada. Há um sentido no qual ela também é viva e, portanto, deve ser respeitada.

Diferenças Culturais nos Sistemas de Símbolos

Culturas diferentes possuem símbolos diferentes. Sabemos que as línguas são diferentes, mas não podemos perceber que também são símbolos os movimentos, os tons de voz, os sabores e até mesmo o uso do silêncio. Samarin (Smalley 1978:673-677) diz que os índios algonquinos dos Estados Unidos em geral não falavam por cinco minutos, mesmo quando em reuniões da tribo. Enquanto isso, os gbeyas, da República Centro-Áfricana só iniciam uma conversa depois da refeição, e não durante. E ao visitarem um doente, assumem uma expressão triste e se sentam em silêncio para mostrarem sua solidariedade com o paciente. Samarin acrescenta: "Uma quantidade mínima de bate-papo pode ocorrer entre as visitas, mas isso não envolve o paciente. Para um ocidental, esse tipo de consolo pode ser extremamente inquietante, uma vez que os consoladores fitam o vazio".

Também há variações culturais nos sistemas de símbolos que as pessoas empregam para tipos diferentes de comunicação. Por exemplo, os protestantes comunicam as mensagens religiosas principalmente por música e pregação.

FIGURA 18

Categorias de Seres Vivos e de Seres Inanimados entre os Falantes de Inglês

1. Organize os termos a seguir em algumas categorias básicas

árvore	cão	mulher	mosca	leão
homem	areia	Deus	vírus	demônios
arbusto	moça	rocha	boi	flor
percevejo	anjos	bactéria	formiga	Mickey Mouse

2. Categorias normalmente utilizadas pelos falantes de inglês para classificar estas palavras

Sobrenatural	Seres Sobrenaturais <i>Deus, anjos, demônios</i>
Natural	Seres Humanos <i>mulher, homem, moça</i>
	Animais <i>leão, cão, boi</i>
	Plantas <i>árvore, arbusto, flor</i>
	Insetos <i>mosca, percevejo, formiga</i>
	Germes <i>bactéria, vírus</i>
	Objetos Inanimados <i>areia, rocha</i>

Observação: O Mickey Mouse não se ajusta a este domínio de classificação. Ele pertence ao domínio da "ficção".

Muitas culturas tribais o fazem através de dança, percussão, teatro, trovas e principalmente por rituais em que as mensagens são interpretadas. Por exemplo, o método da pregação pode ter pouco significado religioso. Entretanto, é importante para o missionário que utilize sistemas culturais de símbolos apropriados para a comunicação do evangelho.

Tradução

Se os símbolos, particularmente as palavras, tivessem apenas significados explícitos, denotativos, a tradução de uma mensagem de uma cultura para outra não seria tão difícil. Por exemplo, poderíamos apontar para uma árvore

Conceito Americano de Vida

Criador

Deus
eterno
sóbrenatural
infinito

Criação

Homem
Natural, mas com alma eterna.
A ↔ B
As relações entre os homens são essencialmente *horizontais*.

Animais
temporais

Plantas

Mundo Inanimado
sem vida

De Paul G. Hiebert, "Missions and the Understanding of Culture", em The church in mission, org. A. J. Klassen (Fresno: Board of Christian Literature, Mennonite Brethren Church, 1967), p. 254.

e perguntar às pessoas como elas a chamam. Então, usariamos aquele termo para nos referir às árvores. É claro que precisaríamos reorganizar as palavras para ajustá-las às regras gramaticais. Mas as palavras também possuem significados conotativos, muitos dos quais são implícitos. Isso é o que torna a tradução tão difícil

FIGURA 19

Categorias de Seres Vivos e de Seres Inanimados na Língua Telugu

Brahman (a principal força cósmica)

**Maya (mundo
passageiro
de ilusões)**

deuses (<i>devas, parameshwara, etc.</i>)
anjos
demônios (<i>rakshasas, apsaras, etc.</i>)
seres humanos (casta superior, depois intermediária e inferior)
animais (vacas, depois leões, cães, etc.)
plantas
objetos inanimados

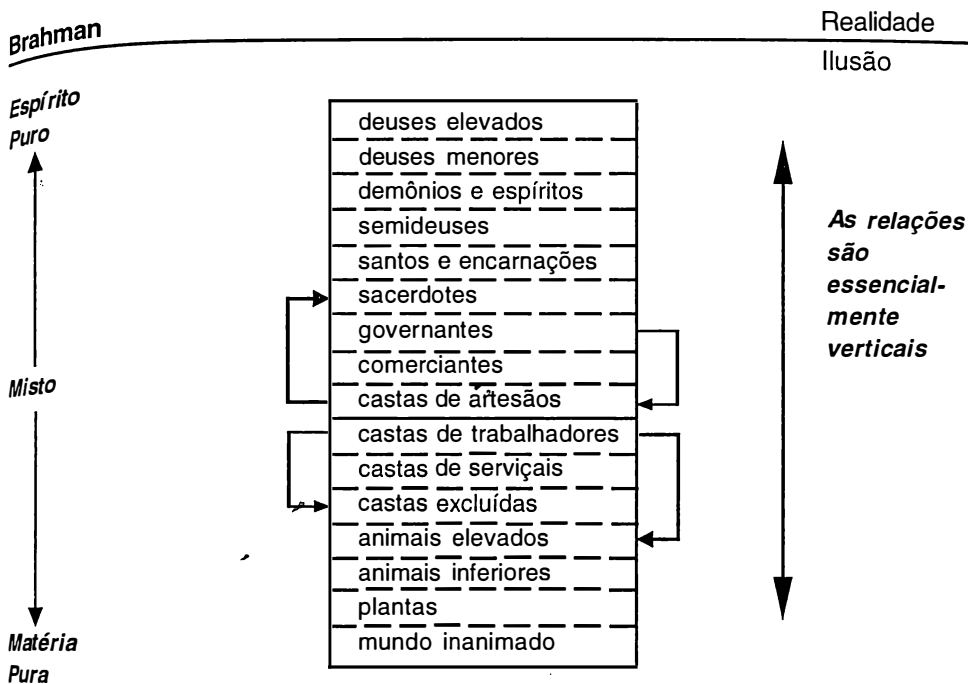
Forma e Significado

Agora precisamos retornar à distinção que fizemos anteriormente entre forma e significado nos símbolos e na cultura. Inicialmente, temos a tendência de comparar os dois. Não paramos para distinguir entre os sons para “árvore” e os significados que associamos a esses sons. Isso porque crescemos em uma única cultura e precisa ser feita uma separação em nossas conversas com os outros dentro dessa cultura. Além do mais, não precisamos fazer diferença entre os significados conotativos e denotativos das palavras, novamente porque isso não é necessário nas discussões com as pessoas de nossa própria cultura.

No entanto, quando traduzimos uma mensagem para uma nova cultura, somos forçados a lidar com a relação entre forma e significado, e entre significados conotativos e denotativos. No falar, logo percebemos que as outras pessoas chamam as árvores de *chetlu* ou *baum*, ou alguma outra coisa para denotar as mesmas coisas, e se quisermos nos comunicar com elas, devemos utilizar suas palavras. Geralmente, também desprezamos o fato de que o mesmo é verdadeiro em outras áreas da comunicação tais como os gestos, a arquitetura, as formas de adoração e o vestuário. Por exemplo, em algumas culturas, as pessoas mostram reverência tirando o chapéu, em outras, tirando os sapatos. Da mesma forma, precisamos de canções escritas em melodias e ritmos típicos à cultura para que as pessoas possam entendê-las. Ainda que traduzamos palavras na língua local, se a música permanecer estrangeira, a mensagem trazida por ela revelará uma religião para estranhos.

Enfrentamos uma questão mais difícil com respeito aos significados conotativos. Qual é a sua importância para a tradução? Muitos dos primeiros missionários enfatizavam os significados denotativos em sua comunicação. Em consequência, suas traduções eram “literais” ou formais. Quando pensa-

O Conceito Indiano de Vida



De Paul G. Hiebert, "Missions and the understanding of culture", p. 255.

vam em "pastor" escolhiam um termo local que se relacionava às pessoas que cuidavam de ovelhas. Ou quando traduziam "porta" utilizavam o termo local com o significado denotativo mais próximo. Quase nunca percebiam que os significados conotativos dessas palavras eram bem diferentes na nova língua. Em *tehuco*, por exemplo, "pastores" cuidam de ovelhas (significado denotativo), mas são vistos como bêbados debochados (significado conotativo). Por conseguinte, a mensagem que as pessoas ouviam geralmente era bem diferente da mensagem que os missionários pensavam que estavam comunicando.

Nas afirmações de fatos, os significados denotativos geralmente são os mais importantes. Dizemos, por exemplo: "Maria foi para a cidade". A tradução disso em outra língua geralmente é direta. Mas em grande parte de nossa comunicação, particularmente aquela que tem que ver com analogias, alegorias, metáforas, o humor, os idiomas e o gosto, os significados conotativos são iguais, se não até mesmo de maior importância. E, uma vez que essas várias formas desempenham um papel importante no pensamento religioso, não podemos ignorá-las. Por exemplo, em certas partes da América Latina os "pais" geralmente são vistos como omissos, distantes e autoritários (Nida 1978:46-54).

As “mães” por sua vez são comprometidas, amáveis e benevolentes. Em tais situações, é fácil perceber os mal-entendidos que surgem quando falamos de Deus com nosso Pai, porque quando dizemos isso, não estamos pensando em Deus como o nosso genitor biológico, mas como no papel de “pai”, uma palavra que tem mais conotações positivas para nós.

Para minimizar os mal-entendidos, os tradutores recentes têm enfatizado interpretações dinâmicas na qual se dá ênfase à preservação dos significados conotativos. Em alguns casos, isso pode significar mudar o símbolo ou a palavra. A *Bíblia* fala do coletor de impostos “batendo no peito” como um sinal de arrependimento. Como Nida (1981:2) diz, isso pode parecer estranho para as pessoas da África Ocidental, em cuja língua a expressão “bater no peito” só pode significar ter orgulho nas realizações de alguém. Quando se fala de arrependimento, eles diriam: “Ele bate sua cabeça”.

Até agora estivemos falando de tradução em geral. Na pregação, no ensino, na composição e tradução de livros cristãos fazemos um grande esforço na flexibilidade de escolha de palavras e símbolos que transmitam melhor os significados (conotativos ou denotativos) que desejamos comunicar. Mas e a *Bíblia*? Não podemos tomar liberdades indevidas quando a traduzimos ainda que desejemos que ela seja entendida com clareza pelos leitores.

Aqui, Eugene Nida e William Reyerburn (1981) oferecem alguma orientação sobre até onde podemos mudar as formas e os significados denotativos a fim de manter os significados conotativos e ainda permanecer verdadeiros para com o texto. Por exemplo, eles dizem que o tradutor não deve alterar o texto original quando ele se refere a acontecimentos históricos. Não podemos mudar o fato de que Jesus foi circuncidado no oitavo dia, embora algumas sociedades considerem isso uma forma cruel de tratar um bebê recém-nascido. Em alguns casos, precisamos oferecer às pessoas informação adicional através de comentários e ensino para que elas entendam os costumes judaicos daquela época. Da mesma maneira, lançar sortes, freqüentemente mencionado nas *Escrituras*, é totalmente desconhecido em algumas culturas e precisa de algum tipo de explicação adicional para que as pessoas entendam as passagens. Mas não temos liberdade de adicionar tais informações no texto.

A questão das expressões idiomáticas e das figuras de linguagem é mais difícil. Por exemplo, como devemos traduzir frases do tipo “branco como a neve”, “pedra de moinho” ou “camelo” para as pessoas que não sabem nada sobre elas? Podemos ser obrigados a utilizar termos como “muito, muito branco”, “uma pedra pesada” e “um animal chamado camelo”. Da mesma maneira, em algumas partes da África Ocidental o “assento real” é equivalente a um “tronho”, e em outros lugares, “lobo” pode ser traduzido como “chacal” ou “um animal como a hiena”. Nida e Reyerburn (1981:54) dizem:

Em certos casos, uma tradução literal é impossível por causa dos valores simbólicos especiais associados a certos objetos culturais. Por exemplo, em balinês, a víbora é associada a uma cobra do paraíso e, logo, “raça de víboras” (Mt 3:7, 12:34, 23:33; Lc 3:7) raramente seria uma reprovação pública. No entanto, é possível comunicar o significado dessa frase substituindo-a por um termo mais genérico — por exemplo, “animal nocivo”.

O Significado nas Culturas

Eugene A. Nida e William D. Reymann

... Os postulados e valores de uma cultura são mencionados como se formassem um todo único coerente. No entanto, de forma alguma esse é o caso. Dentro da *Bíblia* há postulados razoavelmente diferentes. O henoteísmo (um Deus superior a todos os outros) de certas partes do Antigo Testamento dá lugar ao monoteísmo que nega totalmente a existência de outros deuses. O sistema sacrificial do Antigo Testamento é completamente rejeitado no Novo Testamento. A poligamia do Antigo Testamento é colocada de lado, no Novo Testamento. Jesus se referiu a certos aspectos da lei como “ouvistes o que foi dito”, e então continuou a dar à lei interpretação e relevância um tanto diferentes. Foram exatamente as diferenças nos postulados que fizeram surgir o primeiro conflito dentro da igreja — a saber, a maneira que os gentios seriam admitidos à comunhão dos fiéis.

A *Bíblia* não só reflete os diferentes conjuntos de postulados da vida palestina antiga. Ela também contém referências a certos postulados greco-romanos do mundo antigo. Os escritos joaninos revelam com clareza a luta da igreja primitiva contra as crenças do gnosticismo que se baseava no dualismo primordial do espírito e da matéria e que procurou interpretar a encarnação e a ressurreição em termos dualistas, permitindo, assim, a morte de Jesus e a ressurreição de Cristo.

Se alguém estiver preparado para reconhecer as diferenças de postulados na *Bíblia*, é ainda mais necessário perceber que há conjuntos bem diferentes de postulados culturais na maioria das sociedades atuais. Dentro do mundo ocidental, por exemplo, o “ponto de vista científico” supõe representar o pensamento do “homem moderno”, mas isso está longe de ser totalmente verdadeiro. Talvez a maioria dos intelectuais tenha uma “visão secular científica do mundo”, que pode ser caracterizada grosso modo como (1) uma explicação da vida com base na evolução biológica, (2) uma interpretação mecanicista do universo, que não necessita de “inteligência suprema”, (3) uma interpretação da história com base essencialmente nas forças puramente humanas que operam dentro de certos limites ecológicos e (4) um conjunto de valores étnicos originários da natureza humana, essencialmente humanísticos. Juntamente com essas visões de mundo estão a rejeição dos seres sobrenaturais, o repúdio à magia e a ausência de interesse pelas atividades religiosas.

Porém, para a maioria das pessoas do mundo moderno, essa visão científica da vida é bem estranha. Elas podem ter rejeitado religiões estabelecidas,

mas certamente não abandonaram a clarividência, a astrologia, os médiuns, as bruxas e os amuletos (tais como pés de coelho, moedas da sorte e imagens). Algumas podem até alegar uma “visão científica” em certos contextos da vida, mas temem uma praga lançada por uma pessoa decente e buscam a cura daqueles que defendem “curas miraculosas”. Na verdade, muitas pessoas, a despeito de sua adesão formal a um ou outro sistema de pensamento, têm misturas estranhas de crenças e, raramente, ou se algum dia o fizerem, procuram resolver as contradições implícitas. Elas acreditam naquilo que querem acreditar. De certo modo, elas “assumem um risco”; parecem estar tão contentes com as dúvidas de segunda mão como com a fé de segunda mão também.

Em vista das importantes diferenças de postulados que possam existir dentro de uma única sociedade, não é de surpreender que haja grandes diferenças entre a cultura bíblica e as outras culturas do mundo. Alguém pode achar que as diferenças seriam particularmente conflitantes se alguém comparasse a cultura da *Bíblia* com a de alguma sociedade atual da África Central. No entanto, em verdade, elas têm muito em comum: poligamia, crença em milagres, prática da bênção e do rogar pragas, escravidão, sistemas de vingança, sacrifício e comunicação através de sonhos e visões. Os navajos pastores vêem muitas coisas na *Bíblia* que são paralelas ao seu próprio estilo de vida: apascentar ovelhas, expulsar espíritos demoníacos, responsabilidade corporativa, previsões de tempo apenas olhando o céu, premonição de acontecimentos e a expectativa pelo fim do mundo (depois do qual grandes mudanças ocorrerão).

Em certo sentido, a *Bíblia* é o livro religioso mais traduzido que já se tenha escrito, porque se origina de uma época e de um lugar em particular (o extremo ocidental do Crescente Fértil) pelos quais passaram mais padrões culturais e dos quais irradiaram-se mais aspectos e valores distintos do que ocorreu em qualquer outro lugar na história do mundo. Se alguém comparasse os traços culturais da *Bíblia* com os de todas as culturas hoje existentes (teria de considerar mais de dois mil grupos de pessoas significativamente diferentes), verificaria que, em certos aspectos, a *Bíblia* é surpreendentemente mais familiar a muitas delas do que a cultura tecnológica do mundo ocidental. Aberrante ao mundo é esta cultura “ocidental”. E é exatamente no mundo ocidental, juntamente com um número crescente de pessoas em outras partes do mundo que compartilham seu ponto de vista, que as *Escrituras* aparentemente têm tido menos aceitação imediata.

Um dos desenvolvimentos importantes do cristianismo que reflete esta diferença no panorama cultural é o número rapidamente crescente de “igrejas nativas”. Estima-se que só na África, nos últimos vinte anos, mais de quinze milhões de pessoas passaram a fazer parte das igrejas “independentes” ou “separatistas”, que em sua maioria se sentem à vontade com a *Bíblia*, mas distantes das instituições tradicionais do cristianismo ocidental. Instintivamente, essas pessoas encontram uma identidade com a *Bíblia*, mas se sentem mal dentro das igrejas ocidentais tradicionais que de muitas maneiras não refletem mais “a vida e a fé da *Bíblia*”.

Uma vez que não podemos enfrentar devidamente os problemas do tradutor sem considerar as muitas e sempre conflitantes diferenças entre a cultura da *Bíblia* e a das outras sociedades, seria errado exagerar as diversidades como algumas pessoas têm feito. Como os antropólogos têm dito, normalmente há muito mais coisas que unem pessoas diferentes em uma humanidade comum que aquelas que as separam em grupos distintos. Estes elementos universais culturais, como a percepção da reciprocidade e da igualdade nas relações interpessoais, a resposta à bondade e ao amor do homem, o desejo por significado na vida, o conhecimento da enorme capacidade da natureza humana para o mal e para a autodesilusão (ou racionalização do pecado) e sua necessidade de algo maior e mais importante que ele mesmo, são todos eles temas que constantemente aparecem na *Bíblia*. Esses são os elementos das *Escrituras* que apareceram a um número incontável de pessoas através dos séculos e através das fronteiras culturais.

A importância sobre o recente interesse na *Bíblia* pelo mundo ocidental é o fato de que as *Escrituras* originaram-se de uma outra era e de uma cultura distante. Por muito tempo foi ensinado às pessoas modernas que seus problemas são o resultado direto de uma vida fundamentada e caracterizada tecnologicamente pela urbanização e industrialização. Mas agora elas estão descobrindo que as pessoas apresentadas na *Bíblia* tinham exatamente os mesmos problemas e necessidades que as pessoas hoje — a inclinação ao pecado, mesmo quando desejam ser corretas, o sentimento de culpa, necessidade de perdão, o poder de resistir à tentação e o desejo de amar e ser amado. O fato de que essas necessidades universais são exemplificadas dentro do contexto de acontecimentos históricos concretos envolvendo a vida real é que torna a *Bíblia* tão viva e atraente para as pessoas em muitas sociedades.

Quando comparada aos documentos básicos ou às tradições verbais de outras religiões, a *Bíblia* é singular em sua apresentação de acontecimentos atuais envolvendo seres humanos específicos. Enquanto os documentos religiosos do hinduísmo se preocupam principalmente com o heroísmo dos deuses, a *Bíblia* está preocupada essencialmente com a atividade de Deus na história humana. Em contraste com os tratados religiosos do budismo (que contêm principalmente princípios éticos de origem filosófica) e do Corão (que se concentra nas exortações e advertências do profeta), a *Bíblia* está enraizada na história e consiste principalmente em relatar como Deus entrou nela para revelar seu poder divino, sua vontade e sua pessoa. A fé bíblica está por sua vez firmemente enraizada em acontecimentos — em um Deus que age.

Além disso, o Deus da *Bíblia* é apresentado agindo em momentos específicos, e não meramente de maneira generalizada. Logo, o contexto histórico específico do relato bíblico adquire implicações teológicas muito importantes, e os cristãos têm quase instintivamente reagido contra quaisquer tentativas de transportar o contexto cultural e histórico dos relatos bíblicos. Em reação a uma tentativa de transportar a mensagem bíblica para um ambiente africano,

um chefe afirmou: “Se aquilo realmente aconteceu, então por que nossos avós não nos contaram?”. Na verdade, tornar o relato bíblico muito contemporâneo pode destruir algo de sua credibilidade.

Do ponto de vista da teologia judeu-cristã, a entrada de Deus na história em épocas e locais específicos é relevante e crucial. Portanto, é óbvio que os acontecimentos registrados na *Bíblia* não podem ser alterados. No entanto, se o significado de um certo acontecimento depende de um conjunto de postulados visivelmente diferentes daqueles da cultura do receptor, o que o tradutor faz para evitar sérios mal-entendidos? Em primeiro lugar, o tradutor não pode esperar tornar a mensagem tão clara que qualquer leitor possa entendê-la plenamente sem nenhuma referência a algum dos postulados que são implícitos ao relato bíblico. Isto quer dizer que não se pode esperar que o tradutor transponha a mensagem, lingüística e culturalmente, de maneira que ela se ajuste completamente dentro da estrutura interpretativa da cultura do receptor. Fazer isso significaria roubar a mensagem de seu ambiente temporal e espacial próprios. Além do mais, o objetivo do tradutor não é fazer com que a mensagem soe como se os acontecimentos ocorressem em uma cidade próxima, há apenas poucos anos. Na verdade, o objetivo deve ser traduzir, de tal modo (e com a tradução oferecer esses dados referenciais) que evite que os receptores entendam mal o que os receptores originais entenderam quando receberam a mensagem pela primeira vez.

A exegese pode ser descrita como o processo de reconstruir o acontecimento da comunicação determinando seu significado (ou significados) para os participantes da comunicação. Por sua vez, a hermenêutica pode ser descrita como aquela que aponta paralelos entre a mensagem bíblica e os acontecimentos atuais e que determina a extensão da relevância e a resposta apropriada para o crente. Tanto a exegese como a hermenêutica estão incluídas numa categoria maior de interpretação.

A tarefa principal do pesquisador bíblico é oferecer os fundamentos para os problemas da exegese e ajudar as pessoas a entender a relevância da mensagem bíblica para os ambientes razoavelmente diferentes na língua e na cultura dos nossos dias.

De Eugene A. Nida e William D. Reyerburn, Meaning across cultures (Maryknoll, N. Y.; Orbis, 1981, p. 26-30.

Traduzindo os Significados Implícitos

O problema mais fundamental que enfrentamos, no entanto, é o fato de que as palavras em qualquer cultura possuem significados implícitos que refletem a visão de mundo daquela cultura. Como já vimos, não há palavras em *telugu* que possuam exatamente os mesmos significados que os das palavras

bíblicas para “Deus”, “homens”, “pecado”, “salvação” e similares. O que fazer então para preservar a mensagem da revelação divina?

Por exemplo, tomemos a palavra *devudu* utilizada pelos primeiros missionários para “Deus” em sua tradução da *Bíblia telugu*. Como já vimos, essa palavra significa ser supremo, mas não a realidade principal. Há muitos *devas*, e todos pertencem a este mundo passageiro de ilusão. Além do mais, não há diferença real entre eles e os homens. Se utilizamos a palavra *devudu*, perdemos muito dos significados bíblicos associados a Deus. Ele não é mais o Criador principal, e sua encarnação simplesmente se refere a uma criatura maior que ajuda uma inferior. Obviamente, a palavra *devudu* traz problemas para os nossos objetivos. E as palavras *parameshwara*, *bhagavanthudu* e *ishvarudu*? Estas também pertencem a este universo e, como os *devas*, deixarão de existir no final dos tempos e voltarão para Brahman, a fonte. E Brahman? Não é um ser pessoal a quem podemos nos relacionar; ele é uma força suprema.

O que os tradutores devem então fazer? Podem utilizar as palavras que falem de deuses como pessoas, como *devudu*, mas estes não são eternos e onipotentes; eles podem usar *Brahman*, mas este não é uma pessoa; ou podem trazer um termo estrangeiro como “Deus” ou “Teos”, mas então ninguém irá entendê-los. Este é sempre o dilema da tradução.

O fato é que não há uma correspondência simples entre as palavras em línguas diferentes. Conseqüentemente, na tradução, sempre há alguma distorção da mensagem. Primeiro, há alguma perda de significado encontrado na primeira língua; segundo, há a adição de significados que não são encontrados no original (Figura 20).

Como evitarmos a perda de significados ou a adição de significados não-intencionais na tradução da *Bíblia*, ou neste caso na pregação e no ensino?

FIGURA 20

As Categorias em Diferentes Línguas não são as Mesmas

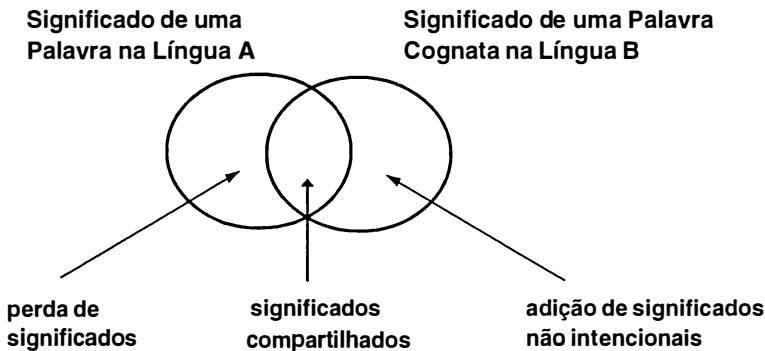
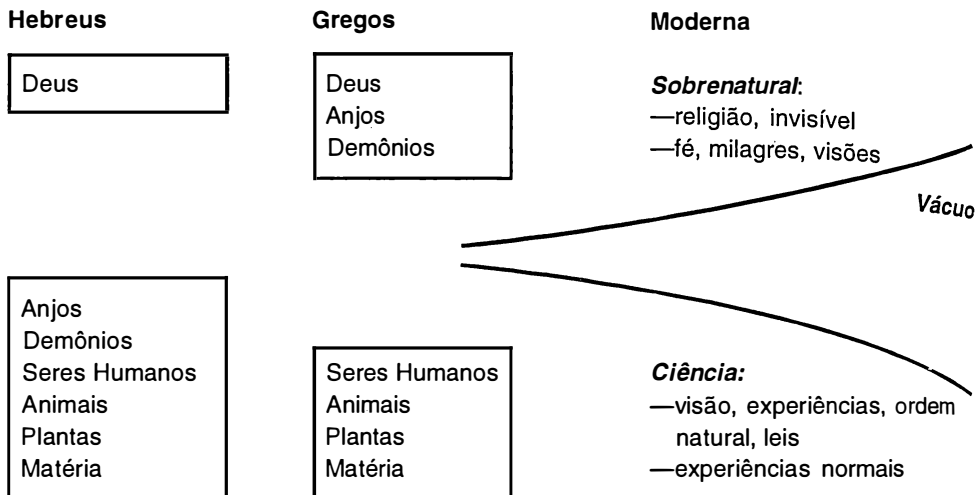


FIGURA 21

Cosmovisão dos Hebreus, dos Gregos e Moderna



De Paul G. Hiebert, "Anthropological tools for missionaries" (Cingapura: Haggai Institute, 1983), p. 22.

Em alguns poucos casos, talvez seja preciso criar novas palavras ou importá-las de outra fonte. Por exemplo, na *Bíblia*, utilizamos as palavras *siclo* e *côvado*, mas elas possuem pouco significado para a maioria dos leitores, particularmente os não-cristãos.

Em geral, devemos escolher a palavra mais adequada para aqueles da língua local e então torná-la explícita por meio do ensino e da pregação onde o significado bíblico da palavra é diferente de seu significado comum na cultura. No caso da tradução de "Deus" em telugu, podemos escolher usar *devudu* porque ela fala de um deus pessoal, mas então devemos deixar claro que o Deus da *Bíblia* é a principal realidade, não simplesmente o ser maior no universo, e que os homens são criações separadas, não simplesmente fragmentos do espírito de Deus. Devemos continuar a esclarecer as diferenças porque a palavra *devudu* continuará a ser usada pela maioria das pessoas telugu com significados hindus.

As distorções que ocorrem quando os cristãos não tratam dos significados implícitos de seus símbolos culturais podem rapidamente ser ilustradas pelo cristianismo ocidental. Já vimos que a maioria dos cristãos do Ocidente tendem a reunir "Deus", "anjos" e "demônios" como seres sobrenaturais e distinguí-los dos seres naturais como os homens e os animais. Mas essa é a principal heresia do cristianismo. Se há uma distinção fundamental na *Bíblia*, ela está

entre Deus como Criador e todo o resto como criação. Nunca devemos colocar Deus na mesma categoria de nenhuma outra coisa.

Então, como passamos a pensar em Deus, anjos e demônios como membros de um só grupo? A resposta é a disseminação da cosmovisão grega no Ocidente durante a Renascença (Figura 21). Na cosmovisão hebraica, Deus é ele mesmo. Todo o resto depende do ato contínuo de sua criação. Na verdade não há palavra no hebraico para “natureza” como uma ordem cósmica auto-sustentada. No entanto, na cosmovisão grega, os deuses (*theoi*) são parte de um campo sobrenatural habitado por espíritos de muitos tipos. Por sua vez, o mundo natural inclui homens, animais, plantas e matérias. Como o Ocidente adotou essa mundividência grega, os cristãos ocidentais absorveram seus significados implícitos em suas teologias. O resultado é um duplo universo no qual utilizamos a religião para descrever realidades sobrenaturais e uma ciência secularizada para explicar a ordem natural.

A tradução da *Bíblia* obviamente é uma tarefa complexa, e aqueles que a fazem precisam de um treinamento especializado. Mas uma vez que todos os missionários estão envolvidos na tradução das idéias bíblicas em culturas locais, precisam saber das muitas facetas implicadas.

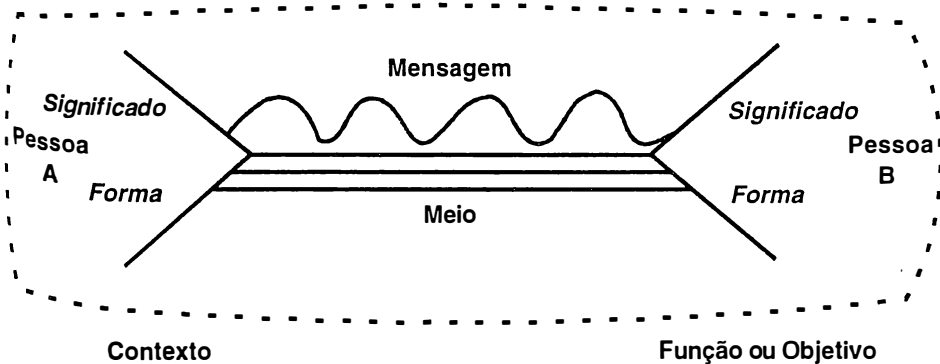
Comunicação Transcultural

Gastamos a maior parte do nosso tempo nos comunicando — falando, lendo, ouvindo o rádio, assistindo à televisão, nos vestindo e (como alguns psicólogos nos lembram) falando sozinhos. Raramente damos muita atenção ao processo porque nossa atenção está na mensagem enviada e recebida. Só quando a comunicação não se estabelece é que normalmente paramos para olhar o que está acontecendo e o que houve de errado.

Na comunicação, muitas coisas acontecem ao mesmo tempo (Figura 22).

FIGURA 22

A Comunicação Compreende a Emissão e a Recepção de Mensagens



Um emissor que deseje comunicar uma mensagem, seja qual for a razão, codifica-a em símbolos e a transmite a um receptor que os recebe, decodificando-os para aprender a mensagem, e reage. Tudo isso ocorre dentro de contextos específicos que afetam o resultado final. Como veremos, muitas coisas podem acontecer de errado no processo, impedindo a comunicação, de forma particular nos ambientes transculturais.

Mensagens e Paramensagens

A comunicação ocorre ao longo de cada uma das três dimensões da cultura que já examinamos. Cognitivamente, é a transmissão de informação e significado; afetivamente, o partilhar de sentimentos; e da perspectiva da avaliação, a transmissão de julgamentos, como aceitação e censura, por exemplo. Na maior parte da comunicação, as três ocorrem simultaneamente, mesmo que uma ou outra esteja em foco.

Há muitas maneiras de transmitir informações. As pessoas utilizam os rituais e o teatro para comunicar idéias, representando-as. Também empregam signos tais como os semáforos, ligam sirenes e tocam sinos para transmitir conhecimento. Mas o método que mais utilizam para comunicar mensagens cognitivas é a língua, falada ou escrita, porque é através das palavras que o pensamento humano abstrato é expresso com mais facilidade. Portanto, a fluência no idioma local é crucial para o serviço missionário. Não adianta muito transpor as barreiras transculturais se não pudermos comunicar o evangelho eficazmente com o que dizemos.

Juntamente com as mensagens cognitivas, comunicamos sentimentos e emoções e até mesmo se gostamos da pessoa com quem falamos. Indicamos raiua do assunto em discussão ou somos engraçados, sérios, tristes, sarcásticos, reservados ou críticos. E mesmo a poesia, os comentários irônicos, as piadas, os sermões e as propostas de casamento podem ser utilizados para comunicar nossos sentimentos.

Também comunicamos nossos julgamentos. Pelas nossas palavras e ações mostramos se estamos cientes ou não da veracidade do que os outros estão falando, se gostamos ou não do que dizem e se os julgamos corretos ou desonestos.

Durante uma comunicação normal, um desses três tipos de mensagem está “em foco”. Em outras palavras, é a mensagem principal que estamos tentando transmitir. Por exemplo, o estilo ocidental de ensinar se concentra na transmissão de idéias, enquanto na música, na poesia, na arte e no teatro sempre estamos tentando comunicar humores e sentimentos. Por outro lado, a pregação é utilizada para ensinar idéias e, em menor escala, expressar sentimentos. Mas seu principal objetivo sempre tem que ver com valores e decisões.

Enquanto nos concentramos na transmissão de uma mensagem, inconscientemente comunicamos muito mais. Por exemplo, numa conversa comum, nos concentramos em expressar as idéias. Mas pelas nossas expressões faciais, gestos, tons de voz, postura corporal, distância entre uma pessoa e outra e utilização

do tempo comunicamos sentimentos e valores como desconfiança, preocupação, desdém, desatenção, concordância e amor. No entanto, nem sempre estamos cientes dessas mensagens secundárias.

As mensagens secundárias ou paramensagens oferecem o contexto imediato dentro do qual a comunicação ocorre e determinam a maneira que a mensagem principal deve ser entendida. Elas nos dizem, por exemplo, se devemos interpretar os significados das palavras como ironia, sarcasmo, humor ou ambigüidade, ou se devemos tomá-las ao pé da letra. As paramensagens nos dizem o que o falante pensa do receptor.

Normalmente, estamos menos conscientes das paramensagens porque elas estão fora de foco. Mas não são menos reais. Na verdade, retrospectivamente nos lembramos mais vividamente e com maior freqüência dos sentimentos comunicados do que das idéias. Também acreditamos mais nas paramensagens do que nas mensagens principais. É mais difícil dizer uma mentira numa mensagem secundária porque não estamos cientes do que estamos dizendo nesse nível. Por exemplo, uma criança se recusa a confessar que roubou um biscoito de uma lata, mas lemos a culpa estampada em sua face. É por isso que gostamos de ver as pessoas quando conversamos.

As paramensagens desempenham um papel importante em missões. Na comunicação do evangelho, podemos *dizer* que amamos as pessoas, mas as nossas paramensagens podem proclamar em alta voz que não podemos suportá-las. Podemos nos considerar corretos visitando suas casas, mas nos recusamos a convidá-las às nossas. Nossas mensagens mais fundamentais são as nossas paramensagens, e quando não são coerentes com a nossa mensagem explícita, as pessoas não confiam em nós.

Meio e Parameio

Como já vimos, podemos utilizar muitos meios ou sistemas de símbolos diferentes para comunicar nossas mensagens — palavras, tons, gestos, espaço, tempo, etc. Nossa escolha depende da ocasião, das preferências pessoais e da nossa cultura. Em algumas culturas, o contato físico é uma maneira comum de mos-

TABELA 4

Porcentagem das Coisas que Lembramos

	Depois de Três Horas	Depois de Três Dias
O que ouvimos	70%	10%
O que vemos	72%	20%
O que vemos e ouvimos	86%	65%

trar afeição; em outras, é um tabu. Em algumas, os rituais e a dança são importantes; em outras, não.

Normalmente, empregamos diversos meios ao mesmo tempo — um para comunicar a mensagem, outro para transmitir paramensagens. No entanto, em algumas situações, utilizamos diversos meios para reforçar a mesma mensagem. Essa abordagem multivalente é particularmente poderosa para nos ajudar a lembrar mensagens (Tabela 4). Depois de três dias nos lembramos duas vezes mais o que vemos do que o que ouvimos. Mas quando dois meios, a visão e o som, são utilizados juntos, nos lembramos seis vezes mais. Isso tem uma grande importância em como comunicamos o evangelho.

Os sistemas de símbolos servem a uma segunda função importante chamada de armazenamento da informação. Todas as sociedades armazenam seu conhecimento de diferentes maneiras. Aquelas que são instruídas dependem muito da página escrita, quase excluindo os outros métodos de armazenamento da informação. Fazemos lembretes, escrevemos nossas idéias, lemos livros, revistas, sinais e escrevemos com fumaça no céu. Construímos bibliotecas e arquivamos pilhas infindáveis de papel. Na igreja, cantamos de memória mas sabemos apenas os primeiros versos da maioria dos hinos. Sem a escrita, a maioria de nós fica perdida.

Nas sociedades de tradição oral, as pessoas dependem da memória e a reforçam por vários meios. Elas armazenam informação em canções, poemas, provérbios, adivinhações, canções e histórias, tudo auxiliando o funcionamento da memória. Elas utilizam a repetição e diversos meios para reter seu conhecimento, cantando as mesmas músicas e reinterpretando suas histórias por meio do teatro, das danças e dos rituais. Usam objetos culturais como casas, templos, imagens e pinturas para se lembrarem de suas crenças religiosas. E como já vimos, associam seu conhecimento cultural ao mundo natural ao redor delas.

Há muitas implicações nisso para a comunicação do evangelho. Primeira, devemos escolher os meios apropriados para a mensagem que vamos comunicar e para a cultura na qual estamos localizados. Nós que somos alfabetizados temos a tendência de pensar somente em termos de armazenamento e comunicação do evangelho nas formas falada e escrita. Falhamos em não perceber que as sociedades de tradição oral não são “analfabetas”. Na verdade, elas têm um suprimento rico de conhecimento cultural e muitas maneiras diferentes de armazená-lo. Em tais sociedades, devemos aplicar esses meios de apresentar o evangelho de maneiras concretas de que as pessoas se lembrarão. Embora não devamos ignorar toda a educação formal, precisamos empregar o meio que já exista dentro da sociedade se quisermos alcançar agora as pessoas pelo que podem entender.

P. Y. Luke e John Carman (1968) apontam a importância do cântico para a comunicação e apreensão do evangelho em sociedades de tradição oral. Durante sua pesquisa nas igrejas de aldeias na Índia, verificou que a maioria

dos cristãos lá são analfabetos e não podem ler as *Escrituras*. Mas eles possuem teologia que armazenam em canções — o que os autores chamam de uma “teologia lírica”. As pessoas se reúnem à noite e cantam de memória dez ou doze versos de uma canção após a outra. Felizmente, a maioria dessas canções tem mais conteúdo teológico sólido que muitas do Ocidente.

Emissores e Receptores

A comunicação envolve um emissor e um receptor. Em missões, os dois são pessoas.

Os emissores iniciam o processo selecionando um meio e codificando sua mensagem em formas simbólicas tais como a fala, o gesto, ou a escrita. O processo é quase automático quando estamos em nossa própria cultura, e raramente temos consciência disso. A maior parte da nossa atenção é canalizada na formulação da mensagem. Só quando o mecanismo falha — por exemplo, quando tentamos falar em outra língua — é que ficamos conscientes da codificação da mensagem.

A codificação depende de muitos fatores. Obviamente os emissores utilizam símbolos culturais para comunicar mensagens. Estes incluem não só palavras, mas os gestos, a utilização do tempo e do espaço, e assim por diante. Menos óbvio é o fato de que codificamos nossas mensagens em termos de nossas próprias experiências. Nossa escolha de palavras e pronúncia, os sentimentos que atribuímos aos símbolos e até mesmo as mensagens que comunicamos são determinadas por fatores como a nossa idade, nosso sexo, nossa posição na sociedade, localização geográfica, nossas experiências passadas e atitudes presentes. É importante lembrar que nem toda a comunicação é determinada pela cultura. Há uma dimensão altamente pessoal nela.

A codificação também leva em conta o contexto. Cada um de nós, no curso de apenas um dia, muda lentamente de um conjunto de símbolos para outro, de um tipo de mensagem para outro, dependendo de onde estamos e a quem estamos nos dirigindo. Comunicamo-nos de uma maneira com nossos amigos, de outra com nossos cônjuges, e ainda de outra maneira com nossos professores, pastores, policiais ou presidentes. Temos linguagens especiais para os tribunais, a política, o comércio, para cada uma das ciências, para lazer e religião.

Finalmente, a codificação é multifacetada. Por exemplo, numa simples conversa, escolhemos uma mensagem colocando-a em palavras, cuidando para modificá-las de acordo com o tempo, gênero e número e outras regras da gramática; organizando-as numa ordem própria, produzindo sons falados com precisão suficiente para que o ouvinte entenda. Ao mesmo tempo, inconscientemente, codificamos paramensagens que comunicam atitudes e valores por meio do tom da voz, dos gestos e de outros parameios.

Os receptores precisam reverter o processo e decodificar as formas simbólicas que recebem, em significados. Como os emissores, eles filtram a mensagem,

usando de crenças e valores de sua cultura e de suas próprias experiências pessoais. Se pertencem a uma cultura na qual o cristianismo é visto como um inimigo, podem encontrar dificuldade para dar ouvidos ao evangelho. E, ainda, eles podem ter tido uma experiência ruim com um cristão, o que tonaliza sua reação ao evangelho.

Os receptores também decodificam as paramensagens e as utilizam para avaliar a mensagem principal. O que dissemos pode ser verdade, mas outros podem não acreditar se transmitimos atitudes de superioridade e desdém. Por mais que tentemos disfarçá-los, esses sentimentos serão comunicados.

Como medimos o sucesso da comunicação? Geralmente, achamos que nos comunicamos quando enviamos uma mensagem. Por exemplo, como missionários, medimos nossa comunicação pelo número de sermões que pregamos, pelas aulas que damos, ou pelo número de vezes que testemunhamos. Quando as pessoas nos entendem mal dizemos: “Mas eu falei ...” ou “Vocês não estavam ouvindo”. Em todos esses casos, nós presumimos que a comunicação implica somente *enviar* a mensagem.

No entanto, uma pequena reflexão nos mostra a falácia dessa abordagem. Há mais a comunicar do que o simples envio de uma mensagem. A comunicação ocorre só quando o emissor e o receptor têm algo em comum, e ambos compreendem o que o comunicador intenta dizer. Como salienta Charles Kraft (1979), a comunicação deve ser medida não pela mensagem que entregamos, mas pela mensagem que as pessoas recebem. Em outras palavras, *nossa comunicação deve ser orientada para o receptor*. Há pouco proveito em pregar se as pessoas não compreendem a mensagem, assim como há pouco proveito em mensagens evangelísticas radiodifundidas quando todos os ouvintes já são cristãos.

Na comunicação orientada para o receptor, não para a platéia, deve-se ter a responsabilidade de tornar a mensagem entendida. Há ocasiões em que os ouvintes deliberadamente distorcem seu significado, mas, na maioria dos casos, são os emissores que devem deixar a mensagem clara. Como comunicadores devemos testar e ver se as pessoas nos entendem e, se não, devemos assumir a culpa e refazer o processo.

Filtros e Feedback

Pode haver uma grande diferença entre a mensagem que enviamos e a maneira que as outras pessoas a recebem e a interpretam. James Engel (1984) lembra que as pessoas têm a tendência de ver e ouvir o que desejam ver e ouvir. Suas crenças mais profundas, seus sentimentos e valores agem como filtros que se abrem quando querem ouvir a mensagem e se fecham quando não querem mais. As pessoas podem evitar a mensagem se souberem que está por ser transmitida, ou não a ouvirem quando ela é transmitida. Também podem reinterpretar seu significado para adequá-lo a seus objetivos, ou não conseguir mudar em resposta a ela. Por outro lado, têm a tendência de ouvir quando acreditam que a mensagem é relevante e útil para elas. Como Engel nos lembra, nossos ouvintes

tes são soberanos. Eles decidem em grande parte se a mensagem terá efeito ou não. Portanto, é importante que tornemos nossa mensagem clara, digna de crédito e relevante para aqueles com os quais estamos nos comunicando.

Como sabemos quando nossas mensagens são mal-entendidas? Em parte, a resposta é o *feedback* — ouvir aqueles que recebem a mensagem. Geralmente estamos tão empenhados em enviar a mensagem que não ouvimos as respostas de nossos ouvintes. Como Stephen Neill (1961) diz, uma boa comunicação começa com a arte de ouvir.

Ouvir inclui estar atento às paramensagens. Precisamos ser sensíveis às expressões faciais das pessoas, aos gestos, ao tom de voz e à postura corporal que dizem muito mais sobre suas atitudes e respostas à mensagem.

Em muitos tipos de comunicação, tais como a pregação, o ensino, a radiodifusão e distribuição de literatura precisamos de outros métodos formais de obter o *feedback*. Um professor pode estimular a discussão e ouvi-la atentamente. Um missionário pode perguntar às pessoas como elas entenderam a mensagem. Pessoas da mídia podem utilizar métodos de pesquisa formal como questionários e entrevistas para determinar quem está ouvindo ou lendo e o que entendem da mensagem. Em todas essas situações, devemos aceitar a platéia como juiz. Se ela não entender a mensagem, somos nós emissores que não a comunicamos claramente.

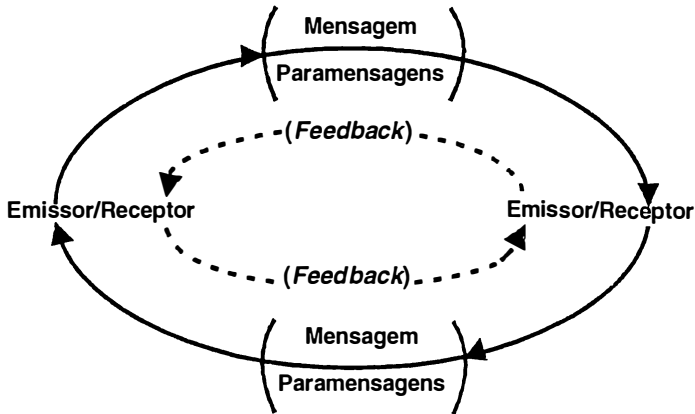
O *feedback* deve modificar nossa comunicação, imediata e continuamente. Se vemos que as pessoas não entendem a mensagem no nível cognitivo, precisamos diminuir o ritmo, simplificar o material, repeti-la, ilustrá-la com exemplos concretos ou parar e deixar que perguntem. Se forem hostis, tiverem dúvidas ou rejeitarem, devemos parar de desenvolver a confiança e examinar nossas próprias paramensagens quanto às possíveis fontes de mal-entendidos no nível afetivo.

Os Ruídos e a Incoerência

Outra barreira para a comunicação é o “ruído de fundo”, qualquer coisa que pode distrair as pessoas de receber a mensagem. Se há muito ruído de frequência quando ouvimos o rádio, sintonizamos outra estação. Da mesma forma, os estudantes perdem o interesse se a sala estiver muito quente ou muito fria, se o ventilador estiver muito alto ou se a professora apresentar meneirismos que distraiam ou um sotaque muito forte. Da mesma forma, as pessoas podem distrair-se ao ouvir o evangelho por causa do vestuário e do comportamento de um missionário estrangeiro, pela aparente magia de sua tecnologia ou pela sua pouca fluência no idioma local.

A incoerência é um ruído de outro tipo. Quando um pregador fala sobre o sacrifício e a simplicidade da vida cristã, mas dirige um carro de luxo e veste ternos feitos sob medida — ou um missionário fala sobre amar as pessoas, mas não as deixa entrar em sua casa — a paramensagem não apresenta coerência

FIGURA 23

A Boa Comunicação Ocorre nos Dois Sentidos

com a mensagem. Em tais casos, as pessoas geralmente acreditam na paramensagem.

Ser estrangeiro é um tipo de incoerência particular em situações transculturais. Nossas mensagens podem ser entendidas, mas nossas maneiras são estranhas e dispersantes. Por exemplo, uma missionária na Índia usava saias na altura do joelho, sem perceber que naquelas aldeias deixar a barriga da perna à mostra é considerado indecente. E na Nova Guiné, alguns missionários não repartiam liberalmente suas propriedades pessoais como alimento, lâmpadas, máquinas de escrever e armas com as pessoas da mesma maneira que elas compartilhavam as suas, umas com as outras.

Comunicação Bidirecional

Raramente a comunicação pessoal é um processo unidirecional. Em uma conversa, logo que alguém começa a falar, começamos a pensar sobre o que diremos. E quando falamos, a outra pessoa está aguardando para nos interromper. Isso é bom porque, além da transmissão de informação, a comunicação deve ser um diálogo no qual as duas partes ouvem e aprendem (Figura 23). Mas há também o perigo de que nenhum dos lados realmente ouça o outro. Numa boa comunicação devemos dar muita atenção e ouvir quem fala.

A comunicação bidirecional é particularmente importante em missões. Temos o evangelho a ser compartilhado, mas também temos muito a aprender. É nesse aprendizado que passamos a nos identificar com as pessoas e suas maneiras, e a construir e desenvolver confiança.

Reinterpretação e Reação

O resultado do dar-e-receber da comunicação é, de alguma forma, uma reação. Os receptores interpretam as mensagens dentro de seus contextos culturais e pessoais. Eles descartam o que não gostam ou não entendem, geralmente sem ouvir atentamente. Acrescentam o que faz sentido ao seu conhecimento, mudando o significado para ajustá-lo a suas crenças. No processo, geralmente distorcem a mensagem para ouvirem o que desejam ouvir. Estima-se que numa comunicação normal dentro da mesma cultura, as pessoas entendam somente cerca de 70% do que é dito. Em situações transculturais, o nível provavelmente não passe de 50%. Assim, precisamos de *feedback* e devemos ser claros, explícitos, concretos e até mesmo redundantes se quisermos ser entendidos.

Informações novas geralmente levam a decisões. Se as pessoas obtiverem informações precisas sobre o evangelho, estarão aptas a reagir significativamente a ele. Mas a informação não é o único fator envolvido na tomada de decisões. Os sentimentos desempenham um papel igualmente importante para a maioria das pessoas. Como a maioria das pessoas instruídas, os missionários são ensinados a tomar decisões com base na informação e na razão. No entanto, na sua vida diária, como comprar roupas novas ou um carro, eles são altamente influenciados por seus gostos e preferências de estilo e cores. O mesmo é verdade sobre aqueles que ouvem o evangelho. Seus sentimentos desempenham um papel tão importante em sua resposta ao evangelho como o seu conhecimento do conteúdo.

Os sentimentos que as pessoas têm em relação ao evangelho geralmente são influenciados pela maneira e pelo contexto dentro do qual a mensagem é transmitida. Pessoas recentemente alfabetizadas, por exemplo, sempre dão um alto valor ao texto impresso. Por outro lado, espectadores inveterados de televisão têm a tendência de desenvolver ceticismo em relação a esse meio de comunicação mesmo que continuem a usá-lo para adquirir informações.

Os sentimentos das pessoas também são influenciados por seu grau de confiança no comunicador. Se o mensageiro não tiver credibilidade em seus olhos, a mensagem em si geralmente é rejeitada. Por outro lado, se elas sentem que o missionário realmente as ama, ficam mais abertas ao evangelho.

As decisões mais profundas que as pessoas tomam são aquelas que mudam suas vidas. São determinações de avaliação e formam o núcleo da conversão. As mudanças no conhecimento e nos sentimentos não são suficientes. Só quando levam a mudanças na obediência e no comportamento podemos falar do senhorio de Cristo e do discipulado cristão.

No entanto, depois de tomadas as decisões, geralmente elas são reavaliadas à luz de acontecimentos posteriores. As pessoas que decidem tornar-se cristãs podem achar muito grande a pressão de suas comunidades. Ou podem avaliar sua resposta à luz de novas informações. Isso é particularmente verdade nos

novos convertidos que recebem pouco apoio para sua fé, por parte da comunidade cristã local. Eles, como nós, constantemente reavaliam suas crenças dentro da estrutura de crenças daqueles mais próximos a eles; se houver pouco reforço de seus pares, sua fé se enfraquece. Portanto, é importante que entendam a comunicação e a tomada da decisão não só de um ponto de vista pessoal, mas também com a dinâmica social em mente.

Nós nos comunicamos por muitas razões. Por exemplo, numa classe, nosso objetivo principal é transmitir e avaliar informações. Contamos piadas para tornar o trabalho mais agradável, mas elas não são fundamentais aos nossos propósitos. Por outro lado, os concertos ocorrem para entreter e exprimir sentimentos. As igrejas são, para a adoração e a comunhão, os tribunais para imposição das normas sociais (veja Tabela 5).

É importante lembrar que meios específicos são utilizados para certas funções e eles diferem de cultura para cultura. Por exemplo, nas sociedades tribais, a adoração religiosa e a instrução são comunicadas principalmente por meio de rituais. Aos cultos de adoração, os camponeses africanos acrescentam danças e os camponeses indianos acrescentam o teatro e as trovas. A pregação, como a conhecemos, é rara nessas sociedades e as pessoas ficam sempre confusas e cansadas com os sermões evangelísticos. Por outro lado, quando na Índia o evangelho é apresentado de forma dramatizada, a maioria dos camponeses aparece e permanece até o final da história. Portanto, é importante utilizar meios apropriados para os objetivos de nossa comunicação nessa cultura.

TABELA 5
A Comunicação Serve a Diferentes Funções

Função	Comunicação
Cognitiva	—para pedir e receber informações —para coordenar atividades —para transmitir uma herança cultural
Afetiva	—para divertir —para expressar sentimentos e humores —para adorar
Avaliadora	—para fazer e impor regras sociais —para mostrar posição e prestígio —para determinar posições sociais e recursos

Contexto

Um elemento final da comunicação que precisa ser mencionado é o contexto. A comunicação sempre ocorre dentro de um ambiente e uma ocasião, os quais formam a natureza e a interpretação da mensagem. As mesmas palavras ditas num teatro apresentam significados diferentes quando são ditas na vida real, assim como os gestos que utilizamos na igreja podem ser feitos em tom de zombaria por um comediante. As palavras proferidas por um juiz no tribunal carregam um peso diferente daquelas ditas em conversas com um amigo. Da mesma maneira, o que os missionários dizem em particular será entendido de forma diferente ao falarem no púlpito.

Uma parte importante de muitos contextos é a platéia. Até agora vimos a comunicação entre dois indivíduos. No entanto, na vida real, há outras partes diretas ou indiretamente envolvidas no processo. Isso pode ser observado melhor por meio de uma ilustração. Dois universitários podem estar envolvidos numa conversa informal, quando uma professora passa por perto, e eles imediatamente levantam o nível da discussão para impressioná-la. Embora superficialmente os dois continuem a conversar, na verdade estão direcionando sua conversa para uma platéia.

As platéias desempenham um papel importante, particularmente nas comunicações públicas. Os missionários no exterior devem ter em mente os conselhos e as igrejas que o enviam, ao falarem com as pessoas. E quando apresentarem seus relatórios a suas igrejas devem ser sensíveis a como seus relatos podem parecer às pessoas entre as quais trabalham. As primeiras igrejas no exterior não tinham muita ciência do que os missionários diziam sobre elas quando estavam gozando de licença em seu país. Hoje, com as viagens e a vasta disseminação de material impresso, isto não mais se dá.

A Comunicação e o Missionário

Quais são as implicações disso tudo para os missionários e seu trabalho? Primeiro, precisamos reconhecer que a nossa tarefa principal é uma comunicação eficaz. Há pouca importância em darmos nossa vida ou viajar milhares de quilômetros se não pudermos completar os últimos dois metros. A comunicação é um processo complexo e precisamos continuamente estudar sua eficácia. Uma reflexão cuidadosa na maneira que nos saímos ao comunicar o evangelho pode nos ajudar muito em nossa tarefa.

Segundo, precisamos estar mais alertas aos elementos implícitos da comunicação. Estudamos o idioma, e talvez a cultura, mas raramente somos ensinados sobre as dimensões mais implícitas da comunicação. Geralmente nem mesmo refletimos sobre os meios estranhos à nossa própria cultura e treinamento, ou à questão de que meios são mais apropriados para a comunicação

do evangelho em outra cultura. Conseqüentemente também desprezamos com freqüência as maneiras mais eficazes de alcançar as pessoas.

Em terceiro lugar, devemos nos tornar orientados para o receptor, em nosso pensamento. É natural pensarmos em comunicação em termos do que falamos. Precisamos aprender a avaliar pelo que as pessoas ouvem. Se elas não ouvem ou se nos entendem mal, somos nós que devemos mudar nossos métodos. O evangelho é a mensagem da salvação de Deus, mas as pessoas devem entendê-lo dentro de seus próprios contextos culturais e pessoais para que reajam.

Finalmente, quando comunicamos o evangelho, nunca devemos desprezar o fato de que Deus está trabalhando por meio de seu Espírito no coração dos que ouvem, preparando-os para as boas novas. Sem isso, a conversão verdadeira é impossível. Deus utiliza os meios imperfeitos da comunicação humana para tornar sua mensagem conhecida a nós, e então, por nosso intermédio, para os outros. E mesmo quando não estamos habilitados a transmitir a mensagem, ele sempre a utiliza para transformar a vida das pessoas. Isso não tem o objetivo de justificar nossa negligência na boa comunicação, mas o de dizer que, no final, a comunicação do evangelho depende do trabalho de Deus no coração das pessoas preparadas por ele, e que a comunicação cristã deve sempre ser acompanhada por oração e obediência à direção do Espírito Santo.

Contextualização Crítica

O QUE AS PESSOAS DEVEM FAZER COM SEUS VELHOS HÁBITOS CULTURAIS QUANDO SE tornam cristãs, e como os missionários devem reagir a essas crenças e práticas tradicionais?

Quando os missionários chegam a uma região nova, não entram num vácuo religioso e cultural. Eles encontram sociedades com culturas bem desenvolvidas que atendem às necessidades essenciais e tornam a vida humana possível. Também encontram crenças religiosas e filosóficas que fornecem às pessoas as respostas a muitas de suas questões mais profundas. Então, como eles devem-se relacionar com as crenças e práticas culturais existentes? Todas elas são pecado? Ou são boas?

Culturas Tradicionais

Como vimos, as culturas são constituídas de sistemas de crenças e práticas construídas sobre pressupostos implícitos que as pessoas têm sobre elas mesmas, sobre o mundo ao redor delas e sobre as principais realidades. Quais são algumas dessas crenças e práticas a que os cristãos devem reagir?

Cultura material

As pessoas criam objetos para seu uso e entretenimento. Constroem casas de troncos, barro, pedras ou cimento. Fazem canoas, barcos a vapor, iates e botes; trenós de cães, carros de boi, liteiras, pás, enxadas, arados, gradeadores;

bolsas de couro, cestas, potes e caixotes. Domesticam cães, criam porcos, galinhas, búfalos, lhamas, elefantes e macacos; cultivam trigo, arroz, tubérculos, pimentas, chicória, ameixas, café, alfafa, espora, ervas, capim e milhares de outras plantas; e ainda pescam peixes, lagostas e caranguejos e caçam pássaros.

As pessoas manipulam remédios para os doentes. Os camponeses do sul da Índia misturam folhas de índigo, cerejas secas e ferro em pó com o suco de raízes de uma árvore e urina de ovelha e colocam no cabelo para tingi-lo, mudando de grisalho para preto. A cura para resfriados inclui comer alimentos quentes, salgados e apimentados, cuspir sempre, fazer massagens, cheirar rapé e abster-se de sono.

As pessoas também utilizam mágicas como cura e simpatias de proteção. Os birmaneses curam os doentes enterrando pequenas imagens deles em caixões de miniatura. Os magos siameses fazem esfinges das pessoas que estão muito doentes e recitam cantos sobre elas em lugares ermos. Os muçulmanos fazem miniaturas do Corão, que penduram no pescoço. E os camponeses hindus cantam mantras sagrados ou inscrevem desenhos mágicos em folhas de cobre, que amarram nos pulsos ou quadris (Figura 24).

Outros objetos são utilizados para fins religiosos. Entre os iorubas no oeste da África, quando um gêmeo morre, as pessoas fazem uma escultura tosca em forma humana, que a mãe carrega consigo. Isso não só impede a criança viva de sentir saudade de seu irmão como também dá ao espírito da criança morta algo para tomar posse a fim de não perturbar a criança viva. Os haidas da costa noroeste da América do Norte esculpam totens em estacas, em memória de seus ancestrais. Outros povos fazem fetiches, ícones, ídolos, constroem templos, mesquitas, erigem altares e outros santuários sagrados.

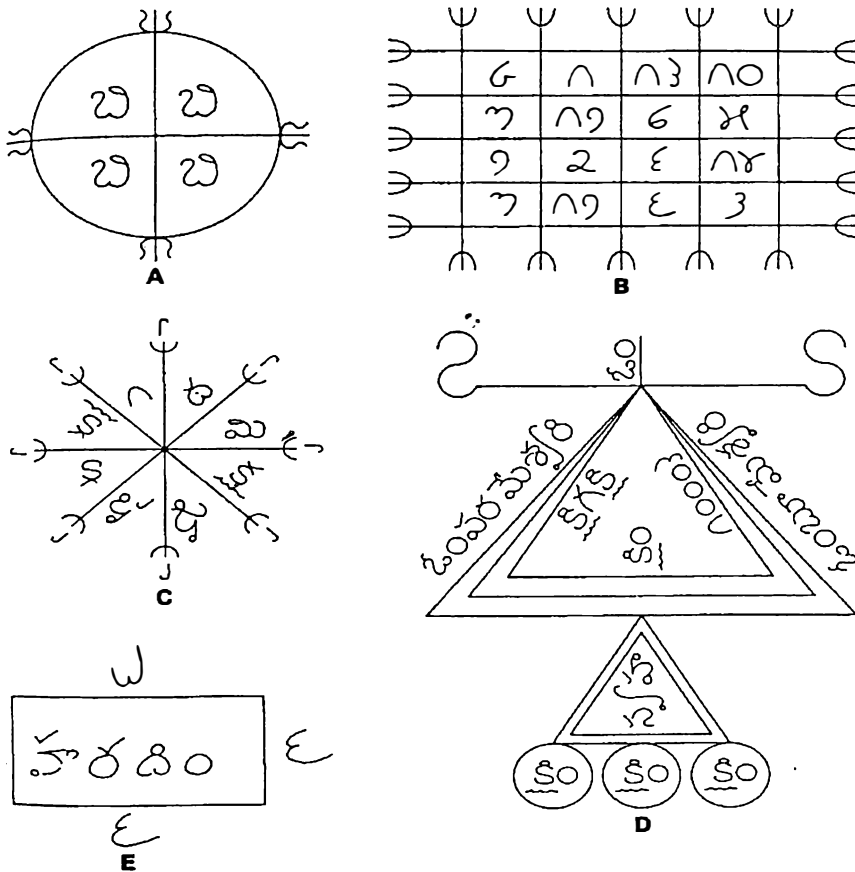
Esses e muitos outros são objetos materiais de uma cultura aos quais os cristãos devem reagir. E o que devem fazer com todos eles?

Cultura Expressiva

Todas as culturas oferecem meios para as pessoas expressarem seus sentimentos, sejam estes de prazer, de entusiasmo na diversão, de dor pela partida e pela morte de parentes, de apresentações criativas de artistas ou filósofos tribais, ou de medo e temor aos deuses e espíritos.

Uma das expressões humanas mais comuns é a música. Na África central ela se focaliza em torno de rituais e diversões e está intimamente associada aos tambores e à dança. No Tibete as pessoas usam trompas enormes para anunciar o início dos cultos. As mulheres do sul da Índia cantam músicas de trabalho enquanto transplantam o arroz. Os índios norte-americanos cantam para seus espíritos protetores enquanto esperam pela morte. Os americanos ouvem música clássica, *country*, *jazz* ou *rock*.

Amuletos do Sul da Índia



Os amuletos, quando utilizados adequadamente em uma aldeia no sul da Índia, trarão automaticamente os resultados desejados. Esses amuletos combinam figuras poderosas, sons e palavras. A: *Yantra* para dor de cabeça, inclui gravá-lo num prato de latão, acender uma vela diante dele depois de ser enrolado num fio, cobri-lo com pó vermelho e amarelo e amarrá-lo na cabeça. B: *Yantra* para garantir a gravidez, implica desenhá-lo numa folha de papel ou cobre e amarrá-lo no braço da mulher estéril. C: Utilizado para a malária. D: Ao deus Narasimha, para poder e proteção geral. E: (Para uso de jovens do sexo masculino) Quando escrito em papel e amarrado no braço fará com que a mulher escolhida por um homem se apaixone por ele (não há outro amuleto para proteger as mulheres de homens lascivos que usam essa mágica).

De *Konduru* por Paul G. Hiebert. Reimpresso com permissão da Editora, University of Minnesota Press. Copyright © University of Minnesota.

Os povos cantam sobre muitos temas. As mães balengis da África central cantam canções de ninar para seus filhos, como estas (adaptadas de Radin 1957:140):

Por que choras, meu filho?
 O céu está claro; o sol brilha.
 Por que choras?
 Vai a teu pai: ele te ama,
 Vai. Conta-lhe por que choras.
 Quê! Ainda choras?
 Teu pai te ama, eu te afago:
 E ainda és triste?
 Diga-me, então, filho: por que choras?

As mães indianas cantam para suas filhas:

Abençoada és, filha do rei da montanha,
 Escravas cantarão tua beleza em berço de ouro.
 Dorme, olhos cor-de-lilás, dorme em paz,
 És a escolhida de Xiva, alegre-te com teus brinquedos.

Também recitam provérbios e adivinhações. Eis um provérbio de uma aldeia no sul da Índia: “Moscas, vento, prostitutas, mendigos, ratos, chefes, coletores de impostos; estes sete sempre aos outros importunam”.

Outro diz:

A esposa que não comer os restos do prato de seu marido reencarnará
 num búfalo,
 A esposa que se enfeita quando o marido está fora reencarnará
 num porco,
 A esposa que comer antes que seu marido volte reencarnará
 num cachorro,
 A esposa que dorme em cama e faz seu marido dormir no chão reencarnará
 numa cobra.

E outro:

O santo que diz o som *om*
 Se tornará um contigo,
 Oh! Grande deus Rama.

Em todas as culturas as pessoas também oram. Os camponeses de Gana oram a seus ancestrais na cerimônia de sepultamento (Taylor 1977:153):

Hoje você nos deixou; fizemos seu funeral. Não permita que nenhum de nós adoça. Ajude-nos a ganhar dinheiro para pagar as despesas de seu funeral. Conceda que as mulheres concebam filhos. Conceda vida para todos. Vida para o chefe.

Por outro lado, os índios pawnee, da América do Norte, oravam aos céus, mas não conheciam a Deus (Radin 1957:361):

Pai, diante de ti clamamos!
Pai, de deuses e homens;
Pai, de todos os que ouvem;
Pai, de todos os que vêem
Pai, diante de ti clamamos!

Poetas e filósofos populares também refletem sobre a realidade da vida e do destino dos homens. Em geral dão respostas sensatas, com fundamentos claros na realidade. Um sábio hindu antigo captou a avareza humana no seguinte dito (Ryder 1956:374):

Um mendigo correu para o túmulo,
E lá gritou: "Amigo defunto, levanta-te";
"Por um momento, levanta meu grande peso de pobreza;
Porque ultimamente
Vivo cansado e desejo, em vez disso,
Teu conforto: és bom e morto".
O defunto ficou quieto. Tinha certeza de que era melhor
Estar morto do que ser pobre.

Uma das formas mais difundidas de literatura popular é o conto. As pessoas em todas as culturas contam histórias sobre as incoerências da vida e os hábitos estranhos dos outros. Contam histórias para crianças e histórias para homens e mulheres. Também contam fábulas sobre as origens do mundo e de suas tribos. Tais contos, geralmente conhecidos como mitos, expressam suas crenças fundamentais sobre a natureza das coisas, especialmente sobre a natureza dos seres humanos e suas relações com seus ancestrais, espíritos e deuses.

O Demônio que Destruíu a Si Mesmo

Certa vez Basma, o demônio, estava aprendendo arte e ciências com o deus Ishvara. Parvati, a esposa de Ishvara, ficou impressionada com o aluno e implorou que Ishvara lhe desse uma bênção especial. Finalmente, por causa da intercessão de Parvati, Ishvara deu ao demônio um mantra secreto conhecido como a "essência mágica do fogo", que lhe dava o poder de transformar tudo o que tocasse em fogo e cinzas.

Com o tempo, Basma se apaixonou por Parvati e secretamente pensou em seduzi-la. Decidiu tocar Ishvara e queimá-lo, mas quando Ishvara o viu se aproximando, fugiu.

Maha Vishnu, o grande deus, viu isso e decidiu pôr fim no demônio. Tomou a forma de uma mulher ainda mais bela e criou um balanço de ouro. Quando Basma viu a mulher balançando-se e cantando canções de amor, ficou imediatamente apaixonado por “ela” e lhe perguntou quem era. “Não vê que sou uma mulher?”, Vishnu disse.

— Você é casada? — Perguntou Basma.

— Não. — Disse Vishnu.

— Você se casará comigo? — Implorou o demônio.

— Sim, mas não acredito nos homens. Coloque sua mão sobre a cabeça e prometa que será fiel a mim e nunca me deixará. — Disse Vishnu.

Basma, que estava tão apaixonado, se esqueceu que sua mão era enfeitiçada. Tocou a cabeça, jurou fidelidade à linda mulher e então foi consumido até as cinzas.

Adaptado de Gananath Obeyesekere, *The cult of the goddess Pattini* (Chicago: University of Chicago Press, 1984), p. 113-114. © 1984 University of Chicago Press.

No caso das religiões universalistas, como o budismo, o islamismo e o hinduísmo, esses contos e as teologias religiosas a eles relacionadas são codificados em escrituras sagradas como, por exemplo, o *Tripitaka* (budismo), o Corão (islamismo) e os *Vedas* e *Puranas* (hinduísmo).

Cultura Ritualística

Os missionários acham particularmente difícil lidar com os rituais da nova cultura, uma vez que, geralmente, tratam das experiências mais profundas da vida humana e refletem as crenças mais íntimas das pessoas. Como os cristãos devem reagir a eles?

Ritos do ciclo da vida. Todos os povos enfrentam a questão do significado da vida. E todos eles o fazem, em parte, marcando as transições importantes da vida com rituais, tais como os de nascimento, iniciação à vida adulta, casamento e morte. Esses ritos geralmente nos mostram os pressupostos mais significativos dos povos sobre a natureza e o destino dos seres humanos e seu lugar no mundo.

Uma criança não se torna um ser humano simplesmente pelo nascimento biológico. Ela deve ser transformada num ser social, um membro da sociedade. Isso em geral acontece por meio de ritos misticamente criativos nos quais um bebê se torna um ser humano. Entre os chaggas, da África, por exemplo, o bebê é formalmente apresentado aos parentes da mãe no quarto dia após o nascimento. Uma semana depois ele se torna um membro do clã paterno atra-

vés de uma cerimônia complexa. Depois de mais um mês, é levado para fora e erguido em direção ao topo nevado do Kilimanjaro com uma oração: "Deus e Guia, leva essa criança, guarda-a e deixa-a crescer e subir como fumaça!" (Taylor 1977:94-95).

Depois de um nascimento, os gikuyus do leste da África enterram a placenta num campo não-cultivado e a cobrem com grãos e capim para garantir a força da criança e a fertilidade contínua da mãe. O pai corta quatro canas se a criança for uma menina, e cinco, se for um menino. Dá o caldo para a mãe e para a criança, enterra o bagaço no lado direito da casa, se for um menino, e no lado esquerdo, se for menina. Sacrifica uma cabra para celebrar, e o curandeiro é chamado para purificar a casa. A mãe e a criança são mantidas em reclusão por quatro ou cinco dias, e o marido sacrifica uma ovelha em agradecimento a Deus e ao morto-vivo.

Omodo

Walter A. Trobisch

Em uma de minhas viagens fui até uma igreja africana onde ninguém me conhecia. Depois do culto, conversei com dois rapazes que também estavam lá.

— Quantos irmãos você têm? — Perguntei ao primeiro.

— Três.

— Eles são da mesma mãe?

— Sim, meu pai é cristão.

— E você? — Perguntei ao outro rapaz.

Ele hesitou. Estava somando mentalmente, e logo vi que ele vinha de uma família poligâmica.

— Somos nove. — Ele disse finalmente.

— Seu pai é cristão?

— Não, ele é polígamo. — Foi a resposta típica.

— Você é batizado?

— Sim, e meus irmãos e irmãs também. — Acrescentou orgulhosamente.

— E as mães?

— Todas as três são batizadas, mas só a primeira esposa toma a Ceia.

— Leve-me até seu pai.

O rapaz me levou até um complexo com muitas casas. Exalava uma atmosfera de limpeza, ordem e riqueza. Cada esposa tinha sua própria casa e sua própria cozinha. O pai, um senhor de meia-idade, de boa aparência, alto, gordo, que impressionava, me recebeu sem constrangimento e com aparente alegria. Achei Omodo, como o chamaremos, uma pessoa bem-educada, animada e inteligente, com um senso de humor sagaz e raro. A princípio ele não se desculpou por ser polígamo, tinha orgulho daquilo. Permitam-me tentar explicar aqui a essência do conteúdo de nossa conversa daquele dia, que durou muitas horas.

— Seja bem-vindo à casa de um pobre pecador! — As palavras foram acompanhadas por uma generosa risada.

— Parece um rico pecador. — Retruquei.

— Os santos raramente aparecem neste lugar, — ele disse —, não querem ser contaminados pelo pecado.

— Mas eles não têm medo de receber suas esposas e seus filhos. Eu os encontrei na igreja.

— Eu sei. Dou a cada um uma moeda para o gazofilácio. Acho que financio metade da renda da igreja. Estão felizes em receber meu dinheiro, mas não me querem.

Sentei-me pensando silenciosamente. Depois de um instante ele continuou.

— Tenho pena do pastor. Recusando a aceitar todos os homens polígamos da cidade como membros da igreja, deixou seu rebanho pobre e estará sempre dependendo dos subsídios da América. Ele criou uma igreja de mulheres, a quem todos os domingos ele diz que a poligamia é errada.

— Sua mulher não ficou triste quando você tomou uma segunda esposa?

Omodo olhou-me quase com pena.

— Foi o seu dia mais feliz. — Ele disse finalmente.

— Conte-me como aconteceu.

— Bem, um dia depois de chegar a casa, vindo do jardim e de cortar lenha e buscar água, ela estava preparando o jantar enquanto eu sentava em frente da minha casa e a observava. De repente ela se virou e zombou de mim. Me chamou de “homem pobre” porque tinha uma mulher só. Ela mostrou a esposa de nosso vizinho que podia cuidar dos filhos enquanto a outra esposa preparava a comida.

— Homem pobre. — Repetiu Omodo. — Posso agüentar muita coisa, mas não isso. Tive de admitir que ela estava certa e que precisava de ajuda. Ela havia escolhido uma segunda esposa para mim, e estavam-se dando bem.

Olhei ao redor e vi uma mulher jovem e bonita, com uns 19 ou 20 anos, vindo de uma das cabanas.

— Foi um sacrifício para mim. — Omodo comentou. — Seu pai me exigiu um preço muito alto por uma noiva.

— Você quer dizer que a esposa que o fez se tornar um polígamo é a única da sua família que toma a Ceia?

— Sim, ela contou ao missionário a dificuldade que tinha de compartilhar o amor do marido com outra mulher. Segundo a igreja, minhas esposas não são consideradas pecadoras porque cada uma delas só tem um marido. Eu, o pai, sou o único pecador de nossa família. Como a Ceia do Senhor não é oferecida a pecadores, sou excluído dela. O senhor entende isso, pastor?

Eu estava totalmente confuso.

— E veja só, — continuou Omodo —, todos estão orando por mim para que eu possa ser salvo do pecado porque não concordam sobre qual pecado devo ser salvo.

— O que quer dizer?

— Bem, o pastor ora para que eu não continue com o pecado da poligamia.

Minhas esposas oram para que eu não cometa o pecado do divórcio. Fico pensando qual oração é ouvida primeiro.

— Então suas esposas têm medo de que você se torne cristão?

— Têm medo de que eu me torne um membro da igreja. Deixemos isso de lado. Para mim há uma diferença. Veja só, elas só podem ter relações íntimas comigo enquanto eu não pertencer à igreja. No momento em que eu me tornar membro da igreja, suas relações matrimônias comigo se tornarão pecaminosas.

— Não gostaria de se tornar membro da igreja?

— Pastor, não me leve à tentação! Como posso me tornar um membro da igreja se isso significa desobedecer a Cristo? Cristo proíbe o divórcio, mas não a poligamia. A igreja proíbe a poligamia, mas aceita o divórcio. Como posso me tornar membro da igreja se desejo ser cristão? Para mim só há um caminho, ser cristão sem igreja.

— O senhor alguma vez falou com seu pastor sobre isso?

— Ele não ousa falar comigo porque sabe tão bem quanto eu que alguns de seus diáconos têm uma segunda esposa às escondidas. A única diferença é que eu sou honesto, e eles, hipócritas.

— Algum missionário já conversou com o senhor?

— Sim, uma vez. Eu lhe disse que com os altos índices de divórcio na Europa, eles apenas têm uma forma sucessiva de poligamia enquanto nós temos uma poligamia simultânea. O resultado? Ele nunca mais voltou.

Fiquei estarecido. Omodo me acompanhou até a aldeia. Evidentemente ele ficou feliz por ter sido visitado por um pastor.

— Mas me diga, por que você tomou uma terceira esposa? — Perguntei-lhe.

— Eu não a tomei. Herdei-a de meu último irmão, incluindo seus filhos. Na verdade, meu irmão mais velho teria sido o próximo na linhagem. Mas ele é um ancião. Não lhe é permitido pecar dando segurança a uma viúva.

Olhei nos seus olhos. — O senhor quer se tornar cristão?

— Eu *sou* cristão. — Omodo disse sem sorrir.

Enquanto eu andava lentamente pelo caminho veio-me à mente este versículo: “Guias cegos! que coais o mosquito e engolis o camelo”.

O que significa ser responsável por uma congregação como a de Omodo? Lamento não ter-me encontrado com Omodo novamente porque o conheci numa viagem. Apenas contei a essência de nossa conversa porque ela contém resumidamente as principais atitudes dos polígamos para com a igreja. Sempre é muito saudável nos vermos com os olhos dos outros.

Perguntei-me: O que teria feito se fosse o pastor na cidade de Omodo?

Na maioria das sociedades, o casamento é o ritual central da vida. Ele reorganiza a ordem social tirando um ou os dois cônjuges da casa paterna. O casamento estabelece uma família e trata de fertilidade e filhos e sempre está associado com significados religiosos profundos. Entre os bhotiyas do Tibete, o processo dura pelo menos três anos! Alguns dos passos importantes para cumprir são: (1) os astrólogos determinam se o casamento será favorável; (2) os tios da moça e do rapaz agem como intermediários e trazem presentes para um e para o outro à medida que são feitas as promessas; (3) os intermediadores oferecem uma festa e invocam as bênçãos dos deuses sobre o casal; (4) um ano depois, todos os parentes dos dois lados participam de uma grande festa, e o preço da noiva é pago; (5) um ano mais tarde o astrólogo determina o tempo adequado para a noiva se unir a seu marido, os *lamas*, ou sacerdotes, vêm para celebrar, dois “ladrões” tentam roubar a moça e são expulsos, os convidados dão presentes para a noiva, e ela volta para casa; e (6) depois de mais um ano os pais dão à noiva seu dote, e ela é escoltada até a casa do rapaz. A cerimônia de casamento então está finalizada.

Entre os rituais mais temidos estão os funerais. Acredita-se que o espírito do morto se une aos ancestrais ou permanece ao redor da casa por alguns anos, influenciando as coisas dos vivos. Os funerais também podem atrair espíritos maus que lançam pragas nos parentes mais próximos.

Esses tipos de crença são encontrados entre os kols da Índia (Van Gennep 1960:151). O corpo é colocado no chão logo depois da morte para que a alma possa encontrar seu caminho até a casa dos mortos, sob a terra. O corpo é lavado e pintado de amarelo para afugentar os espíritos maus que tentam impedir a alma de sua jornada. Em seguida é colocado sobre uma pira, juntamente com arroz e as ferramentas do falecido. Bolos de arroz e moedas de prata para a viagem até o mundo inferior são colocados na boca do defunto. Depois da cremação, os homens juntam os ossos e os reúnem num pote que é pendurado na casa do morto. O arroz é jogado ao longo da estrada para que, se o falecido voltar, a despeito de todas as precauções, tenha alguma coisa para comer e não machuque ninguém. Depois de um tempo, “casa-se” o falecido com os espíritos do mundo inferior através de cantos, danças e festas. Finalmente, os ossos são enterrados em um campo.

O ritual do ciclo da vida menos entendido pelos missionários ocidentais é o da iniciação. Na maioria dos lugares do mundo, as crianças são transformadas em adultos através de um ritual que sempre implica testes de sofrimento, separação dos pais e da comunidade e a iniciação nos papéis dos adultos. Aqueles que não passam por esses rituais são considerados crianças ou homens incompletos, não importa a idade.

Os chaggas do leste da África, por exemplo, possuem diversos rituais que marcam a entrada na idade adulta. Quando as crianças chegam à puberdade, suas orelhas são furadas. De um lado essa cerimônia as une de maneira especial a seus avós paternos e de outro, aos tios maternos. Em seguida são

cerimonialmente introduzidas no trabalho doméstico e na lavoura e, como reconhecimento de sua nova posição, pela primeira vez podem provar cerveja e carne de caça. Desse momento em diante, os jovens adultos são ensinados a respeitar seus ancestrais por meio de recitação de histórias e canções. Então, quando estão com cerca de doze anos, seus dois dentes incisivos inferiores são removidos e oferecidos ao primeiro ancestral. Finalmente, são circuncidados — um ritual que transforma meninos e meninas em homens e mulheres plenos dentro da família.

Nesses rituais, os iniciantes geralmente são considerados mortos para o mundo infantil e renascidos para o mundo adulto. Por exemplo, os kores do oeste da África levam os meninos para a floresta durante quinze dias. O bosque da iniciação fica situado no lado oeste da aldeia, símbolo da morte que devem experimentar. Ali, os mais velhos os chicoteiam com galhos espinhentos e tochas incandescentes. Os primeiros significam a dor de deixar a vida anterior e as dificuldades de adquirir novo conhecimento. As últimas representam a iluminação divina.

Os iniciantes agora são considerados “mortos”, enterrados no bosque e rodeados por cercas de espinho. Mas também são embriões prontos para renascer como adultos. As mães trazem comida para o bosque, mas não vêem seus filhos, que permanecem completamente passivos e sozinhos e devem ser alimentados pelos mais velhos.

Finalmente, os noviços são cobertos com um coberta grande de pele de animal e um líder canta uma prece de ressurreição e fertilidade: “Se o céu é curvo, então choverá. Que o milho seja abundante, os nascimentos se multipliquem, a doença se vá, os ‘mortos’ [os iniciantes] revivam para sempre, sempre e sempre” (Ray 1976:93). Quando a coberta é removida, os noviços renascem como adultos.

Alguns ritos de iniciação implicam uma introdução à vida sexual. Sobre os rituais elaborados de iniciação das mulheres de Banaro na Nova Guiné, Richard Thurnwald escreve:

[Durante nove meses] as meninas são confinadas num cubículo na casa da família, recebendo sopa de sagu no lugar de água. Depois, o cubículo é desmontado pelas mulheres, as meninas são soltas, permitindo-se que abandonem a casa. As mulheres pegam cocos deixados à mão e os atiram contra as garotas, que finalmente são jogadas na água, novamente surradas com os cocos. As meninas se arrastam para fora da água até o barranco, recebem porções de sagu e carne de porco e são vestidas e enfeitadas com brincos, pendentes de nariz, colares, braceletes e ervas aromáticas. Depois disso, ocorre uma dança das mulheres.

Nessa mesma noite ... os homens se reúnem nas ruas da aldeia. Os anciãos se aconselham mutuamente combinando a distribuição das meninas segundo o costume. Esse costume me foi explicado da seguinte maneira. O pai do noivo escolhido é quem realmente deveria possuir a garota, mas fica

“envergonhado” e pede a seu irmão, seu *mundu*, que a inicie nos mistérios da vida de casada em seu lugar. Este homem concorda em fazê-lo. A mãe da menina a leva para o pai do noivo, e diz à filha que ele a levará para encontrar o duende....

Não é permitido que o noivo a toque até que ela tenha um filho. A criança é chamada de criança-duende. Quando a criança-duende nasce, a mãe diz: “Onde está o teu pai? Quem se envolveu comigo?”. O noivo responde: “Eu não sou o pai; ela é uma criança-duende”; e ela retruca: “Eu não sabia que tive relações com um duende”. [Reimpresso da American Anthropological Association Memoir N^o. 3, “*Bánaro Society: social organization and kinship system of a tribe in the interior of New Guinea*”, 260-262, 1916. Não é permitida reprodução sem permissão do editor.]

O noivo banaro, por sua vez, é iniciado sexualmente pela esposa do amigo, de seu avô.

Rituais de cura e prosperidade. Todas as sociedades buscam a prosperidade, seja na forma de filhos, de boas colheitas, de sucesso no amor ou de poder especial. E todas enfrentam crises de doença, morte, secas, enchentes, terremotos etc. Toda sociedade também possui conhecimento popular comum para lidar com esses problemas. Mas o que acontece quando o conhecimento humano falha? Nesse momento, muitas pessoas se voltam para seus rituais religiosos ou mágicos buscando obter respostas.

Por exemplo, na Guiné, no oeste da África, as moças oferecem para um curandeiro bonecas esculpidas representando mulheres amamentando crianças com o fim de garantirem a gravidez, enquanto os moços atiram com armas e brandem espadas para expulsar os demônios. Entre os chukchees, o xamã fica possuído por um espírito de cura, fala em línguas estranhas e vai para o espírito do mundo trazer de volta a alma do paciente que se desviou. Os gregos no Novo Testamento buscavam oráculos que previam o futuro e ajudavam seus clientes a evitar o perigo.

Muitos povos têm medo de espíritos maus e possuem meios de exorcizar demônios de indivíduos ou de cidades inteiras. Em Bali as pessoas fazem uma festa para os demônios, dispendo-os numa encruzilhada fora da aldeia. Eles então levam os espíritos para fora, à festa, acenando com tochas acesas no templo sagrado e fazem bastante barulho. Então, de repente, tudo fica em silêncio enquanto as pessoas roubam a casa, deixando os espíritos festejar. O silêncio continua durante todo o dia seguinte e ninguém trabalha. Depois da festa, os demônios querem voltar para casa. Não ouvindo mais nenhum barulho, acreditam que a aldeia é uma ilha deserta e fogem.

Ciclos Anuais

Muitos rituais são corporativos em sua natureza e celebrados pela sociedade como um todo. Entre eles estão os ciclos anuais que marcam transições no

tempo, tais como o início do ano, os ciclos da semana ou da lua, a plantação e a colheita da safra e outros ritos de fertilidade e de mudança das estações.

Por exemplo, os chineses costumavam fechar o portão entre as partes mongol e chinesa da cidade de Pequim por meia hora, à meia-noite da passagem do Ano Novo. Pedacos de papel vermelho e coisas semelhantes eram amarrados nas portas das casas e dos armários. Depois disso, eram oferecidos sacrifícios aos ancestrais e às divindades, e todos os parentes comiam juntos para celebrar o Ano Novo. Muitos chineses ainda observam a Festa dos Espíritos da Fome, em que os espíritos de ancestrais que vagueiam são alimentados a fim de serem satisfeitos e evitar que perturbem os vivos.

De maneira semelhante, os hindus, os muçulmanos e os budistas têm muitos rituais anuais que marcam importantes momentos em seus calendários religiosos. A estes devemos acrescentar muitos ritos nacionais e seculares como dias de independência, dias de finados e datas de nascimento de grandes heróis.

Festas, Festivais, Feiras e Peregrinações

As pessoas gostam de celebrações. Portanto, não devemos nos surpreender se aproveitam qualquer ocasião para cantar, dançar, brincar e comer juntas.

Há festas de todos os tipos: seculares e religiosas, de alegria e de tristeza, locais e nacionais. Por exemplo, todos os muçulmanos celebram o *Ramadan* e o *Id Al-Kabir* e muitos observam as festas dos *wali* ou santos. Os chineses budistas separam onze dias depois do Ano Novo para uma festa de súplica e honra a vários *Bodhisattvas*, ou deuses inferiores, durante o ano. Os hindus celebram o *Holi*, *Divali*, *Ugadi*, *Shivaratri* e muitas outras festas. Um estudo em um vilarejo indiano revelou que havia ali festas hindus, muçulmanas, cristãs, celebração de castas, em mais de trezentos dias do ano!

Os cristãos também têm suas festas religiosas, incluindo o Dia de São Tomás à Becket (29 de dezembro), a Epifania (6 de janeiro), a Quarta-feira de Cinzas (primeiro dia da Quaresma), Páscoa, Dia de Ascensão, Pentecostes, e claro, o Natal.

A maioria das culturas possui muitos outros rituais, como festas religiosas com feiras e shows, apresentações teatrais e musicais e procissões religiosas; festas públicas e celebrações, acontecimentos esportivos e peregrinações a santuários distantes.

Lidando com a Tradição

Como os cristãos devem reagir a tudo isso? Como os novos convertidos se relacionam com seu passado cultural — com a comida, o vestuário, os remédios, as canções, as danças, os mitos, os rituais e todas as outras coisas que constituíam uma grande parte de suas vidas antes de ouvirem o evangelho? Qual a responsabilidade que os missionários têm com as igrejas jovens com

respeito a tudo isso? Até onde o evangelho pode ser adaptado a uma cultura sem perder a essência de sua mensagem? E quem deve tomar as decisões sobre a velha cultura? Estas são questões cruciais que enfrentamos constantemente em nosso trabalho.

Negação do Velho: Rejeição da Contextualização

Os primeiros missionários geralmente tomavam as decisões e tinham a tendência de rejeitar a maioria dos velhos costumes considerados “pagãos”. Tambores, canções, teatros, danças, ornamentos para o corpo, certos tipos de roupa e comida, costumes matrimoniais e ritos funerários eram frequentemente condenados porque se pensava que estavam direta ou indiretamente relacionados com as religiões tradicionais, inaceitáveis para os cristãos.

Às vezes, essa rejeição estava enraizada no etnocentrismo dos missionários, que tinham a tendência de comparar o evangelho com sua própria cultura e, conseqüentemente, julgavam outros costumes culturais ruins. No entanto, alguma vez, os missionários até mesmo percebiam que nas culturas tradicionais é difícil traçar uma linha clara entre práticas religiosas e não-religiosas. Em muitas sociedades, a religião é o cerne da cultura e permeia toda a vida — não há divisão entre crenças sagradas e seculares, comportamentos e instituições, como há nas sociedades modernas. Ainda, esses missionários achavam que a maioria dos costumes, porque tinham conotações religiosas, deviam ser indiscriminadamente rejeitados.

Toda essa rejeição aos velhos hábitos culturais criou muitos problemas. Primeiro, deixou um vácuo cultural que precisava ser preenchido, e com frequência isso era feito importando os costumes dos missionários. Tambores, címbalos e outros instrumentos tradicionais eram substituídos por órgãos e pianos. Em vez de se escreverem novas letras que se adequassem à música daquele povo, os hinos e melodias ocidentais eram traduzidos para o idioma local. Colchões substituíram tatames no chão, e foram construídas igrejas em estilo inglês e americano embora parecessem dissonantes ao lado de *wickiups** e casas de barro. Ternos ocidentais eram exigidos dos pastores que pregavam em altas temperaturas para platéias pouco vestidas. Não é de surpreender então que o cristianismo sempre fosse visto como uma religião estranha, e os cristãos convertidos, como estranhos em sua própria terra.

Também não é de surpreender que o cristianismo fosse sempre mal-entendido. Por exemplo, os missionários na Índia rejeitavam sáris vermelhos para as noivas porque essa cor era usada pelos hindus. Em seu lugar introduziram os sáris brancos para simbolizar a pureza, não percebendo que na Índia o vermelho significa fertilidade e o branco, esterilidade e morte.

* Wickiups: Também wikiup. Uma estrutura em forma de cabana recoberta com cascas de árvores e galhos, usada pelos índios nômades da América do Norte (N. do T.).

Um segundo problema com a supressão dos velhos hábitos culturais é que eles simplesmente continuam às escondidas. Por exemplo, não é incomum que na África as pessoas realizem um casamento cristão formal na igreja e depois vão até a aldeia para as celebrações tradicionais. A longo prazo, quando os costumes pagãos são praticados em segredo, eles se combinam com os ensinamentos cristãos públicos para formarem o cristopaganismo — uma mistura sincrética de crenças cristãs e não-cristãs. Por exemplo, os escravos africanos nas casas da América Latina ensinavam as crianças de seus senhores a adorar espíritos africanos. Quando as crianças cresciam e se filiavam à igreja católica romana, combinavam a veneração católica dos santos e a religião tribal africana em novas formas de adoração aos espíritos, praticadas por um adorador cristão.

Um terceiro problema com a condenação total das culturas tradicionais é que ela não só transforma os missionários e líderes da igreja em policiais, mas impede que os convertidos cresçam, negando-lhes o direito de tomar suas próprias decisões. Uma igreja só cresce espiritualmente se seus membros aprendem a aplicar os ensinamentos do evangelho a suas próprias vidas.

Aceitação do Velho: Contextualização Acrítica

Uma segunda resposta às práticas tradicionais tem sido aceitá-las acriticamente na igreja. Nela, os velhos hábitos culturais são vistos como basicamente bons, e poucas ou nenhuma mudança é considerada necessária quando as pessoas se tornam cristãs.

Aqueles que defendem essa abordagem geralmente têm um profundo respeito por outros homens e suas culturas e reconhecem o alto valor que as pessoas dão às suas próprias heranças culturais. Eles também reconhecem que a “estranheza” do evangelho tem sido uma das maiores barreiras a sua aceitação em muitas partes do mundo. Conseqüentemente, buscam uma contextualização acrítica que minimize a mudança na vida dos convertidos.

Esta abordagem também tem sérias deficiências. Primeiro, ela despreza o fato de que há pecados corporativos e culturais bem como transgressões pessoais. O pecado pode ser encontrado em instituições e práticas de uma sociedade na forma de escravidão, estruturas opressivas e secularismo. Ele é encontrado nas crenças culturais das pessoas e apresentado como orgulho do grupo, segregação das pessoas e idolatria. O evangelho chama não só os indivíduos, mas as culturas e sociedades, a mudarem. A contextualização deve significar a comunicação do evangelho de maneira que as pessoas entendam, mas também as desafie individual e corporativamente a deixarem seus costumes pecaminosos.

Tendo em vista que a primeira geração de convertidos sempre sente com mais profundidade este chamado à mudança, os que dela participam são mais firmes ao rejeitarem costumes específicos de seu passado. Também sabem muito bem os significados desses velhos hábitos e agora que são cristãos não querem

mais nada com eles. No entanto, essa rejeição pelas pessoas é radicalmente diferente das mudanças impostas de fora sobre elas.

Uma segunda deficiência na contextualização acrítica é que ela abre a porta para o sincretismo de todos os tipos. Se os cristãos permanecem com práticas e crenças que se colocam em oposição ao evangelho, com o tempo elas irão se misturar à fé recentemente instaurada e produzir várias formas de neopaganismo. Obviamente os novos convertidos trazem com eles a maioria de seus costumes do passado e não podem mudar imediatamente todas aquelas coisas que precisam ser mudadas. Até mesmo os cristãos maduros têm muitas áreas de suas vidas que precisam ser examinadas à luz da verdade bíblica. Mas todos eles devem crescer na vida cristã e isso implica continuarem a testar suas ações e crenças em relação às normas das *Escrituras*. Numa contextualização ingênua, é exatamente essa crítica que se perde.

Lidando com o Velho: Contextualização Crítica

Se tanto a rejeição como a aceitação acrítica dos velhos costumes abalam a tarefa missionária, o que nós e os cristãos convertidos devemos fazer com a herança cultural deles? Uma terceira abordagem pode ser chamada de contextualização crítica, pela qual as velhas crenças e costumes não são rejeitados nem aceitos sem exame. Eles são estudados primeiramente com respeito aos significados e lugares que têm dentro de seu ambiente cultural e então avaliados à luz das normas bíblicas (Figura 25).

Como isso ocorre? Primeiro, um indivíduo ou a igreja deve reconhecer a necessidade de lidar biblicamente com todas as áreas da vida. Essa compreensão pode surgir quando uma nova igreja está diante de nascimentos, casamentos ou mortes e deve decidir como devem ser os rituais cristãos, casamentos ou funerais. Ou pode emergir quando as pessoas da igreja reconhecem a necessidade de examinar certos costumes fundamentados culturalmente. Discernir as áreas da vida que precisam ser criticadas é uma das funções importantes da liderança da igreja, porque o fracasso de uma igreja ao lidar com essa cultura que a cerca abre as portas para práticas não-cristãs que penetram numa comunidade cristã desavisada. Isso pode ser observado na maneira que nós, nas igrejas ocidentais, temos sempre adotado indiscriminadamente a prática de datas, casamentos, funerais, música, entretenimento, estruturas econômicas e tradições políticas ao nosso redor. Nunca devemos esquecer que nossa fé nos chama a novas crenças e a uma mudança de vida.

Segundo, os líderes da igreja local e o missionário devem conduzir a congregação a uma reunião *não crítica* e analisar os costumes tradicionais associados com a questão. Por exemplo, ao lidar com rituais funerários, as pessoas devem analisar seus ritos tradicionais — primeiro, descrevendo cada canção, dança, recitação e rituais que enfeitam a cerimônia — depois, discutindo seu significado e funções dentro de todo o ritual. O objetivo aqui é entender os velhos hábitos, não avaliá-los. Se neste ponto mostrarmos qualquer crítica às

crenças e práticas, as pessoas não falarão abertamente sobre elas com medo de serem condenadas e assim estaríamos apenas incentivando a prática secreta dos velhos costumes.

Num terceiro passo, o pastor ou missionário deve dirigir a igreja num estudo bíblico relacionado com a questão em consideração. Por exemplo, o líder pode usar a ocasião de um casamento ou de um funeral para ensinar as crenças cristãs sobre casamento ou morte.

Este é um passo crucial, porque se as pessoas não entenderem e não aceitarem com clareza os ensinamentos bíblicos, não serão capazes de lidar com seu passado cultural. É aqui também o momento em que o pastor e o missionário têm mais a oferecer — a exegese da verdade bíblica. No entanto, é importante que a congregação seja ativamente envolvida no estudo e na interpretação das *Escrituras* para que cresça em sua própria capacidade de discernir a verdade.

O quarto passo é a congregação avaliar criticamente seus próprios costumes do passado à luz do novo entendimento bíblico e tomar uma decisão com respeito a suas práticas. É importante que as pessoas tomem decisões por elas mesmas, porque devem ter a certeza do resultado antes de mudarem. Não é suficiente que os líderes fiquem convencidos das mudanças que possam ser necessárias. Os líderes podem compartilhar suas convicções pessoais e apontar as conseqüências de várias decisões, mas devem permitir que as pessoas tomem a decisão final, se não quiserem se tornar policiais. No final, as pessoas por si mesmas irão reforçar idéias recebidas corporativamente, e haverá pouca probabilidade de que os costumes que rejeitam ocorram de maneira escondida.

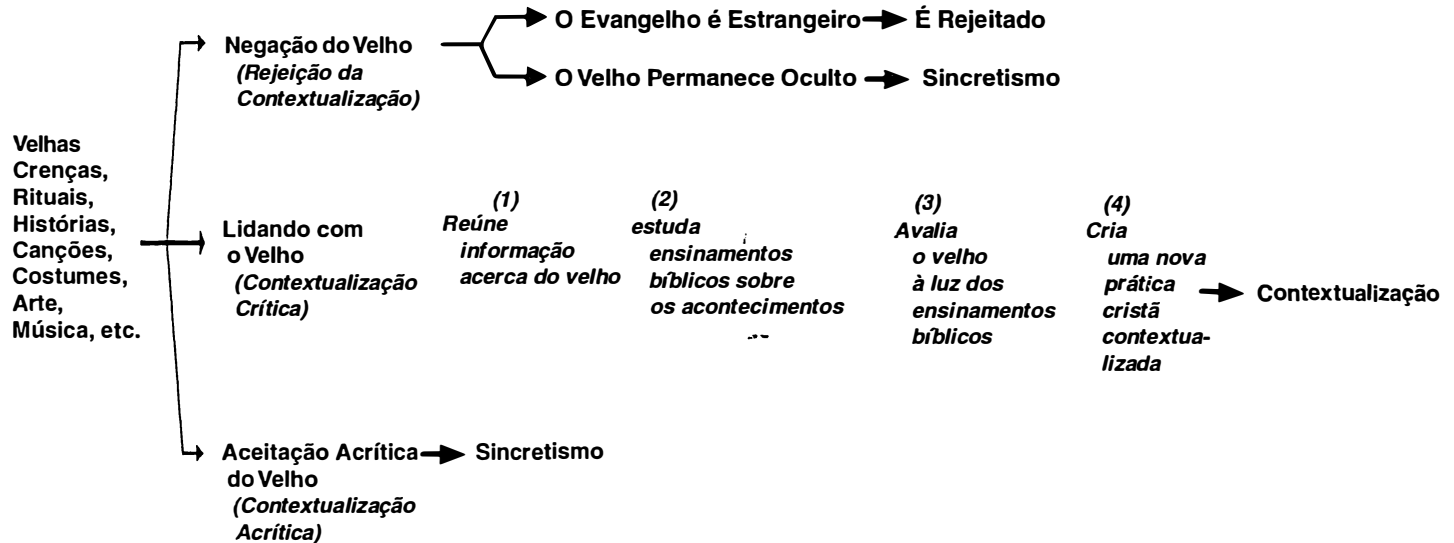
Envolver as pessoas na avaliação de sua própria cultura revigora sua força. Elas conhecem sua cultura melhor que o missionário e estão numa posição privilegiada para criticá-la uma vez que tenham a instrução bíblica. Além do mais, elas crescerão espiritualmente aprendendo a aplicar os ensinamentos das *Escrituras* em suas próprias vidas.

Uma congregação pode reagir a velhas crenças e práticas de diversas maneiras. Muitas serão mantidas porque não são antibíblicas. Os cristãos ocidentais por exemplo, não vêem problema em comer hambúrguer, cantar músicas seculares, vestir ternos ou dirigir carros. Em muitas áreas de suas vidas sua cultura não é diferente da de seus vizinhos não-cristãos e muito foi trazido de seu passado pré-cristão.

Outros costumes serão explicitamente rejeitados pela congregação por serem considerados impróprios para os cristãos. As razões para tal rejeição geralmente não são aparentes ao missionário ou àquele que está de fora, que pode ver pouca diferença entre as canções e os ritos que as pessoas rejeitam e aqueles que mantêm. Mas as pessoas conhecem os significados ocultos mais profundos de seus velhos hábitos e o significado deles na cultura. Por outro lado, em alguns momentos, é preciso que o missionário faça questionamentos que as pessoas desprezaram porque elas geralmente não conseguem enxergar com clareza seus próprios pressupostos culturais.

FIGURA 25

Lidando com os Velhos Costumes



Algumas vezes as pessoas modificarão velhas práticas para lhes dar significado cristão explícito. Por exemplo, Charles Wesley utilizava as melodias de canções populares de bar, mas deu a elas letras cristãs. Da mesma maneira, os primeiros cristãos utilizavam o estilo do louvor presente nas sinagogas judaicas adaptadas para sua crença. Eles também se encontravam em dias de festas pagãs para celebrar acontecimentos cristãos, tal como o nascimento de Cristo. Com o tempo, os significados pagãos foram esquecidos. Os cristãos ocidentais contemporâneos utilizam damas de honra como símbolos de amizade e apoio. Em nosso passado pré-cristão elas serviam de iscas, indo à frente da noiva para atrair a atenção daqueles na platéia que poderiam ter “olho gordo” e eliminar assim seu poder. As pessoas acreditavam que, sendo casadas, as damas ficavam imunes a tal poder. Pensavam que as noivas eram susceptíveis ao mau-olhado e ficariam doentes ou até mesmo morreriam se ele as atingissem. Em certas épocas, os cristãos podem conservar objetos religiosos pagãos, mas os secularizam a exemplo do que a igreja européia fez com a arte grega.

A igreja local algumas vezes rejeita símbolos ou rituais da sua própria cultura substituindo-os pelos de culturas diferentes. Por exemplo, as pessoas podem escolher adotar as práticas de funerais dos missionários em vez de conservar as suas próprias. Tais substituições funcionais geralmente são eficazes porque minimizam o deslocamento cultural criado pela simples remoção de um velho costume.

Às vezes, a igreja local pode acrescentar rituais para afirmar sua herança espiritual. Todos os cristãos vivem com duas tradições, a cultural e a cristã. Acrescentar rituais como o batismo e a Ceia do Senhor não só oferecem aos convertidos os meios de expressar sua nova fé, mas também simbolizam suas ligações com a igreja histórica e internacional. Outro exemplo disso é uma decisão de um casal de noivos americanos de utilizar a prática bíblica de lavar os pés como um símbolo de mútua submissão.

As pessoas também podem criar novos símbolos e rituais para comunicarem as crenças cristãs em maneiras autóctones. Por exemplo, em uma tribo os cristãos decidiram levantar seus bebês recém-nascidos para dedicá-los a Cristo. Na Índia, quando um seminário quis inaugurar um centro de estudos missionários, os professores, a administração e os alunos procuraram um meio apropriado de expressar seu compromisso com o ministério. Decidiram plantar alguns brotos de grãos maduros numa porção de terra, e os representantes de cada grupo — professores, administração e alunos — cortaram feixes como símbolo de sua mútua dedicação a missões.

Ao levar as pessoas a analisar seus velhos costumes à luz dos ensinamentos bíblicos, o pastor ou o missionário deve ajudá-las a organizar as práticas escolhidas em novo ritual que expresse o significado cristão do acontecimento. Tal ritual será cristão porque busca explicitamente exprimir os ensinamentos bíblicos. Também será autóctone porque a igreja o criou, utilizando formas compreendidas dentro da própria cultura.

É importante que ensinemos o significado explícito de nossos rituais cristãos a nossos filhos e aos novos convertidos, para que não se tornem formas vazias e não se confundam com os costumes não-cristãos dos quais foram retirados. Estamos sempre enfrentando a erosão do significado de nossos símbolos e rituais. A resposta ao simbolismo morto e sem significado é não eliminar os símbolos, mas preservar os símbolos vivos que são constantemente renovados por meio da auto-avaliação.

Aqui se torna necessária uma palavra final de cautela. O missionário nem sempre vai concordar com as escolhas que as pessoas fazem, mas, até onde a consciência permitir, é importante aceitar as decisões dos cristãos locais e reconhecer que eles também são conduzidos pelo Espírito de Deus. Os líderes devem garantir aos outros o direito mais importante que reservam para si mesmos, o direito de errar. A igreja cresce mais forte quando toma decisões conscientes à luz das *Escrituras*, ainda que não sejam as mais acertadas, do que quando simplesmente obedece às ordens que os outros dão.

Um Caso de Contextualização

O processo de contextualização crítica pode ser observado melhor por meio de uma ilustração. Por exemplo, olhando o caso dos casamentos dos bhotiyas no Tibete descrito anteriormente, poderíamos tentar entender como os cristãos bhotiyas devem reagir a suas práticas culturais, à luz dos ensinamentos bíblicos. No entanto, vamos examinar um caso de contextualização crítica nos Estados Unidos. Estamos sempre conscientes da necessidade de avaliar as práticas de outras culturas assim que o evangelho lhes é apresentado, mas também facilmente pressupomos que a nossa cultura, com sua longa história de cristianismo, já foi moldada pelos valores bíblicos. Geralmente, o resultado é uma acomodação confortável entre o cristianismo e a cultura ocidental, incluindo uma aceitação acrítica dos hábitos culturais ocidentais. Isso vale para muitas áreas da vida, e uma delas é a música.

Este caso tem que ver com os jovens de uma igreja da cidade de Los Angeles que enfrentavam a questão se os cristãos deveriam ouvir *hard rock*. A maioria deles era formada de recém-convertidos oriundos das gangues e das drogas e conhecia as mensagens e o poder das canções contemporâneas.

A resposta de muitos pais cristãos é rejeitar o *rock* totalmente. Quando isso acontece, seus filhos acabam ouvindo *rock* na casa dos amigos, e os pais atuam como policiais. Outros pais desistem sem lutar e permitem que seus filhos ouçam *rock* indiscriminadamente. Seus filhos não aprendem a ter discernimento e aceitam sem crítica os costumes do mundo.

O líder dos jovens nessa igreja de Los Angeles utilizou a contextualização crítica para lidar com a questão. Ele pediu que os jovens trouxessem seus discos de *rock* para um estudo bíblico. Lá ele discutiu com eles o significado do

estilo de vida cristão e o lugar da música em sua vidas. Então, os jovens colocaram para tocar cada disco e fizeram uma avaliação. Destruíram aqueles que decidiram que os cristãos não deveriam ouvir, guardando o restante e os ouvindo sem culpa na consciência. No domingo seguinte trouxeram triunfantemente os discos que haviam destruído perante o Senhor e os apresentaram à igreja. Dali por diante não houve necessidade de seus pais monitorarem seus hábitos musicais. Aprenderam a discernir por si mesmos.

Bases Teológicas

Quais são as bases teológicas para a contextualização? Primeiro ela afirma o sacerdócio de todos os crentes. Com a contextualização crítica, as decisões são tomadas não pelos líderes no lugar das pessoas, mas por todos os crentes.

Líderes e missionários através da história geralmente têm-se sentido ameaçados por essa abordagem da hermenêutica bíblica. Uma vez que se consideram mais bem treinados, defendem para si mesmos o direito exclusivo de tomar decisões teológicas. Têm medo das coisas que podem sair de seu controle se os leigos se envolverem na interpretação da *Bíblia* e na aplicação de sua mensagem ao dia-a-dia.

Como evitar desvios quando todos estão comprometidos na aplicação das *Escrituras* aos problemas da vida? O processo não abre a porta para interpretações extravagantes da *Bíblia* e das práticas cristãs? Há três maneiras de verificar esses excessos.

Primeira, a *Bíblia* é tomada como a autoridade final e definitiva para as crenças e práticas cristãs. Portanto, todos devem partir do mesmo lugar.

Segunda, o sacerdócio dos crentes implica que todos creiam no Espírito Santo para guiá-los no entendimento e aplicação das *Escrituras* em suas vidas. É muito fácil para os líderes aceitar essa crença na teoria, mas se esquivam de sua prática. Negar aos jovens crentes o direito de se envolverem na interpretação e na decisão bíblica é negar-lhes que o mesmo Espírito Santo que conhecemos e nos guia na verdade também esteja com eles.

Terceira, há a constante avaliação da igreja. C. Normam Kraus (1979) diz que a contextualização do evangelho é fundamentalmente tarefa não de indivíduos e líderes, mas da igreja como “uma comunidade que raciocina”. Dentro daquela comunidade, os indivíduos contribuem segundo suas possibilidades e capacidades. O pastor e o missionário têm um conhecimento maior da *Bíblia* e, portanto, devem oferecer a exegese dos textos apropriados dentro de seu contexto bíblico. No entanto, as pessoas entendem sua própria cultura e seus problemas e devem desempenhar um papel importante na determinação da aplicação hermenêutica das *Escrituras* a sua vidas. Mas elas devem-se sujeitar à igreja como um todo.

A igreja não é um amontoado de indivíduos, cada um buscando sua própria interpretação da *Bíblia*. Ela tem de ser uma comunidade de pessoas de verdade que buscam seguir a Cristo e servirem um ao outro. Só então se tornam o que Kraus chama de “comunidade cristã autêntica”, uma comunidade hermenêutica que luta para entender a mensagem de Deus para ela e para dar testemunho ao mundo do que significa ser cristão, não só em crenças, mas também em vida. A igreja como um corpo é uma “nova ordem”.

A Autoteologia

VIMOS COMO AS DIFERENÇAS CULTURAIS AFETAM OS MISSIONÁRIOS À MEDIDA QUE ESTES se identificam com as pessoas e influenciam a mensagem quando ela é traduzida nas formas de uma nova cultura. Mas e quanto à teologia? O que acontece quando a *Bíblia* é vista pelos olhos de um povo de outra cultura? Como podemos reagir quando discordarem de nossas interpretações das *Escrituras*?

Atrás desses questionamentos está uma das questões mais fundamentais formuladas pelos missionários modernos — a autonomia dos novos crentes e das igrejas. Até que ponto eles são ou devem ser dependentes dos missionários? Com que rapidez e quanto os missionários devem encorajá-los a tomar suas próprias decisões? Poderiam governar a si mesmos? Se o fizessem, teriam eles o direito de mudar os padrões de funcionamento da igreja trazidos pelos missionários? Devem ser encorajados a desenvolver suas próprias teologias? E o que os missionários devem fazer caso essas teologias pareçam desviar-se? Estes são dilemas que missionários e agências de missões modernas enfrentam.

Automultiplicação, Auto-sustento e Autogerenciamento

Durante os primeiros anos do movimento moderno de missões, as pessoas se converteram e foram implantadas congregações. Surgiu então a questão de como as agências missionárias e as igrejas que enviam missionários deve-

riam relacionar-se com as novas igrejas. Logo ficou claro que as atitudes missionárias paternalistas, comuns naqueles dias, estavam sufocando o amadurecimento e o desenvolvimento das novas igrejas. A liderança permaneceu nas mãos dos missionários. Líderes locais eram reprimidos e frustrados. Em muitos casos, eles se desligaram e fundaram igrejas independentes das agências missionárias, mas essa atitude não resolveu o problema por causa daqueles que queriam vínculos com as igrejas que haviam levado o evangelho a eles.

Por volta de 1861, dois grandes líderes missionários, Rufus Anderson e Henry Venn, propuseram um plano por meio do qual as igrejas jovens ganhariam sua independência com base em três princípios: a autopropagação, o auto-sustento e o autogerenciamento. Isso foi profundamente debatido e finalmente adotado pelas agências missionárias como diretrizes para o estabelecimento de igrejas autônomas.

O primeiro princípio, a automultiplicação, apontou uma das fraquezas dos primeiros movimentos de missionários. Os missionários implantavam igrejas, mas em geral elas não possuíam a visão de evangelizar seu povo ou de enviar missionários a outras culturas. Os líderes locais viam essas tarefas como trabalho do primeiro missionário. Estava claro que as igrejas jovens não ficam automaticamente propensas à evangelização. Essa visão deve ser tão conscientemente ensinada e moldada quanto o restante da vida cristã.

Em defesa dos primeiros missionários, deve-se dizer que muitos deles ensinaram as novas igrejas sobre a necessidade da evangelização. No entanto, a primeira geração de convertidos ainda estava aprendendo o significado de ser cristão. Além disso, a história mostrará que eles evangelizaram muito mais do que lhes creditamos. Os missionários escreveram muito sobre o trabalho deles, mas os evangelistas locais deixaram poucos registros, ainda que evangelizassem muito e suportassem a maioria das perseguições que geralmente sobrevêm aos primeiros crentes de uma comunidade.

Anderson e Venn lembraram ao mundo missionário que não só os missionários, mas também as igrejas locais, devem estar envolvidas com a evangelização e missões. Isso levantou pouca discussão. As igrejas jovens normalmente estavam muito preocupadas com a questão da evangelização. Embora fossem muito pobres para sustentar os caros programas iniciados pelos missionários, tiveram seus próprios meios de evangelizar seu povo.

O segundo princípio, o auto-sustento, gerou mais debate. Os missionários argumentaram que as igrejas deveriam aprender a se sustentar e que a contínua confiança no sustento de fora criava uma dependência que impedia sua maturidade e seu crescimento. Os missionários também enfatizaram que as igrejas jovens ganhariam um sentido de autonomia e igualdade se pudessem auto-sustentar-se. De certo modo, os missionários estavam certos.

As igrejas jovens argumentavam que os programas de fundos internacionais dirigidos por missionários — campanhas evangelísticas, escolas, hospi-

tais e até mesmo igrejas com pregadores remunerados — não se ajustavam bem às suas culturas e eram muito caros para serem mantidos. Eles poderiam financiar programas que eles mesmos iniciaram, mas não aqueles que os missionários agora estavam tentando deixar aos seus cuidados. Eles também estavam corretos.

No final, as agências missionárias pressionaram em favor do auto-sustento, e as igrejas locais, algumas vezes relutantes, se encarregaram das instituições que os missionários haviam estabelecido com dinheiro de fora. Algumas delas foram fechadas e outras continuaram a funcionar em níveis mais compatíveis com sua própria capacidade financeira.

O terceiro princípio, o autogerenciamento, provocou os maiores desentendimentos. Ironicamente, aqui os papéis se inverteram. As igrejas jovens queriam tomar suas próprias decisões, argumentando que jamais chegariam à maturidade sem uma administração própria. Os missionários estavam relutantes em renunciar seus poderes com receio de que a inexperiência e a política local pudessem arruinar a igreja.

Como veremos no Capítulo 9, não há uma solução simples para a transferência de poder. Como missionários, devemos reconhecer que surgem líderes naturais mesmo nas comunidades eclesiais mais simples, e que eles são capazes de liderá-las. Podem não ser instruídos na acepção ocidental do termo, mas são sábios e experientes em seus próprios meios culturais.

Também devemos permitir aos líderes locais o maior privilégio que permitimos a nós mesmos — a saber, o direito de cometer erros e aprender com eles. Conta-se uma história de um jovem missionário que perguntou a um famoso missionário como ele obtivera tantos sucessos.

— Tomando boas decisões. — O velho líder respondeu.

— Sim, mas como o senhor aprendeu a tomar boas decisões? — O jovem perguntou.

— Tomando decisões ruins. — Respondeu.

Por sua vez, os líderes de igrejas jovens precisam ser sensíveis às preocupações dos missionários que amam a igreja e investiram muito nelas, e reconhecer que eles são humanos.

Os três autoprincípios continuam a orientar grande parte do planejamento missionário. Eles concordam num ponto: que as igrejas jovens são membros iguais e independentes em toda a comunidade mundial de igrejas. No entanto, atualmente muitos estão questionando se devemos mudar da autonomia para a parceria. Em nome do auto-sustento, as agências missionárias também têm negado fundos que ajudariam as igrejas jovens a conduzir uma evangelização eficaz. Nosso objetivo não é estabelecer igrejas isoladas que trabalhem sozinhas, mas sustentar igrejas que compartilhem uma unidade de companheirismo e uma missão comum para com o mundo.

A Autoteologia

Depois de muita discussão sobre automultiplicação, auto-sustento e autogerenciamento, surgiu um consenso geral de que se deve permitir que as igrejas jovens amadureçam e se responsabilizem pelo trabalho de Deus em suas regiões o mais rápido possível. Pouco se diz, no entanto, sobre a autoteologia. As igrejas jovens têm o direito de ler e interpretar por si mesmas as *Escrituras*?

Quando uma igreja nova é implantada, os primeiros anos são caracterizados por uma união calorosa, expressões emocionais de fé e uma preocupação com evangelização de parentes e vizinhos. A maioria dos convertidos tem teologias ingênuas e aceitam sem questionar muito os ensinamentos teológicos do missionário. Há exceções, é claro, particularmente entre os convertidos bem instruídos, anteriormente líderes em outras religiões.

Depois de duas ou três gerações, surgem líderes que foram criados nos ensinamentos cristãos e treinados na exegese bíblica. São esses líderes que geralmente levantam questões teológicas difíceis. Como o evangelho pode falar a sua cultura? Qual a relação do cristianismo com as religiões não-cristãs em sua terra? E como o cristianismo responde às questões básicas levantadas pelas pessoas? Por exemplo, na África, o que o evangelho tem para dizer sobre os ancestrais ou a poligamia? E na Índia, como os cristãos devem reagir às crenças sobre reencarnação, ao sistema de castas ou à meditação como um meio de salvação?

A maioria dos movimentos missionários tem provocado crises teológicas. Depois de três ou quatro gerações de uma igreja implantada numa nova cultura, surgem os teólogos locais que lutam com a questão de como o evangelho se relaciona com suas tradições culturais. Como eles podem expressar as boas novas de maneira que as pessoas entendam e ainda conservem sua mensagem profética? Em resposta a essas questões eles desenvolvem novas teologias. Hoje, por exemplo, ouvimos falar sobre as teologias latino-americana, africana e indiana.

Como devemos reagir quando os líderes das igrejas locais desenvolvem teologias que alegam ser mais relevantes para sua cultura? Se os encorajarmos, não estaremos abrindo a porta para o pluralismo teológico e, finalmente, ao relativismo? Se nos opusermos a eles, não seremos culpados da pior forma de etnocentrismo e de impedimento de seu crescimento? Essas são questões centrais que nos forçam a examinar a natureza de nossa tarefa, e não ousamos fazê-lo com facilidade. Essa proliferação de teologias em diferentes ambientes históricos e culturais levanta questões importantes sobre a natureza da teologia.

O Choque Teológico

A maioria de nós cresceu dentro de uma igreja e foi ensinada sobre suas confissões teológicas. Éramos monotológicos e considerávamos que havia só uma maneira de interpretar as *Escrituras*, e que todos os desvios dessa abordagem

dagem são falsos. Portanto, é um choque quando encontramos cristãos honestos, profundamente comprometidos, interpretando a *Bíblia* de diferentes maneiras.

Se ainda não enfrentamos esse pluralismo de teologias, certamente o faremos quando nos tornarmos missionários. Na maior parte do mundo, as comunidades cristãs são pequenas, e a necessidade de comunhão e auxílio mútuo é grande; sendo assim, os missionários de diferentes origens eclesiais se relacionam com muito mais intimidade do que o fariam nos seus países de origem. Além do mais, os líderes de igrejas locais de todo o mundo sempre levantam questões teológicas difíceis, que surgem do evangelho em um ambiente cultural novo e começam a formular novas respostas teológicas.

A primeira vez que nos confrontamos verdadeiramente com o pluralismo teológico, vivemos um choque. Como no caso do choque cultural, nossos velhos absolutos são desafiados, e as certezas ainda não questionadas são colocadas em cheque. Enfrentamos o fato de que há diferentes maneiras de interpretar as *Escrituras* e somos forçados a perguntar por que pensamos que a nossa interpretação está correta.

Nossa reação inicial ao pluralismo teológico geralmente é rejeitá-lo. Simplesmente reafirmamos nossas convicções teológicas sem examinar sua natureza e rejeitamos todas as outras interpretações como se fossem falsas. Guardamos a certeza de que temos toda a verdade. No entanto, o preço dessa certeza é grande. Não ousamos examinar nossas bases teológicas a menos que elas estejam enfraquecidas. Além do mais, não ousamos nos relacionar intimamente com outros cristãos com medo de que nossas crenças sejam desafiadas. Em consequência, nos afastamos para uma comunidade isolada de crentes com pensamento semelhante.

No entanto, com o tempo, a maioria de nós enfrenta a questão do pluralismo teológico e busca lidar com ele. Inicialmente, como no choque cultural, somos confrontados por um sentimento de relativismo. Uma vez que todos parecem ter sua própria teologia, como saber se a nossa está correta? Então, percebemos que o relativismo arruína o conceito de verdade e de significado. Mas como podemos aceitar o pluralismo na teologia e permanecer comprometidos com a verdade bíblica?

Bíblia, Teologia e Cultura

Como evangélicos, defendemos a veracidade da *Bíblia*. Também temos fortes convicções teológicas. Como essas coisas se relacionam?

Primeiro, somos tentados a igualar as duas. Afinal de contas, nossa teologia está enraizada em nosso estudo da *Bíblia*. Entretanto, um exame mais atento nos força a distinguir entre a *Bíblia* e a teologia. A *Bíblia* é um documento histórico da revelação de Deus aos homens. A teologia é a explicação sistemática e histórica das verdades contidas na *Bíblia*.

FIGURA 26

A Teologia e a Revelação Divina Entendidas em Contextos Humanos

Neste momento, é importante que façamos uma distinção entre duas definições diferentes do termo *teologia*. Algumas vezes, utilizamos o termo quando falamos sobre a verdade absoluta. A teologia é uma descrição e explicação sistemática da maneira como as coisas realmente são, a maneira como Deus as vê, e iremos nos referir a isso como “Teologia”, com *T* maiúsculo. Em outras ocasiões, utilizamos o termo quando falamos de descrições e explicações humanas da realidade, que surgem a partir de nosso estudo bíblico. Iremos nos referir a isso como “teologia” com um *t* minúsculo.

Freqüentemente, confundimos as duas teologias. Pensamos que todos os nossos estudos da *Bíblia* não têm desvios, que nossas interpretações das *Escrituras* são as únicas verdadeiras. Entretanto, ficamos perturbados quando começamos a descobrir que as teologias também são influenciadas pela cultura. O fato de estruturarmos nossa teologia na nossa língua pode prejudicar nosso entendimento da *Bíblia*. Não há língua teologicamente imparcial (veja Figura 26)!

O fato é que todas as teologias desenvolvidas pelos seres humanos são moldadas por seus contextos culturais e históricos específicos — pelas línguas que utilizam e pelas questões que levantam. Todas as teologias humanas são apenas entendimentos parciais da Teologia como Deus a vê. Vemos através de um vidro embaçado.

Além do mais, todas as teologias são invalidadas pelo pecado do homem. Assim como o jovem rico que veio a Jesus não queria ouvir o que ele dizia, muitas vezes nos distanciamos das mensagens duras da *Bíblia*.

Porém, o fato de sermos humanos e vermos através de um vidro embaçado não significa que *não vemos nada*. Podemos ler as *Escrituras* e entendê-las. A mensagem central do evangelho é clara: criação, pecado e redenção. Disso podemos estar certos. São os detalhes que vemos com menor clareza.

Kalonda de Kangate

Paul B. Long

O sol africano se derramava sobre nós à medida que subíamos o caminho da montanha até a aldeia entre as árvores. As pessoas de Kangate, no lado selvagem de Babindl, no Congo Central, raramente haviam visto um homem branco. Gritos entusiasmados me cumprimentavam a mim e a meus três amigos congolese, à medida que entrávamos naquele país empoeirado para atender um estranho pedido de um velho cacique entre este povo isolado.

Alguns dias antes, um mensageiro apareceu em nossa base da missão.

— Contador da Palavra, — o mensageiro disse — Chefe Kalonda quer falar com você.

— Por que esse velho tratante quer me ver? Pensei e a questão permaneceu em minha mente enquanto nos dirigíamos com dificuldade através da região montanhosa em estradas perigosas. Agora finalmente saberíamos.

À sombra da cabana do cacique, rodeada por cabanas menores de muitas esposas, um homem muito idoso, magro, estava assentado, envolto num cobertor velho. Esse chefe idoso, doente e enfraquecido, entronizado em seu assento enfeitado com pele de leopardo, levantou uma mão fraca e nos cumprimentou com as saudações costumeiras da terra:

— *Muoyo wenu*, vida para você.

— *Wuoyo webe*, — respondemos —, vida para você.

Lembrei-me das histórias que ouvi sobre esse chefe, que já havia sido poderoso. Há vinte anos, Kalonda era temido e respeitado numa extensão de cento e sessenta quilômetros ou mais ao redor de seu domínio. Como juiz, corajoso e selvagem, ele exercia livremente o poder da vida e da morte sobre seu povo, e de morte ou de escravidão sobre seus cativos. Seu reconhecimento como chefe era suplantado só por seu grande poder como curandeiro. Os líderes vinham de aldeias distantes para comprar suas simpatias e maldições.

Um dia, o chefe de um domínio vizinho, Kasenda, do povo de Balubal, chegou na aldeia de Kangate. O chefe visitante estava preocupado e precisava de ajuda.

— Matei o mensageiro do dinheiro da Missão e tomei o dinheiro que ele estava trazendo para seus pregadores e professores. — Ele contou. — Agora o morto voltou à vida e retornou aos homens brancos e lhes contou o que fiz. Me dê um remédio para eu me tornar invisível quando os soldados vierem!

— Volte para seu país. — Replicou Kalonda. Pegue doze cabras, seis mulheres jovens e fortes, dez lanças e dez facas e volte para comprar meu remédio. Esse é o meu preço para um remédio poderoso o suficiente para torná-lo invisível.

Reclamando do alto custo dessa proteção, chefe Kasenda voltou para Balubal para reunir cabras, mulheres e armas.

O chefe Kalonda nesse meio-tempo começou a compor seu remédio prometido. Enviando sua guarda, ele dirigiu a captura de uma jovem de uma tribo vizinha. Ela foi trazida diante do chefe. Com um ritual complexo, os guerreiros do chefe cortaram a cabeça da cativa, necessária para a "simpatia invisível" de Kalonda. Rituais canibais estavam envolvidos nos procedimentos. No dia marcado, o remédio estava presente, as cabras, as mulheres e as armas foram oferecidas, e o negócio, fechado, para satisfação dos dois líderes.

Quando os soldados chegaram, várias semanas depois, para capturar o juiz de Balubal, Kasenda entrou silenciosamente em sua cabana, pegou sua cabeça que o tornaria invisível e saiu em seu quintal para rir das tropas que, perplexas, não seriam capazes de vê-lo. Para sua surpresa, ódio e conseqüente pesar, eles o rodearam, amarraram-no seguramente e levaram-no até a prisão do homem branco. Ainda segurando seu remédio caríssimo, Kasenda ficou revoltado com seu ex-amigo, Kalonda, cuja simpatia falhara. Ele jogou uma praga em Kalonda e deu seu nome como o assassino da mulher cuja cabeça ele tinha em suas mãos. Kalonda também foi preso.

Quinze estações se passaram, e todas as pessoas de Babinda e Balubal se esqueceram de seus ex-chefes. Condenados, a princípio, a morrer na prisão, ambos foram salvos quando suas execuções foram postergadas três vezes; finalmente as sentenças foram mudadas para quinze anos de prisão em trabalho forçado. Para os chefes, esse julgamento foi tão duro quanto a morte.

Agora, solto depois de quinze anos de cativo, o velho Kalonda teve afinal de vir para casa para morrer. Por entre o conselho, olhei aquele homem velho, lembrando-me do que conhecia sobre o seu passado. Depois de um silêncio costumeiro de respeito, comecei a conversa:

— *Nfumu*, chefe, seu mensageiro diz que você deseja falar comigo. Eu vim. O que quer?

A resposta de Kalonda espantou-me.

— Fale-me sobre o Deus do homem branco.

— O Deus que eu sigo não é Deus de um homem branco. Ele é o Pai da Nova Tribo, Seu povo. Jesus Cristo é o grande Chefe da Nova Tribo e Ele aceita qualquer um que quiser segui-lo. Meus amigos aqui também são membros da Nova Tribo. Eles lhe falarão sobre isso. Voltei-me para meus colegas congolezes que realmente entendiam a batalha que o velho Kalonda estava enfrentando. Um de meus companheiros era um velho médico curandeiro que se tornara cristão e agora era um pastor eficiente entre sua gente. Acompanhei com profunda preocupação a batalha que ocorria entre os poderes, que são reais, e a libertação, que é possível.

Braceletes de simpatias de latão adornavam o braço fraco, uma vez forte, do velho chefe.

— Você ainda acredita em seu remédio. — Observou o Pastor Mutombo. — Porque você pergunta sobre outro Deus?

Com grande relutância, o velho homem tirou os braceletes do braço, colocou-os no chão e disse:

— Agora me fale, “Contador da Palavra”, sobre o Deus poderoso.

Com aquelas bandas de latão aos nossos pés, comecei a calcular um pouco do preço que ele estava tendo de pagar pelo que pedia. Ele havia renunciado seu poder, e eu o ouvi murmurar:

— Costumava ter oito esposas boas e fortes, mas todas, exceto três velhas, fugiram enquanto eu estava na prisão. Tudo o que me restou são mulheres velhas que estão muito fracas para trabalhar.

Meus olhos seguiram seu olhar em direção às três mulheres velhas agachadas perto de uma cabana próxima. Elas estavam resmungando agitadamente umas com as outras e evidentemente infelizes com os acontecimentos.

— Seu remédio não pôde manter suas mulheres enquanto estava fora? — O pastor perguntou, e ele respondeu com um grunhido.

— Agora, — o pastor continuou — o remédio da guerra no seu cinto mostra onde você busca poder.

Depois de uma pausa longa, pensativa, o velho guerreiro cortou a pequena sacola de pele de seu cinto e jogou-a no chão.

— Agora, o patuá do pescoço. — O velho homem colocou uma mão trêmula na tira ao redor do pescoço. Esse pequeno amuleto lhe dava proteção contra seus inimigos e tirava o poder de suas magias. Silenciosamente ele esperou até que, finalmente, quebrou a tira e deixou sua “segurança” cair aos nossos pés. Exclamações de respeito por sua coragem ecoaram ao redor do conselho de homens que assistia a tudo.

— Sua *Buangr bua Bunfumu*, — o pastor lembrou —, seu remédio de chefe.

Exausto, Kalonda se levantou, entrou em sua cabana e retornou com um grande chifre de antílope cheio da certeza de seu poder sobre sua gente (nunca soube ao certo o que forma tais poderes, mas fui informado de que os chifres guardam porções de cabelo, olhos de sapo, um dente de leão e as garras de um pássaro). Poções mágicas se seguiram e uma hoste de outras simpatias protetoras que dão às pessoas da floresta algum alívio do constante medo de viver.

— Essa é toda proteção que tenho, disse Kalonda. — Mas o pastor evidentemente estava esperando por outra entrega mais cara.

— Agora dê sua “simpatia da vida”, Kalonda, e eu lhe falarei sobre o Deus da Nova Tribo.

O velho homem tremeu, desabou a transpirar, balançou a cabeça e enrolou o cobertor esfarrapado no tórax magro. As três esposas velhas protestaram por sua renúncia a seus remédios e com esta última ordem elas começaram o lamento de morte e jogaram terra no ar sobre suas cabeças. Com esse aviso sobre sua morte iminente, Kalonda se levantou de suas reflexões temerosas, entrou novamente em sua cabana e voltou com um pequeno pacote de peles. Com toda a dignidade de um grande líder, ele silenciou o lamento das mulheres e observou atenciosamente seus conselheiros.

— Contador da Palavra — disse ele, segurando o pequeno embrulho em suas mãos magras, — você pediu a vida de Kalonda! Este remédio protegeu

minha vida de todos os meus inimigos por muitos anos. Muitos que me odeiam ainda vivem e têm pragas sobre minha vida. Quando eu jogar fora esse remédio, todas as pragas cairão sobre mim, meus espíritos irão remover sua proteção e eu morrerei. Mas Kalonda não tem medo de morrer.

Quando o embrulho caiu no chão, o velho chefe se levantou ereto, ergueu seus olhos para os montes distantes e esperou pela morte. Sentamos em silêncio à medida que os segundos se transformavam em minutos e a tensão crescia no círculo dos espectadores que aguardavam a morte de seu chefe.

Depois de um longo período, o velho chefe olhou em nós e seu lábios partiram num sorriso aliviado.

— Eu ainda estou vivo! Kalonda não caiu morto!

Levei muito tempo para responder às perguntas do velho Kalonda e de seu povo. Perguntas sobre o Deus, que ele disse que sempre tinha temido, mas nunca conhecido. À medida que as sombras da tarde cresciam, o velho chefe se levantou com dignidade diante de seu povo. Numa voz calma e confiante ele anunciou:

— Kalonda tem um novo chefe. Eu sigo “Yesu Kilisto”, e ele me ajudará a atravessar o rio, me guiará através da floresta escura e me levará para sua aldeia onde eu posso sentar com seu povo. Pertença à Nova Tribo. Kalonda quer que todo o seu povo siga *Nfumu Yesu* [Chefe Jesus] e vá com ele para a Aldeia de Deus.

Não muitos dias depois de minha visita a Kangate, um mensageiro chegou com um breve recado: — Kalonda foi para sua jornada para encontrar seu novo Chefe.

A ponte teológica. Tendo em vista que por um lado as teologias humanas estão enraizadas na *Bíblia*, e por outro estão em culturas específicas, elas são pontes pelas quais o evangelho nos fala hoje. Para ter certeza de que nossas teologias são sadias, precisamos de três coisas. Primeiro, precisamos de uma exegese cuidadosa da *Bíblia*. Isso deve implicar não só o estudo do texto bíblico, mas também do contexto histórico e cultural dentro dos quais eles são oferecidos. Deus revelou a si mesmo e o seu trabalho a nós, mas o fez dentro da história e da cultura de um povo específico. Quanto mais enraizamos nossas teologias com profundidade nas *Escrituras*, mais certos podemos estar de suas verdades.

Em segundo lugar, precisamos de uma exegese cuidadosa de nossos contextos cultural e histórico. Por meio dela, ficamos sabendo como nossa cultura e sua visão de mundo influenciam nossa teologia. Também ficamos cientes das necessidades que o evangelho deve atender em nossa cultura.

Finalmente, precisamos de uma boa hermenêutica para que as mensagens da *Bíblia* entregues em outras épocas e culturas se tornem relevantes para os ambientes culturais de hoje.

Testando a verdade. Mas como testar a veracidade de nossas teologias e como lidar com o pluralismo teológico? Obviamente há discordâncias sobre a interpretação das *Escrituras*. A resposta é não aceitar todas as teologias humanas como igualmente corretas, mas trazer todas elas o mais próximo da verdade absoluta, da Teologia como Deus a conhece. Todas as teologias são incompletas e todas têm desvios que colorem seu entendimento. Além do mais, todo o entendimento humano é falho e precisa ser examinado e testado.

O primeiro teste é a *Bíblia* em si, porque através dela Deus nos revelou o conhecimento das realidades fundamentais que não podemos obter dependendo só da experiência humana. São as *Escrituras*, e não as teologias, o nosso ponto de partida. Logo, nossas teologias devem ser moldadas para se ajustarem às *Escrituras*, e não o contrário. Isso significa que a exegese bíblica sólida é essencial em cada estágio de formulação de nossa teologia. Além disso, se outros nos convencerem de que nossa interpretação das *Escrituras* está errada, nosso desejo deve ser querer mudar nossa teologia.

Um segundo teste é o trabalho permanente do Espírito Santo, instruindo os crentes na verdade. Precisamos de um espírito humilde e aberto à direção de Deus em nosso estudo das *Escrituras*. Como um escritor declarou, devemos fazer teologia de joelhos. Precisamos também reconhecer que o mesmo Espírito Santo em atuação em nós também está atuando na vida de outros crentes. Se agirmos assim, não ficaremos prontos para um confronto combativo contra aqueles que discordam de nós. Buscaremos, sim, examinar com eles nossas diferenças à luz das *Escrituras*.

Um terceiro teste é a comunidade cristã. Como sacerdotes do Reino de Deus, temos o direito de interpretar seu mundo. Como membros do corpo de Cristo, somos responsáveis por nos ouvirmos mutuamente. Como Kraus diz (1979:71), a interpretação do evangelho é fundamentalmente tarefa não de indivíduos nem de líderes, mas da igreja como uma “comunidade que pensa”:

Logo, as *Escrituras* podem encontrar seu significado adequado como testemunha somente dentro de uma *comunidade interpretativa*. Os princípios da interpretação são importantes, mas secundários. Numa comunidade há a necessidade de uma correspondência autêntica entre o anúncio do evangelho e uma “nova ordem” personificada para que as *Escrituras* desempenhem seu papel como uma parte do testemunho original. A comunidade autêntica é a comunidade hermenêutica. Ela determina o significado aculturado real das *Escrituras*.

Nós do Ocidente, com nossas formas extremas de individualismo, precisamos redescobrir essa natureza corporativa da igreja enquanto o corpo verifica os erros do indivíduo, e a comunidade de igrejas verifica os erros de uma congregação. Assim como os outros enxergam nossos pecados com maior clareza que nós, assim também o fazem com nossas heresias.

Testar nossas convicções com outros cristãos não as enfraquece; fortalece-as. Ficamos mais certos das crenças que se colocam sob exame cuidadoso. Temos menos certeza daquelas que receamos pôr à prova com medo de que sucumbam. Depois de colocar nossas crenças em teste, podemos ter menos certeza sobre alguns detalhes, mas estaremos mais certos de verdades centrais do evangelho que ficam mais claras.

No final, mesmo esses passos nem sempre nos levam à unidade teológica. E então? Temos o direito de nos manter firmes em nossas próprias convicções e compartilhá-las com os outros. No entanto, devemos falar a verdade em amor, buscando não conquistar aqueles que discordam, mas ganhá-los. Também temos a responsabilidade de examinar nossas crenças com intimidade.

Por que teologia? Afinal de contas, por que devemos nos preocupar com a teologia? Ela pode provocar guerras entre cristãos e um questionamento da verdade. Muitos alegam que é pura perda de tempo, que tudo o que precisamos é ler a *Bíblia* e aplicá-la diretamente às nossas vidas.

Há uma medida de verdade nesse ponto de vista porque sempre estamos em perigo de construir teologias para nós mesmos, como um exercício puramente acadêmico. Tais teologias podem abater nossa vida espiritual e nos distrair do chamado essencial do evangelho ao arrependimento e ao discipulado. Afinal, o cristianismo é um modo integral de vida, não só um padrão de pensamento.

Além do mais, aprender a aplicar as verdades bíblicas à nossa vida é essencial para o crescimento cristão. Wayne Dye (1982) verificou que os missionários mais bem-sucedidos no desenvolvimento de igrejas maduras são aqueles que ensinam as igrejas jovens a levar seus problemas para as *Escrituras* e ali encontrar uma resposta. Para eles, a *Bíblia* se torna uma realidade viva na vida diária, não algo que simplesmente estudam em sala de aula.

Todavia, em outro sentido, não podemos evitar o desenvolvimento de teologias. À medida que lemos as *Escrituras*, automaticamente juntamos passagens diferentes e formamos idéias básicas sobre a natureza de Deus, da *Bíblia*, dos homens, do pecado, do perdão, da graça e da redenção. Tecemos esses conceitos em um tapete único onde seus significados não são formados só por definições formais, mas por suas relações umas com as outras e com todo o cenário. Em grande parte, fazemos isso implicitamente. Quase sempre estamos inconscientes de nossas teologias até que elas sejam desafiadas. Ao desenvolvermos uma teologia, examinamos conscientemente nossas crenças religiosas.

Além disso, são necessários fundamentos teológicos sólidos para, a longo prazo, manter uma igreja fiel à fé cristã. Com frequência pensamos no cresci-

mento imediato da igreja e desprezamos o alvo a longo prazo para onde ela está indo. Preocupados em levar as pessoas a Cristo, negligenciamos o disciplinado necessário para mantê-las fiéis até a morte. Podemos estar preocupados com a evangelização, mas desprezamos os fundamentos teológicos necessários para manter uma igreja fiel ao evangelho, particularmente em tempos de perseguição. Estamos correndo o risco de implantar igrejas grandes que se desviam. Os missionários e líderes eclesiásticos devem pensar em evangelização e implantação de igrejas não só por um período de cinco ou dez anos, mas numa estrutura temporal de cinquenta a cem anos ou mais, porque estão estabelecendo as fundações da igreja.

Tipos de Teologia

Há dois tipos de teologia, cada um prestando-se a um objetivo diferente. Um tipo examina as estruturas básicas subjacentes à realidade. Levanta questões sobre a natureza de Deus, do mundo, dos homens, do pecado, da salvação, entre outras. Essas teologias, como a maioria das teorias científicas, estão preocupadas com a ordem imutável subjacente ao universo. Ambas são “paradigmas sincrônicos”.

Um segundo tipo de teologia está interessado na “história” da realidade. As teologias desse tipo questionam as origens fundamentais, o objetivo e o destino do universo, das sociedades humanas e dos indivíduos. Elas encontram significado na história cósmica e humana. Tais teologias são “paradigmas diacrônicos”.

Uma maneira de comparar estudos sincrônicos e diacrônicos é examinar um automóvel. Se o estudamos sincronicamente, nós o veremos da maneira como é montado e como funciona. Examinaremos o sistema elétrico, o sistema de combustível, o motor, a caixa de direção, etc. Observe que, nesse nível, estamos interessados em carros de uma maneira geral, e não em um especificamente. Estamos interessados em como eles funcionam, não o que acontece com eles. Em outras palavras, estamos interessados na sua *estrutura* e em suas *funções*.

Uma segunda maneira de analisar o carro é investigar sua história. Verificamos que ele foi comprado por um casal rico, que fez viagens para lugares distantes, que sofreu um acidente no qual o casal se feriu, que foi consertado e, finalmente, foi vendido a um estudante universitário. Traçamos sua história até ele ser refugado. Nesse estudo diacrônico, o significado está na *história* desse automóvel em particular.

Quais desses tipos de explicação devemos utilizar? Precisamos de ambos. Se quisermos entender como os carros funcionam, a fim de consertá-los, precisamos de uma teoria sincrônica. Se quisermos saber por que e como eles são usados, precisamos de uma análise diacrônica. Semelhantemente, quando estudamos a natureza de Deus e do universo, precisamos de uma teologia

sistemática (sincrônica). Mas quando quisermos saber o que está acontecendo, precisamos de uma teologia bíblica (diacrônica).

Enquanto as duas abordagens são necessárias, o significado fundamental está nos estudos diacrônicos. Podemos examinar como os seres humanos funcionam — o sangue, os pulmões, os músculos, a mente e a alma. Contudo, no final, queremos saber a história de suas vidas.

A *Bíblia* é basicamente uma reunião diacrônica, uma história do trabalho de Deus no universo e na humanidade. É claro que, nele, progressivamente Deus nos revela sua natureza e a natureza da realidade fundamental. No entanto, a história é o drama da criação humana, do pecado e da redenção.

Funções da Teologia

Clifford Geertz (1972:169) disse que os sistemas de explicação, tais como as teologias, prestam-se a duas funções importantes. Em primeiro lugar eles são mapas *da* realidade. Nós os utilizamos para organizar e explicar nossas experiências. Em segundo lugar, são mapas *para* guiar nosso comportamento. Nós os utilizamos na escolha de um percurso de ação.

Mapas “da” realidade. Todos nós precisamos de sistemas de explicação. Sem eles vemos o mundo não como mau, mas como caótico e incompreensível. Ele fica sem significado. Geertz diz que não há temor humano maior que a perda do entendimento. Ele é maior que o medo da morte em si. Os mártires morrem espontaneamente porque sua morte tem significado e sentido.

Acima de tudo, necessitamos de um sistema de explicação fundamental que nos ofereça uma estrutura básica dentro da qual ajustamos nossos outros modelos e teorias. Como cristãos, essa é a nossa teologia.

Como mapas das realidades fundamentais, nossas teologias servem para diversos objetivos importantes. Primeiro, elas nos oferecem uma visão ampla do que está acontecendo. Isso inclui tanto uma visão sincrônica da natureza das coisas como uma visão diacrônica do que está acontecendo. A última nos dá um sentido de objetivo e destino e da providência de Deus em nossa vida diária. Infelizmente, com frequência, nos concentramos em detalhes da *Bíblia* e perdemos de vista a história maior. Na escola dominical, estudamos várias passagens, mas raramente gastamos tempo dando aos alunos uma visão da história redentora. Em missões, nos concentramos em doutrinas específicas e pressupomos que as pessoas conhecem a visão maior, uma pressuposição que não deveríamos jamais ter. Conseqüentemente, é por essa razão que muitas teologias são feitas de porções e de pedaços de informações desconexas.

Uma segunda utilização da teologia é tornar explícitas as idéias teológicas implícitas que temos, e colocá-las em teste. Uma teologia pobre geralmente está enraizada em pressupostos ainda não examinados. Por exemplo, em geral não estamos cientes da medida com que nossas visões de mundo tingem a nossa teologia. Só quando as tornamos explícitas podemos examiná-las e corrigi-las.

Uma terceira utilização da teologia é a apologética, que sustenta nossa fé e nos ajuda a tornar o evangelho claro aos não-cristãos. Além do mais, ela pode nos ajudar a defender o cristianismo dos ataques do secularismo e de outras religiões.

Uma quarta utilização da teologia como um modelo *de* realidade é a de combater a heresia. A igreja, em todos os tempos e em todas as culturas, deve procurar a verdade e discernir os erros críticos que podem desviá-la do evangelho. É nesse momento que precisamos de uma grande dose de humildade, porque não podemos permitir que nossa preocupação com as heresias nos ceguem para o fato de que nosso entendimento pessoal das *Escrituras* é incompleto e geralmente errado. Nem devemos utilizá-lo como um jogo para ganharmos posição na igreja. Nossa preocupação deve ser a glória de Deus, o amor pela verdade e um amor redentor que busque ganhar aqueles que estão distantes.

Nesse momento é importante fazer uma distinção entre imaturidade e heresia. As pessoas vêm para a fé como são: bêbados, adúlteros, divorciados e fariseus autojustificados. A igreja deve começar com eles onde estão, não onde deveriam estar. O mesmo é verdade teologicamente. Os novos na fé chegam com suas cosmovisões hinduístas, muçulmanas ou seculares e suas categorias conceituais não mudam da noite para o dia quando se convertem. Até mesmo seu conceito de Deus é limitado e distorcido. A despeito disso, eles podem ser salvos. A transformação da teologia e da visão de mundo de um indivíduo para que se ajuste aos ensinamentos bíblicos é um processo que dura toda a vida.

Uma igreja jovem também começa com uma teologia simples, profundamente influenciada pela cultura local. Mas deve ficar madura em sua teologia para que permaneça fiel a seu chamado divino. Essa foi a experiência da igreja primitiva, que começou em um ambiente judeu. Quando o cristianismo se espalhou até os gregos, os pais da igreja primitiva tiveram de lutar com formas legítimas de expressão do evangelho no pensamento grego e lidar com heresias que surgiram do processo. Como R. H. Boyd (1974:47-52) diz, essa foi uma das principais razões para o surgimento de uma teologia sistemática na igreja ocidental. A igreja precisa de uma teologia viva para ser uma testemunha cristã verdadeira no mundo. Tal teologia deve ser constantemente formulada para dar significado ao evangelho em ambientes novos e se guardar das novas heresias emergentes. Uma igreja com uma teologia estática ou imatura se desvia. Em missões, devemos sempre ter em mente essa visão ampla de igreja.

Mapas “para” ação. Os mapas não nos dão só a visão de um lugar; eles também nos ajudam a escolher um curso de ação. Por exemplo, podemos usar um mapa para chegar ao aeroporto, uma vez que planejemos nosso modo de transporte e fixemos um horário de maneira adequada.

Charles Nyamiti, um teólogo africano, diz que a teologia não deve ser feita como um exercício abstrato divorciado da vida real. Ela sempre deve ser uma preocupação pastoral que busque o bem-estar das pessoas (Taber 1978:63). Ela deve ser uma ferramenta para ajudar a igreja a *ser* uma igreja, para ajudar os cristãos a crescer e ajudar os não-cristãos a vir a Cristo. Ela deve tanto resolver os verdadeiros problemas teológicos como lidar com os problemas práticos que as pessoas enfrentam. Uma teologia tem pouco valor se não provar que é útil na conversão das pessoas a Cristo e na sua edificação nele.

A natureza pastoral da teologia deve ser expressa primeiro na vida dos teólogos e missionários. A nossa deve ser uma teologia viva que transforme as nossas vidas e nos exija grande santidade. Só então ela terá crédito para os nossos ouvintes.

É fácil separar nossa teologia de nossa vida e colocar sobre os outros os encargos que nós mesmos não queremos assumir. Devemos lutar constantemente para tornar nossa fé explícita em nossa vida diária. Só então estaremos aptos para entender a luta dos outros e ajudá-los à medida que buscam preencher sua vida cristã.

A Teologia no Contexto

A história da igreja não pode ser entendida fora de seu ambiente cultural e histórico. A igreja primitiva buscava tornar o evangelho entendido e preservar sua mensagem autêntica no contexto da cultura grega que, de muitas maneiras, era estranha à *Bíblia*. No processo, ela precisou combater as heresias que emanavam da cosmovisão dualista grega que tornou Cristo homem ou Deus, mas não ambos. A ortodoxia protestante dos séculos XVII e XVIII se opôs à natureza degenerada da igreja de seus dias e formulou uma teologia com significado para as pessoas do Iluminismo. Desde então, o pietismo, o evangelicalismo, o liberalismo, a neo-ortodoxia e outras teologias surgiram como tentativas de tornar a mensagem cristã relevante e significativa para os homens seculares modernos. No entanto, nem todas essas tentativas de contextualizar a teologia foram igualmente bem-sucedidas em preservar a mensagem autêntica das *Escrituras*.

As igrejas de outras culturas têm o mesmo direito de entender e aplicar o evangelho em seus próprios ambientes? Não há perigo de que elas se desviem teologicamente? A resposta para essas duas questões é afirmativa. Para crescer, as igrejas jovens espiritualmente devem estudar por si mesmas as *Escrituras*. Se pelo medo de que abandonem a verdade não permitirmos que elas procedam assim, estaremos condenando-as à infância espiritual e à morte prematura. Por outro lado, permitir que as pessoas estudem as *Escrituras* sozinhas sempre implica algum risco.

Níveis de Contextualização

Como as teologias dos africanos, dos asiáticos ou dos latino-americanos diferem de outras? Certamente o centro da mensagem bíblica — a história da criação, pecado e redenção — permanece o mesmo. No entanto, as mudanças ocorrerão em diferentes níveis.

Religião, Impulsos e o Lugar Onde Dói

Jacob A. Loewen

Um grupo de índios *lenguas* estava sentado ao redor da fogueira, do lado de fora de um dos abrigos temporários recentemente construídos numa vila recém-instalada no Paraguai. O grupo estava no processo de mudar seu modo de vida de caça nômade para uma agricultura fixa.

O autor, sentado com eles, estava fazendo uma investigação antropológica da situação, esperando encontrar caminhos e meios de facilitar essa transição difícil para a tribo. Ele estava entre o grupo com considerações de sua experiência missionária inicial entre os índios chocos da Colômbia. Entre outras coisas, ele lhes havia contado sobre alguns erros culturais que cometeu quando tentou pela primeira vez alcançar aquela tribo com o evangelho. Depois de expor seus próprios erros por algum tempo, de repente, ele parou e perguntou:

— Os missionários que trouxeram a mensagem de Jesus Cristo também cometeram erros com esses?

Um silêncio doloroso se seguiu. E foi finalmente quebrado pelo anfitrião que se sentiu obrigado a responder:

— É muito difícil para os índios *lenguas* dizer se os missionários cometeram ou não erros. — O antropólogo visitante entendeu bem a verdade dessa assertiva porque o conceito *lengua* da “bondade inata” tornava muito difícil criticar os outros. No entanto, não querendo perder essa excelente ocasião para descobrir algumas das atitudes dos *lenguas* com relação ao programa missionário existente, ele continuou a pressionar:

— Talvez você pudesse mencionar pelo menos uma das áreas na qual tenha havido erros. — Depois de um outro período de silêncio, o anfitrião respondeu no vernáculo do alemão vulgar altamente influenciado pela sintaxe *lengua*, “*Es krautze woa nich es yeich*”, que traduzido livremente quer dizer “Eles estão mexendo onde não dói...”

A fim de entender por que a mensagem missionária nem sempre incomodava onde o missionário pretendia que o fizesse, devemos considerar vários fatores de predisposição.

Fé e religião

Com muita frequência, o missionário evangélico americano treinado aborda o cristianismo do ponto de vista da crença certa. A tarefa do missionário é

então vista como a troca de uma crença errada por uma crença certa. A crença certa é a resposta para os problemas do homem. O termo “fé” em suas conotações norte-americanas atuais tem passado por algumas mudanças sutis desde os tempos do Novo Testamento. Para muitas pessoas realmente evangélicas ela implica essencialmente a aceitação mental de um conjunto de premissas ou doutrinas como verdade, e normalmente não tem os ingredientes concomitantes de compromisso e obediência. Isso significa que em larga escala a fé tem sido vista separada da vida.

Tal atitude é refletida com muita frequência na tradução. Em várias línguas tribais sul-americanas as palavras “crer” e “obedecer” originam-se da mesma raiz. Ao tentar distinguir entre esses dois conceitos, os missionários têm então traduzido “crer” como “aceitar como verdade”. No entanto, isso traduz somente o componente “estático” da fé e deixa fora o componente dinâmico mais importante do compromisso pessoal que o emprego bíblico da palavra enfatiza.

Religião e totalidade de vida

Freqüentemente, e possivelmente como consequência de a fé ser interpretada como crença correta, a experiência religiosa tem sido tão completamente separada da totalidade da vida que as pessoas têm desenvolvido um tipo de interpretação “espiritual” remota de como Deus trabalha na vida dos homens. O Dr. Eugene A. Nida apontou a falácia dessa visão:

Alguns cristãos tendem a pensar sobre crescimento da igreja quase totalmente à parte dos contextos culturais nos quais ele ocorreu, como se fosse algum fenômeno sobrenatural especial referindo-se só à batalha entre as forças de Deus e a astúcia do Diabo. Não há dúvidas de que o crescimento da igreja está diretamente relacionado ao plano total e aos objetivos de Deus; mas ao mesmo tempo, é igualmente verdade que Deus evidentemente se determinou a trabalhar dentro das estruturas e padrões da sociedade humana mesmo quando realiza seus propósitos para a vida de um indivíduo em concordância com os princípios físico e psicológico que ele criou para governá-la.

Conversão e mudança de cultura

Uma vez que a religião é vista pelos nossos missionários abrangendo só a alma do homem, a conversão e sua mudança concomitante de vida é vista meramente como manifestação espiritual sem se perceber que tal mudança de comportamento de uma só vez implica uma mudança de cultura. “Estejam os missionários inclinados a admitir isso ou não, eles são agentes profissionais da mudança de cultura porque não há outro meio de estabelecer, consolidar e perpetuar a Igreja numa sociedade, a não ser por meio de sua cultura”.

No entanto, não é meramente uma mudança de forma externa que o missionário busca estabelecer, mas uma mudança básica de coração e valores fundamentais. O homem se torna uma nova criatura. [Louis] Luzbetak [diz]:

Principalmente nas questões espirituais, a busca pela transformação significa mais que a mera adoção de padrões externos que podem ser aceitos num dia e descartados no outro. A busca pela transformação significa mais que a recitação de um credo e um conhecimento teórico de certos dogmas de fé ou da mera adoção de um ritual. “Conversão” significa uma “mudança” de velhos costumes para novos costumes, uma reorientação básica nas premissas e nos objetivos, uma aceitação completa de um novo conjunto de valores que afetam o “convertido” bem como seu grupo social, dia após dia, vinte e quatro horas por dia, e em praticamente toda esfera de atividades — econômica, social e religiosa. As mudanças afetadas devem-se tornar partes vivas do “organismo” cultural.

A mudança exige uma “razão”

A vontade de mudar de religião sempre dependerá de quão bem essa religião atende às necessidades do dia-a-dia. Tendo em vista que a religião é totalmente integrada ao curso total da vida, haverá motivação para a mudança somente quando um sistema frustra um indivíduo ou toda uma sociedade em algum ponto razoavelmente crucial. Toda cultura tenta alcançar harmonia entre suas partes, mas tal harmonia nunca é completa. Novamente, todas as culturas estão mudando e, com muita frequência, até as mudanças menores podem levar a mudanças na maneira pela qual a necessidade de cada homem é atendida pelos sistemas religiosos de sua cultura.

Se e quando as frustrações, os desequilíbrios ou conflitos graves surgirem, o homem não só desejará pensar na mudança — ele na verdade irá buscar alívio. Essas áreas de frustração numa cultura podem-se tornar portas abertas para o evangelho, porque elas representam “os lugares onde dói”. Portanto, a fim de averiguar aqueles lugares que prontamente predispõem o homem a ouvir as boas novas, é de suma importância investigar as necessidades fundamentais do homem e verificar como essas necessidades estão sendo atendidas pelo sistema oferecido.

De Jacob A. Loewen, Culture and human values: christian intervention in anthropological perspective (South Pasadena: William Carey Library, 1975), p. 3-7. Utilizado com permissão.

Questões novas. Como vimos, as pessoas vivem em culturas diferentes. Por conseguinte, levantam questões diferentes. Por exemplo, os africanos e os asiáticos perguntam: “O que devemos fazer com nossos ancestrais?”. A teolo-

gia ocidental dá pouca atenção aos ancestrais, embora muito se fale sobre eles na *Bíblia*. Jeová é chamado o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. O quinto mandamento, o primeiro com promessa, nos exorta a respeitar nossos pais.

O que devemos dizer quando as pessoas perguntam sobre seus ancestrais? Eles estão salvos? As pessoas devem alimentá-los ou oferecer-lhes flores em seus túmulos? Não nos atrevemos a colocar tais questões de lado, porque os ancestrais são importantes na vida das pessoas.

Há outros dilemas como esse. As igrejas da África devem responder a questões sobre poligamia, bruxarias, espíritos e mágicas; as da Índia são questionadas sobre sistemas de castas, dotes e mau-olhado; e as da China devem lidar com a autoridade patriarcal, responsabilidades do clã e a ética do confucionismo. As igrejas ocidentais também precisam olhar as questões levantadas por sua própria cultura tais como, secularismo, diversão moderna e consumismo num mundo afetado pela pobreza.

Segundo Charles Taber (1978:69), encontrar respostas cristãs para os problemas humanos é a primeira tarefa do teólogo: “O teólogo é chamado, muito antes de fazer qualquer tipo de teologia sistemática, a avaliar a vida e o testemunho da igreja, e dirigir-se a si mesmo na comunhão dos crentes quanto às questões e problemas que a igreja enfrenta e as oportunidades e desafios que tentará atender”.

Novas categorias culturais. Os teólogos devem fazer muito mais que responder a questões novas. Eles devem tornar a mensagem do evangelho clara nas categorias culturais que não correspondem nem mesmo remotamente àquelas utilizadas na *Bíblia*. Por exemplo, na África, eles devem perguntar se os conceitos de sacrifício utilizados nas sociedades tradicionais africanas podem ser utilizados como referência à morte de Cristo na cruz. Na Índia, eles devem decidir se o termo *avatar* pode ser usado para a encarnação de Cristo. Como vimos, a mundividência indiana não faz uma distinção categórica entre Deus e homens. Conseqüentemente, quando um deus hindu se torna um *avatar* ou homem, é como uma pessoa rica ajudando um mendigo. No sudeste da Ásia, os teólogos devem contrastar a idéia budista do *nirvana* com o conceito cristão de céu.

Um dos conceitos mais importantes na teologia cristã é Deus. Os teólogos devem decidir qual dos termos da cultura local pode ser utilizado para se referir a Deus e o que precisa ser mudado para tornar os conceitos tradicionais mais bíblicos. As pessoas de muitas partes do mundo se referem a um Deus superior que é o criador e juiz de todos. Taber (1978:60) escreve:

Quando os missionários chegaram pela primeira vez na região de Baoule, na Costa do Marfim, e começaram a falar sobre o criador, eles imediatamente encontraram reconhecimento: “É claro que o conhecemos; seu nome é Nyamien”. E quando os missionários começaram a descrever os atributos do

Deus que conheciam, eles novamente quase que concordaram com impaciência: “É claro, Nyamien é o todo-poderoso, é claro que ele é benevolente, é claro que ele é eterno, etc. Quando vocês dizem Nyamien, vocês dizem tudo. Só as crianças não sabem disso”.

Richardson (1981) afirma que os missionários podem utilizar conceitos generalizados de Deus Supremo, particularmente se eles tiverem pouco conteúdo específico, uma vez que geralmente podem preenchê-los com referências cristãs significativas. Isto é o que aconteceu na Coréia, onde as pessoas tinham um Deus Supremo a quem chamavam de Hananim, e os protestantes puderam utilizar esse termo para o Deus da *Bíblia*. Richardson argumenta que essa talvez seja uma das razões importantes para o rápido crescimento do cristianismo naquela terra — as pessoas já sabiam do Deus sobre o qual os cristãos pregavam.

As questões se tornam mais difíceis quando os conceitos de Deus estão intimamente relacionados às religiões não-cristãs. Nos países muçulmanos, os missionários adotaram o termo Alá porque ele está próximo o suficiente do conceito bíblico utilizado de Deus. Mas devem deixar claro que um “Alá” cristão é amor, uma noção estranha ao pensamento islâmico. Os teólogos hindus devem escolher entre vários termos, nenhum dos quais completamente. Há uma realidade fundamental, *Brahman*, mas ela é uma força, não uma pessoa. Há o *deva*, um deus pessoal que faz parte deste mundo ilusório. E há *Isvara*, um termo associado principalmente com o deus hindu Xiva.

Nova cosmovisão. Os problemas teológicos mais difíceis se relacionam com as cosmovisões. Elas são o centro de uma cultura e se não as criticarmos teologicamente, estamos em perigo de terminar num sincretismo ou no cristopaganismo (Tippett 1979). Por outro lado, tendo em vista que elas são as bases nas quais a cultura é construída, é difícil mudá-las.

Muitas das visões de mundo não-ocidentais estão mais próximas da cosmovisão da *Bíblia* do que da nossa visão de mundo secular, moderna. Elas entendem as ligações e rituais tribais do Antigo Testamento e estão mais cientes do mundo espiritual. Por exemplo, os japoneses têm uma forte consciência de grupo e a pessoa que decepciona o grupo experimenta uma sensação profunda de vergonha. No entanto, nós no Ocidente, com a nossa forte ênfase no individualismo, sempre sentimos culpa quando fazemos alguma coisa errada. Esses dois sentimentos se colocam em contraste um com o outro.

A vergonha é uma reação à crítica de outras pessoas, uma humilhação pessoal aguda do nosso fracasso em cumprir com nossas obrigações e com as expectativas que os outros têm sobre nós. Na verdade, nas culturas realmente orientadas para a vergonha, cada pessoa tem um lugar e uma tarefa na sociedade. O auto-respeito é mantido não por se escolher o que é bom, em vez do que é mau, mas por se escolher o que os outros esperam que se escolha. Os

desejos pessoais devem ser colocados diante da expectativa coletiva. Aqueles que falham sempre voltarão sua agressão contra si mesmos em vez de utilizar a violência contra os outros. Punindo a si mesmos eles mantêm o auto-respeito perante os outros porque a vergonha não pode ser aliviada, como a culpa pode, através da confissão e expiação. A vergonha é removida, e a honra, restaurada, somente quando uma pessoa faz o que a sociedade espera dela naquela situação, incluindo o suicídio, se necessário.

Por outro lado, a culpa é um sentimento que surge quando violamos os padrões absolutos de moralidade dentro de nós, quando violamos nossa consciência. Uma pessoa pode sofrer de culpa mesmo quando ninguém sabe de seu delito; esse sentimento de culpa é aliviado confessando o delito e obtendo a restauração. Culturas realmente orientadas para a culpa confiam na convicção interna de pecado como o reforçador do bom comportamento, ao contrário das culturas orientadas para a vergonha, que confiam em sanções externas. As culturas orientadas para a culpa enfatizam a punição e o perdão como meios de restaurar a ordem moral; as culturas orientadas para a vergonha reforçam a auto-negação e a humildade como meios de restaurar a ordem social.

Na *Bíblia*, o pecado está ligado à vergonha e à culpa. A vergonha é enfatizada no Antigo Testamento, onde o pecado é visto principalmente como uma quebra nas relações que ocorre quando as pessoas violam seus compromissos com Deus e uns com os outros, como filhos de Deus. Portanto, o pecado tem uma dimensão corporativa com ela, e o pecado de uma pessoa pode trazer punição sobre todo o grupo. A resposta para o pecado é *shalom* ou a ligação de relações rompidas e a restauração da paz e da harmonia. Esta é uma mensagem bem entendida pelos japoneses que vivem em uma cultura orientada para a vergonha.

A *Bíblia*, particularmente o Novo Testamento, também fala do pecado como uma violação da retidão de Deus, e da necessidade de punição e restauração. Esta mensagem faz sentido às pessoas do Ocidente que vivem em culturas orientadas para a culpa. Na verdade, precisamos dos dois conceitos, culpa e vergonha, para entendermos plenamente a mensagem bíblica do pecado e da salvação.

Enquanto alguns pressupostos de visão de mundo podem servir como pontes para as pessoas entenderem as boas novas, outros se colocam de maneira contrária às *Escrituras* e distorcem a mensagem bíblica. Por exemplo, muitas pessoas têm uma visão cíclica de tempo que enfraquece a mensagem cristã da criação e da escatologia. Outras acreditam que o mundo realmente não existe. Ele é uma ilusão. Não há história real. Isso contradiz as doutrinas bíblicas de criação e envolvimento divino em um mundo real. Em tais casos, devemos deixar claros os pressupostos da cosmovisão *bíblica*. Se não, as pessoas entenderão mal o evangelho.

passos na Contextualização

O desenvolvimento de uma teologia para um novo contexto cultural não ocorre da noite para o dia. Como vimos, a atenção de uma igreja jovem é canalizada em seu crescimento e sua reação imediata às velhas crenças e práticas. Os problemas mais profundos sobre a contextualização e a manutenção das igrejas fiéis à fé cristã em novos ambientes geralmente só surgem com os líderes da segunda e terceira geração na igreja.

Os primeiros esforços na contextualização em geral são feitos pelos missionários quando tentam tornar a mensagem inteligível e relevante para as pessoas. O perigo aqui é que os missionários quase sempre não conhecem os conceitos culturais de suas próprias teologias. Além disso, eles tendem a importar meios ocidentais de fazer teologia, que foram influenciados pela visão de mundo grega, que reforça sistemas altamente racionais e sincrônicos de pensamento. Mas essa ênfase nas teologias sistemáticas detalhadas é estranha para muitas sociedades. Holth (1968:18) disse:

Há certos aspectos da teologia ocidental tradicional que muitos asiáticos acham censuráveis. Falando de maneira geral, os asiáticos não dão a mesma importância às doutrinas formuladas. Nossa ânsia pela análise e pelo sistema é algo que acham incompreensível. ... Nossa exigência por formulações definidas e precisas da fé é fonte de irritação. A rigidez de muitos dogmas teológicos ocidentais torna desinteressado o religioso asiático.

Nessas sociedades, a igreja muitas vezes desenvolve teologias bíblicas que se centralizam nos atos de Deus na história, particularmente na vida de seu povo.

No entanto, com o tempo, é importante para uma igreja lutar com a questão da contextualização do evangelho em seu próprio ambiente cultural. Toda igreja deve fazer da teologia sua própria preocupação, porque deve enfrentar os desafios da fé levantados por essas culturas. Quando isso acontece, os resultados serão mais profundos e duradouros.

As igrejas jovens podem aprender muito com os debates teológicos porque esses são parte de sua herança cristã. Mas a teologia ocidental não é o padrão final pelo qual devem medir a dela. Tal padrão é a revelação bíblica. Widjaja (1973:42) escreve:

Mas pode-se dizer que as *Escrituras* são a fonte básica da qual advém o conhecimento teológico. São também a única autoridade pela qual a teologia deve ser julgada. Assim, as *Escrituras* devem ser sempre examinadas. A conceitualização ocidental da teologia bíblica deve ser revisada criticamente e, se necessário, colocada de lado. ... Fazendo isso, podemos ter um entendimento mais profundo da mensagem de Deus à medida que ponderamos diretamente sobre todo o material original da *Bíblia*.

Não há limites então para a contextualização? Provavelmente, essa seja a maneira errada de formular a pergunta. A questão não é sobre até onde podemos ir com a contextualização do cristianismo e ainda permanecermos cristãos. Nossa preocupação, sim, é sobre como podemos nos tornar mais verdadeiramente cristãos enquanto tornamos o chamado do evangelho mais claro e atraente àqueles em nosso contexto cultural. Visser't Hooft (1967:6) acrescenta uma palavra de cautela:

Agora na história da igreja, encontramos mais exemplos de identificação excessiva que de subidentificação. A mensagem cristã tem sido tantas vezes adaptada acriticamente às culturas locais que a sua verdadeira distinção se perdeu durante o processo. Procuramos uma identificação radical do evangelho durante o movimento cristão germânico dos dias de Hitler. ... Penso na análise lúcida de Will Herberg sobre a religião na América... Na verdade, são poucas nações cristãs antigas que em uma ocasião ou outra não produziram sincretismos curiosos dos conceitos cristãos e dos conceitos locais e culturais.

A mensagem do evangelho deve não só ser expressa nas categorias e visão de mundo da cultura local, também deve preencher e, por consequência, revolucionar tudo isso com substância bíblica.

Ensinando os Novos Cristãos

No início de um trabalho, o missionário é o responsável por tornar o evangelho conhecido e entendido na nova cultura, não somente por dar testemunho das boas novas da salvação, mas também por moldar uma vida cristã. Ele é o único exemplo que as pessoas têm do que significa ser um seguidor de Cristo. Além disso, nesse estágio, o missionário deve assumir a liderança na contextualização da mensagem bíblica dentro da cultura local. Da mesma maneira, é de vital importância que o missionário entenda e estime verdadeiramente a cultura local.

Os novos crentes têm pouco conhecimento das *Escrituras* e geralmente não conseguem lê-las. São dependentes do missionário para entender o que as *Escrituras* significam e quanto à orientação para lidarem com as questões que enfrentam. É responsabilidade do missionário não só ensinar às pessoas as *Escrituras*, mas também como estudá-las sozinhas e aplicá-las a suas próprias vidas. À medida que ficam maduras, ele deve deixar claro que devem ser obedientes à voz divina conforme ela chega a eles, por meio da Palavra de Deus, não conforme chega ao missionário ou à igreja que o enviou. Os novos crentes aprendem a ser cristãos fortes praticando a vida cristã, assim como as pessoas aprendem uma nova língua falando-a.

Treinando Teólogos Nacionais

Depois que uma igreja foi implantada, é importante que o missionário estimule o surgimento de líderes naturais dentro da nova congregação e que os ampare e treine. Quanto for possível, o grupo local de crentes deve-se responsabilizar pela igreja desde o início. É essencial que treinemos líderes que possam lutar com as questões teológicas que emergem dentro do contexto cultural (2 Tm 2.2). É mais fácil treinar seguidores que simplesmente acreditem no que dizemos e nos imitem. Uma vez que temos posições de honra, há pouca discordância. Mas os seguidores são espiritualmente imaturos e quando vamos embora são facilmente desviados por qualquer falsa doutrina que apareça.

É muito mais difícil treinar líderes porque devemos ensiná-los a pensar por si mesmos, a discordar de nós e a defender suas próprias convicções. Devemos aprender a aceitar debates e discordâncias honestas sobre questões teológicas difíceis sem cortar relações com um irmão ou uma irmã local. Devemos aprender a humildade de admitir que estamos errados e que devemos querer ver os jovens líderes receber mais honra que nós.

As *Escrituras* vão mais além. Elas falam do sacerdócio de todos os crentes. Precisamos ensinar todos os cristãos a estudar e interpretar a *Bíblia*, por si mesmos, e aplicar sua mensagem a suas vidas. Negar-lhes isso é mantê-los espiritualmente imaturos.

É particularmente urgente que os evangélicos encorajem os líderes locais a ser teólogos. No passado, muitas vezes controlávamos a teologia de uma igreja jovem por medo de perder a verdade. Nesse meio tempo, as igrejas liberais treinavam líderes nacionais que hoje dominam o cenário teológico em muitas partes do mundo.

Não há maneiras de garantir a preservação de nossas convicções teológicas. Podemos escrevê-las em credos e constituições e podemos policiar igrejas e escolas. Mas aqueles que vão-nos suceder terão suas convicções. Cada geração na igreja deve ter sua própria fé viva. Crenças de segunda mão não terão efeito.

Finalmente, deve ser observado que “permitindo” ou não que os líderes locais desenvolvam suas próprias teologias, eles o farão. A história missionária está cheia de casos em que os líderes oprimidos pelos missionários saíram para começar suas próprias igrejas independentes. Muitos teriam permanecido em comunhão com os missionários se tivessem sido ouvidos.

Teologia Transcultural

A autoteologia reconhece que os cristãos precisam desenvolver teologias que tornem o evangelho claro em suas diferentes culturas. Ao mesmo tempo, ela levanta questões difíceis sobre pluralismo. Como podemos aceitar a diversidade teológica e evitar um relativismo que enfraqueça a verdade, ou um subjetivismo que reduza teologias a criações humanas, ou um particularismo

que permita que os cristãos em cada cultura desenvolvam sua própria teologia, mas negue que o evangelho transcende diferenças culturais e que a igreja é um corpo?

O problema não é diferente daquele que enfrentamos na igreja local onde se aceita que os indivíduos tenham o direito de interpretar as *Escrituras* por si mesmos. Conseqüentemente, há discordâncias. Mas a hermenêutica é tarefa de uma comunidade de crentes à medida que compartilham e se vigiam mutuamente. Assim também as igrejas em diferentes culturas são parte de uma comunidade mundial de crentes. Elas também precisam desenvolver suas teologias na discussão com aquele corpo maior. Embora tenham o direito de interpretar a *Bíblia* em seus contextos particulares, elas têm a responsabilidade de ouvir a igreja maior da qual fazem parte.

Desse diálogo, pode emergir uma teologia transcultural que transcenda diferenças culturais — uma metateologia que compare teologias, explore os desvios culturais de cada uma e busque encontrar elementos universais bíblicos (Figura 27).

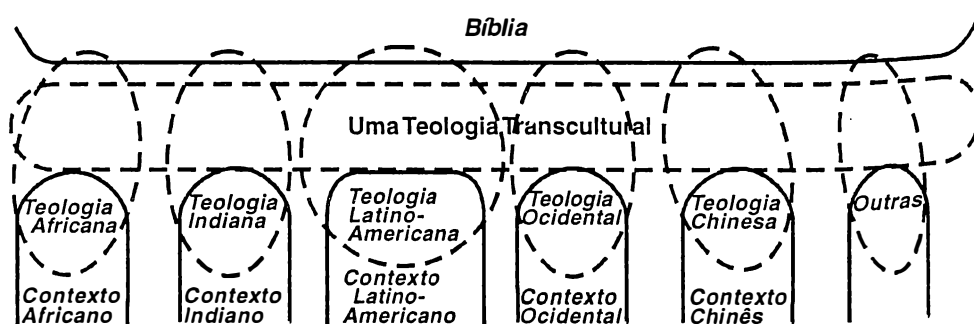
Características de uma Teologia Transcultural

Quais são as características de uma teologia transcultural — o consenso teológico que surge quando pessoas de diferentes ambientes culturais compartilham seu entendimento da revelação bíblica? Todos os detalhes não estão claros porque o diálogo entre os teólogos em diferentes culturas começou só recentemente. No entanto, vários princípios devem ser levados em consideração.

Biblicamente fundamentada. A exemplo das teologias contextualizadas, uma teologia transcultural deve ser fundamentada biblicamente. Isto pode parecer óbvio, mas sempre devemos nos lembrar de que o padrão com que todas as teologias devem ser medidas é a revelação bíblica.

FIGURA 27

Uma Teologia Transcultural Transcende Diferenças Culturais



A mensagem bíblica deve ser entendida dentro de seus ambientes culturais e também deve ser observada em sua progressão histórica. O Antigo Testamento é um registro de Deus tomando as pessoas e delineando sua visão de mundo e crenças para que fossem capazes de transmitir sua mensagem divina aos homens. Por exemplo, começando pelos conceitos de Abraão sobre Deus, justiça, pecado, sacrifício, perdão e tempo, Deus então os moldou e os enriqueceu por meio de suas revelações a Moisés, Davi e os profetas. Ele ensinou às pessoas esses novos significados usando o tabernáculo, o templo, os sacrifícios, as festas e as ordens sacerdotais. Em decorrência, a cosmovisão judaica no tempo de Cristo foi o veículo adequado para a comunicação da auto-revelação suprema de Deus aos homens.

A teologia também deve ser bíblica em outro sentido. Enquanto reagimos aos planos dos homens para Deus, sua preocupação principal é o plano de Deus para os homens. A teologia deve levantar as principais perguntas que as pessoas talvez não façam. Suas preocupações mais profundas são o pecado e a salvação, e o mandamento de Deus na vida de seu povo.

Supracultural. Aqui enfrentamos um paradoxo. Uma teologia transcultural deve buscar transcender os limites e preconceitos das culturas humanas, mas deve ser expressa em línguas talhadas por ambientes culturais específicos. Se negarmos que a teologia pode transcender seu ambiente cultural, negamos que Deus pode ultrapassar os homens. Então nos deixamos como igrejas culturalmente atadas que não se podem entender.

Como a teologia pode superar os desvios de culturas diferentes? Primeiro, precisamos ter em mente que as culturas não são totalmente diferentes umas das outras. Há semelhanças fundamentais subjacentes a todas as culturas porque estão enraizadas na humanidade comum e nas experiências compartilhadas de todas as pessoas. Todos têm corpos que funcionam da mesma maneira. Todos experimentam o nascimento, a vida e a morte; alegria, tristeza e dor; impulsos, medos e necessidades. Todos criam categorias, línguas e culturas. E todos pecaram e precisam da salvação. Sem subestimar as diferenças que existem entre as culturas, precisamos reconhecer as semelhanças básicas na existência humana. Uma vez que esses fatores unificantes tornam possível às pessoas de uma cultura entender as de outra, eles também nos permitem desenvolver estruturas metaculturais que transcendem diferenças culturais.

Segundo, aqueles que estão de fora sempre vêem coisas que os que estão dentro não vêem. Por exemplo, os outros vêem nossos pecados com mais clareza que nós porque temos a tendência de escondê-los de nós mesmos. Da mesma maneira, as pessoas de outras culturas geralmente vêem com mais clareza que nós os desvios culturais de nossas teologias. Não conhecemos muito bem os pressupostos profundos, implícitos de nossa cultura e de sua influência em

nossas teologias. As cosmovisões de fora podem nos ajudar a evitar que nossos sistemas de conhecimento se tornem totalmente subjetivos em sua natureza.

Portanto, precisamos ouvir os cristãos de outras culturas porque eles podem apontar os desvios culturais de nossas teologias. Por sua vez, precisamos apontar os desvios culturais deles. Fazendo assim, podemos construir teologias que sejam mais verdadeiramente bíblicas.

Histórica e cristológica. Uma teologia transcultural deve centralizar-se nos atos de Deus na história. No centro destes está Cristo. Sua encarnação é o centro do evangelho. Sua morte e ressurreição são o âmago da redenção. É ao redor da pessoa de Cristo que todas as teologias devem-se unir porque ele é o Senhor de todas as culturas e de todas as pessoas.

Como cristãos, afirmamos uma história real que é a mesma para todas as pessoas. Nosso conhecimento dos acontecimentos pode ser incompleto e nossas interpretações deles podem variar, mas os fatos da história são universalmente verdadeiros. Por exemplo, podemos discordar sobre as causas, mas a realidade é que os europeus lutaram em duas grandes guerras mundiais neste século. Esse fato é verdadeiro para todas as culturas, tornou-se parte delas. De maneira semelhante, a *Bíblia* nos dá um registro de fatos históricos que transcendem culturas humanas, e qualquer teologia transcultural deve lidar com esses fatos.

Guiada pelo Espírito. Finalmente, a unidade de uma teologia transcultural deve depender do trabalho do Espírito Santo. É ele que nos deve levar a um entendimento da verdade. Portanto, a teologia deve ser feita num espírito de humildade, não de farisaísmo; de amor redentor, não de condenação; de comunhão, não de imposição. Novamente, precisamos fazer teologia de joelhos.

Funções da Teologia Transcultural

Por que devemos buscar uma teologia transcultural? As teologias contextualizadas não são suficientes? Uma razão é construir uma comunhão mundial dos crentes. Pertencemos a um corpo. Cristo orou para que fôssemos um, como um testemunho ao mundo do amor de Deus, que quebra as barreiras que dividem os seres humanos.

Uma segunda razão é compartilhar a missão da igreja. A tarefa de evangelização do mundo é tão grande que as igrejas em diferentes pontos do mundo devem trabalhar juntas para realizá-la. Não podemos deixar que diferenças culturais e nacionais nos levem a um isolacionismo cristão que nos cegue para as necessidades do mundo. Somos chamados a dar testemunho das boas novas a todas as pessoas.

Finalmente, o processo de formulação de uma teologia transcultural pode nos ajudar a ver com mais clareza os preconceitos culturais em nossas teolo-

gias e fazer-nos evitar os sincretismos que surgem quando contextualizamos nossas teologias acriticamente. Embora todos nós vejamos através de um vidro embaçado, por meio do estudo comum das *Escrituras* chegamos a um entendimento melhor da Teologia como Deus a conhece. Ao dialogarmos com os teólogos de todas as partes do mundo, devemos ter cuidado de não impor nossas teologias ocidentais. A *Bíblia* é o critério pelo qual medimos todas as teologias.

Cristianismo e Religiões Não-Cristãs

Experimentamos um segundo choque teológico quando, pela primeira vez, deparamos com outras religiões. Quando nos preparamos para o serviço missionário, podemos ter estudado o islamismo, o hinduísmo e o budismo e obviamente concluído que eles são falsos. Temos a certeza de que não será difícil convencer as pessoas dos erros de suas crenças e persuadi-las a se tornar cristãs. É uma surpresa então quando encontramos pessoas boas e zelosas, profundamente convencidas de que sua própria religião é verdadeira e falhamos em nossas abordagens bem preparadas para refutar aquela religião.

Dentro de nós surge uma questão: Por que essas pessoas continuam muçulmanas ou hindus? Depois outra questão: Por que nós somos cristãos? Como sabemos que o cristianismo é verdadeiro? Pode ser que já tenhamos enfrentado essas questões antes, mas elas voltam com maior intensidade quando pessoalmente conhecemos fiéis de outras religiões que alegam que elas satisfazem todas as suas necessidades.

Um jovem candidato a missionário viveu esse choque quando viajava em um navio. Vendo um senhor muçulmano no convés, decidiu testemunhar para ele. O candidato, assentado no convés, passou a se dirigir àquele senhor, esperando ganhá-lo para Cristo. Depois de um tempo, o rapaz começou a falar sobre a *Bíblia*. E o senhor começou a falar sobre o Corão. Então o rapaz começou a falar de Cristo, e o senhor, de Maomé. O candidato a missionário, de repente, percebeu que enquanto ele estava tentando converter o muçulmano ao cristianismo, este tentava torná-lo muçulmano. Sua reação imediata foi “Ele não pode fazer isso. Ele nunca me tornará muçulmano”. E então a questão central apareceu: “Por que então eu devo esperar que ele se torne cristão?”.

Nossa primeira reação a esse choque é sempre rejeitar outras religiões e seus seguidores — evitar relações com os muçulmanos, hindus e budistas. Dessa maneira podemos evitar as questões levantadas pelo pluralismo das religiões. Mas isso também fecha as portas para um testemunho cristão a eles. Podemos amar as pessoas e ainda rejeitarmos suas crenças religiosas? A maneira que reagimos a essa questão afetará profundamente nossas relações com os não-cristãos ao redor de nós e a nossa eficácia como missionários.

Cristianismo e Outras Grandes Religiões

Quando pensamos em “outras religiões”, normalmente nos referimos ao islamismo, ao budismo, ao hinduísmo, ao xintoísmo, entre outras. Como o cristianismo, essas “grandes religiões” lidam com questões fundamentais sobre a origem, o objetivo e o destino de todas as coisas.

Como deve o cristianismo se relacionar com elas? A questão não é nova. A igreja primitiva precisou lidar com as religiões gregas. Paulo denunciou seus ídolos (At 19.26), e Pedro, o uso das mágicas (At 8.20—21). Por outro lado, Paulo apela para o “deus desconhecido” dos gregos (At 17.23) e João utiliza a palavra *Logos*, o termo estoíco para aquilo que consideravam a expressão mais alta da natureza, isto é, a razão.

Desde então, a igreja tem lutado com a questão. Alguns líderes têm defendido uma condenação total às outras religiões. Outros vêem coisas boas e más em outros sistemas de crença, mas chamam as pessoas para escolher entre o cristianismo e as velhas religiões. Alguns vêem temas comuns ou analogias redentoras em outras religiões que podem ser utilizadas para comunicar o evangelho às pessoas. Outros vêem as religiões não-cristãs como uma preparação para o evangelho e buscam nelas sementes de verdade com as quais possam construir. Outros, porém, vêem o cristianismo como o preenchimento evolutivo de todas as religiões.

Não temos espaço aqui para explorar as implicações dessas posições para a tarefa missionária. No entanto, os jovens missionários devem estar preparados para enfrentar a questão. Nós examinaremos somente uma ou duas questões principais que devem ser mantidas em mente.

A singularidade do evangelho. Uma coisa está clara — as *Escrituras* declaram que só há um caminho para a salvação — Jesus Cristo (Jo 14.6, At 4.12). Isso declara a singularidade que há no cerne do evangelho e da relação do cristianismo com as outras religiões. Alguns acham essa declaração arrogante, e ela seria se o cristianismo fosse uma religião criada por homens. Mas o cristianismo está enraizado na revelação divina. Negar essa revelação e ignorar a singularidade de Cristo que está no centro dessa revelação destrói o fundamento da fé cristã. Alegar que o cristianismo é apenas uma das muitas maneiras de chegar até Deus é confirmar os fundamentos do hinduísmo, que defende que todas as religiões levam a Deus.

A singularidade do cristianismo não está em nenhuma forma particular ou expressão de adoração, mas no evangelho como um todo. Na oração, os hindus se ajoelham e os muçulmanos levantam suas mãos. Os xamãs chukchis e místicos hindus falam em línguas. E as pessoas de todas as religiões defendem que seus deuses podem curá-las e ressuscitá-las da morte. Nem as idéias de pecado, sacrifício, perdão e salvação são exclusivamente cristãs. A singularidade do cristianismo é encontrada na mensagem bíblica da redenção divina dos pecadores por meio de Jesus Cristo.

A verdade do evangelho. Todas as grandes religiões reivindicam a verdade e todas devem ser testadas com a realidade. Ao afirmar a veracidade do cristianismo, não nos declaramos superiores. A superioridade não está em nós, mas no evangelho. Stephen Neill (1961:17-18) escreve:

Naturalmente, para o ouvinte não-cristão [essas declarações do cristianismo] devem soar como megalomania louca e imperialismo religioso do pior tipo. Devemos reconhecer os perigos; em muitas ocasiões, os cristãos têm caído nos dois. Mas somos dirigidos principalmente pela questão da verdade. Não é megalomania louca para a ciência da química afirmar que o universo físico foi construído de uma maneira e não de outra. ... A alegação cristã está muito próxima da alegação do químico. Ela afirma bem simplesmente que o universo em todos os seus aspectos foi criado de uma maneira e não de outra, e que essa maneira foi definitivamente declarada em Jesus Cristo. Quando Jesus afirmou que ele é a verdade (Jo 14.6), não estava afirmando várias idéias boas e verdadeiras; ele queria dizer que nele toda estrutura do universo foi revelada pela primeira vez e para sempre.

Quando declaramos a veracidade da mensagem cristã, devemos fazê-lo com humildade e amor (Ef 4.15). Devemos reconhecer as principais idéias de outras religiões, e não metralhá-las comparando o que há de pior nelas com o melhor do cristianismo. Devemos exaltar tudo que elas têm de beleza e de aspiração mais alta. Devemos ouvir com respeitosa paciência às críticas que têm do pensamento e da prática cristã. De suas noções humanas podemos obter novas perspectivas. Mas no final, temos o direito de declarar que Jesus Cristo, e só ele, é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Cristianismo e Religiões Populares

Como missionários, nos preparamos para testemunhar às pessoas que estão amarradas ao budismo, a hinduísmo e ao islamismo e outras grandes religiões que lidam com tais práticas.

As religiões populares lidam com os problemas do dia-a-dia, não com realidades fundamentais. Por meio de adivinhos, oráculos, xamãs e profetas, elas oferecem direção às pessoas que enfrentam um futuro incerto. Com a ajuda de rituais e remédios, elas enfrentam crises como secas, terremotos, enchentes e pragas bem como ajudam a trazer sucesso no casamento, com os filhos, nos negócios, etc. (Figura 28).

As pessoas também têm sua própria ciência popular que desenvolvem com base em suas observações diárias. Os habitantes das Ilhas dos Mares do Sul sabem fazer canoas de troncos e navegar com elas através de vastos canais do Oceano Pacífico. Os bosquímanos africanos sabem envenenar suas flechas e atacar uma girafa, ferindo-a até a morte. Todas as sociedades têm ciências

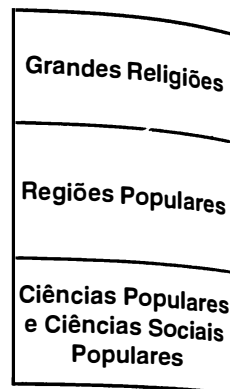
FIGURA 28

Religiões Elevadas, Religiões Menores e Ciência

As religiões cósmicas tratam de seres e forças de outros mundos e de questões fundamentais sobre a origem, o objetivo e o destino do universo, das sociedades e dos indivíduos.

As religiões populares tratam de seres e forças deste mundo e de questões de importância imediata, bem-estar e instrução para grupos e indivíduos.

Ciências que tratam deste mundo utilizando explicações naturais, de questões do relacionamento humano com a natureza e entre os homens.



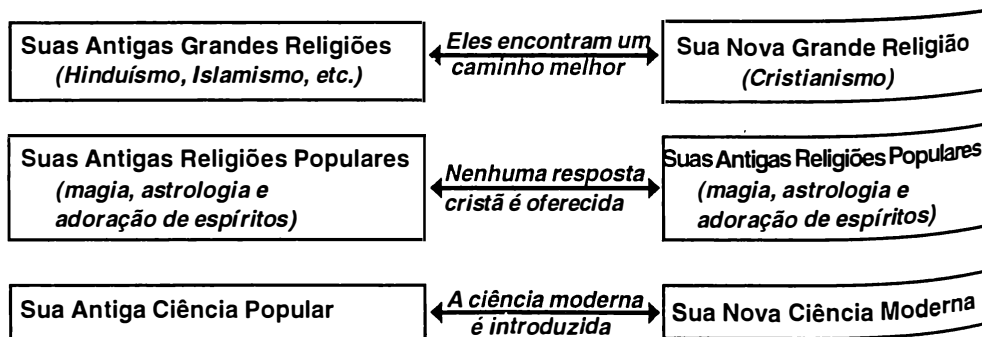
sociais populares que lhes dizem como criar filhos e como viver com pessoas perversas.

Considerando nossa visão ocidental das coisas, não levamos as religiões populares muito a sério. Por isso, não oferecemos respostas bíblicas para as questões do dia-a-dia que as pessoas enfrentam. Por exemplo, geralmente não temos resposta quando um novo cristão africano quer saber se ele deve caçar para o norte ou para o leste e se deve ir hoje ou amanhã. Portanto, não deve nos surpreender que muitos novos cristãos continuem a consultar xamãs e curandeiros para lidar com tais questões (Figura 29).

Os cristãos têm oferecido muitas respostas para os problemas do dia-a-dia. Os católicos romanos em geral têm-se voltado para a doutrina dos santos como

FIGURA 29

Os Novos Cristãos Podem Voltar-se Para as Religiões Populares Tradicionais se não lhes Forem Oferecidas Respostas Cristãs Para os seus Problemas Diários



intermediários entre Deus e os homens. Os protestantes têm enfatizado as doutrinas da oração e da providência de Deus — o fato de que todos os acontecimentos de nossa vida estão sob seu controle e que podemos levar a ele nossas petições em oração. Os carismáticos têm enfatizado o trabalho do Espírito Santo na vida diária do povo de Deus. Não é coincidência que muitas das missões mais bem-sucedidas tenham oferecido alguma forma de resposta cristã a esses tipos de questões.

Contudo, ao lidarmos com respostas cristãs aos problemas da vida diária, devemos nos guardar do sincretismo. O perigo está em tornar o cristianismo um novo tipo de mágica na qual buscamos utilizar fórmulas para manipular Deus na realização de nossa vontade. A *Bíblia* sempre nos chama à adoração, e nela nos subordinamos à sua vontade e aprendemos das experiências que ele coloca em nosso caminho. A diferença entre mágica e adoração não está na forma, mas na atitude.

Um segundo perigo está na ausência de discernimento. Nem tudo o que fazemos como cristãos vem do Espírito Santo. Em Israel havia profetas verdadeiros e falsos, juízes retos e corruptos. Portanto, não é de surpreender encontrarmos muitas formas de expressão cristã duplicadas em outras religiões. Os xamãs e oráculos falam em línguas, os *sadhus* hindus e os faquires muçulmanos dizem realizar milagres, e todas os grupos religiosos atestam fazer curas e ressurreições. As *Escrituras* repetidamente nos alertam para que nos últimos dias fiquemos de prontidão, pois Satanás irá imitar o trabalho de Deus.

Um terceiro perigo está na determinação de prioridades erradas. O evangelho fala do cuidado e da provisão de Deus na vida das pessoas, mas seu centro está na sua salvação e no destino eterno. Nós também devemos ter cuidado de tornar a nossa mensagem central a reconciliação entre Deus e os homens, e depois entre os homens.

As maiores questões em missões hoje têm que ver com o pluralismo teológico e religioso. E nenhuma resposta que dermos terá maiores conseqüências a longo prazo para a igreja que as respostas que dermos a essas questões. O caminho mais fácil é rejeitar todas as teologias que não sejam as nossas e condenar todas as religiões não-cristãs. Mas essa abordagem fecha as portas para a evangelização e o amadurecimento da igreja. Se colocarmos nossa confiança em Cristo, poderemos ouvir os outros sem medo de perder nossa fé. E poderemos compartilhar com eles a nova vida que encontramos no Senhor.

*As Diferenças Culturais e a
Comunidade Bicultural*

A Ponte Bicultural

*E*STIVEMOS TRATANDO DO MENSAGEIRO E DA MENSAGEM À MEDIDA QUE SE movimentam de uma cultura para outra. Mas e aqueles que ouvem o evangelho? Como o evangelho cria raízes em outra cultura?

Em nossos dias, com a comunicação de massa e a tecnologia moderna, somos tentados a pensar em comunicação como sinônimo de encontros públicos, rádio e teledifusão, e imprensa. O fato é que a transmissão do evangelho transpondo os abismos que separam uma cultura da outra depende principalmente da comunicação pessoal entre os homens. Especialmente entre o missionário e o povo a quem ele serve. Ela é afetada por duas coisas: (1) a habilidade dos missionários e líderes locais de traduzir a mensagem do evangelho de uma cultura para outra e (2) a qualidade do relacionamento entre os indivíduos envolvidos. Nos capítulos anteriores, examinamos a primeira delas. Agora, mudaremos nossa atenção das culturas como sistemas de idéias para as estruturas sociais como sistemas de relações humanas organizadas e veremos como elas afetam a comunicação do evangelho.

Construindo Relacionamentos Transculturais

A comunicação entre as pessoas em culturas diferentes não ocorre no vácuo, mas sempre dentro do contexto dos relacionamentos sociais. A princípio, ela pode ser casual, tal como quando um missionário passa pela aldeia e marca encontros ou visitas com alguém na barraca de chá.

No entanto, a comunicação transcultural mais eficaz ocorre entre as pessoas que estão envolvidas num relacionamento regular, duradouro dentro do contexto de uma comunidade social. Um missionário se encontra com os novos convertidos e os ajuda a organizar uma igreja. Depois, ele os visita regularmente. Ou um missionário organiza um hospital ou escola em que os relacionamentos e papéis ficam claramente definidos. Em qualquer um dos casos, temos o início de uma comunidade bicultural.

A Comunidade Bicultural -

Uma comunidade bicultural é uma sociedade localizada, na qual as pessoas de diferentes culturas se relacionam mutuamente com base em papéis sociais bem definidos. Ela se inicia quando as pessoas se mudam de uma cultura para outra, estabelecem suas casas e começam a interagir com as pessoas do local. Com o tempo, surgem os padrões sociais e é formado um novo tipo de comunidade, constituída de pessoas de duas culturas. À medida que a comunidade se desenvolve, cria uma nova cultura que extrai idéias, sentimentos e valores de ambas, uma cultura que não é nem “nativa” nem “estrangeira”, mas é constituída de nativos e estrangeiros.

Quando os missionários saem para o exterior, carregam consigo seus mapas culturais. Eles têm uma idéia de como é a comida e como cozinhá-la, quem deve criar as crianças e que valores devem ser ensinados a elas, como cultivar adequadamente, e muitas outras coisas. Não importa quanto tentem, jamais poderão ser completamente “nativos” uma vez que a cultura anterior, de sua infância, nunca pode ser totalmente apagada. Por outro lado, é impossível para os missionários importar toda a sua cultura, embora alguns tentem fazê-lo. Em grande parte são influenciados pelo ambiente em que entram — sua segunda cultura.

Enquanto as pessoas locais interagirem com os missionários, elas também se tornarão parte da bicultura. Elas têm suas próprias idéias de comida, educação de filhos, valores e adoração. Mesmo que não possam deixar seu país, são expostas a novas idéias e crenças. Mas como membros da sociedade dentro da qual a dupla cultura emerge, sua cultura e elas próprias contribuem muito para a formação desta condição.

Para se relacionarem, os missionários e os líderes locais devem criar novos padrões de vida, trabalho, diversão e louvor — em resumo, uma nova estrutura cultural. Tendo em vista que a nova estrutura é criada por pessoas de diferentes origens, é também constituída por elementos de ambas as partes.

Enquanto a bicultura fizer empréstimos das diferentes culturas de seus participantes, ela é mais que a soma ou síntese dessas culturas. Na interação, sempre surgem novos padrões. No final, se a comunicação do evangelho ocorre entre pessoas de diferentes culturas, uma comunidade bicultural satisfatória deve ser trabalhada para que os dois lados encontrem uma medida de entendi-

mento, confiança e satisfação mútuos. O sucesso do trabalho missionário depende em grande parte da qualidade dessa ponte bicultural.

Intermediários Culturais

A ponte bicultural é apenas um estágio, entre muitos, na comunicação do evangelho de uma cultura para outra. O missionário foi treinado pelos pais, pastores e professores antes de ir para uma nova sociedade. Lá ele trabalha em estreita ligação com os líderes cristãos locais que fazem parte da mesma bicultura. Por sua vez, esses líderes irão comunicar o evangelho para outras pessoas daquele lugar. A maior parte da evangelização e da implantação da igreja na aldeia será feita então pelos trabalhadores locais.

Todavia, construir a ponte entre as culturas é a principal tarefa de missões, e é isso que veremos em mais detalhes. Ela é crucial ao trazer o evangelho pela primeira vez a áreas onde não há nenhuma igreja.

A comunidade bicultural está onde dois mundos se encontram. É constituída de pessoas que conservam ligações com suas culturas originais, mas que se encontram e trocam idéias. Tais pessoas são os “intermediários culturais”. Como cambistas que comercializam dólares por yens ou rúpias, eles são essenciais para a comunicação entre os dois mundos culturais. Os missionários são esses agentes. Embora não troquem dinheiro nem poder político, trazem o evangelho de uma cultura para outra. Além disso, negociam entre suas igrejas no país de origem e as novas igrejas às quais servem.

Os intermediários culturais geralmente são solitários porque se encontram entre dois mundos. Geralmente, as pessoas de cada mundo têm apenas uma noção vaga e estranha sobre os outros. Além disso, cada grupo espera que o intermediário cultural seja fiel aos seus interesses e desconfia quando o missionário fica do lado de alguém. Por exemplo, muitos missionários foram incapazes de convencer os americanos de que muitas coisas das outras culturas do mundo são boas, ou de persuadir as pessoas entre as quais trabalhavam que nem todos no Ocidente são fantasticamente ricos.

Finalmente, as pessoas de ambos os lados quase sempre não confiam no intermediário cultural. Nenhum dos lados sabe realmente o que está acontecendo, e ambos suspeitam que o intermediário não representa mais seus interesses. As igrejas que enviam o missionário sabem apenas o que este lhes conta e ficam preocupadas porque ele não parece ser a mesma pessoa de quando o enviaram. A igreja local vê os missionários irem para casa em licença e fica pensando quais seriam os acertos secretos que estão fazendo lá.

Os missionários e líderes locais são pessoas marginalizadas. Eles são simultaneamente membros de duas ou mais culturas diferentes e não se identificam totalmente com nenhuma delas. Vivem na fronteira entre uma e outra. Porém, “marginalizado” não significa sem importância, sem influência, subordinado ou inferior. Os profetas do Antigo Testamento eram pessoas marginalizadas. Seu chamado divino os colocava numa relação especial com seu

povo, caracterizada pela tensão e pelo conflito. Um exemplo claro disso é Jeremias, que olhava para o seu povo com os olhos de Deus. Quando falava, era considerado um perturbador e traidor.

Jesus também foi uma pessoa marginalizada, fora de sintonia com o que os líderes judeus queriam ou esperavam dele. Ele se relacionava com os párias da sociedade — leprosos, coletores de impostos, samaritanos e pecadores (Kuitse 1983:4). Ele foi crucificado fora da cidade com dois ladrões. Paulo também foi uma pessoa marginalizada, que viveu sua vida entre as igrejas judaicas e gentias.

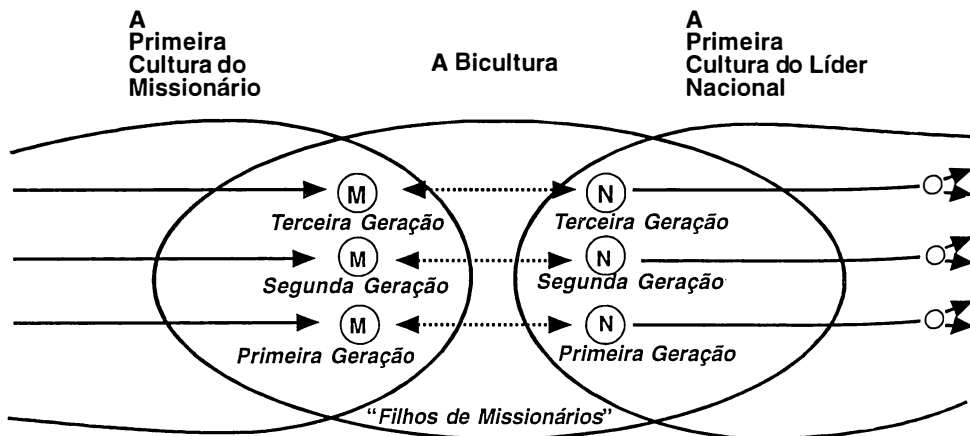
Num certo sentido, todos os cristãos serão pessoas marginalizadas porque vivem no mundo, embora sejam cidadãos do Reino de Deus. Não ficam mais totalmente à vontade na terra porque conhecem uma vida melhor. Mas ainda não estão participando totalmente da cultura celestial.

As pessoas marginalizadas têm uma contribuição significativa a fazer a qualquer grupo. Em certo sentido, elas são profetas que falam de fora. Por exemplo, os missionários representam a comunhão mundial da igreja. Eles estabelecem ligações visíveis da igreja local com a igreja em outras partes do mundo. Também oferecem perspectiva ampla e crítica que pode ajudar uma igreja a lutar com sua identidade dentro de um ambiente não-cristão.

Geracionalismo Entre os Missionários

Todas as pessoas devem aprender a viver numa cultura. O mesmo é verdade quando se trata de uma bicultura. Os jovens missionários e líderes locais

FIGURA 30
A Comunidade Bicultural



De Paul G. Hiebert, "The bicultural bridge", *Mission Focus* 6 (1982): 5.

devem aprender as crenças, os valores e o comportamento social que se espera daqueles que dela participam. Se não, são postos no ostracismo.

Há uma diferença fundamental entre o aprendizado de uma cultura primária e o aprendizado de uma bicultura. Fomos criados na primeira e aculturados em suas maneiras, à medida que crescemos. Então, aprendemos observando e imitando. Fomos ensinados, formal e informalmente, a pensar e agir. Posteriormente, como adultos, somos aculturados na bicultura. Já temos em nossa essência social e cultural meios pelos quais acrescentarmos a parcela da bicultura. Como já vimos, o resultado é uma pessoa bicultural que deve lidar internamente com as tensões dos dois mundos culturais.

Assim como passamos pelos estágios de aprendizado de nossa primeira cultura, também o fazemos na aculturação da bicultura. John e Ruth Useem e John Donoghue (1963) traçaram os estágios para as pessoas entrarem numa bicultura, referindo-se a eles como “gerações”. Há os novatos — os missionários e os nacionais que entraram recentemente na bicultura. E há os veteranos — aqueles que gastaram muito tempo de suas vidas ali (Figura 30).

Os missionários da primeira geração. Os missionários do primeiro período pertencem à primeira geração da bicultura. Em geral, nessa ocasião, somos idealistas e temos um compromisso por causa de um tremendo zelo e de uma grande visão do trabalho. Conseqüentemente, os objetivos que determinamos para nós mesmos são altos — algumas vezes irreais. Estamos prontos para evangelizar toda uma cidade ou um estado, ou construir um grande hospital ou uma escola bíblica. Nessa ocasião, também estamos preparados para sacrificar uma comunidade estabelecida, que tentará nos aculturar ao modo como pensam que as relações missionário-líder local devem ser estruturadas. Na verdade, esse é um dos maiores dilemas dos novos missionários que entram em comunidades biculturais iniciadas durante o período colonial. Se tentarmos mudar as maneiras estabelecidas de fazer as coisas e nos identificar mais intimamente com a cultura local e as pessoas, os que estão no poder dentro da comunidade se sentem ameaçados e podem-nos enviar de volta para casa. Mudar as culturas existentes — até mesmo as biculturas que são relativamente instáveis — é algo difícil de ser feito.

Nosso sucesso ou fracasso como missionários do primeiro período em grande parte depende do nosso lugar dentro da estrutura social da comunidade bicultural. Se nos encontrarmos no topo de um novo empreendimento, tal como abrir um novo campo, começar um hospital, ou construir uma escola bíblica, podemos ter grande sucesso. Afinal de contas, começamos com nada e deixamos alguma coisa — uma igreja ou uma instituição. Uma vez que não temos precedentes, temos o poder de construir um programa em grande parte estruturado segundo os nossos planos. Por exemplo, quando o primeiro missionário médico se muda para a área, há quase sempre só um campo vazio. Quando ele vai embora, há um hospital com quartos em funcionamento,

atendentes e vigias. Também podemos ter grandes fracassos porque em geral não há companheiros nem pressões institucionais para examinar nossas más decisões. Uma coisa está clara: os fundadores estabelecem a direção para os novos programas e instituições, difíceis de mudar depois.

Se como missionários da primeira geração somos colocados no topo de programas velhos, já estabelecidos, temos um potencial de sucesso moderado. Temos o poder de instituir nossas próprias idéias, mas herdamos tradições do passado. Quando tentamos mudar os procedimentos existentes, somos lembrados de que “este não é o caminho que o fundador adotou!” ou avisados: “Nós sempre fazemos assim”. Nem podemos nos igualar à imagem guardada do fundador, cuja foto geralmente está pendurada na parede do *hall* central. O que o fundador estabeleceu como um procedimento *ad hoc* se torna lei para o segundo líder e um rito sagrado para o terceiro.

Embora no primeiro período possamos ter sucesso apenas moderado na iniciação de programas, podemos também ter apenas pequenos fracassos. A instituição que começou a ter vida por si mesma nos isenta de cometer grandes erros. Uma vez estabelecida, uma organização tem meios de se manter viva e de amenizar os fracassos de seus líderes. A essa altura, muitas pessoas já investiram muito na instituição e não a deixarão morrer facilmente.

Se como novatos somos colocados em último lugar em programas já existentes, há pouca possibilidade de sucesso ou de fracasso. Pelo menos eles são medidos em termos de comunidade. Temos pouco poder de começar programas ou mudar os já estabelecidos. Já que isso, considerando nossa visão e zelo, leva à frustração, é necessário um tipo especial de pessoa para servir com alegria e senso de realização em situações como essa.

Finalmente, como já vimos, uma das principais características do missionário do primeiro período é o choque cultural. As atitudes e relacionamentos nos quais somos aculturados durante esse período geralmente caracteriza nosso ministério para o resto de nossa vida na bicultura.

Os missionários da segunda geração. Somos a segunda geração de missionários quando estamos em nosso segundo, terceiro ou quarto período de serviço. Agora já estamos aculturados à nova cultura e nos sentimos à vontade com ela. Adquirimos também experiências valiosas em nossos ministérios.

Os missionários da segunda geração compartilham certas características. Uma delas é termos a tendência de ser mais realistas em nossa avaliação do trabalho. Agora já entendemos e aceitamos o fato de que não podemos evangelizar todo o Japão, e nem mesmo Osaka, em cinco anos. Mas verificamos que é válido para nossas vidas construir uma escola bíblica, treinar vários líderes bons e/ou implantar quatro ou cinco igrejas fortes. Começamos a pensar em estratégias de longo alcance para enfrentarmos os problemas não só da implantação das igrejas, mas também de ajudá-las a crescer em independência e maturidade.

No meio de nossa carreira também somos mais realistas sobre o nosso estilo de vida pessoal. Nós nos tornamos cada vez mais cientes de que temos só uma vida. Se vamos dedicar tempo aos nossos filhos, temos de tê-lo agora, antes que cresçam. Se temos de descansar e relaxar, devemos fazê-lo à custa de algumas outras atividades. Não estamos menos comprometidos com a tarefa. Na verdade, nosso comprometimento se tornou um comprometimento a longo prazo. No final de nossa primeira licença, tivemos de tomar uma decisão crucial quanto a voltar e agora vemos o trabalho missionário como nossa vocação de vida. No entanto, não queremos mais pagar um preço ilimitado para estar em reuniões, aulas e vigílias. Começamos a perceber que nossos filhos e nós mesmos fazemos parte do trabalho maior de Deus. Então, tiramos tempo para piqueniques e férias em família e trabalhamos para tornar nossas casas um pouco mais habitáveis.

Os missionários da segunda geração e colaboradores locais experientes fazem juntos a maior parte do trabalho missionário. Agora, em grande parte, resolvemos a logística de nos mantermos vivos. Sabemos a língua e os costumes da bicultura. Conseqüentemente, somos capazes de nos doar a um trabalho longo e árduo, necessário para a implantação e o desenvolvimento de igrejas.

Uma das tarefas importantes dos missionários experientes é ajudar os do primeiro período a se ajustarem ao campo. Quando um novato está vivendo o choque cultural e escreve uma carta de demissão, precisamos ouvir o jovem missionário e encorajá-lo a aguardar uma semana antes de postá-la. Precisamos tirar algum tempo para orientar o recém-chegado na cultura e no trabalho.

Os missionários da terceira geração. Este grupo algumas vezes é chamado de “veterano”. No estudo de Useems e Donoghue (1963), que foi o primeiro a apresentar o conceito de geracionalismo bicultural, os veteranos eram aqueles que serviram fora durante a era colonial. Muitos deles, com algumas exceções notáveis, aceitavam as noções de superioridade ocidental e a regra colonial. Consideravam que os missionários deveriam ser encarregados do trabalho e de viver como estrangeiros dentro de seus núcleos de estrangeiros e bangalôs.

Precisamos ser cuidadosos ao julgar os missionários de gerações anteriores porque raramente entendemos o mundo no qual viveram. Naquela época, “colonial” e “imperial” eram palavras das quais se poderia ter orgulho. Além disso, as condições de vida na maior parte do mundo eram muito mais difíceis que as de hoje. Em meados de 1800, levava três ou quatro meses para chegar de navio até a Índia, e várias semanas a cavalo ou charrete para se deslocar algumas centenas de milhas país adentro. Os períodos de serviço geralmente duravam sete anos ou mais sem nenhuma licença. E sem os remédios de hoje, a doença e a morte faziam muitas vítimas. Por exemplo, entre 1880 e 1891, dez casais luteranos foram para o sul da Índia. No final desse período, sete homens, nove mulheres e trinta e duas crianças morreram.

Um médico missionário luterano naquela região fez um caixão e abriu uma cova próximo a sua casa, na aldeia, para que pudesse ter pelo menos um funeral adequado. Quando gotejava muito pelo telhado da casa, ele dormia no caixão. Ao deixar a área, "ele queimou o caixão, fechou a cova e, em pé sobre ela, exclamou triunfantemente: 'Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?'" (Drach e Kuder 1914:81).

A maioria dos veteranos se sacrificou muito mais que a maioria dos missionários modernos. Muitos dispenderam trinta, quarenta ou até mesmo cinquenta anos de trabalho. A maioria deles enterrou seus cônjuges e filhos no lugar onde serviam. Raramente podiam tirar férias em estâncias climáticas porque uma viagem de carro, trem ou barco seria muito longa e difícil.

Mas os tempos mudaram, e assim também devem mudar os missionários. Não vivemos mais num mundo em que a regra colonial e a superioridade estrangeira são aceitos. Hoje devemos nos identificar com as pessoas e suas aspirações. Porém, a mudança resultou numa lacuna de gerações entre aqueles que olham para trás com nostalgia, para a era colonial, quando os missionários desempenhavam um papel fundamental na vida da igreja, e aqueles que vêem a tarefa missionária como um ministério identificado e de parceria na implantação de novas igrejas.

Geracionalismo Entre os Líderes Nacionais

Na bicultura, o geracionalismo também é encontrado entre os líderes nacionais. A primeira geração normalmente tem grande visão e zelo pelo trabalho. Em nossos dias, de crescente nacionalismo, o geracionalismo geralmente está ligado a fortes convicções de que a igreja local deve assumir total responsabilidade por suas próprias questões.

À semelhança dos missionários, os líderes locais jovens geralmente querem pagar qualquer preço pelo trabalho. Em muitos casos, eles têm de sacrificar o sustento da família e dos parentes, que podem ter planejado carreiras mais tradicionais para eles. E, como os missionários da primeira geração, quando lhes é dada a responsabilidade por tarefas importantes, podem tanto obter um grande sucesso como um grande fracasso. Se colocados em posições de pouca autoridade e não lhes for permitido liderar, alguns dos melhores elementos saem frustrados para se unir a outras igrejas, geralmente igrejas locais independentes, ou começam movimentos por sua própria conta. Isso é particularmente triste porque uma igreja ou missão não possui riqueza maior do que os líderes jovens locais.

Os líderes locais da segunda geração são aqueles que se comprometeram com o trabalho a longo prazo na igreja ou na missão. Aprenderam a operar dentro da bicultura e a encontrar tempo para si e suas famílias. Juntamente com os missionários experientes, conduzem a maior parte do trabalho, e são eles que devem, no final das contas, assumir a responsabilidade pelas igrejas.

Os líderes locais da terceira geração são aqueles que cresceram durante a época colonial. Para muitos deles, o rápido movimento em direção ao nacionalismo é assustador e inquietante. Lembram-se com nostalgia da época quando a missão estava no controle e havia uma grande segurança. Como os missionários mais velhos eles geralmente entram em conflito com os líderes jovens que estão emergindo dentro das igrejas em todo o mundo.

Construindo Relacionamentos

Até agora falamos dos missionários e líderes locais como grupos separados. Se permanecerem assim, a ponte está incompleta. No final, a comunicação transcultural mais eficaz ocorre quando os missionários e líderes locais formam relacionamentos íntimos e trabalham como equipe. Essa união de esforços produz os maiores resultados na tarefa missionária.

Pontos de Tensão na Bicultura

As biculturas surgem onde houver pessoas de duas culturas diferentes interagindo por longos períodos de tempo e desenvolvendo padrões estáveis de relacionamento mútuo. Elas são culturas em desenvolvimento. Existem há pouco tempo e são criadas por pessoas de diferentes origens que têm pouca ou nenhuma idéia de como serão novas culturas. Não é de surpreender então que as biculturas sejam lugares criativos dentro dos quais uma grande quantidade de inovação pode ocorrer, particularmente se os padrões culturais não foram definidos rigidamente. Nem é de surpreender que as biculturas possam apresentar problemas singulares que surgem da tensão da mudança.

A tensão fará parte da maioria das biculturas por um tempo, porque poucas áreas da vida no mundo mudaram tão rapidamente como as relações internacionais. A troca do colonialismo pelo nacionalismo — e agora pelo internacionalismo — e a mudança nos poderes mundiais, quando uma nação após outra se levanta e cai, influenciam muito as biculturas. Além do mais, a natureza de uma bicultura e as tensões dentro dela irão variar marcadamente de país para país.

A Criação da Bicultura

Uma área de tensão tem que ver com a criação da bicultura em si. Que forma ela deve ter? Que tipo de roupas os missionários e os nacionais devem usar? Eles devem usar cada um seu próprio tipo de roupa? Devem usar roupas ocidentais, da cultura local ou ambas, dependendo do ambiente? Que tipo de comida devem comer? Que tipo de casa devem construir? Os missionários devem ter carros? Se tiverem, os líderes locais também devem ter? Que escolas as crianças dos dois grupos devem frequentar, e qual deve ser o método de ensino? Como os missionários e os nacionais devem-se relacionar? Estas e outras milhares de perguntas devem ser respondidas na construção de uma

bicultura estável que permita que os estrangeiros e os nacionais se comuniquem e trabalhem juntos.

Algumas das questões mais difíceis têm que ver com as atitudes e relacionamentos básicos entre os missionários e os nacionais. Os missionários devem tratar os líderes locais como pais, como parceiros contratuais, como iguais ou como o quê? Os líderes locais nos países em desenvolvimento devem receber os mesmos salários que os missionários? Se assim for, não ficarão alienados de seu povo? E muitos não ficarão atraídos para o ministério meramente por causa do estilo de vida abastado? Por outro lado, se há diferenças, não nos sentimos culpados de perpetuar a distância e a segregação social?

Identificação. Até esse ponto de nossos estudos consideramos que o modelo ideal para as relações transculturais é a identificação. Se assim for, as diretrizes para criar a bicultura são a identificação. Como missionários, precisamos nos identificar o mais que pudermos com as pessoas entre as quais servimos, pois assim podemos levar o evangelho muito além da ponte bicultural. A distância entre as culturas geralmente é grande. Quanto mais longe levarmos o evangelho, mais eficaz será sua aceitação e menor a distância com a qual os líderes locais deverão lidar para torná-lo nativo em sua cultura.

Stephen Neill, um missionário veterano, nos exorta a tornarmo-nos membros adotados da sociedade à qual servimos. Não seríamos então “missionários”, mas membros da igreja local e irmãos e irmãs dos cristãos locais. Seríamos “missionários” somente quando voltássemos para os países que deixamos. Lá serviríamos como advogados da nossa igreja adotada.

Já vimos que a identificação pode ocorrer em diversos níveis. Superficialmente, é uma questão de estilo de vida. Podemos aprender a gostar da alimentação local, viajar pelos meios de transporte locais e vestir a indumentária local. Podemos adaptar nossos horários e ritmo de vida ao daqueles com os quais convivemos e tirar algum tempo para ouvi-los e aprender sobre eles.

Tudo isso é importante, mas no final devemos reconhecer nossas limitações humanas. Pode ser psicológica e fisicamente impossível adotarmos totalmente o estilo de vida local, embora possamos fazê-lo além do que normalmente esperamos. Além do mais, viver como as pessoas não é o centro de nossa identificação. Podemos adotar os modelos locais e ainda mantermos atitudes de autoridade e superioridade. Se considerarmos que os missionários devem ser a cabeça das instituições, podemos não querer servir subordinados a administradores, médicos ou líderes da igreja.

Em nível mais profundo, podemos nos identificar com as pessoas em seus diversos papéis. Podemos ter nosso espaço dentro da organização social da igreja local como professores, médicos, enfermeiros e pregadores em posições designadas para nós pela igreja local e trabalhar sob o comando dos líderes nacionais. Essa identificação também é importante uma vez que ajuda a des-

fazer a segregação entre missionários e líderes nacionais que tem caracterizado grande parte das missões norte-americanas.

Contudo, essa não é a resposta completa. Em igrejas institucionalizadas mais antigas, os missionários podem ser designados para tarefas de rotina que têm pouco ou nada que ver com a abrangência da igreja, e isso efetivamente mata seu ministério. Se os missionários assumem papéis dentro das instituições locais, têm os mesmos direitos que os nacionais locais de decidir suas atribuições. Também podem-se tornar rivais deles por causa de posições importantes dentro da igreja.

Mesmo quando assumimos papéis locais na sociedade, ainda podemos carregar sentimentos inconscientes de superioridade. No nível mais profundo, a identificação deve começar com atitudes: com sentimento de amor e unidade para com as pessoas e estima por sua cultura e história. Se esses sentimentos estiverem presentes, a identificação no nível dos papéis e do estilo de vida é muito mais fácil. Se não, as pessoas logo saberão disso, não importa quanto nos identifiquemos com elas em outros níveis. Nossas paramensagens comunicarão com clareza qualquer atitude de distância ou superioridade que reflita um desprezo oculto por elas e sua cultura.

Mudança. Na maioria das sociedades há pessoas que buscam e esperam a mudança. Não nos deve surpreender que elas geralmente sejam as primeiras a se relacionar com um missionário. A princípio ficam curiosas sobre as novas tecnologias que trazemos, como machados, serrotes, armas, rádios e carros. Depois, quando nos conhecem melhor, fazem perguntas sobre nossa cultura e crenças. Na verdade, os missionários apresentaram às pessoas de outras culturas não só o evangelho, mas também muitos utensílios e idéias.

Não fomos chamados a introduzir inovações culturais, exceto quando elas ajudam as pessoas e a igreja. Por outro lado, não devemos impedir as mudanças culturais quando as próprias pessoas as escolhem. Devemos nos identificar com as pessoas tanto na cultura existente como nas suas aspirações por uma vida melhor. Nossos valores para com elas, em parte, são como uma fonte de novas idéias e como uma ponte para o mundo lá fora.

As culturas tribais e sociedades agrícolas em todo o mundo estão sendo absorvidas no sistema de mercado e de política nacional e internacional. Com frequência, as pessoas perdem porque não sabem como defender suas terras e culturas da exploração externa. Em muitos casos são os missionários, sistemas externos, que podem melhor defender da opressão as pessoas e a sociedade.

Busca de Identidade

Nós que vivemos na comunidade bicultural geralmente somos pessoas à parte, que em muitas maneiras não se ajustam a lugar nenhum. Uma vez que vivemos na linha de fronteira entre dois mundos, achamos que, não importa onde estivermos, não estaremos mesmo em casa. Nunca nos adaptamos

totalmente à nossa segunda cultura, mas depois de um tempo também não nos ajustamos mais à nossa primeira cultura, porque mudamos e fomos influenciados por nossas experiências.

Uma questão importante que os membros da bicultura enfrentam tem que ver com a identidade. Em grande parte, as pessoas sabem quem são por causa da sua condição dentro de uma sociedade. Quando os missionários e líderes locais entram na bicultura, adquirem uma nova posição e uma nova identificação, pois interagem com outros e adquirem uma cosmovisão bicultural. Na bicultura, buscam adquirir honra e reconhecimento de seus colegas.

Como já vimos, os missionários em geral não conhecem as profundas mudanças que ocorrem dentro deles por meio de sua participação em uma segunda cultura. Em geral, pensamos em nós mesmos meramente como americanos ou canadenses, vivendo fora por um tempo, com a expectativa de retornar à nossa primeira cultura com um mínimo de ajuste. Ficamos chocados ao verificar que as relações com nossos parentes e amigos da primeira cultura ficam forçadas e distantes. Temos a esperança de que fiquem animados em ouvir sobre as nossas muitas experiências, mas depois de uma hora ou menos, a conversa muda para assuntos locais sobre os quais sabemos pouco — esportes, questões da igreja ou assuntos de família. As pessoas de casa têm a sua própria ordem social e começamos a perceber que não temos mais lugar dentro dela. Velhos colaboradores não sabem mais o que fazer com os “missionários em licença” depois que apresentamos um ou dois relatórios à igreja. Nesse desajuste de como se relacionar conosco, começam a perguntar quando voltaremos para o “campo”.

Essa perda de identidade com nossa primeira cultura não é só social. É também cultural. Quando voltamos, não conseguimos mais nos identificar acriticamente com a nossa cultura materna, nação ou até mesmo denominação. Conseqüentemente, quando as criticamos, levantamos suspeitas dos nossos parentes e amigos que nos acusam de deslealdade e até mesmo de heresia. Distanciados de nossos próprios parentes, geralmente encontramos amigos mais próximos entre outros “biculturais” — pessoas que são vistas por sua sociedade original como culturalmente alienadas e marginalizadas.

Em geral esquecemos que os líderes locais que participam da bicultura enfrentam uma crise de identificação semelhante. Em suas relações com os missionários, eles adotam idéias e práticas estrangeiras. Podem até mesmo sofrer a acusação de serem agentes estrangeiros! Alguns viajam para o exterior e se tornam parte de uma comunidade mundial de líderes, mas ao fazer isso deixam suas culturas tradicionais e se sentem mais em casa com viagens aéreas, hotéis modernos e culinária internacional do que com charretes, cabanas e alimentos simples. Quando esses líderes voltam, geralmente são tratados com desconfiança e indiferença. No final, eles também se sentem mais em casa com outras pessoas biculturais.

Tanto os missionários como os líderes eclesiásticos locais sempre encontram sua identidade principal com a bicultura. É nela que têm posição social e papéis específicos a desempenhar. Nela eles podem-se relacionar com outras pessoas que entendem os pressupostos fundamentais de uma cosmovisão internacional. Mas a bicultura é uma cultura transitória, dependente dos caprichos da política internacional e das idas e vindas de missionários e líderes locais. Nossos filhos não podem crescer e gastar toda uma vida dentro dela, e é nosso dever encontrar algum outro lugar para nos aposentarmos. Nesse sentido, as pessoas biculturais não têm uma cultura principal onde estão as raízes de sua identidade.

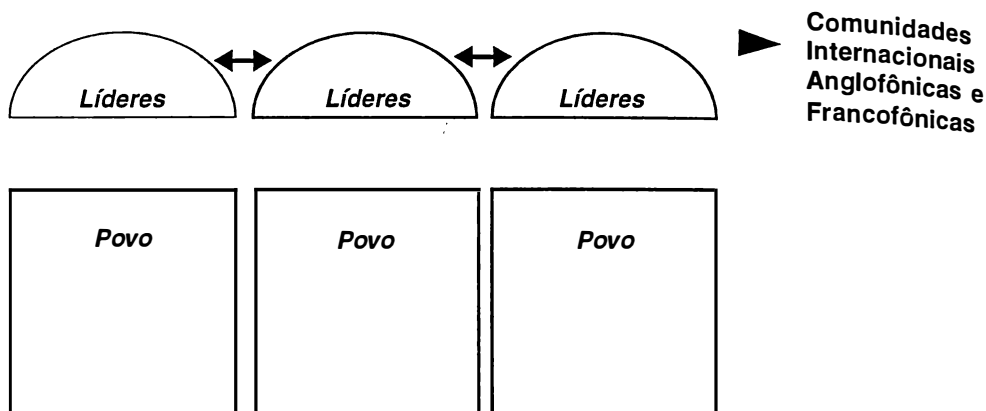
Psicologicamente, porque interiorizamos duas pessoas que pertencem a dois mundos, enfrentamos uma crise de identidade e precisamos descobrir quem realmente somos. Como já vimos, podemos escolher rejeitar uma de nossas duas identidades, mas assim mataremos parte de quem nós realmente somos. Podemos compartimentar nossas existências, vivendo como pessoas diferentes em mundos distintos como outra pessoa, em outro mundo. O resultado é a esquizofrenia cultural. Ou podemos buscar integrar nossas duas vidas como um todo, único e integrado. Mas esse é um processo difícil porque precisamos encontrar uma solução para as diferenças fundamentais que existem entre os nossos dois “eus” culturais.

Todos nós precisamos periodicamente reafirmar nossa identidade sociocultural participando daquilo que ela representa. Depois de um tempo de serviço, o missionário espera voltar para onde possa encontrar um “gosto de casa”. Para as pessoas biculturais, o desligamento prolongado de uma das duas culturas cria uma necessidade psicológica de participar dela mesmo que seja com algo simbólico. Caso contrário, sua identidade com a cultura da qual se afastou começa a enfraquecer. Logo, não é de surpreender que os missionários lá fora sempre tenham meios simbólicos de identificação com sua cultura ocidental. Por exemplo, um missionário na Índia vivia feliz lá — desde que pudesse mascar o chiclete Wrigley, que para ele era uma ligação psicológica necessária com a sua primeira cultura. Por outro lado, como outros missionários que voltam da Índia, ele procura restaurantes típicos nos Estados Unidos para satisfazer seu “eu indiano” com os costumes alimentares específicos daquele país.

Os símbolos de identificação com as duas culturas são importantes para a maioria das pessoas biculturais. Os missionários ocidentais na África tendem a falar sobre política ocidental, cumprimentar como velhos amigos todos os americanos e canadenses que passam por lá e ir a restaurantes de estilo americano quando estão na cidade. No início recebiam pacotes de “casa” com alimentos especiais que não podiam comprar no local onde estavam como queijo e *Spam*.*

* Marca registrada de produtos temperados a base de carne suína, presunto para lanche e patê bem temperado (The American Heritage Dictionary) (N. do T.).

FIGURA 31
Redes de Líderes Internacionais



De Paul G. Hiebert, "The bicultural bridge", *Mission Focus* 10 (1982): 6.

Estes eram servidos em ocasiões especiais para serem degustados com amigos americanos numa forma de refeição ritualista de identificação com o Ocidente. Em licença ou na aposentadoria no Ocidente, esses mesmos missionários discutem política africana, saúdam todos os africanos como velhos amigos e comem comida africana sempre que possível. De repente, o queijo e o *Spam* não têm mais nenhum valor simbólico.

Líderes nacionais africanos, indianos ou latino-americanos que se tornaram parte de uma bicultura também têm a necessidade periódica de se identificar com sua cultura original. Se trabalham no exterior, anseiam por voltar para casa para uma visita que renove seus "eus" culturais. O triste é que muitos deles, como muitos missionários, terminam com identidade cultural dupla e ficam divididos entre elas. Num certo sentido, as pessoas biculturais em geral não têm realmente um lar cultural.

Alienação

Intimamente relacionado com o problema da identidade está o da alienação. Quando fazem parte de uma bicultura, as pessoas ficam alienadas da sua primeira cultura em vários graus.

No caso de missionários isso é menos óbvio enquanto estão no seu campo de trabalho. Embora estejam fora de sua cultura original, esperam encontrar de novo e plenamente seu lugar dentro dela na ocasião do retorno. Além disso, o tormento dos ajustes psicológicos quando mudam de uma cultura para outra é minimizado pela separação geográfica. Só quando voltam para casa em licença devem enfrentar plenamente o choque da transição cultural.

O problema é mais sério para os líderes locais, porque enquanto eles participam de uma bicultura, continuam fisicamente envolvidos em sua primeira cultura. É impossível para eles separar geograficamente as duas culturas. Diariamente devem mudar os ajustes à medida que mudam de uma cultura para outra. Além disso, uma vez que sua tarefa é levar o evangelho para sua cultura de origem, eles devem conservar ligações estreitas com ela. Caso se identifiquem mais intimamente com a bicultura, tornam-se alienados de seu povo e são tratados com desconfiança — como se fossem estrangeiros.

Líderes internacionais. Um sério problema no mundo inteiro é o surgimento de um abismo cultural entre os líderes nacionais que se tornaram parte de uma rede internacional e de seu povo, que continua a viver em culturas específicas (veja Figura 31). Isso é verdade, tanto na política e nos negócios como na igreja. À medida que os líderes ao redor do mundo aprendem novas línguas, viajam por todos os lugares e fazem amigos com pessoas de outros países, eles se tornam membros de uma comunidade internacional.

Essas figuras internacionais podem planejar estratégias amplas para a evangelização do mundo, mas normalmente acham difícil ministrar às pessoas de seus próprios países. Elas não podem mais servir como pastores locais, evangelistas de aldeias, professores ou trabalhadores da área da saúde.

Em missões, precisamos treinar líderes internacionais. Na verdade, embora hoje muitas das igrejas nos países de todo o mundo se auto-administrem, o cenário missionário mundial ainda é amplamente governado pelos líderes ocidentais. Enquanto as igrejas da África, Ásia e América Latina não estiverem totalmente representadas nas redes de trabalho nesse nível, a igreja não será verdadeiramente internacional.

Suporte. No caso de líderes na África, Ásia e América Latina, a alienação cria outro problema, o da dependência do auxílio externo. Muitas das posições da alta liderança nos países em desenvolvimento estão dependentes de fundos estrangeiros. Quando esses fundos são cortados — uma grande possibilidade em nossa era de desordem política — os líderes nessas situações ficam vulneráveis. Os missionários em geral podem retornar para seus países de origem e encontrar outro trabalho. Quando os líderes de igrejas locais perdem seus cargos, é difícil para eles encontrar trabalho adequado dentro de sua sociedade tradicional porque o trabalho que fizeram, em geral, está ligado à comunidade bicultural. Além do mais, eles se tornaram politicamente identificados com o Ocidente, e se algum governo contrário a isso toma o poder, como aconteceu no Vietnã e na Etiópia, podem ser condenados à punição ou à morte. Ao contrário dos missionários, eles não podem simplesmente ir embora.

Ao planejarmos estratégias missionárias, devemos ser particularmente sensíveis à posição difícil em que podemos colocar os líderes nacionais e ficarmos devidamente gratos pelo tremendo sacrifício que eles geralmente fazem.

Filhos

Algumas das decisões mais difíceis enfrentadas pelos missionários e líderes eclesiásticos nacionais tem que ver com seus filhos. A que cultura eles pertencem? Onde devem ser educados? E onde finalmente encontrarão um lugar na vida?

Filhos de missionários. Em particular, os filhos de missionários enfrentam questões de identidade cultural porque são geograficamente removidos da cultura de seus pais e criados quase totalmente dentro da bicultura. Ao contrário de alguns dos primeiros movimentos missionários, quando estes realmente migravam para os países a que serviam, a maioria dos missionários hoje vêem a si mesmos e a seus filhos como cidadãos de seu país original. Eles criam seus filhos com histórias entusiasmadas da “terra natal” e quando estão em licença mostram-lhes a grandiosidade de sua origem. Consideram que, em tempos de crise e quando forem aposentar-se, voltarão para casa e seus filhos irão casar-se e estabelecer-se lá.

Porém, isso é um mal-entendido muito grande. Podemos pensar que os filhos de missionários são americanos ou canadenses, mas na verdade eles não são. Nem são africanos, asiáticos ou latino-americanos. Sua primeira cultura, a única em que se sentem realmente em casa, é a bicultura dentro da qual foram criados. Eles pertencem à comunidade de “americanos que vivem no exterior”. De maneira semelhante, os filhos de missionários indianos ou africanos pertencem à cultura dos “indianos [ou africanos] que vivem no exterior”. Deixar de reconhecer isso gera falsas expectativas por parte dos pais e crise de identidade nas crianças. Devemos aceitar o fato de que nossos filhos nunca serão totalmente cidadãos de nossa cultura original.

Quando os filhos de missionários vão (não “voltam”) para a primeira cultura de seus pais, vivem um grande choque cultural. Por um lado, eles têm imagens glorificadas daquela cultura baseada nas histórias de seus pais e de suas próprias visitas rápidas. Por outro, é um país estranho para eles. Seus problemas ficam acentuados pelo fato de que seus avós, parentes, companheiros, e algumas vezes seus próprios pais, os vêem como americanos e ficam perplexos quando não se ajustam rapidamente àquela cultura. Eles vêem as “excentricidades” dos filhos dos missionários como rebeldia ou desvio social. Psicologicamente, esses parentes e amigos não podem aceitar o fato de que o membro de sua família ou ex-companheiro na verdade pertence a outra cultura. Eles são como os pais hindus ortodoxos de um casal indiano que trabalhou nos Estados Unidos. Quando o casal voltou à Índia para uma visita, seus filhos queriam assistir à televisão e comer cachorro-quente. Os avós, que eram estritamente vegetarianos, ficaram chocados com seus netos que não falavam hindi e horrorizados porque queriam comer carne —especialmente “cachorros”. Devemos deixar claro aos nossos parentes e às igrejas que nos enviam que nossos filhos, em muitos aspectos, são estrangeiros.

O reconhecimento de que nossos filhos pertencem a uma terceira cultura que não é nem americana nem estrangeira, pode nos ajudar a entender e resolver muitos dos problemas que eles enfrentam. Devemos estar atentos para que os nossos sonhos de “voltar para casa” não apresentem aos nossos filhos imagens falsas do que eles enfrentarão. Também devemos prepará-los para entrar na cultura que, de várias maneiras, é estranha a eles.

Educação. Uma das questões mais críticas para os pais missionários tem que ver com a educação escolar. É nela que a identidade do filho, em considerável extensão, será decidida.

Que tipo de escola os filhos de missionários devem freqüentar? No início dos movimentos missionários modernos, os missionários geralmente deixavam seus filhos pequenos em sua terra natal com os parentes, por razões de saúde e educação. Agora, a maioria das crianças freqüenta a escola mais próxima de seus pais. Algumas são enviadas para às escolas locais. No entanto, quanto à língua ou ao currículo elas não correspondem às da primeira cultura de seus pais. Conseqüentemente, os pais que esperam que seus filhos voltem para sua cultura original ficam hesitantes em fazer uso dessas escolas.

Muitos filhos de missionários hoje freqüentam escolas biculturais, geralmente internatos. Isto significa que eles devem ficar fora de casa em idade relativamente precoce por longos períodos de tempo. Os efeitos disso sobre os filhos variam de acordo com a natureza da escola, a personalidade de cada criança e seu relacionamento com os pais. Alguns se dão bem, mas outros vão embora com feridas psicológicas profundas.

Um problema que os filhos pequenos de missionários enfrentam é que geralmente vêem Deus como um rival em relação ao amor de seus pais. Eles ainda não são bastante adultos para entender a natureza do trabalho missionário e os problemas que seus pais encontram com respeito a sua educação. Todos eles sabem que sempre ficam separados de seus pais por causa de Deus. Portanto, não é de surpreender que um número significativo de filhos de missionários rejeite o cristianismo quando crescem.

Para manter as ligações com seus filhos, muitos missionários os estão educando em casa, pelo menos durante os primeiros anos da infância, quando o contato familiar é mais necessário.

Um segundo problema que os filhos de missionários enfrentam é a falta de raízes. Como Paul Tournier aponta (1968), todos precisam de um sentido de lugar, de pertencer a um local, a uma cultura e a uma comunidade. Mas os filhos de missionários têm suas raízes arrancadas, e alguns sofrem inconscientemente por causa disso. Outros ficam razoavelmente cientes do fato. A maioria continua a procurar um lugar que seja o “lar”. E quando os filhos são jovens, esse lar em grande parte deve ser um lugar fora de si mesmos porque ainda não formaram seu próprio senso de identidade.

O problema da falta de raízes é superado em parte pela intimidade da maioria das famílias missionárias. Arrancadas das relações de fora, elas tentam a construir relacionamentos dentro da unidade familiar. Em muitas partes do mundo há mais tempo para as atividades familiares à noite e nas férias que no lar americano moderno, onde algumas vezes é difícil encontrar tempo até mesmo para o culto doméstico. Além disso, com a ausência de muitos brinquedos e formas modernas de entretenimento, as crianças são forçadas a ser mais criativas e a se divertir sozinhas. Com muita frequência, os pais missionários se lamentam abertamente sobre as “privações” (significando falta de brinquedos e entretenimento) que seus filhos sofrem por serem criados no exterior. Raramente eles percebem que dão a seus filhos algumas das maiores vantagens da vida por meio de suas experiências internacionais. A maioria das crianças missionárias não as trocaria por prazeres materiais da vida no Ocidente.

A volta. Mais tarde, muitos filhos de missionários têm problemas de adaptação à vida do Ocidente. Chegam de volta pensando que se sentirão em casa. É um choque quando verificam que realmente não se ajustam a ela. O resultado é uma crise de identidade. Quem afinal eles são? E onde é seu lar?

Os filhos de missionários ao chegarem na idade adulta geralmente sentem uma forte necessidade de voltar ao ambiente de sua infância no exterior, mas quando o fazem, ficam desiludidos. Primeiro, ele não é o mesmo daquele que se lembravam, pois as percepções adultas nunca são iguais às lembranças da infância. Segundo, embora tenham tido um lugar como crianças dentro da bicultura, agora pode não haver lugar para eles trabalharem como adultos. Finalmente, os velhos amigos, tanto nativos como missionários, se foram, e a bicultura em si pode ter-se desintegrado por causa das mudanças no cenário mundial.

Com o tempo a maioria dos filhos de missionários se adapta à cultura original de seus pais, mas para eles essa cultura será sempre um segundo lar. As marcas culturais de sua infância nunca poderão ser apagadas e um número significativo encontra trabalho que os leva para o exterior, seja em missões, seja em serviços governamentais, seja em negócios.

A experiência no exterior dá aos filhos de missionários certas vantagens no Ocidente. Eles são expostos ao mundo dos adultos muito cedo e geralmente ganham um sentido de autoconfiança e desempenho social que permite que lidem com as relações dos adultos dignamente e com segurança. Sabem como se adaptar a novos ambientes. Em sua grande maioria são altamente motivados e tiveram uma educação que os prepara bem para a faculdade e para a vida adulta. Os estudos sobre filhos de missionários demonstram que muitos deles se tornam altamente empreendedores. Comparados aos que se graduaram em escolas ocidentais medianas, uma grande porcentagem se torna líder na universidade, na carreira médica e em outras profissões. Como pais, preci-

samos nos livrar da noção de que de alguma maneira privamos nossos filhos por não lhes oferecer os brinquedos e as diversões que seus colegas têm no Ocidente, uma noção que, infelizmente, nós rapidamente transmitimos para os nossos filhos.

Contudo, os filhos de missionários também enfrentam pressões particulares. Comparados aos que se diplomaram no segundo grau de escolas americanas, uma grande porcentagem deles apresenta problemas psicológicos que requerem aconselhamento.

Se a migração para a cultura original de seus pais cria problemas aos filhos de missionários, “tornarem-se nativos” também cria. As crianças estrangeiras no exterior desempenham um papel de certa forma incomum na sociedade. Em geral elas freqüentam escolas especiais, falam uma língua diferente e têm valores biculturais — fatores que as colocam distantes das pessoas locais. Com algumas exceções, elas sofrem sérios choques culturais se depois adotarem a cidadania local, casarem-se naquela sociedade e competirem por empregos locais. Elas ainda são pessoas de fora. Ao contrário disso, um pequeno número, mas crescente, de filhos de missionários, se casa e migra permanentemente para seus países de infância. Sua adaptação como adultos àqueles ambientes depende consideravelmente das atitudes que seus pais tomam diante de tais mudanças.

De maneira progressiva, aprendemos que nossos filhos são parte da tarefa missionária. “Deixar nossos filhos” por amor a Cristo não significa negligenciar seu bem-estar físico ou crescimento espiritual. Como podemos ser testemunhas do evangelho a outros, se ainda não ganhamos nossos filhos?

Os filhos dos nacionais. Os filhos dos líderes nacionais que trabalham intimamente ligados com missionários são biculturais, embora o sejam em menor grau que os filhos de missionários. Conquanto sejam influenciados por seu contato com outra cultura, eles permanecem intimamente relacionados geográfica e socialmente à primeira cultura de seus pais. Conseqüentemente, o ajuste de volta à cultura local não é tão difícil. No entanto, em alguns casos, eles são marcados por causa de sua associação com estrangeiros e podem ser tratados como pessoas de fora.

Mais sérias são as tensões que surgem quando essas crianças buscam o progresso para si em posições mais elevadas. Muitas vezes, nós, missionários, ficamos ansiosos para que as crianças cristãs nacionais estudem até o segundo grau, mas resistimos quando vão em direção a uma educação mais elevada. Daniel Wambutda observa:

“Não há nada de errado em um missionário ampliar seus estudos quando está de licença, mas é inadmissível que o africano pretenda elevar seu nível escolar o mais alto possível” (1978:725).

Talvez tenhamos medo de que tal treinamento venha alienar os líderes locais de seu povo, mas temos a tendência de desprezar vários fatores impor-

tantes. Primeiro, precisamos dos líderes locais nas posições mais altas da igreja tanto no cenário nacional como no internacional. Infelizmente, os evangélicos têm sido lentos em treinar cristãos não-ocidentais como teólogos e estadistas internacionais. Por conseguinte, os teólogos asiáticos, africanos e latino-americanos e líderes que hoje influenciam o pensamento em seus países são oriundos de igrejas mais liberais.

Segundo, os líderes nacionais, como os missionários, podem-se sair bem (e quase sempre o fazem) com as pessoas nos ministérios de identificação. Uma vez que a habilidade para trabalhar além de fronteiras culturais não está confinada aos ocidentais, o desenvolvimento escolar de qualquer líder nacional que apresente potencial merece atenção.

Finalmente, grande parte do mundo está mudando, gostemos ou não, e os líderes das igrejas no mundo inteiro devem lidar atualmente com pessoas que estão altamente expostas a idéias modernas. Isso é particularmente verdadeiro nas cidades. Se deixarmos de treinar pastores que possam ministrar em tais ambientes, a igreja estagnar-se-á no meio das sociedades em mudança.

Transferência de Poder

Outro ponto de tensão na bicultura tem que ver com o poder e a autoridade. Como todas as culturas, a bicultura desenvolve um sistema de posições culturais e atribui mais poder a alguns que a outros. O resultado é uma hierarquia social.

A comunidade missionária. Os missionários geralmente formam uma subcomunidade dentro da bicultura. Visitamos uns aos outros e discutimos nossos problemas e interesses particulares. Algumas vezes nos organizamos formalmente em conselhos que têm o poder de administrar o trabalho missionário, e em tais casos há uma distinção clara entre missionários e líderes nacionais na bicultura.

As comunidades em geral agem como extensão das famílias. As crianças aprendem a chamar os adultos de “tia” e “tio”, e os adultos têm o cuidado de perguntar sobre as crianças uns dos outros. As visitas são comuns, e as famílias são automaticamente convidadas a comer e dormir na casa uma das outras, muitas vezes por vários dias ou semanas. Na verdade, as redes entre os missionários oferece acesso a novos ambientes ou comunidades, lugares para nos hospedarmos e, assim, viajarmos pelo mundo com menos despesas. No entanto, isso significa que os missionários devem hospedar os outros do mesmo modo como desejam ser hospedados. Logo, devemos estar prontos para visitas inesperadas, e essas obrigações recíprocas estendem-se não só aos conhecidos pessoais, mas muitas vezes a estranhos que estão comprometidos com missões.

Tais visitas geram alguns problemas. Às vezes interferem no trabalho do missionário, embora normalmente isso seja aceito como parte da vida no campo.

Mais séria é a questão das obrigações dos convidados para com o anfitrião. No passado, as visitas de outros missionários ou convidados do Ocidente eram extremamente raras e muito bem-vindas. Com as viagens aéreas modernas, pode haver muitos visitantes cuja permanência possivelmente seja longa. Tendo em vista que os missionários geralmente vivem com baixos salários, surge a questão das despesas. No passado, os convidados quase nunca sabiam se deveriam oferecer um presente ou algum tipo de pagamento ao anfitrião. Não tinham certeza de quanto e de que tipo. Algumas comunidades de missionários agora sugerem algumas taxas para os visitantes, e outras oferecem alojamentos por um custo módico.

Ainda que algumas visitas sejam uma fonte de prazer pessoal e relacionamento entre amigos, outras são cumpridas como obrigação do trabalho. E como em todas as comunidades, as visitas de estranhos podem ser algumas vezes utilizadas como “verificação”. Perguntam-lhes de onde vieram, sobre seu trabalho, o seminário ou a faculdade bíblica que frequentaram e sobre os amigos comuns. Isso permite que o missionário avalie suas credenciais e julgue sua ortodoxia. Aqueles que se “ajustam” podem ser convidados informalmente a participar da comunidade missionária.

Todas as sociedades têm hierarquias: pais e filhos, trabalhadores experientes e novatos, executivos e funcionários. A comunidade missionária não é uma exceção. Não é de surpreender que “faixa etária” na comunidade missionária geralmente signifique hierarquia social. Espera-se que os jovens missionários respeitem os missionários experientes e aprendam com eles, evitando perguntas que desafiem a maneira tradicional de fazer as coisas. Espera-se que os missionários mais experientes ocupem os cargos de maior importância.

Uma questão crítica que os missionários sempre levantam é sobre quem tem autoridade de administrar o trabalho no campo — os missionários mais experientes ou o escritório da missão, no Ocidente. Antes, devido à pobreza da tecnologia da comunicação, a maioria das decisões no campo de trabalho eram tomadas pelos missionários, mas as aeronaves modernas, o correio freqüente, os telefones e rádios tornam possível para muitas agências missionárias centralizar as decisões no escritório-sede. Todavia, isso permanece um assunto controvertido em muitas missões.

Os símbolos de status na comunidade missionária em geral são a longevidade no serviço, a capacidade de falar bem a língua, os convites da igreja nacional, e a familiaridade com a cultura local. Entre eles também podem ser incluídos a casa em que vivemos, os carros que dirigimos e os móveis que possuímos. Tendo em vista que os missionários têm renda pequena e se mudam com freqüência, e tendo em vista que casas, carros e móveis normalmente são caros em outros países, a questão sobre quem deve ser o dono desses bens torna-se um ponto central de discussão. Se forem considerados propriedade pessoal, os missionários mais experientes, com um vasto círculo de amigos, podem levantar fundos especiais para tais itens enquanto os mais nova-

tos talvez não sejam capazes de fazê-lo. Por outro lado, se esses itens pertencem à agência missionária e são distribuídos por ela, a questão de quem recebe o quê se torna uma consideração importante e, às vezes, motivo de contenda.

A comunidade nacional. As pessoas locais envolvidas na bicultura também formam uma subcomunidade com suas próprias gerações e níveis de *status*. Dentro dela encontram sua identidade e auto-estima e também competem pela autoridade e pela honra.

Uma fonte de poder e respeito durante a era colonial de missões era o acesso ao missionário. Portanto, alguém que trabalhasse na casa de um missionário em geral tinha mais poder do que seu *status* normalmente lhe concederia. Em muitas áreas o adágio local “a maneira de influenciar os missionários é por meio de seus serviços” não era de todo falso.

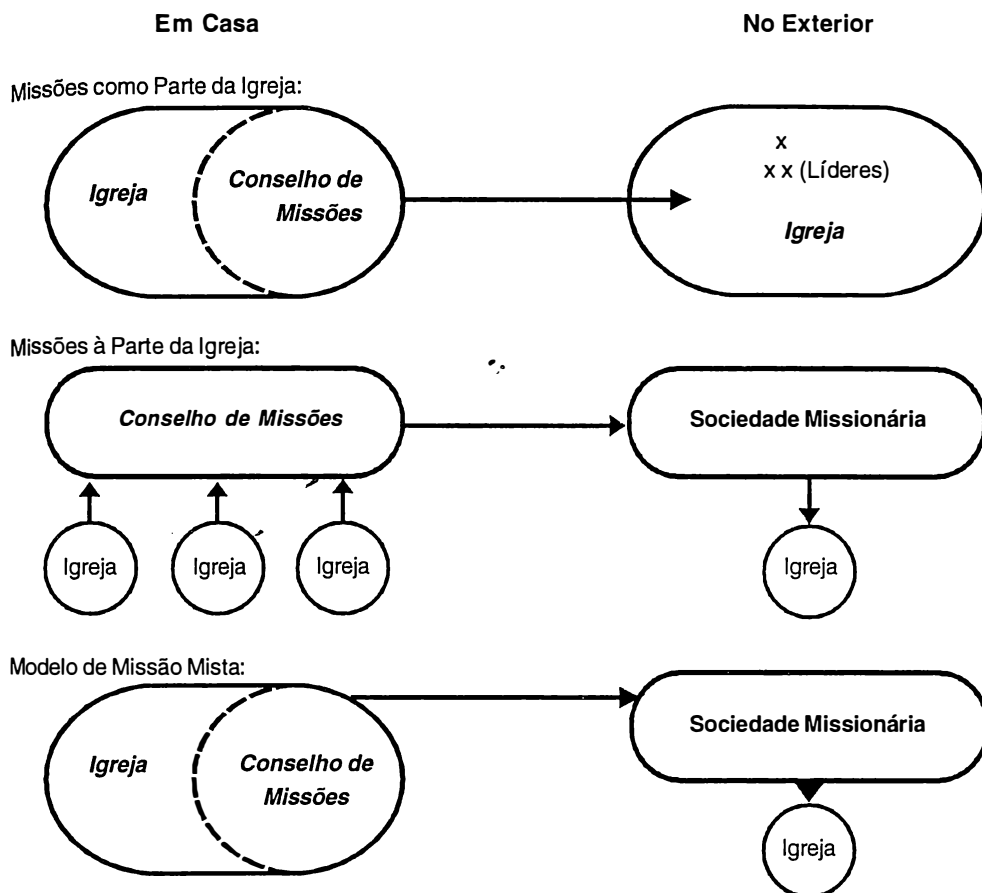
Relacionamento entre missionários e nacionais. Durante os últimos três séculos, uma das questões mais cruciais e freqüentemente debatidas em missões se referia aos relacionamentos entre os missionários e os nacionais. Tendo em vista que o movimento moderno de missões se iniciou durante a era da expansão colonial, os missionários geralmente imitavam as práticas dos administradores ocidentais. Adotavam tipos semelhantes de habitação e vestuário e sempre tratavam as pessoas locais como subordinados incivilizados.

Uma atitude particularmente prejudicial era a segregação. Ao contrário dos missionários católicos espanhóis e portugueses dos séculos XVI e XVII, os missionários protestantes ocidentais, particularmente aqueles do norte da Europa e América do Norte, tinham um forte senso de identidade racial que se manifestava na segregação social. Os missionários em algumas partes do mundo não permitiam que as pessoas nacionais entrassem em suas casas e se sentassem em suas cadeiras. Em outras áreas, não tomavam a Ceia do Senhor da mesma taça dos nativos — e geralmente era inadmissível que seus filhos se casassem e se estabelecessem no local.

Hoje, com a disseminação do nacionalismo, uma consciência crescente do valor das diferentes culturas e o reconhecimento de que o serviço missionário deve ser de identificação, essas barreiras do colonialismo e da segregação estão sendo derrubadas. Mas com muita freqüência elas permanecem em formas sutis que precisam ser descobertas e arrancadas. Por exemplo, embora os missionários não se encontrem mais imbuídos de autoridade, eles geralmente controlam os fundos que vêm do exterior. Isso lhes dá grande poder nos bastidores. Enquanto as formas mais públicas de colonialismo estão desaparecendo, novas versões dele freqüentemente aparecem na forma do controle dos recursos e da informação.

FIGURA 32

Três Estruturas Sociais Comuns Utilizadas no Trabalho Missionário



De Paul G. Hiebert, "Social structure and church growth", em *Crucial dimensions in world evangelization*, ed. Arthur F. Glasser et al. (Pasadena: William Carey Library, 1976), p. 68.

Estruturas Igreja—Missão

Conquanto as relações entre missionários e líderes nacionais ocorram entre indivíduos, essas relações são profundamente influenciadas pelas estruturas dentro das quais as pessoas se encontram. Quais são as formas organizacionais fundamentais nas relações entre as agências missionárias e as igrejas do país e como elas afetam a tarefa missionária? Há muitos tipos diferentes de estruturas missionário—igreja. Estudaremos apenas alguns para termos uma idéia de como a análise estrutural pode nos ajudar. (Veja Figura 32,)

Missões como parte da igreja. Em algumas igrejas, o trabalho missionário é visto como uma das tarefas conduzidas pela igreja ou pela denominação como um todo. Essas instituições organizam conselhos missionários que enviam e mantêm seus missionários. Os missionários no exterior se tornam membros das igrejas que implantam e assumem cargos dentro dela tais como pastor e tesoureiro. Esses missionários não se organizam em um conselho missionário estabelecido fora da igreja local. Esse foi um dos modelos utilizados pela Igreja Anglicana no início do movimento missionário moderno (veja o primeiro exemplo na Figura 32).

Esse modelo de organização missionária tem alguns pontos fortes e outros fracos. Tende a apresentar um conceito forte da igreja porque está profundamente enraizado nela como uma unidade e está comprometido com a implantação de novas igrejas. Também têm a tendência de ministrar à pessoa como um todo porque vê a missão como parte de sua responsabilidade maior. Esse modelo de missões apresenta poucos problemas com a nacionalização do trabalho e a transferência de responsabilidade para as pessoas locais. Os missionários são parte da estrutura da igreja, que permanece intacta. A transferência de autoridade ocorre quando os líderes locais substituem os missionários nos cargos da igreja, mas não há estrutura missionária que deva ser destruída.

O perigo dessa abordagem é que as igrejas-mães podem perder a visão de missões. Há tantas atividades e necessidades em casa que elas param de ser missionárias em sua natureza.

Missões à parte da igreja. Tendo em vista que muitas igrejas não possuem nenhuma visão missionária, foi desenvolvido outro modelo estrutural. Nele as missões eram vistas como uma atividade distinta das tarefas normais da igreja. Surgiram conselhos independentes de missões de fé que recrutavam missionários nas igrejas, mas os conselhos em si nunca ficavam sujeitos a nenhuma denominação.

No exterior, isso resultou num padrão em que os missionários formavam uma “sociedade missionária” distinta da “igreja”. Eles assumiam a tarefa de implantar uma igreja e então entregá-la para os líderes locais quando estivesse pronta. Esses missionários normalmente não se tornavam membros da igreja local nem ocupavam cargos dentro dela. Suas principais ligações e membresia eram com as igrejas que os enviavam (veja segundo exemplo na Figura 32).

A principal força dessa abordagem era um forte zelo por missões. Tendo em vista que existia só um objetivo — a evangelização do mundo — havia menos probabilidades de distração. Além do mais, esse modelo era particularmente adequado para ministérios especializados como a tradução e a impressão das *Escrituras*, rádio e teledifusão, literatura cristã e serviços médicos. Esses ministérios são utilizados por igrejas de diversas denominações e, portanto, têm afinidade com muitas igrejas grandes de diferentes denominações. Além do mais, os ministérios especializados não estão diretamente envolvidos

com a implantação de igrejas, o que levanta a delicada questão sobre a filiação denominacional das novas igrejas e os problemas difíceis de nacionalização do trabalho.

Esse modelo tende a apresentar um conceito fraco de “igreja” porque a missão é estruturalmente distinta e independente da igreja. Sua força está na evangelização e nos ministérios especializados, mas geralmente é mais deficiente na tarefa a longo prazo de implantar novas congregações.

Esse tipo de formato organizacional também apresenta um problema com a nacionalização do trabalho. Há duas estruturas distintas, missão e igreja, que geram várias questões importantes. Quando e como os missionários devem transferir as responsabilidades para a igreja local? A igreja pode manter as instituições fundadas anteriormente pela missão? E como a missão se relaciona com a igreja local uma vez que tenha ocorrido a transferência? Ainda há um lugar para a missão? Ela é subordinada à igreja? E qual é sua responsabilidade se a igreja local pede que ela se desligue, mesmo que a igreja não tenha um alcance evangelístico próprio?

Quando ocorre a transferência de responsabilidades e poder, ela geralmente é traumática. Uma estrutura — a missão — deve entregar o trabalho a outra estrutura — a igreja local. Isso requer uma reorganização administrativa total das escolas, hospitais, programas evangelísticos e outras instituições. Também implica uma transferência de propriedade das construções e das terras. Também se espera que o financiamento dos programas mude. Quando uma agência de missões devolve o trabalho para uma igreja local, geralmente se espera que a igreja assuma a responsabilidade de sustentá-lo. Se a missão continua a subsidiar o trabalho, ela deve evitar a tentação de utilizar os fundos para controlar a jovem igreja.

Finalmente, a dicotomia entre missão e igreja tende a gerar uma visão de dicotomia semelhante dos seres humanos, uma abordagem que ministra somente às necessidades espirituais do homem e não à pessoa como um todo.

Modelos de Missão Mista. Como outras organizações humanas, as estruturas missionárias são em parte um produto de suas histórias. Em muitos exemplos, as denominações organizavam conselhos missionários e enviavam missionários como parte da atividade da igreja. Isso se encaixa no padrão das igrejas emissárias em nosso primeiro modelo. Mas uma vez no campo, os missionários se espelhavam nas missões já estabelecidas como um exemplo para realizar o trabalho e então imitavam os padrões estrangeiros de nosso segundo modelo. Em outras palavras, a missão era estruturalmente parte da igreja em casa, mas no campo as duas eram distintas (veja o último exemplo na Figura 32).

Enraizada na igreja emissária, essa abordagem geralmente tem uma forte visão eclesial e de implantação de igrejas e ênfase na ministração à pessoa embora enfrente o perigo de perder a visão missionária em casa, bem

como os problemas no campo com a transferência de responsabilidades para a igreja local. Além do mais, como no segundo modelo mencionado, ela cria uma diferenciação estrutural ampla entre os missionários e os cristãos do país que torna a identificação com a cultura local mais difícil.

Modelos pós-coloniais. Uma das maiores tarefas que a igreja enfrenta hoje é construir modelos de relacionamento internacional igreja-missão que não tenham vestígios do passado colonial. Como reconhecer a autonomia e a igualdade das igrejas em países diferentes, e ainda construir estruturas organizacionais que lhes permitam realizar juntas a obra que Deus lhes confiou? Como superar as diferenças culturais, os sentimentos de superioridade, as desigualdades econômicas e a fidelidade nacionalista a fim de nos tornarmos um em Cristo? Essa unidade deve encontrar sua expressão não só em nossa teologia, mas também nas estruturas sociais que criamos.

Aposentadoria

Uma preocupação final que os missionários enfrentam, particularmente quando envelhecem, é a aposentadoria. No campo, geralmente aceitamos um estilo de vida simples e salários baixos. Mas e quanto à velhice, quando não poderemos mais trabalhar nem ganhar nosso sustento? Embora os missionários ocidentais possam contribuir com os programas governamentais de previdência social e possivelmente receber algum auxílio adicional dos planos de aposentadoria dos seus conselhos missionários, a maioria deles enfrenta a velhice com poucos recursos financeiros. O problema fica acentuado porque a maioria de seus amigos que ficaram no país de origem estão em melhores condições financeiras.

Muitas organizações missionárias hoje estão dando mais atenção às preocupações que seus missionários têm com a aposentadoria, mas o problema continua existindo.

Sobre a Ponte e Além Dela

A comunidade bicultural é a ponte pela qual o evangelho atravessa de uma cultura para outra. Ela é apenas um aspecto da longa estrada que trouxe o evangelho dos tempos bíblicos até nós e que deve continuar a levar as boas novas aos confins da terra. No entanto, é uma parte essencial daquela herança.

A eficácia de missões depende muito da qualidade daquela comunidade e das relações dentro dela. A comunicação de massa e outras tecnologias modernas jamais substituirão as relações pessoais como o centro da comunicação missionária. A tarefa seria muito mais fácil se os avanços tecnológicos sozinhos fossem suficientes, porque eles custam pouco quando comparados ao

preço que os missionários pagam para desenvolver relacionamentos cristãos com pessoas de outras culturas. Deus sabia disso, porque escolheu trazer-nos sua auto-revelação suprema na pessoa de Cristo. O custo para Deus está além da nossa imaginação. Sempre será assim com missões, que nos chamam a relacionamentos e exigem que estejamos dispostos a pagar com as nossas vidas.

How many Brazilians in an Area? (or how to create a Brazilian community?)

O Papel do Missionário

AS RELAÇÕES HUMANAS SÃO O CENTRO DA TAREFA MISSIONÁRIA, MAS NEM TODOS OS relacionamentos são eficientes na comunicação do evangelho. Como patrões poderíamos forçar as pessoas a concordar com os nossos desejos, e como ocidentais poderíamos abordá-las com um espírito de arrogância. No entanto, nenhuma dessas táticas levará as pessoas a Cristo. Para persuadi-las, devemos ganhá-las, e para isso devemos desenvolver relacionamentos baseados no amor e na verdade. Se as pessoas não acreditarem no mensageiro, não acreditarão em sua mensagem.

Que relacionamentos são eficazes no serviço missionário? Dois conceitos-chave — posição social e papel — podem-nos ajudar a entender a natureza dos relacionamentos humanos e examinar como eles afetam a tarefa missionária.

A Posição Social e o Papel

Muito do nosso comportamento nos relacionamentos interpessoais é previsível. Por exemplo, vamos até uma loja, escolhemos um produto, damos o dinheiro ao caixa, esperamos o troco e saímos com o produto, não parando nunca para pensar que conduzimos uma transação com uma pessoa totalmente estranha. Cada parte parece saber exatamente o que está acontecendo. Se o padrão de comportamento esperado for quebrado, só então o relacionamento será questionado. Se sairmos sem pagar pelos produtos, formos embora sem antes receber o troco ou se pagarmos com um tipo de moeda errada, o vende-

dor chamará nossa atenção para o erro e o fluxo normal dos acontecimentos continuará. Mas se formos grosseiros com o atendente e sacarmos uma arma ou se nos comportarmos na loja como se estivéssemos em casa, a natureza do inter-relacionamento será questionada. Nosso comportamento violou as normas sociais e não será tolerado. Como podemos explicar a esse alto grau de previsibilidade nas relações humanas?

A Posição Social

Uma sociedade é constituída de pessoas, mas não é definida somente pelo número de indivíduos que a compõem. Os membros de uma “sociedade” formam uma organização social, uma maneira padronizada de se relacionarem. Eles ocupam um conjunto de posições socialmente definidas e se inter-relacionam de formas apropriadas àquela organização. Ao contrário disso, uma agregação não-coordenada de homens é um amontoado de pessoas, não uma sociedade.

Há muitos contextos sociais, e em cada um deles há conjuntos de posições ou atribuições de importância que se complementam. Por exemplo, num supermercado pode haver o gerente, os balconistas, os repositores e os consumidores. Num hospital há médicos, enfermeiras, administradores, zeladores, pacientes, entre outros. Para participar de um desses contextos, devemos ocupar uma das posições associadas com aquele ambiente. Não vai dar certo se tentarmos ser negociantes num hospital e começarmos a vender o que encontramos ao redor.

Para participarmos de uma sociedade, devemos ocupar uma ou mais posições dentro dela. Em um ambiente social, um homem pode ser marido, em outro, proprietário de loja, e em um terceiro, um leigo na igreja. Algumas dessas posições tal como ser filho ou filha, herdeiro do trono ou membro de um grupo étnico determinado, nós as adquirimos pelo nascimento. Estas são chamadas de posições atribuídas. Outras, que chamamos de posições adquiridas tais como aluno, médico ou missionário, devem ser conquistadas. Reunidas, as posições que um indivíduo ocupa desempenham uma parte importante em seu senso de identidade e valor.

O Papel

Quando alguém ocupa uma posição social, espera-se que ele aja de certas maneira previsíveis. Por exemplo, espera-se que um professor conduza uma classe, dê aos alunos instruções com respeito a suas obrigações e avalie seus trabalhos. Por sua vez, de uma mãe espera-se que seja totalmente responsável por seus filhos. Chamamos os padrões de comportamentos associados com posições específicas de “papéis”. Uma pequena reflexão mostra que todos nós mudamos nosso comportamento e senso de identidade à medida que nos movemos de uma posição para outra. Por exemplo, quando uma professora deixa

seu trabalho na escola e volta para casa para ser mãe, seu comportamento e suas atitudes consigo mesma mudam marcadamente.

Cada sociedade tem um papel comportamental ideal e predeterminado para cada uma de suas posições. Entretanto, para a maioria delas, é permitida uma variação considerável, exceto nas situações formais. Por exemplo, os soldados num desfile devem seguir as instruções e têm pouca liberdade de comportamento nessa situação. Mas no campo de ação ou no refeitório, seu comportamento é prescrito com menos rigidez. Alguns fazem brincadeiras, outros são reservados ou desconfiados. Alguns fazem além do solicitado, outros, apenas o mínimo. Essas diferenças refletem a diversidade de personalidades, treinamentos e situações.

Contudo, há limites para a variação no comportamento permitido às pessoas que ocupam uma determinada posição social. Em algum ponto, se o comportamento delas for muito divergente, são removidas de suas posições. Uma professora que, à despeito dos avisos, rejeita agir como uma “professora” é despedida. Um filho pode ser renegado. As pessoas que se recusam a atender até mesmo o mínimo exigido de pelo menos uma das posições aceitáveis dentro de uma sociedade, geralmente, são deixadas no ostracismo (no Ocidente nós as colocamos em prisões ou sanatórios), exiladas ou mortas. Não estão agindo como membros da sociedade.

Podemos nos zangar ao descobrir que muito de nosso comportamento básico é programado pela nossa sociedade, que relativamente poucas das nossas ações se baseiam apenas em decisões pessoais. Num sentido, se quisermos fazer parte de uma sociedade, devemos atender suas regras. No entanto, é fato que as relações humanas seriam impossíveis sem tal entendimento mútuo. Viveríamos na incerteza e no caos. A ordem nos relacionamentos nos permite prever, dentro de níveis razoáveis, como os outros irão agir. Portanto, podemos interagir com eles sabendo o que está acontecendo e podemos escolher um curso de ação que nos permita perseguir nossos objetivos. Se não houver nenhum padrão significativo de comportamento, os relacionamentos e planejamentos serão destruídos e a sociedade entrará em colapso.

Posições Múltiplas

A maioria dos indivíduos ocupa várias posições diferentes em qualquer época da vida. Uma pessoa pode ser professora, presbiteriana, democrata, esposa e mãe ao mesmo tempo. Cada uma dessas posições está associada a um contexto social determinado e cada uma tem seus próprios padrões presumíveis de comportamento. Além do mais, aqueles que foram socializados num conjunto de posições — em outras palavras, aprenderam a viver de maneira socialmente aceitável — mudam-se tranqüilamente de uma posição para outra, mudando seus padrões de comportamento à medida que isso se mostra apropriado. Num ambiente de trabalho, um homem age como médico ou carteiro e

até mesmo se traja de acordo com a posição. Em outro ambiente ele é membro da igreja e pode atuar como diácono ou pregador leigo.

As pessoas também ocupam uma seqüência de papéis durante suas vidas. Todos nós começamos como crianças, mas nos tornamos estudantes, escoteiros ou bandeirantes, atores de uma peça de teatro da escola e membros das igrejas locais, de clubes de xadrez e uma dezena de outras associações. Mais tarde, nos tornamos missionários, dentistas ou comerciantes, esposos, esposas e pais, e membros ou funcionários de várias instituições. Na verdade, muito de nossa história pessoal é encontrado nas posições que adquirimos e que depois deixamos. Além do mais, marcamos as mudanças importantes de uma posição para outra por meio de rituais de passagem. Por exemplo, temos casamentos para marcar a mudança da condição de solteiro para a de casado, formaturas para denotar o fim da fase escolar, e os funerais para mostrar a transição de uma pessoa viva para a condição de ancestral.

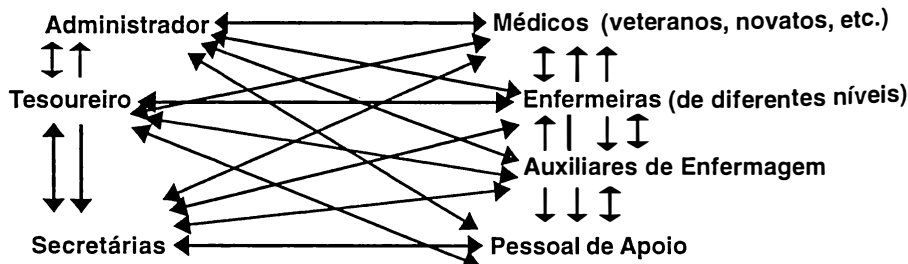
Reunidas, as posições de uma sociedade oferecem uma estrutura social complexa — uma estrutura de posições interligadas e complementares, nas quais as pessoas são colocadas (Figura 33). As posições não só oferecem às pessoas lugares dentro de uma sociedade, mas também determinam em considerável extensão como cada indivíduo se relaciona com as pessoas em outras posições de hierarquia.

Conjuntos de Papéis e Díades

Conforme se mencionou, ocupamos posições diferentes dentro da sociedade. Ao mesmo tempo, dentro de qualquer uma delas nos relacionamos com uma variedade de pessoas de diferentes maneiras. Por exemplo, um professor deve-se relacionar com seus alunos, com os pais, com a administração da escola, com os colegas de trabalho e com o público. O comportamento esperado dos professores em cada um desses relacionamentos é diferente e se torna um papel separado (Figura 34).

FIGURA 33

Estrutura Social de um Hospital



Com o objetivo de análise, todos os relacionamentos sociais podem ser divididos em díades: professor—aluno, professor—administrador, médico—paciente, médico—enfermeira, empregador—empregado, e assim por diante. Em cada um desses pares, as pessoas envolvidas têm alguma idéia básica de como agir e reagir, e isso torna as relações sociais mais fáceis de serem iniciadas e sustentadas. Seria impossível criar um tipo totalmente novo de relacionamento com todos aqueles que encontramos. Esses relacionamentos tão singulares, além de exigirem uma grande soma de tempo e energia para serem definidos quanto à sua natureza, não fariam parte da estrutura social maior que compõe a interação de um grande número de pessoas.

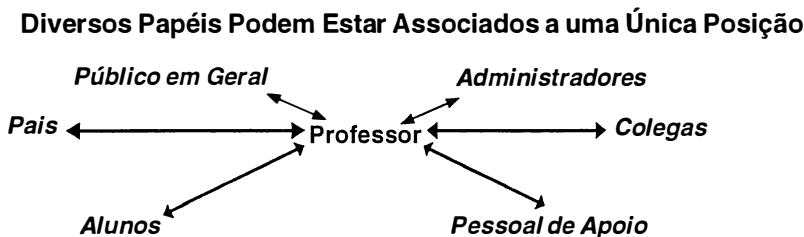
O conceito de díades nos oferece uma ferramenta poderosa para a análise de relacionamentos sociais complexos. Por exemplo, se desmembrarmos uma família americana típica em relacionamentos básicos, terminaremos com a possibilidade de oito díades.

marido—mulher
pai—filho
pai—filha
mãe—filho
mãe—filha
irmão—irmão
irmão—irmã
irmã—irmã

Cada uma dessas díades tem seu próprio papel de comportamento ideal. Espera-se que um homem aja de certa maneira com seu filho, de outra, com sua filha e de uma terceira maneira com sua esposa. Quando qualquer membro de uma família se desvia muito dessas expectativas, a organização familiar fica ameaçada.

O comportamento diário dos agentes dessas díades familiares muda muito de acordo com vários fatores, tal como a natureza do contexto social, a presença ou ausência de platéias, e as atitudes psicológicas dos agentes naquele momento. Um marido trata sua esposa de maneira diferente na igreja, na

FIGURA 34



loja, em casa ou na praia. Ele modifica seu comportamento quando os amigos, filhos, sogros ou estranhos estão ao redor, e suas ações também se baseiam em como ele se sente naquele momento em relação à sua esposa ou ao mundo em geral. No entanto, a despeito de tal variação diária, há um padrão básico de comportamento no relacionamento e um conjunto correspondente de restrições sociais.

Com o tempo, as expectativas dos papéis podem mudar. O pai americano ideal de um século atrás era uma figura autoritária, um homem de força e o único mantenedor da família. Hoje, espera-se que ele seja um companheiro para o filho e um verdadeiro parceiro para a esposa. Quando ocorrem tais mudanças, podem surgir desentendimentos e confusões sociais.

Confusão no Papel Transcultural

Consideramos até agora os papéis numa só cultura — a dos Estados Unidos. Mas as sociedades são diferentes, e os papéis que elas criam também. Conseqüentemente, podemos esperar muita confusão de papéis quando as pessoas se mudam de uma sociedade para outra. Essa ambigüidade é a mais nociva de todas porque raramente estamos cientes dos papéis que desempenhamos — eles são tantos em grande parte de nossa vida diária que não paramos para pensar neles.

Um tipo de confusão surge quando duas culturas têm posições semelhantes, mas estão associadas a papéis diferentes. Por exemplo, embora o papel de "pai" ou genitor biológico seja encontrado em todas as sociedades, o que se espera de um pai varia muito de sociedade para sociedade. No Ocidente, espera-se que ele dê o sustento a seus filhos. Entre os habitantes das Ilhas Trobriand ele deve dar os inhames (ou carás) que cultiva para alimentar os filhos de sua irmã, enquanto o irmão de sua esposa lhe oferece inhames para alimentar sua família. No Ocidente, espera-se que o pai esteja com sua esposa durante ou imediatamente após o nascimento de um filho. Na Índia, a esposa vai para a casa de sua mãe para dar à luz, e o marido não deve aparecer lá até o terceiro, quinto, sétimo ou algum outro mês auspicioso depois do nascimento.

Um segundo tipo de confusão surge quando os papéis que desempenhamos em nossa sociedade original nem sequer existem em nossa nova sociedade. Tendo em vista que normalmente não sabemos que seja assim, continuamos a agir segundo os papéis que nos são familiares. Todavia, as pessoas locais não sabem quem nós somos, porque não nos ajustamos em nenhuma de suas categorias sociais. Por exemplo, quando vamos para o exterior, geralmente pensamos de nós mesmos como "missionários". Mas essa posição não existe na maioria das culturas para as quais nos dirigimos. A única coisa que as pessoas do país podem fazer em tais casos é observar nosso comportamento para ver em qual de suas categorias nos ajustamos melhor. Elas podem nos ver como funcionários do governo, agentes do serviço secreto ou — como sempre

foi o caso em partes da África e Papua (Nova Guiné) quando os primeiros indivíduos brancos chegaram — espíritos ou ancestrais que voltaram dos mortos. Geralmente somos colocados pelas pessoas numa posição indesejável sem que saibamos disso.

Para participar totalmente de outra sociedade, devemos receber uma posição dentro dela. De outra sorte, somos “inimigos”, e devemos ser lançados fora, ou estranhos que não merecem confiança. Em consequência, podemos ser adotados por uma tribo ou um clã, não necessariamente porque nos amam, mas porque não querem nos matar.

A exemplo da comunicação, o importante não é como nos vemos, mas como os outros nos vêem. A longo prazo, isso determinará a eficácia de nosso ministério, embora possamos saber como somos vistos se tão-somente formos sensíveis às reações das pessoas.

Definindo Papéis Missionários

Os conceitos de posição e papel, como os descrevemos até agora, são muito úteis na análise do nosso trabalho como missionários. Ser missionário significa estar envolvido com as pessoas em muitos contextos diferentes, e esses conceitos podem nos ajudar a examinar mais cuidadosamente a natureza desses relacionamentos. Vamos começar olhando os papéis associados com a posição chamada “missionário” e as imagens e expectativas que as pessoas têm desse papel.

O “missionário” se relaciona com diferentes tipos de pessoas: não-cristãos, cristãos locais, amigos missionários, administradores de missões, as pessoas das igrejas que o enviam e membros da família missionária (Figura 35). Iremos examinar cada um desses rapidamente, considerando primeiro alguns papéis que os missionários desenvolveram no passado, que obstruíram a eficácia de seu trabalho, e então examinaremos alguns dos papéis que podemos desempenhar para facilitar a disseminação do evangelho. Ao examinar os papéis negativos anteriores, não o fazemos com a intenção de julgar os missionários do passado. Naqueles lugares e tempos, a maioria de nós teria agido da mesma maneira. Além do mais, também há muitos exemplos de serviço missionário eficaz e sacrificial. Portanto, precisamos aprender com os erros do passado e nos lembrar de que as pessoas respondem ao evangelho não só com base na sua autenticidade intrínseca, mas também de acordo com a natureza do relacionamento dentro do qual eles o ouviram.

O Missionário e os Não-Cristãos Nacionais

O relacionamento entre os missionários e os não-cristãos a quem buscam servir é o centro da tarefa missionária. É também o mais sujeito a ser mal-entendido ou mal-utilizado. Este relacionamento não está dentro da organização social da igreja, e sua natureza é definida tanto pelo missionário como

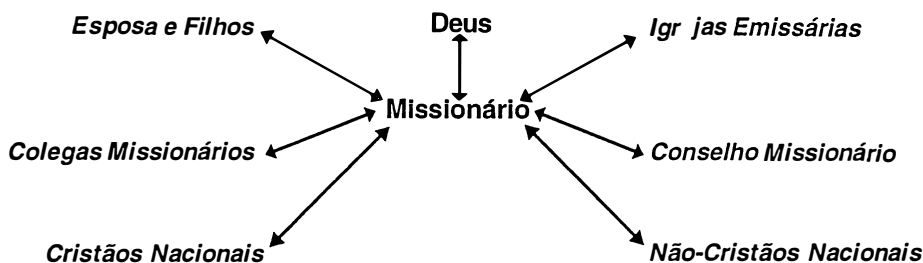
pelos não-cristãos que podem escolher vê-lo num sentido negativo. Tendo em vista que são os missionários que iniciam o contato eles devem ser os mais sensíveis à maneira como os não-cristãos percebem o relacionamento, para terem certeza de que os papéis que surgem não prejudiquem a mensagem do evangelho.

Administradores coloniais ou missionários identificados? Infelizmente, os missionários são vistos não só como cristãos, mas como representantes de seus países de origem. Portanto, não deve nos surpreender que durante a era do domínio colonial ocidental a maioria dos missionários, porque vinham de países europeus, eram considerados “administradores coloniais”. Se verdade ou não, a opinião de um líder africano foi amplamente espalhada pelo mundo: “O missionário veio primeiro, em seguida chegou o comerciante. Por último, vieram os soldados com armas para matar, conquistar, dividir e dominar. Os missionários foram o meio pelo qual o homem branco embalou os africanos para dormir enquanto tiravam suas terras e sua liberdade...” (Loewen 1975:434).

Isso é em parte um mal-entendido porque muitos missionários tentaram traçar uma clara distinção entre missões cristãs e as administrações coloniais sob as quais serviam. Mas o mal-entendido não deve nos surpreender porque em sua maioria os missionários eram brancos, e as únicas pessoas brancas que grande parte dos africanos e asiáticos conheciam eram os administradores coloniais. Além do mais, enquanto os missionários não desejavam ser vistos como colonialistas, ficavam todos muito felizes de fazer uso do relacionamento que tinham com os administradores coloniais quando isso fosse conveniente a seus propósitos. Por exemplo, os missionários na maior parte do mundo colonial não precisavam ficar sob o sol, nas longas filas das estações ferroviárias para comprar os bilhetes. Geralmente eles iam até o chefe da estação, que os convidava a se sentar para tomar chá enquanto ele pessoalmente adquiria os bilhetes por detrás do guichê. Enquanto os missionários sempre justificavam essa atitude explicando que estavam evitando trabalho desnecessário, e que isso aumentava sua eficiência, os habitantes locais viam tal comportamento como uma evidência de que os missionários, na verdade, faziam parte do regime colonial. Da mesma maneira, a utilização de carros identificava os missionários com o domínio ocidental nos países onde poucos cidadãos tinham acesso a esse tipo de transporte.

A identificação dos missionários com os administradores coloniais foi em parte apenas um mal-entendido. Em muitos exemplos, os missionários realmente *se viam* como colaboradores dos administradores coloniais no extermínio de práticas diabólicas como a degolação por razões cerimoniais ou exibicionistas, e a cremação de viúvas em piras funerárias — em resumo, ajudavam a trazer civilização às pessoas. Na verdade, um dos ditos largamente difundidos na época era: “Colonizar, Cristianizar e Civilizar”.

FIGURA 35

Papéis Associados à Posição de “Missionário”

Enquanto a conexão colonial abria as portas para o serviço missionário em muitas partes do mundo, ela também colocava os missionários em papéis que lhes tornavam difíceis a identificação com as pessoas e a apresentação de um evangelho desvinculado dos sistemas políticos e culturais locais. Isso também significava que as igrejas iniciadas nesses países eram freqüentemente rotuladas de ferramentas do governo colonial para subjugar seus habitantes. Os cristãos do país, seguindo o comando dos missionários, eram sempre opositores ao espírito crescente de nacionalismo e autogoverno que começou a tomar conta de muitos postos coloniais.

A era colonial está quase no fim, pelo menos em suas formas políticas mais públicas. Mas como missionários de hoje, devemos ainda lutar com o fato de que normalmente somos vistos em primeiro lugar como representantes de nosso próprio país e, em segundo, como missionários. Com freqüência, somos forçados a declarar onde está nossa verdadeira lealdade. Infelizmente, se ficamos do lado de nosso país de origem, em geral fechamos a porta para que o evangelho seja ouvido devidamente. Mas se por amor ao evangelho nos identificamos com os habitantes dos países onde o colonialismo reinou, precisamos dar uma olhada mais crítica em nossa terra natal e suas regras econômicas e políticas. Devemos olhar para as necessidades do mundo como um todo, não somente nas de nossa própria nação, embora tal estrutura de referência geralmente nos leve a sofrer críticas pesadas por parte das igrejas ocidentais que nos enviam. No final, podemos ser forçados a escolher nossa principal identificação — com o Ocidente ou com as pessoas às quais viemos servir.

Proprietário ou empregado? Um segundo papel em que os missionários se encontram, geralmente inconscientemente, é o de “proprietário”. Em alguns lugares da América Latina, eles normalmente são chamados de patrões, o termo usado para os ricos proprietários de terras que praticamente são donos dos empregados que cultivam o solo (cf. Loewen 1975:436-439). No Havaí, muitos missionários se tornaram fazendeiros ricos.

Em poucos casos, os missionários escolheram conscientemente o papel de proprietário como um meio de ajudar as pessoas oprimidas pelos cruéis senhores da terra. Eles argumentavam que os missionários não poderiam ajudar os empregados até que lhes fossem dadas alternativas econômicas: trabalho, terra própria e mercados para comercialização de seus produtos. No entanto, raramente esses missionários foram capazes de ir além da assistência econômica na apresentação de tudo o que Jesus disse para as pessoas. Embora o papel de proprietário permitisse que alguns missionários ajudassem a libertar as pessoas de patrões mais opressores, quase sempre fechava-as para o evangelho.

Com mais frequência, a identificação dos missionários como proprietários era um caso de confusão transcultural. Os missionários algumas vezes não sabiam que estavam sendo classificados assim, e se viam como “missionários”, não percebendo que essa é uma posição ocidental que não existe na maioria das sociedades. Quando questionados sobre quem eram, eles diziam: “missionários”. Uma vez que essa palavra não tinha significado para as pessoas, estas tentavam adivinhar o que o missionário era, observando seu comportamento. É claro que a resposta encontrada tinha de estar relacionada a uma das posições dentro de sua própria cultura familiar.

No sul da Índia, por exemplo, os senhores de terras são *doras*. Um bom *dora* cerca sua propriedade e constrói um bangalô. Se ele tiver uma segunda e terceira esposa, ele constrói casas separadas para que não briguem. Na sua terra, ele também constrói alojamentos para seus serviçais e possivelmente um santuário hindu. Quando chegava um missionário, este comprava terra, cercava-a e construía bangalôs. Construía também uma casa separada para as mulheres missionárias solteiras porque não eram suas esposas. Finalmente, os missionários também construíram alojamentos para os serviçais e igrejas nas terras da missão (Figura 36). Portanto, não é de surpreender que as pessoas começassem a identificar os missionários como *doras*. Ou que pensassem que os missionários tinham duas ou três esposas. Afinal de contas, eles estavam sendo apenas bons *doras* ao construírem casas separadas para cada uma delas.

Aprendizes. Que papel irá ajudar ou prejudicar um missionário em sua comunicação do evangelho? Não há uma resposta simples para essa questão, porque as culturas têm seus próprios conjuntos de posições e papéis, e devemos escolher um que se ajuste à sociedade em que ministramos. Ajuda-nos saber que seremos colocados nesse papel, gostemos ou não, porque então podemos evitar os mal-entendidos transculturais que ocorreram com tanta frequência no passado. Além do mais, podemos conscientemente procurar papéis na sociedade que nos permitam manter nosso testemunho com maior eficiência.

Qual é o primeiro papel que assumimos enquanto estudamos uma sociedade e aprendemos a conhecer os papéis presentes dentro dela? Felizmente,

como Loewen (1975:439) aponta, muitas sociedades têm um papel para os “aprendizes” ou estrangeiros que nela estão ingressando. Por exemplo, os *waunanas* de Choco têm o papel de “moço aprendendo a conhecer o mundo”.

Aceitar o papel de aprendiz permite que um missionário entre numa nova sociedade e estude seus modos. Também abre as portas para a construção de relacionamentos próximos, porque a maioria das pessoas fica feliz de ensinar aos outros seus próprios costumes. Tais relacionamentos freqüentemente oferecem ao missionário ocasiões para compartilhar o evangelho numa base pessoal com seus anfitriões. Na verdade, da perspectiva da tarefa missionária, o período de aprendiz geralmente é um dos mais frutíferos para compartilhar o evangelho com não-cristãos.

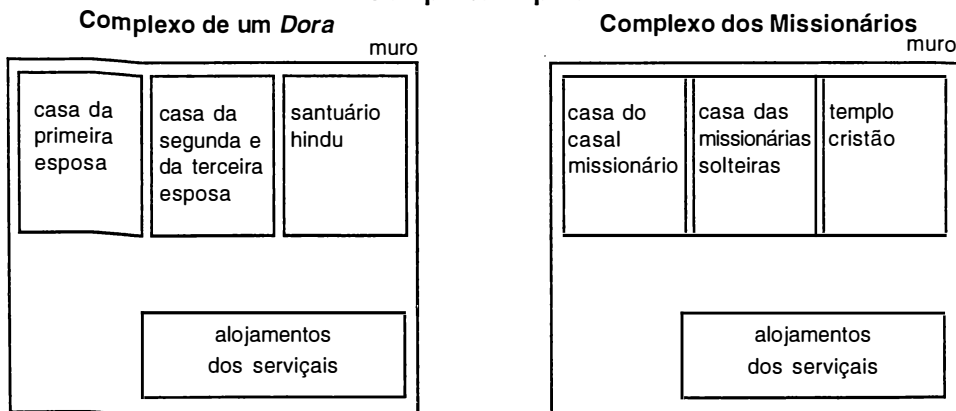
No entanto, há limites para esse papel. Em primeiro lugar, devemos ser sinceros em nosso desejo de aprender a cultura. As pessoas logo percebem se estamos simplesmente usando isso como uma maneira rápida de construir relacionamentos com elas para que possamos ganhá-las. Se sentirem-se usadas, elas nos rejeitarão a nós e à nossa mensagem. Como cristãos, devemos amar as pessoas e se o fizermos verdadeiramente, ficaremos interessados em sua vida e em sua cultura. Na verdade, aprender a conhecer melhor as pessoas é uma maneira de desenvolver nosso amor por elas.

Um segundo limite para o papel de aprendiz é o tempo. Podemos ser aprendizes somente por um tempo. Depois, as pessoas esperam que crescamos e encontremos nosso lugar como um membro colaborador da sociedade. Isso não significa que paramos de aprender a cultura, mas que num dado momento — geralmente depois de um ano ou dois — devemos encontrar um papel mais permanente dentro da sociedade.

Finalmente, enquanto o papel de aprendiz abre as portas para desenvolver confiança e para o testemunho pessoal dentro de uma sociedade, ele pode

FIGURA 36

Complexos Típicos



não ser o papel mais eficaz para a evangelização a longo prazo. Depois que a confiança se desenvolveu, podemos ser mais eficazes como “professores de religião”, “profetas” ou “médicos”, à medida que estes papéis são definidos dentro da sociedade. Ou podemos ser adotados numa tribo e clã e receber papéis como o de “mãe”, “pai”, “irmão mais velho” ou “irmã mais velha”.

Em qualquer caso, teremos de escolher um papel dentro da sociedade local e precisamos estudar cuidadosamente aqueles que estamos considerando, para ver qual deles nos prejudicaria ou nos ajudaria na comunicação do evangelho. Também devemos considerar se podemos atender as expectativas das pessoas com aquele papel. Por exemplo, como “irmão mais velho” ou “irmã mais velha” pode ser que esperem que compartilhemos nossos bens materiais com os irmãos e irmãs mais novos que solicitarem ajuda. Se não exemplificarmos as expectativas normais do papel das pessoas, elas nos verão como desonestos, e irresponsáveis.

O Missionário e os Cristãos Nacionais

Nosso relacionamento com os cristãos nacionais é diferente daquele desenvolvido com os não-cristãos. Como cristãos, pertencemos a uma família. Até mesmo dentro da igreja temos posições e papéis que regem a natureza de nossas interações. Nesse momento também precisamos examinar os papéis que assumimos, porque com muita frequência nos encontramos em papéis que prejudicam nosso ministério. Quais são alguns desses papéis e como podemos evitar aqueles que são contraproducentes?

Policiais ou advogados? Um papel que o missionário frequentemente desenvolve é o de “policial”. Ficamos preocupados com a questão da pureza da igreja e, portanto, somos tentados a alertar os convertidos sobre o roubo, sobre a imoralidade, contra a bebedeira, a bruxaria, etc., e o fazemos investigando o comportamento dos cristãos e punindo os infratores.

Um problema comum é “furto” doméstico. Os trabalhadores domésticos em algumas culturas se sentem parte da família, com o direito de tomar pequenas quantidades de alimentos para si. Portanto, os empregados se servem de acordo com esse sentimento. Os missionários tendem a ver esse procedimento como roubo e quase sempre trancam tudo com chave.

Outro problema é quanto aos relacionamentos pré-matrimoniais e extramatrimoniais. Nós os vemos como particularmente maus e, então, tentamos supervisionar o comportamento moral dos cristãos locais. Um missionário fazia questão de visitar as casas dos trabalhadores cristãos inesperadamente, com o objetivo de verificar quem estava dormindo com quem. Outro construiu um muro de três metros e meio para proteger as adolescentes em um internato. Mas, como Loewen (1975:437) comenta:

A ironia da situação foi que os missionários não perceberam que a mulher é quem escolhe seu parceiro sexual naquela cultura, e quando eles colocaram as escoras do muro no lado de dentro da propriedade, forneceram uma excelente escada para as meninas subirem e se encontrarem com seus parceiros. Ver as meninas pularem para fora do “cercado” era uma grande fonte de entretenimento noturno para adultos e crianças que se reuniam ao redor para olhar. O restante da noite era gasto em comentários sobre as escapadas mais interessantes do passado, e para rir dos missionários.

A disciplina na igreja precisa ser exercitada, mas quando ela é reforçada pelo missionário, ele rapidamente se torna um policial. Loewen (1975:437) afirma:

O legalismo protestante tem muitas vezes forçado os missionários a cometer “monstruosidades” de justiça, tal como as leis da excomunhão utilizadas numa igreja africana: primeiro filho ilegítimo: três meses sem tomar a Ceia; pelo segundo filho: seis meses sem a Ceia; e pelo terceiro, nove meses sem a Ceia.

Reyburn (1959:11) escreve que na República dos Camarões os franceses instituíram uma lei tornando o adultério uma ofensa civil punível com uma multa paga ao marido atingido. Para os kakas que viviam nesse país, isso se tornou uma forma de ganhar dinheiro. Os maridos encorajavam suas esposas a terem romances para eles receberem o valor das multas.

Embora devamos nos preocupar com o crescimento e a pureza da igreja, precisamos ajudar os líderes nacionais das igrejas a exercitar a disciplina eclesial. Se reforçarmos a retidão como “policiais”, o evangelho se torna legalista e nosso ministério com as pessoas é prejudicado. Elas não aprenderão a tomar as normas cristãs para si, mas simplesmente obedecerão às leis dos missionários com medo da punição e não por convicção pessoal.

Como evitar que nos tornemos policiais? Precisamos ensinar o horror do pecado, mas as pessoas geralmente sabem disso. Precisamos estar mais do lado delas ensinando e moldando a mensagem do evangelho da redenção e do perdão. Devemos nos identificar com as pessoas em suas lutas contra o pecado, porque elas, como nós, lutam não só contra sua própria natureza pecaminosa, mas contra as práticas pecaminosas dentro de suas culturas.

Santos ou pecadores salvos? Um segundo papel freqüente do missionário é o do “santo”. Como testemunhas da Palavra, procuramos exemplificar o que significa ser cristão. Mas quando pecamos — e certamente nós o fazemos — temos receio de confessar nossas falhas aos cristãos locais. Temos receio que possam perder a confiança em nós e rejeitarem o evangelho.

Há vários problemas com a abordagem de santo. Primeiro, as pessoas conhecem os nossos pecados muito mais do que nós. Elas enxergam atrás das máscaras piedosas que colocamos e nos acusam de hipocrisia. “Informações de bastidores” sobre os relacionamentos dos missionários, seus temperamentos e fraquezas são amplamente discutidas pelos cristãos locais. Loewen (1975:59) relata um caso desses no qual um casal de missionários estava enfrentando problemas matrimoniais que eram mantidos em sigilo absoluto na comunidade missionária. Sem que soubessem, a questão estava sendo largamente discutida nas igrejas locais.

A questão do pecado na vida do missionário é complicada porque muitas culturas dão muita ênfase aos pecados que temos a tendência de ignorar. Por exemplo, as igrejas ocidentais têm uma grande preocupação com os pecados sexuais. Embora reemossemos os pastores que cometem roubo ou perdem a paciência, depois de confessarem seus pecados, raramente o fazemos se cometem adultério. Por outro lado, na Índia o pecado capital é a raiva. Ainda assim, com muita frequência os missionários ficam com raiva e não pensam nisso. Loewen (1975:59) fala de um menino serviçal africano cuja “mama-chefe” sempre perdia a paciência com os seus erros. Depois de ouvir as histórias do menino, o grupo concluiu que uma vez que ela sempre “ficava brava como um demônio” provavelmente não era cristã.

O segundo problema de nos apresentarmos como santos imaculados é que não podemos ensinar aos líderes a confissão e o perdão. Festo Kivengere (Loewen 1975:60) ilustra isso fortemente, relatando um conflito entre um missionário e um líder nacional, em Uganda. O missionário suplicou ao líder que se abrisse com ele para que pudessem orar juntos sobre os problemas. O líder retrucou: “Irmão, minha caixa está aberta, mas a sua caixa não está só fechada — está trancada”.

O missionário é quase sempre o primeiro líder que uma igreja possui e, portanto, ele é o modelo de liderança. Se não formos exemplos em confessar nossos pecados, não deveria nos surpreender que os líderes locais muitas vezes sintam que também não precisam fazê-lo. Em certo país os líderes cristãos concluíram que o pecado imperdoável era pecar depois da ordenação. Por isso, os líderes não queriam ser ordenados até que estivessem perto da morte, pois sabiam que não poderiam manter-se sem pecado por muito tempo.

O terceiro problema com o desempenho do papel de santo é que ele constrói uma barreira entre o missionário e o povo. É difícil viver como um santo! A maioria das pessoas sabe muito bem de seus pecados e entende as tentações umas das outras. Mas os santos estão acima da tentação e não compreendem as lutas morais das pessoas comuns. Quando tentamos nos relacionar com as pessoas como santos, nós só podemos fazê-lo colocando máscaras vazias de santidade.

Então o que os missionários são, se não santos? Paulo não fala dos cristãos como santos, e os missionários não são a elite entre os cristãos? Com muita frequência pensamos que “santos” são aqueles que não pecam e lutamos muito por algum tempo para nos ajustar a essa definição. No entanto, todos nós logo percebemos que somos tão tentados e tão pecadores como éramos antes de nos tornarmos missionários. Podemos sofrer poucas tentações da carne, mas certamente mais do espírito. Tentamos esconder nossos pecados e colocar uma máscara de piedade. Isso não engana ninguém. Só encoraja outros a fazer o mesmo.

Qual é a alternativa? Precisamos pensar nos “santos” como pecadores salvos, como pessoas retas diante de Deus, não porque não pecam, mas por causa da justiça que Deus lhes dá por meio de Cristo. Até mesmo Paulo, o grande missionário, disse: “... Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou [não “fui”] o principal” (1Tm 1.15). Nossa tarefa não é ficar condenando os novos cristãos, mas ajudá-los a superar os pecados que tão rapidamente nos cercam a todos.

Ver-nos como pecadores salvos têm duas implicações importantes para nós, missionários. Em primeiro lugar, significa que precisamos ser transparentes — que deixemos as pessoas verem quem realmente somos. Paul Tournier (1957) distingue entre a pessoa social e a real. Tournier chama a primeira de “personagem”, as posições que ocupamos nos relacionamentos sociais. Em contraste, a “pessoa” é quem realmente somos por dentro. O perigo é que escondemos nossos “eus” reais atrás de máscaras sociais para impressionar os outros. As pessoas então não nos vêem como seres humanos reais. O maior perigo é quando tentamos agir como se nunca pecássemos. O único remédio é deixar que os outros vejam nossas fraquezas e pecados bem como nossa força.

Isso não destrói nossa credibilidade? É claro que não somos chamados a publicar nossos pecados no jornal local uma vez que eles são tratados de forma melhor, num círculo pequeno de líderes da igreja. Mas nossa disposição para admitir diante dos outros que somos fracos geralmente aumenta sua confiança em nós. Sabendo que somos fracos respeitarão nossa honestidade e humildade e reconhecerão que não estamos tentando enganar ninguém.

Mostrar aos outros quem realmente somos permite-nos também abrir um canal de comunicação com as pessoas. Jacob Loewen (1975:54-55) narra uma experiência na qual a auto-exposição dos missionários se tornou a ponte que atavessou o fosso que os separava dos líderes do país. Os missionários tinham ouvido que um dos líderes panamenhos havia cometido adultério, mas que havia negado o fato. Quando outros líderes foram interrogados sobre o assunto, deram de ombros e disseram: “Quem sabe?”.

Finalmente, depois de semanas de incertezas, orações e busca, os missionários abriram suas próprias vidas aos líderes locais numa pequena reunião de oração. Eles revelaram suas próprias tensões sexuais quando estavam longe de suas famílias e confessaram que, em certa ocasião, houve tensões entre

marido e mulher por causa de sexo. Eles admitiram, como Pedro adverte, que suas orações não tinham mais poder quando eles como maridos não viviam com suas esposas em sabedoria. Então perguntaram aos líderes se os índios também sofriam este tipo de problema. Antes que mais alguma coisa tivesse sido dita, o líder sob suspeita confessou:

“Eu me envolvi com uma de minhas ex-esposas”.

Os missionários lhe perguntaram: — Você acha que agora nós podemos jogar pedras em você como os fariseus queriam quando encontraram a mulher em adultério?

— Não, porque eu sei que vocês também têm problemas com sexo. — Ele replicou.

Quando os missionários e o líder arrependido se ajoelharam para orar, os outros dois líderes perguntaram:

— Mas vocês são os únicos que serão perdoados? Não podemos ser também? — Depois que confessaram as tensões que haviam surgido em suas próprias casas, os líderes e os missionários se ajoelharam e pediram a Deus perdão individual e coletivamente por suas muitas fraquezas comuns na área sexual.

Pais espirituais ou irmãos espirituais? Um papel particularmente difícil de lidar é o do “pai espiritual”. De um lado, o missionário geralmente é o “pai” ou “mãe” que conduz as pessoas à salvação e implanta uma nova igreja. Do outro lado, ninguém deseja ser tratado como uma criança para sempre.

E. Stanley Jones (1957:211) ressalta que o relacionamento de muitos missionários pioneiros com seus convertidos deve passar por vários estágios. O primeiro é o da *dependência*. Na verdade, o missionário foi o pai da igreja, e assim tem muita responsabilidade pelo seu crescimento. Com o tempo, os novos cristãos devem caminhar por sua própria conta e aprender a *independência*. Só depois de terem estabelecido sua identidade pessoal podem realmente mudar para um relacionamento com o missionário caracterizado pela *interdependência* no qual trabalham juntos como iguais.

A transição da dependência para a independência é particularmente difícil e precisa de uma grande dose de paciência e entendimento por parte dos missionários e dos novos cristãos, especialmente daqueles, uma vez que estão em posições de poder. O perigo para nós é manter um papel paternal por muito tempo por medo de acontecerem coisas erradas. Precisamos aprender que os cristãos devem crescer, e eles só podem fazê-lo se deixarmos que cometam seus próprios erros.

A segunda transição no relacionamento é igualmente importante. Nosso objetivo principal não é o individualismo cristão, mas a igreja como um corpo de crentes interdependentes. Devemos aprender a trabalhar em igualdade com aqueles que uma vez foram nossos dependentes, sem voltarmos ao papel paternal quando o relacionamento ficar tumultuado.

Tradução de 1Coríntios 13 por um Missionário Pioneiro do Sul da África

Se eu souber a língua perfeitamente e
falar como um nativo
e não tiver o Seu amor,
não sou nada.

Se eu tiver diplomas e títulos e souber
todos os métodos atuais,
e não tiver Seu toque de amor compreensivo,
não sou nada.

Se eu for capaz de questionar com sucesso
as religiões das pessoas e ridicularizá-las,
e não tiver Sua atraente nota de amor,
não sou nada.

Se eu tiver toda fé e grandes idéias,
e planos magníficos,
e não tiver Seu amor que sofre,
e sangra, e chora,
e ora, e intercede,
não sou nada.

Se eu lhes der minhas roupas e meu dinheiro,
e não amá-los,
não sou nada.

Se eu desistir de todos os planos, deixar minha casa
e amigos e fazer o sacrifício
de uma carreira de missionário e depois ficar amargo
e egoísta por causa dos aborrecimentos diários
e das deficiências da vida missionária,
então não sou nada.

Se eu puder curar toda sorte de enfermidades
e doenças, mas magoar corações e ferir os sentimentos
em nome do Seu amor,
não sou nada.

Se eu puder escrever artigos e publicar livros
que recebam aplausos, mas falhem na transcrição
da palavra da cruz na
linguagem do Seu amor,
não sou nada.

De um sermão de Stephen Brown, Key Biscayne Presbyterian Church (Flórida, EUA.)

Os três estágios de Jones podem-nos ajudar não só a entender nosso relacionamento com cristãos individualmente, mas também o relacionamento da organização missionária com a igreja local. Aqui também o relacionamento geralmente começa com uma dependência, mas deve logo amadurecer para a independência e finalmente para a interdependência.

Então, qual é a função dos missionários quando os cristãos locais e as igrejas se tornam independentes? Certamente há outros campos para os quais eles podem ir. Mas, não há lugar na igreja para eles ajudarem e fortalecerem os crentes? Um papel importante sugerido por Loewen é o do “catalisador”. Os missionários são fonte importante de informação sobre o mundo exterior. Além do mais, eles podem ser conselheiros com os quais os líderes locais podem testar suas idéias. Nesse papel, é importante que os missionários evitem prescrever respostas, não importa quão seguros eles se sintam sobre um assunto. Sua função é sugerir alternativas de ação e ajudar os líderes a pensar sobre as consequências de cada uma delas. Entretanto, no final, a decisão deve ser tomada pelos líderes locais.

Pregadores remunerados ou testemunhas auto-sustentadas? Uma das questões mais difíceis que os missionários enfrentam é com relação ao seu sustento financeiro. Embora não recebam dinheiro das igrejas locais, as pessoas sabem que estão sendo sustentadas pelas igrejas que as enviam. Consequentemente, os nacionais geralmente enxergam os missionários como pregadores remunerados. Jacob Loewen (1975:432) relata um exemplo desses:

Em 1962, um missionário residente no local e dois visitantes americanos participavam de um culto especial na igreja choco no Panamá. Usando os dois visitantes americanos como exemplo, o pregador desafiou a congregação choco a seguir o exemplo deles e se tornar testemunha do Senhor. “Estes homens deixaram suas casas e famílias. Desistiram de oportunidades de ganhar dinheiro. Por quê? Eles fizeram isso a fim de vir para cá e falar para seus amigos, os chocos, a mensagem de Jesus Cristo. Devemos aprender com eles, porque nós também devemos deixar nosso trabalho e nossa família para compartilharmos essa mensagem com nosso povo em outros lugares.”

Depois desse culto, os dois visitantes levaram o pregador para um lado e lhe disseram:

“Você mencionou nós dois na mensagem dessa tarde, mas não mencionou o missionário residente? Não acha que ele vai se magoar? Afinal de contas, ele dá seu tempo integral para este trabalho e nós só demos nossas férias”.

A isso o líder respondeu:

“Mas eu não posso usá-lo como exemplo. Ele não está fazendo nenhum sacrifício. Ele não trabalha para viver como você e eu. Na verdade, há pessoas no seu país que estão pagando para ele viver aqui!”.

São muitas as vezes que os missionários, liderando equipes de evangelização, ouvem a pergunta:

— Quanto será o nosso pagamento? — O problema é de perspectiva. Os missionários se vêem fazendo um grande sacrifício — eles desistiram de suas lucrativas carreiras em seu país para ministrar numa terra estrangeira. Mas na maior parte do mundo as pessoas vêem os missionários como pessoas abastadas, pagas por outros para viver vidas relativamente fáceis em suas sociedades.

Não há uma solução simples. É útil haver missionários auto-sustentados ou “fazedores-de-tendas” para mostrar às pessoas que o leigo, bem como o ministro remunerado, deve estar comprometido com a evangelização. Mas a implantação de igrejas em novas culturas raramente pode ser feita por missionários financeiramente independentes e temporários. Os primeiros raramente podem estar livres o suficiente para o trabalho permanente da missão, particularmente se trabalham para uma agência ou instituição secular. Os últimos não permanecem tempo suficiente para ajudar uma igreja a crescer até a sua maturidade completa. A longa e difícil tarefa de se identificar com as pessoas e de implantar igrejas e conduzi-las à maturidade ainda depende dos missionários que entregam longos períodos de suas vidas para ministrar numa área — e esses precisam de sustento externo.

Em parte, os missionários de tempo integral devem-se identificar com as pessoas o máximo possível a fim de que as barreiras da diferença econômica não prejudiquem a comunicação do evangelho. Em parte, eles também precisam conviver com qualquer mal-entendido sobre finanças sem ficar na defensiva, sabendo que as pessoas não têm como ver a questão de uma maneira mais ampla. Felizmente, isso está mudando à medida que os líderes locais passaram a viajar mais ao redor do mundo.

O Missionário e os Outros Missionários

Um dos conjuntos de papéis mais compensador de um missionário, embora mais difícil, é a relação com seus colegas. De um lado, esses cooperadores formam uma comunidade que compartilha uma visão e uma tarefa comum e geralmente uma herança cultural semelhante. As visitas de outros missionários são acontecimentos importantes, particularmente quando um missionário vive em isolamento prolongado.

Por outro lado, uma vez que fazemos parte de comunidades pequenas, extremamente unidas, nosso relacionamento com os colegas missionários quase sempre são intensos. Em consequência, fica sujeito a sentimentos de rivalidade, animosidade com as diferenças de personalidade e ceticismo. Muitos missionários relatam que seus maiores problemas são com outros missionários, não com as pessoas entre as quais trabalham. Isso não deve nos surpreender porque os missionários tendem a ter personalidades fortes e profundas convicções. De outra maneira, não nos tornaríamos missionários. Além do mais, não podemos escolher nossos colegas. Eles nos são oferecidos. Em nosso país, pode-

mos evitar aqueles que nos contrapõem e encontrar nossos amigos em qualquer lugar. No exterior, somos forçados a comunidades restritas de pessoas às quais não escolhemos.

“Missionário” ou colega? Se há um lugar onde podemos desenvolver o papel de “missionário”, este é com nossos colegas de campo. Eles sabem como essa posição é e como um missionário deve-se comportar.

Ser “missionário” implica uma posição e um papel dentro de uma organização missionária. Ela nos dá o poder que nos permite a realização de nosso trabalho. Por exemplo, podemos votar nos conselhos missionários, exercer autoridade nas escolas, hospitais e igrejas em que trabalhamos e levantar fundos para os nossos projetos. Essa posição também nos oferece recursos como habitação, salário, veículo e dinheiro para várias tarefas. Sem as estruturas institucionais, seria quase impossível fazermos algum trabalho.

Mas as organizações sociais também têm seus problemas inerentes. Um conjunto tem que ver com a dinâmica da vida diária. Trabalhamos intimamente com outros em nossa organização social. Procuramos sua aprovação, competimos com eles por posições e recursos, nos opomos àqueles de quem discordamos e tentamos impor nossa vontade aos outros. Um missionário se torna o diretor de uma escola, outro, o chefe da comissão de evangelização. Habilidades pessoais, idade e até mesmo política entram na indicação de missionários para as várias tarefas.

Isso, a princípio, pode-nos chocar porque sempre temos uma visão idealizada de como os missionários se relacionam uns com os outros. Esperamos encontrar uma comunidade forte, amparadora, na qual a luta insignificante das pessoas comuns esteja ausente. Mas os missionários são primeiramente seres humanos. Mudar para outra cultura não nos muda. Enfrentamos as tentações de todos aqueles envolvidos em organizações humanas e a dinâmica interpessoal pode-se tornar particularmente intensa porque sempre somos um grupo pequeno, isolado, e temos fortes sentimentos sobre o que estamos fazendo.

Algumas vezes somos pegos em rivalidades com outros colegas missionários. Se um missionário constrói uma escola primária para a igreja numa outra área, os cristãos de nossa área também querem uma. Para obter sua aprovação, nos sentimos obrigados a levantar fundos para uma escola primária e possivelmente uma escola secundária também.

Embora precisemos de instituições que amparem o nosso trabalho, não há maneiras de evitar totalmente as tensões que surgem dentro delas entre os indivíduos e grupos. Precisamos nos lembrar do nosso chamado cristão para vivermos em comunhão, e devemos conscientemente construir um espírito de equipe por meio da comunhão espiritual e da recreação juntas. Também devemos criar caminhos para lidar com tensões e conflitos antes que gerem ataques pessoais. O cuidado pastoral deve ser fornecido a todos os nossos missio-

nários. Acima de tudo, o missionário deve cultivar um espírito de flexibilidade e amor que permita solucionar problemas para o bem do corpo sem amarrá-lo à sua própria identidade pessoal.

Um segundo conjunto de problemas tem que ver com o fato de que o papel do missionário se torna uma profissão. Uma vez que pensamos nos missionários como especialistas, com treinamento filosófico e habilidades altamente técnicas, podemos ter a idéia de que sejam estrelas espirituais. Conseqüentemente, não só pessoas comuns sentem que não podem relacionar-se com missionários em pé de igualdade, mas os missionários podem até mesmo colocar suas máscaras formais quando se relacionam uns com os outros. Eles não admitem suas falhas e fraquezas para que as pessoas não os menosprezem.

Um jovem missionário entrou em crise espiritual quando, pela primeira vez, pecou contra um colega. Ele estava indo até a cidade para pegar algumas coisas para sua família e para a escola, na qual trabalhava, e seu colega mais velho lhe pediu que parasse na estação ferroviária e verificasse se uma certa caixa havia chegado. O dia foi longo e cansativo e o jovem missionário voltou tarde da noite, esquecendo-se de parar na estação. O missionário veterano estava no portão e lhe perguntou sobre a caixa. O que um novatoalaria a um colega experiente num caso como esse? Sem pensar, o jovem missionário disse:

— Não, ela não chegou. — O outro imediatamente percebeu que estava mentindo. Mas, o que deveria fazer? Três dias depois, após muita agonia, o jovem fez o que sabia que deveria fazer. Caminhou as “centenas de quilômetros” até a próxima casa e bateu à porta. Quando o missionário veterano apareceu, o jovem rapaz poderia pensar em centenas de outras coisas para falar a respeito. Mas confessou seu pecado e pediu perdão. A comunhão entre os dois foi restaurada e eles se tornaram muito amigos, mas a imagem que o jovem fazia de si como “missionário” foi desfeita e se partiu como vidro quebrado a seus pés, diante da porta.

Todos nós precisamos de posições para que possamos trabalhar com os outros. O perigo é que elas se tornem fins em si mesmas e não apenas meios para conduzir nosso ministério. Elas também podem tornar-se paredes que nos dividem em vez de pontes de cooperação e companheirismo.

Administradores, profissionais e catalisadores. Uma fonte de tensão para os missionários é o conflito entre fazer e administrar. Aqueles que são mais bem-sucedidos na evangelização e na implantação de igrejas sempre são designados para postos administrativos, mas isso os remove do trabalho que fazem com tanta eficiência.

Todo trabalho missionário requer administração e todos os missionários são ocupados nela, de algum modo. Uma boa administração pode mobilizar grandes programas que trazem ganhos de largo alcance, assim como uma má administração pode prejudicar seriamente o trabalho de todos os envolvidos.

Mas nem todos possuem o dom da administração. Por exemplo, ser um fundador eficiente de igrejas em aldeias não nos qualifica necessariamente para a administração de todo um programa missionário. A administração pode-se tornar um fim em si mesma e nos roubar do trabalho que precisa ser feito. É difícil para aqueles que estão no poder visualizar a administração como serve do trabalho missionário e não deixá-la tornar-se senhora.

O Missionário e os Administradores de Missões

Um relacionamento sensível que todos os missionários mantêm é com os administradores de sua missão. Eles todos trabalham dentro da mesma estrutura institucional e seus papéis interligados são prescritos pela natureza de sua organização.

Obviamente não podemos examinar os muitos tipos de organização missionária e a maneira que cada uma afeta a díade missionário—administrador. Os jovens missionários precisam observar sua própria situação cuidadosamente porque essa interação, juntamente com o relacionamento com seus colegas missionários, determinará em grande parte o que se espera deles.

Vários comentários gerais podem ser traçados sobre essas dinâmicas de papéis. Primeiro, podemos enfrentar o problema da confusão de papéis. Podemos ser amigos íntimos de membros do conselho ou da administração da missão e achá-los pessoalmente encorajadores e afetuosos. Mas eles também ocupam posições oficiais dentro da estrutura social. Portanto, não deve nos surpreender que o que eles dizem em encontros administrativos formais possa parecer contraditório com o que nos dizem pessoalmente.

Segundo, podemos enfrentar o problema do poder. Uma das questões centrais para muitas organizações missionárias é sobre quem deve tomar as decisões da política administrativa e prática do campo. Deve ser o missionário ou o conselho de origem? Infelizmente, os desentendimentos sobre isso têm gerado rompimento entre o pessoal de campo e a administração no país emissário.

Finalmente, podemos enfrentar o problema da lealdade dividida. Os missionários pertencem a um grupo de pessoas que chamamos de mediadores culturais — eles pertencem a duas comunidades. São importantes porque são a ponte que leva a comunicação de uma cultura para a outra. Mas eles também são suspeitos porque nenhum dos lados sabe totalmente o que o outro está fazendo. Num certo sentido, um missionário é como um agente de câmbio em um aeroporto. Os clientes devem acreditar que ele não vai roubá-los quando estiverem trocando o dinheiro.

Tendo em vista que pertencem a dois mundos culturais, os missionários prestam lealdade a dois lados. De um lado, são fiéis às igrejas que implantam. Do outro, espera-se que sejam leais às igrejas que os enviam e à organização administrativa. Quando esses dois corpos se desentendem, os missionários devem escolher a quem devem ser leais. São eles membros primeiramente da igreja nacional (que os coloca em confronto com sua agência missionária) ou

membros da missão (que os coloca em confronto com a igreja local)? Normalmente, os missionários podem servir como mediadores imparciais (mesmo assim, cada lado acredita que seus interesses foram traídos), mas pode chegar a hora em que devem romper com um dos lados.

O Missionário e as Igrejas que os Envia

Quando os missionários retornam às igrejas que os enviaram, entram num papel novo e pouco definido chamado de “missionário em licença”. Na primeira semana, a igreja-mãe pede que o missionário fale no domingo de manhã; na segunda semana, mostre *slides* no culto de domingo à noite e, na terceira semana, que dê um estudo bíblico no culto de quarta-feira. Depois disso, as pessoas começam a perguntar quando ele voltará para o campo! Nós, missionários sempre sonhamos sobre o que faremos quando voltarmos para “casa”, mas quando voltamos nos vemos numa posição desconfortável que não pode durar muito tempo.

Uma razão para o nosso desconforto é que a posição do missionário em licença é temporária e, portanto, marginalizada nas sociedades ocidentais. Os missionários em licença são estranhos. Nosso verdadeiro lugar é o campo.

Outra razão é que, como missionários, nos tornamos incrivelmente separados de nossa sociedade. Alguns missionários ficam alienados de sua base cultural mesmo antes de se tornarem missionários, e isso pode desempenhar uma parte em sua escolha por essa vocação. Todos são influenciados pelo fato de que as pessoas tendem a ver o missionário como uma pessoa especial. O público foi condicionado a pensar nos missionários como “nata da sociedade”, como pessoas que alcançaram um alto grau de maturidade espiritual e dedicação. Loewen (1975:403) observa:

Com frequência, oferecer-se como missionário é motivado por um tipo de antimundanoismo que se tornou parte das expectativas da função dos missionários realmente evangélicos. Tais pessoas voltam as costas para as preocupações maiores de seus contemporâneos em sua própria sociedade, deixam seu ambiente social e afazeres comuns para se engajarem na tarefa de “ganhar vidas” para o reino celestial. Numa sociedade que normalmente mede o valor de uma pessoa em produção mensurável, os missionários se colocam como benfeitores ímpares, cujo trabalho é produzir somente retornos “espirituais” imensuráveis. Portanto, não é de surpreender que os missionários que retornam frequentemente se sintam deslocados ou, pelo menos, fora da sociedade a que pertencem.

Não há ambiente fácil para viver como missionário em licença. Faz bem ter conversas francas com os líderes da igreja, esclarecer suas expectativas sobre nós e deixá-los saber que queremos nos reajustar à igreja como membros regulares o mais rápido possível. Isso é particularmente importante para

os nossos filhos que querem desesperadamente ser aceitos no grupo de amigos, mas que geralmente se sentem como se estivessem numa vitrine. Também é importante para a unidade familiar porque a licença gera grandes tensões no relacionamento entre marido e mulher, e pais e filhos, numa época em que todos aqueles que retornam estão desorientados e necessitam de ajuda.

Devemos ser especialmente sensíveis às necessidades de nossos filhos, que estão em choque cultural e tentam ser aceitos pelos jovens da comunidade. Tendo em vista que se sentem como estrangeiros, alguns deles são desprezados. Precisamos ajudá-los convidando seus amigos até nossas casas. Outros ficam tão determinados a se ajustar que se superidentificam com a cultura local a fim de obter aceitação. Estes precisam de compreensão e amor com grande sensibilidade.

Para nós, precisamos de expectativas realistas. As licenças são momentos difíceis. Como vivemos em alojamentos temporários ou com parentes, ou viajamos pelo país, e participamos de encontros, estamos sendo observados todo o tempo. Em tudo isso devemos estabelecer limites e privacidade para nós e nossa família.

O Missionário e Sua Esposa

Pode nos surpreender que os problemas matrimoniais não sejam incomuns entre os missionários. Em geral o comprometimento com Cristo, com outras famílias cristãs e com as pressões do trabalho quase sempre mantêm o casal de missionários unido. Mas eles são humanos e também enfrentam uma multiplicidade de tensões trabalhando juntos em situações difíceis sem praticamente nenhum sistema de apoio externo comum. Portanto, é importante que os casais missionários dêem grande prioridade ao desenvolvimento de matrimônios fortes. Bons casamentos requerem muito empenho, e nós simplesmente não podemos achar que o nosso vai ser naturalmente bom — só porque merecemos.

O ambiente missionário acrescenta várias tensões à vida matrimonial. Os missionários ficam isolados da família, dos amigos e do ambiente familiar e dependem uns dos outros para se ampararem e se encorajarem. Eles enfrentam problemas singulares de vivência na nova cultura, com dificuldades relacionadas ao tipo de casa que vivem, tipo de comida que comem e às expectativas que os outros têm deles.

Os maiores problemas são enfrentados pela esposa e mãe missionária. Na maioria dos casos, o marido tem um papel claramente definido dentro da missão. Como evangelista, diretor da escola ou médico ele pode encontrar um senso de identidade e satisfação pessoal no trabalho que faz. Afinal de contas, ele prega para grandes platéias, leva pessoas a Cristo, cura doentes e/ou educa os jovens.

Mas, e sua esposa? A menos que também seja ordenada, geralmente ela não tem nenhum papel específico no ministério. Espera-se que cuide da casa e crie os filhos como faria em seu país, mas ela o faz sob circunstâncias muito

mais difíceis. Um estudo mostrou que em muitos países gastam-se cinco horas e meia no preparo de uma refeição que no Ocidente exige uma hora e meia — em parte porque as galinhas são compradas ainda vivas.

Se a esposa contrata empregados para compensar os alimentos pré-cozidos e os eletrodomésticos que possuía em seu país, ela enfrenta outros problemas. Em resumo, a esposa faz tudo o que fazia em sua terra natal e um pouco mais, mas sem nenhuma recompensa extra e sem se sentir diretamente parte do trabalho. Ela deve ficar contente em ouvir os relatos emocionantes de seu marido e em adquirir um senso vicário de valor por meio das conquistas dele.

Algumas vezes espera-se que a esposa distribua remédios e ajude as mulheres e as crianças locais, mas isso não leva em conta sua necessidade de auto-realização no ministério. Seu papel geralmente também não lhe dá reconhecimento de que, como mãe num novo ambiente, ela tem muito mais responsabilidades que em sua terra. Ela deve ser médica, professora e amiga não-oficial das pessoas locais bem como mãe para os próprios filhos. Ela, muito mais que o marido, deve lutar com o conflito entre o duplo papel de mãe para os seus filhos e de missionária para o povo.

É importante que o marido missionário reconheça as situações difíceis em que ele pode colocar sua esposa — e que os dois desempenhem ministérios individuais importantes e sintam-se realizados.

Os Missionários e Seus Filhos

Como já vimos, os filhos e a aposentadoria são duas preocupações constantes para a maioria dos missionários. Nós podemos e optamos por deixar nossas comunidades para ministrar em outros países. Mas e os nossos filhos? Como nossas decisões afetam suas vidas?

Já vimos a posição dos filhos de missionários na bicultura. Agora acrescentaremos apenas um ou dois comentários sobre o lugar dessas crianças na família missionária. Felizmente, o serviço missionário oferece muitas oportunidades para ligações familiares fortes. A ausência de TV, da liga infantil e de eventos noturnos de todos os tipos significa que a família geralmente tem mais tempo para o culto doméstico. Ganhar nossos filhos, compartilhar com eles nossa visão do trabalho e o lugar deles na obra ajuda-os a entender o papel que têm em nosso ministério mais amplo. Igualmente importantes são a recreação e o companheirismo. Os filhos de missionários quase sempre precisavam se divertir sozinhos e, com um pouco de ajuda em seus talentos e habilidades, podem-se tornar muito criativos. Portanto, não deve nos surpreender que muitos lares de missionários desenvolvam fortes ligações familiares para o resto da vida.

Há outra razão para gastarmos tempo com nossos filhos — ser um modelo de vida familiar cristã para a igreja. Geralmente esquecemos que a maneira como vivemos fala mais alto do que aquilo que dizemos. Os novos cristãos não conhecem as particularidades da vida cristã. Quase sempre somos o único

exemplo que eles têm. Não deve nos surpreender então que nos imitem. Com frequência, eles aprendem por meio de nossas ações que os cristãos devem estar tão ocupados com o trabalho de Deus que negligenciam seus próprios filhos.

Missionários Solteiros

Uma palavra específica deve ser dita sobre os missionários solteiros, que no movimento missionário atual são quase a metade da força de trabalho. Os missionários solteiros têm ministérios singulares e importantes que frequentemente não são relatados nem reconhecidos, mas eles também enfrentam problemas particulares por serem solteiros.

Uma dificuldade comum é a solidão. É preciso graça e dons especiais para viver sozinho em um lugar novo. Uma vez que muitas sociedades não possuem um lugar próprio para os solteiros adultos, um missionário solteiro tem dificuldade em fazer amigos íntimos. Algumas vezes o problema é resolvido colocando dois missionários solteiros na mesma casa. Isso levanta questões práticas. Como eles devem coordenar suas funções e dividir as tarefas domésticas? Também exige que se encontrem ministérios compatíveis na mesma área.

Os missionários casados precisam ser sensíveis à solidão vivida pelos missionários solteiros e fazer um empenho especial em incluí-los em seus círculos de amizade, talvez adotando os solteiros como “tias” e “tios” de seus filhos. Isso promove relacionamentos de ajuda mútua para os missionários solteiros e as crianças.

Outra questão que os solteiros enfrentam tem que ver com o seu lugar na cultura local. Que posição devem ocupar? Isso é particularmente difícil de responder em sociedades em que não há papéis culturais para adultos solteiros se não de prostitutas, travestis e similares. Algumas sociedades aceitam o homem solteiro como tal e a mulher solteira mais velha como “mãe” respeitada. Outras culturas oferecem aos solteiros a condição de profetas religiosos. Se os solteiros aceitam um papel na sociedade local, eles precisam ser cuidadosos e analisar aqueles que lhes estão disponíveis, porque esses papéis geralmente têm imagens e expectativas muito específicas associadas a eles.

Uma questão muito próxima é a condição dos missionários viúvos. Em algumas sociedades é de esperar que se casem novamente; em outras, isso é desprezível particularmente para as pessoas mais velhas. Por exemplo, na Índia espera-se que os homens idosos deixem suas famílias e sirvam a Deus. Se eles se casam novamente, são vistos como carnavais e não espirituais.

Hoje, em muitas partes do mundo, os solteiros podem assumir papéis modernos, tais como de médico, enfermeiro e professor. Infelizmente, algumas vezes esses missionários estão associados com uma vida moralmente questionável. No entanto, no cômputo geral, esses papéis oferecem aos missionários solteiros lugares legítimos dentro da sociedade local.

Há um fator que atenua o problema de ser solteiro numa sociedade estrangeira. Alguém de fora é visto primeiramente como “estrangeiro” e sua identidade sexual é quase ignorada. O missionário solteiro é considerado quase assexuado. Conseqüentemente, ele pode se mover entre os respectivos mundos de homens e mulheres com mais liberdade que os membros da sociedade em que vive. Portanto, não é incomum ver os missionários solteiros servindo em papéis geralmente fechados às pessoas de seu sexo dentro da referida sociedade. Isso é particularmente verdade para a mulher solteira, que em geral tem permissão de trabalhar ao lado de homens na igreja, uma prática inaceitável para as mulheres locais.

Uma terceira questão que os missionários solteiros devem enfrentar é o seu relacionamento com os casados. Infelizmente, os solteiros são vistos como secundários na tarefa missionária. Suas necessidades são ignoradas e suas vozes não são ouvidas na administração do trabalho. É crucial que os líderes desenvolvessem um senso de trabalho em grupo entre os missionários incluindo os solteiros como parceiros de tempo integral.

Papéis Funcionais e Papéis Localizados

Muito mais pode ser dito sobre os papéis dos missionários e como eles se relacionam com a auto-imagem de um missionário (cf. Loewen 1975:412-427), com as mudanças que ocorrem durante um longo período de ministério do missionário (cf. Loewen 1975:349-369) e com o seu efeito sobre a comunicação do evangelho (cf. Smalley 1978:701-836). Porém, estudaremos apenas os papéis do missionário em relação ao lugar onde trabalha.

Antes do tempo da expansão colonial ocidental, o termo *missionário* não era usado. As pessoas falavam de missão e missões, mas não classificavam o “missionário” como um papel profissional. Por exemplo, William Carey, Adoniram Judson e outros saíram para o campo como comerciantes, professores e médicos. Eles eram convidados dos países que os recebiam e seus papéis estavam ligados a ocupações funcionais.

A idéia específica do missionário como alguém que servia no estrangeiro emergiu durante a era colonial juntamente com outros papéis como o do administrador colonial. Enquanto essas classificações incluíam funções especiais, sua definição principal tinha que ver com a localização. Por exemplo, os “administradores coloniais britânicos” serviam nas colônias. Eles não poderiam servir na Grã-Bretanha. Da mesma forma, os “médicos missionários” eram clínicos que serviam em outro país que não o seu.

Com o tempo, essa identificação da tarefa dos missionários com o lugar em vez da função provocou uma mudança no modo de o público ver seu trabalho. Os candidatos eram “missionários”, o que simplesmente significava que eles iam servir fora, mas seu trabalho não era bem definido. Alguns se tornaram professores e outros, membros de equipes médicas. Muitos eram “missionários

gerais", "pau para toda obra" que preenchiam uma variedade de funções à medida que a ocasião determinasse. Construía edifícios, administravam medicamentos, davam algumas aulas, consertavam automóveis e pregavam.

A categoria do missionário geral era e ainda é uma tarefa importante no trabalho pioneiro e sem ela muitas igrejas não teriam sido implantadas. Mas o papel tem as suas deficiências. Primeiro, porque ele é tão inespecífico, em geral não tem um objetivo. Podemos ficar tão ocupados fazendo muitas coisas diferentes que fazemos poucas coisas bem feitas. Para um ministério eficaz precisamos de uma visão clara da tarefa missionária e uma idéia firme de nosso lugar dentro dela. E esse lugar deve-se relacionar parcialmente com os nossos dons, com as funções que realizamos melhor dentro de todo trabalho. Mesmo nas missões pioneiras, não somos agentes solitários. Somos membros de um corpo, da igreja, a quem Deus confiou seu trabalho. Por isso, precisamos ver nosso ministério dentro do alcance mais amplo da missão do povo de Deus.

Segundo, o papel do missionário geral cria problemas quando os missionários são forçados, por alguma razão, a retornar para a sua terra. Os missionários com papéis funcionais podem voltar a exercer suas profissões na terra natal. Um médico missionário pode retornar e se estabelecer numa clínica. Um professor missionário pode trabalhar numa escola ocidental. Mas os missionários gerais nunca conseguem encontrar um papel em sua própria sociedade. Eles podem ter pregado fora, mas são incapazes de manter um pastorado em sua terra. Podem ter sido evangelistas enquanto estavam no exterior, mas serem incapazes de implantar novas igrejas no seu país. No fim, muitos se encontram fazendo trabalho braçal e lutam com a perda de significado e posição que isso impõe.

Os missionários modernos devem encarar a possibilidade de volta repentina à cultura original. No passado, um missionário poderia servir durante toda a vida em um campo. Hoje, com as rápidas mudanças na política mundial, isso geralmente não é uma expectativa razoável. Nem é sempre recomendável. Uma das chaves para a implantação de igrejas bem-sucedidas é saber como mudar papéis dentro de uma igreja jovem à medida que ela amadurece, e quando deixá-la para que possa aprender a caminhar sozinha. Isso não significa que devemos cortar nossas ligações com essas igrejas, mas apenas que o nosso relacionamento com elas deve servir a seu próprio bem e não ao nosso.

Isso quer dizer que no futuro o trabalho essencial em missões será feito por meio de ministérios de curto prazo? A resposta é não. Embora esteja claro que ministérios como esses podem desempenhar tarefas especiais, o cerne do trabalho continuará a ser feito pelos missionários que tiram tempo para aprender a língua do país onde estão, identificar-se com seus habitantes e cuidar de uma igreja jovem até a sua maturidade.

O que acontece então com os missionários de carreira quando as portas se fecham para o ministério que têm, ou quando não são mais necessários onde estão? Está muito claro que os missionários cujos papéis estão ligados às loca-

lidades — a países específicos — geralmente não têm para onde ir quando as oportunidades de trabalho se fecham. Por outro lado, os missionários que têm papéis funcionais e habilidades transculturais tornam-se especialistas internacionais que podem mudar de um país para outro quando for necessário. É verdade que talvez tenham de aprender uma nova língua e a se identificar com pessoas novas, mas já sabem, por experiências passadas, como fazê-lo.

Hoje, a questão sobre que papéis os missionários devem desempenhar está em grande discussão. A era colonial acabou, e é importante que os missionários se disassociem de formas mais sutis de colonialismo que ainda persistam. Na maioria dos países foram plantadas igrejas, e os missionários devem-se perguntar como se podem relacionar com elas sem serem paternalistas. Além do mais, a crescente rede de relacionamentos entre as igrejas no mundo inteiro está abrindo possibilidades para tipos novos e criativos de serviço missionário que não eram possíveis no passado.

Nessas discussões é importante lembrar que o papel multifacetado que qualquer missionário assume irá, em grande medida, modelar seu relacionamento com as pessoas a quem serve. E esses relacionamentos pessoais ainda são as pontes mais fundamentais que levam o evangelho de uma cultura para outra.

A Tarefa Inacabada

O LIVRO DE ATOS ESTÁ, DE CERTO MODO, INACABADO. ELE COMEÇA SE REFERINDO A “todas as coisas que Jesus começou a fazer e ensinar” e termina abruptamente com Paulo na prisão, em Roma. David Howard (1979:61) diz: “Aparentemente, nenhuma tentativa foi feita para dar ao livro uma conclusão. Reconheceu-se que o trabalho do Espírito Santo de difundir o evangelho continuaria através da igreja em todo o mundo”.

O que aconteceu desde aquele início? Precisamos entender o passado para visualizar que direção tomar em missões hoje.

Os Primeiros Avanços do Evangelho

O início do cristianismo não foi promissor. Durante os três anos de seu ministério público, Jesus não escreveu nenhum livro e nem criou uma organização sofisticada para conduzir sua mensagem e seu trabalho. Sua crucificação pareceu marcar o fim de um visionário bem-intencionado, mas pouco prático. Até mesmo depois da sua ressurreição os seguidores de Jesus constituíam apenas um pequeno grupo de cristãos, uma das várias facções judaicas e uma das fés mais fracas que estavam competindo no mundo greco-romano. O Império Romano em si abrangeu somente uma pequena parte do mundo e foi logo devastado pelos bárbaros. A despeito disso, em cinco séculos, o cristianismo havia conquistado a lealdade de uma grande maioria no império e enviado missionários para a Europa, norte da África, e interior da Ásia e da Índia.

O cristianismo sofreu com a queda do Império Romano, mas muito mais com as invasões calamitosas dos muçulmanos árabes que o baniram do norte da África e da Ásia ocidental e enfraqueceram sua base na Europa. Internamente, as igrejas estavam sofrendo com a perda do ânimo e do número de fiéis. Dos anos 500 a 950 d.C. o destino do cristianismo pareceu equilibrar-se.

Entretanto, durante esse mesmo período, os invasores bárbaros da Europa ocidental foram ganhos para Cristo, e no ano 1000 d.C. eles haviam estabelecido uma civilização na Europa que impediu o avanço muçulmano e fomentou o surgimento de novos movimentos monásticos e universitários fortes e a formulação de grandes teologias. Durante essa era, os missionários espalharam o evangelho pelos Bálcãs e Rússia, e pela Ásia até a costa da China.

Entre os anos 1350 e 1500 o cristianismo ficou estagnado. Morreu na China e no interior da Ásia e perdeu a Europa oriental e a Ásia Menor para os turcos muçulmanos. A igreja ocidental estava enfraquecida pelas rivalidades internas e havia perdido sua visão missionária.

Depois de 1500, a igreja experimentou o ressurgimento de uma nova vida por meio das reformas protestante e católico-romana e, um pouco mais tarde, a renovação do cristianismo russo. Logo depois, os países europeus iniciaram uma série de descobertas geográficas, aventuras comerciais e conquistas que espalharam sua influência ao redor do mundo. O evangelho sempre foi junto. Nos séculos XVI a XVIII, o cristianismo foi implantado nas Américas, às margens da África, ao sul do Saara, pelas regiões ao norte e sobretudo ao sul e leste da Ásia e suas ilhas costeiras. Grande parte desse trabalho foi realizado pelos católico-romanos da Espanha e de Portugal. Na maior parte, os protestantes tiveram pouco interesse em missões naquela época.

A Era das Missões Protestantes

O movimento missionário protestante começou no início do século XVIII entre os pietistas e os morávios. Liderados pelo conde Zinzendorf, os missionários morávios auto-sustentados foram para a Groenlândia, a América e a África. Eles foram instruídos a não aplicar seus próprios padrões alemães às outras pessoas, mas a reconhecer as distinções culturais dadas por Deus às pessoas entre as quais serviam.

O interesse em missões se espalhou para outras culturas com a fundação da Sociedade Missionária Batista por William Carey, em 1792. Durante os primeiros vinte e cinco anos depois que Carey viajou para a Índia, uma dúzia de agências missionárias foram criadas nos dois lados do Atlântico e foram enviados missionários para a maior parte do mundo.

A influência de Carey levou as mulheres em Boston a formar grupos femininos de oração missionária, e as mulheres verdadeiramente se tornaram as principais mantenedoras do conhecimento e da motivação missionária. As mulheres solteiras começaram a sair como missionárias e, por volta de 1865,

havam organizado conselhos missionários totalmente geridos por elas mesmas.

Esse início da era das missões protestantes foi caracterizado por um alto grau de amor e sacrifício. Os missionários deram a vida pelo trabalho e um grande número de missionários, suas esposas e filhos morreram muito jovens. Mas a morte deles inspirou muitos a ir para os campos remotos. A era também foi caracterizada pela alta qualidade daqueles que saíram e por uma grande sensibilidade às culturas nas quais ministravam. Muitos dos missionários eram formados em seminários e faculdades de medicina, e a maioria deles dominava o idioma e entendiam bem a cultura do país onde estavam. Alguns se tornaram poetas e escritores reconhecidos nessas línguas.

Um segundo surto de missões protestantes ocorreu no final do século XIX. Em 1865 Hudson Taylor liderou um movimento para o interior da China e nas décadas de 1880 e 1890 o Movimento Voluntário Estudantil levou cem mil voluntários a dar a vida para as missões. Desses, vinte mil foram para o exterior; os outros se mobilizaram para fortalecê-los. No entanto, nessa época, o colonialismo ocidental com sua noção de superioridade das culturas européias e norte-americanas começou a influenciar o movimento missionário. Muitos missionários adotaram o *slogan* "Civilização e Cristianismo" como lema. Os nativos e suas culturas tinham de ser transformados pela cultura européia, que se equiparava à cultura cristã. De tempos em tempos se levantavam vozes que discordavam, mas a maioria não tinha dúvidas da inerente superioridade da civilização ocidental.

No século XIX, o comércio surgiu na estratégia missionária protestante. Os missionários concluíram que a única solução duradoura para pecados como a escravidão era a introdução do comércio legítimo, o que tornaria esse pecado economicamente pouco atrativo.

Os efeitos negativos dessa atitude colonial em missões sobrevive até hoje. Wilbert Shenk (1980:37) informa:

Entre alguns povos não-ocidentais ela produziu uma rejeição orgulhosa das coisas ocidentais e cristãs. Em outras, destruiu a auto-estima. Muitos nativos norte-americanos e sul-americanos encarnam os resultados de uma longa campanha que lhes dizia que sua cultura não tinha valor e que eram subumanos. ... Essa confiança acrítica na chamada cultura cristã e a rejeição igualmente acrítica de outras culturas cegou os missionários para a necessidade de serem críticos a respeito de *todas* as culturas. Ao mesmo tempo, ela retardou o processo para o encontro de valores e pontos de referência positivos numa determinada cultura com a qual a fé cristã poderia relacionar-se e sobre a qual a igreja poderia ser construída.

A despeito de sua abordagem colonial, os missionários implantaram igrejas na maior parte do mundo durante o século XVIII e início do século XIX.

Por um lado, seu amor e sacrifício sempre ganhavam o coração das pessoas a quem serviam. Muitos gastaram a vida toda ministrando no exterior. Por outro lado, Deus escolheu fazer seu trabalho usando pessoas comuns, com todas as suas fraquezas. Esses missionários foram pessoas que pertenceram à sua época tanto como nós pertencemos à nossa. Embora possamos ver suas faltas com mais clareza do que eles as viam, precisamos nos lembrar de que as pessoas que virão depois de nós irão perceber nossas falhas da mesma maneira.

O rápido crescimento da igreja durante a era moderna de missões é um testemunho mais a favor do trabalho de Deus na vida das pessoas ao redor do mundo do que sobre o sucesso do esforço humano. Deus tomou pessoas quebrantadas e dedicadas e realizou seu trabalho.

O Cenário Atual de Missões

O mundo do século XX está sendo tomado por fortes mudanças que estão alterando a face da terra e que também têm profundas implicações para missões no futuro.

Crescimento da População

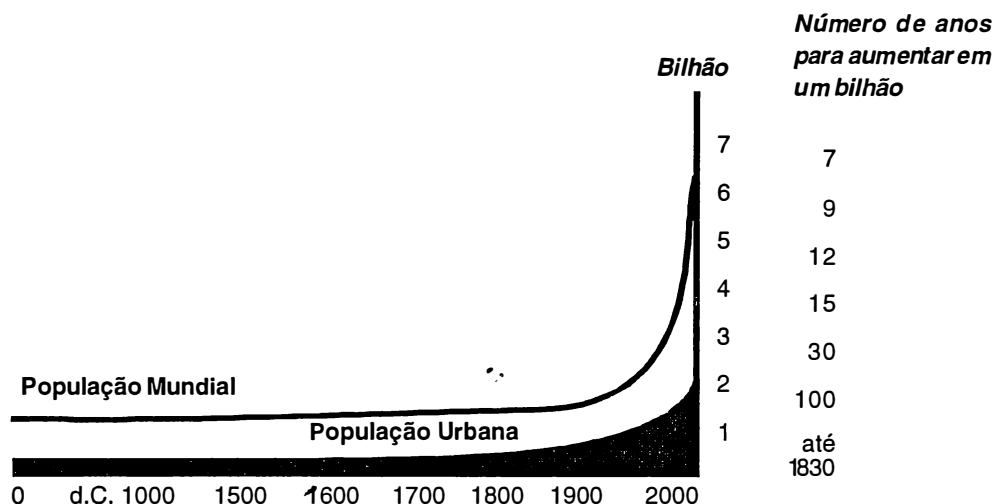
A primeira mudança significativa é o crescimento populacional. O aumento atual da população mundial confunde nossa imaginação. Há 90 milhões a mais de pessoas no mundo hoje do que há um ano, 249 000 a mais que ontem; 10 400 agora do que há uma hora. Demorou de Adão até 1830 para que o mundo alcançasse uma população de um bilhão de pessoas. Levou mais outra centena de anos para que o segundo bilhão fosse acrescentado, trinta para o acréscimo do terceiro e quinze para o quarto bilhão. Levará vinte anos para acrescentar o quinto, e nove para adicionar o sexto bilhão à população mundial (veja Figura 37).

O impacto desse aumento está sendo sentido em todas as partes do mundo e em todas as áreas da vida humana. Especialmente em certas áreas geográficas, resultou em superpopulação, fome, falta de madeira e outros combustíveis, doença, multidões e até mesmo guerras. Isso aumentou muito a tarefa missionária. A população mundial hoje é seis vezes maior do que quando William Carey foi para Índia, em 1793. Em números absolutos há também mais não-cristãos do que antes.

Urbanização

Outra onda de mudança cultural é a urbanização. Nunca houve na história tamanho movimento de massas que tenha causado mudança tão drástica no estilo de vida. Em 1800, cerca de 97% da população mundial vivia em fazendas ou em aldeias com populações de menos de cinco mil pessoas. Mas no final deste século, mais de 55% viverá em grandes cidades (veja Tabela 6). Em 1800 somente a cidade de Londres tinha mais de um milhão de habitan-

FIGURA 37
Crescimento da População Mundial e Urbana



tes. Em 1972 havia mais de cem cidades com uma população maior que essa, treze com mais de cinco milhões, e quatro com mais de dez milhões.

Embora a urbanização tenha sido primeiro um fenômeno ocidental, hoje ela está ocorrendo mais rápido na África, Ásia e América Latina do que em qualquer outro lugar. No final deste século, só uma cidade americana ou europeia estará entre as dez mais populosas (veja Tabela 7). Haverá então quatrocentas cidades com mais de um milhão de pessoas, e sessenta e cinco com mais de cinco milhões.

O que significa para missões essa mudança urbana? A maioria das igrejas no passado era negativista com relação à vida na cidade. Elas viam as cidades como prejudiciais, seculares e incrédulas. Conseqüentemente, poucas agên-

TABELA 6
A Urbanização do Mundo

Ano	Porcentagem de Cidades com mais de 5 000 Habitantes	Porcentagem de Cidades com mais de 100 000 Habitantes
1800	3,0	1,7
1900	13,6	5,5
1975	39,0	24,0
2000	55,0	35,0

TABELA 7

Metrópoles no Ano 2000

Ano	População no Ano 2000 (em milhões)	Crescimento desde 1980 (em porcentagens)
Cidade do México	31,0	+107%
São Paulo	25,8	+91%
Xangai	23,7	+66%
Tóquio (incluindo Yokohama)	23,7	+19%
Nova York (área metropolitana incluindo partes de Nova York e Nova Jersey)	22,4	+11%
Pequim	20,9	+83%
Rio de Janeiro	19,0	+78%
Bombaim	16,8	+102%
Calcutá	16,4	+86%
Jakarta	15,7	+115%

Reimpresso de U.S. News & World Report, edição de 2 de agosto, 1982. Copyright, 1982, U. S. News & World Report, Inc.

cias missionárias se concentraram no trabalho das áreas urbanas, parcialmente porque é muito difícil levantar sustento para essa tarefa. De alguma maneira, as cidades não são consideradas campos missionários glamourosos. Os cristãos tendem a pensar em missões como viagens envolventes a tribos distantes de pessoas que nunca viram nenhum homem branco e nunca ouviram o evangelho. O fato é que existem mais pessoas não-evangelizadas na cidade do que nas selvas!

As cidades modernas oferecem um dos maiores desafios para as missões contemporâneas. Nelas encontram-se pessoas que vão e vêm de todas as partes do mundo. Se seguirmos o exemplo de Paulo e ganharmos as pessoas da cidade, o evangelho será espalhado para outras áreas urbanas, para as regiões rurais que dependem delas e, então, para outras partes do mundo. Se Deus está no controle da história, então deve haver um propósito nesse movimento maciço de pessoas para os centros metropolitanos. Difundir o evangelho certamente faz parte desse objetivo.

A implantação de igrejas nas cidades exige novas estratégias. Os métodos utilizados pelos missionários na evangelização de tribos e sociedades agrícolas

geralmente não funcionam numa sociedade urbana. É claro que alguns princípios permanecem: a necessidade de entender as pessoas e seus problemas; a necessidade de haver identificação com elas no amor e no ministério; e, acima de tudo, a necessidade de depender do poder e da liderança de Deus. Mas há muitas dinâmicas novas que devemos aplicar, pois se relacionam com estruturas e culturas únicas da cidade. Estas nós estamos só começando a aprender.

Crise Cultural

Estamos vivendo uma época de crise cultural repentina e crescente tumulto social. Globalmente, essas tendências abrem muitas portas para o testemunho cristão por meio do ministério da compaixão, mas também tornam esse testemunho mais caro para aqueles que serviriam aos milhões do mundo.

Violência. As missões de hoje e de amanhã devem lidar com a crescente violência que está assolando o mundo. Entre 1900 e 1941 ocorreram vinte e quatro guerras internacionais e civis. Entre 1945 e 1969, um período muito mais curto, houve não menos que noventa e sete guerras. Em 1984 umas quarenta guerras de diversas magnitudes estavam ocorrendo ao redor do mundo (Kroeker 1984:5). A elas devemos somar o terrorismo crescente, a violência das ruas e os seqüestros que impregnam até mesmo o mundo “civilizado”.

As implicações de tudo isso para missões são múltiplas. A igreja deve evangelizar aqueles que são vítimas dessa violência e ministrar a eles. Há mais de dezessete milhões de refugiados ao redor do mundo, a maioria deles está em grande necessidade e muitos estão abertos à mensagem do evangelho. A igreja também deve desempenhar o papel de pacificadora. Onde ela procedeu assim, como na Indonésia, as portas para o testemunho se abriram. Infelizmente, até mesmo os missionários devem estar preparados para ser seqüestrados, sofrer e morrer por causa do espírito de violência que escolhe vítimas indiscriminadamente e sem nenhum código cultural ou padrão moral.

Pobreza e fome. David Barrett observa que 780 milhões de pessoas hoje vivem em absoluta pobreza, uma condição de vida definida pelo Banco Mundial como “tão caracterizada pela má nutrição, pelo analfabetismo e pelas doenças que está abaixo de qualquer definição razoável de decência humana” (Barrett 1982:5). Cerca de 500 milhões desses necessitados estão à beira da inanção e outro 1,5 bilhão está malnutrido. O crescente ressentimento contra a riqueza do Ocidente tornou essas pessoas abertas ao marxismo e a seus objetivos revolucionários.

Os efeitos da pobreza são particularmente danosos aos bebês e às crianças. Dos 125 milhões de bebês nascidos em 1981, 12 milhões morreram antes de um ano de vida e outros 5 milhões não chegariam aos cinco anos de idade. Uma criança em cada quatro sofre de má nutrição; quatro em cada cinco crianças não recebem cuidados de saúde. As crianças mais pobres acabam sempre ten-

do filhos cedo: 40% desses primeiros nascimentos na África, Ásia e América Latina são de meninas de quinze anos de idade ou ainda mais jovens.

Ao contrário disso, o 1,5 bilhão de seguidores de Cristo é dono de dois terços dos recursos do mundo e tem uma renda anual média três vezes maior que a dos não-cristãos. No entanto, nem todos os cristãos são materialmente ricos. Quase 200 milhões vivem em absoluta pobreza enquanto 750 milhões de seus companheiros cristãos vivem com abundância. Embora a maioria dos cristãos abastados defenda a melhoria dessa situação, em média eles dão menos de 3% de sua renda para o ministério cristão. Se dessem só o dízimo, Barrett conclui que “grande parte dos problemas mundiais de fome, pobreza, doença, desemprego, falta de água e assim por diante poderiam ser resolvidos se os cristãos compartilhassem seu dinheiro, suas riquezas, propriedades e seus bens”. (Jantz 1984:4-5).

Os missionários do Ocidente devem estar cientes não só do crescente sofrimento no mundo inteiro devido à pobreza, mas também do fato de que eles mesmos são associados em muitas partes do mundo à abundância do Ocidente.

Opressão e injustiça. As pessoas de todo o mundo estão-se tornando muito conscientes da opressão e da injustiça. O conceito de direitos humanos, que tem suas raízes no cristianismo, foi largamente aceito em muitas nações modernas, pelo menos na retórica, se não na prática. Como resultado, a maioria dos governos — estejam eles fundamentados no cristianismo, em outras religiões ou no marxismo — censura a injustiça. Na igreja cristã, particularmente na América Latina, surgiram teologias que tentam lidar construtivamente com a opressão humana.

Os missionários de hoje devem pensar numa resposta bíblica para a injustiça e o sofrimento e, então, tomar as medidas adequadas. Podemos discordar das teologias de libertação, mas não podemos evitar a questão humana, que se tornou uma das mais agonizantes de nossos dias.

Nacionalismo

Outro fenômeno cultural que toma conta da terra é o nacionalismo. Presenciamos o colapso do sistema colonial que dominou o cenário missionário durante os últimos dois séculos. Num sentido, uma era morreu e outra está lutando para nascer, embora o futuro da organização política humana ainda esteja obscuro. Herbert Kane e Ralph Covell (1981:347) escrevem sobre o significado do nacionalismo para o movimento missionário:

Não há dúvidas: estamos vivendo um novo dia no que diz respeito à missão cristã. Os últimos trinta anos viram mais mudanças na configuração política do mundo que qualquer período anterior de extensão semelhante. O colonialismo, a força mais poderosa do mundo no século XIX, deu lugar ao nacionalismo como a maior força do século XX... O movimento missionário

agora se encontra numa atmosfera política algumas vezes favorável, outras vezes desfavorável — e outras ainda claramente hostis.

O problema é que tivemos situação muito boa no século XIX. Naqueles dias, o missionário cristão podia ir e vir como quisesse. Raramente eram solicitados passaportes e se desconheciam os vistos. Os grandes poderes europeus impunham sua paz em todos os continentes, e os missionários desfrutavam da proteção de suas respectivas autoridades coloniais.

Hoje a situação mudou drasticamente. A Organização das Nações Unidas começou em 1945 com cinquenta e um membros efetivos. O número de membros hoje é quase o triplo. A maioria dos novos membros são ex-colônias que conseguiram sua independência desde 1960.

Naturalmente esses países passaram a exercer sua recente soberania, o que inclui o direito de excluir ou expulsar alguém considerado indesejado. Os regimes comunistas e muitos países muçulmanos fecharam suas portas para os missionários cristãos. Outros, agindo em nome do interesse nacional, baniram ou restringiram as atividades missionárias. Hoje não só os vistos, mas também as permissões de residência e de trabalho devem ser solicitados, gerando uma burocracia interminável e esperas frustrantes para os missionários, mesmo em países que ainda lhes permitem a entrada.

As revoluções complicam o quadro. Países uma vez abertos para o trabalho missionário, como a Etiópia, se fecham depois de golpes políticos. Outros como Uganda, ficam mais abertos depois de uma mudança no governo. Os missionários devem aprender a trabalhar no meio de revoluções e estarem abertos a se mudar para onde houver portas abertas para o serviço.

O Renascimento das Religiões Não-Cristãs

Hoje, talvez pela primeira vez na história, o planeta todo está-se tornando pluralista no tocante a religião. As diversas religiões já estiveram de maneira geral confinadas a áreas geográficas específicas. O hinduísmo se sentia em casa na Índia, o budismo, no leste e sudeste asiático, e o islamismo, no Oriente Médio, norte da África e Indonésia. Agora, há muçulmanos na Europa, budistas na Inglaterra e Alemanha e hinduístas nos Estados Unidos. O campo missionário é o mundo todo (Tabela 8).

Além do mais, há uma crescente militância e mentalidade missionária nas religiões não-cristãs, estimuladas em parte por uma reação às missões cristãs. Por exemplo, o islamismo organizou um movimento missionário financiado com o dinheiro do petróleo e hoje está crescendo mais rapidamente que o cristianismo. Se os índices atuais de crescimento continuarem, ele superará o cristianismo no final do próximo século. O hinduísmo reformado está-se espalhando rapidamente na Europa, e o budismo têm centros missionários na Alemanha e na Holanda. Os missionários cristãos não são mais os únicos a pregar nas ruas das cidades e nas aldeias rurais.

TABELA 8

Populações das Religiões do Mundo
(Em milhões de pessoas e porcentagem da população mundial)

Ano (d.C.)	30	1000	1800	1900	1985	2000
População Mundial	170	270	903	1 620	4 781	6 260
Cristãos	0	50	208	558	1 549	2 020
%	0	18,7	23,1	34,4	32,4	32,3
Muçulmanos				200	817	1 200
%				12,4	17,1	19,2
Hinduístas				203	648	859
%				12,5	13,5	13,7
Budístas				127	296	359
%				7,8	6,2	5,7
Religiões Populares Chinesas				380	188	158
%				23,5	3,9	2,5
Religiões Tribais				118	103	101
%				7,3	2,3	1,9
Agnósticos e Ateus				3	1.016	1 334
%				0,2	21,3	21,3

De World Christian Encyclopedia, org. David B. Barrett (Nairobi: Oxford University Press, 1982), p. 3, 6.

Juntamente com esse ressurgimento das religiões não-cristãs, há uma estranha disseminação do secularismo entre as populações mais cultas do mundo. Isso representa um esquecimento das questões de preocupação fundamental e uma ênfase apenas nos aspectos desta vida.

O Desafio do Futuro

As vastas mudanças em nosso mundo atual criam muitos problemas novos para as missões cristãs. Também trazem oportunidades novas. Como as ligações coloniais estão sendo desfeitas, o nosso franco acesso a grande parte mundo está-se acabando. Mas também está desaparecendo a identificação das missões cristãs com o colonialismo ocidental. Há uma crescente sensibilidade nas missões modernas quanto ao pluralismo nacional e cultural e uma busca simultânea por modelos pós-coloniais para o ministério missionário.

O ressurgimento de religiões tradicionais é igualado a uma crescente vitalidade nas igrejas jovens ao redor do mundo. Hoje, precisamos enfrentar o fato de que a igreja é verdadeiramente internacional. O crescimento mais rápido está ocorrendo particularmente na África Central, nordeste da Índia, Coreia e América Latina. Livres do paternalismo dos primeiros tempos, muitas dessas igrejas estão mostrando vida nova e visão por missões. O maior aumento da força missionária hoje vem das igrejas da África, Ásia e América Latina. Os missionários coreanos servem agora em Los Angeles e os da Índia se aventuram na Europa. Com o mundo todo se tornando um campo missionário, as igrejas espalhadas pela terra têm-se tornado caracteristicamente missionárias. Portas que se fecham aos esforços da igreja em um país se abrem em outros.

A questão permanece em como as igrejas, particularmente as do Ocidente, irão reagir aos novos desafios e às oportunidades. Uma coisa que ficou clara através da história é que a ação missionária é primeiro, e além de tudo, um trabalho de Deus. E se alguma igreja perde o interesse nessa tarefa, Deus irá encontrar outras mãos para fazer o trabalho. Jerusalém, Antioquia, Éfeso e Alexandria, cada uma serviu por um tempo como um centro de irradiação missionária para a igreja primitiva, e quando uma delas se desviava, Deus fundava uma nova base para o seu trabalho. Na Idade Média, Constantinopla, Roma e França continuaram esse trabalho da igreja até que cada uma, por sua vez, perdeu a visão missionária. Então, Espanha e Portugal, Alemanha e Inglaterra e, em nosso século, América do Norte, se tornaram centros de evangelização. A lição está clara. Se não tivermos fé no chamado de Deus para exemplificarmos e representarmos a igreja em testemunho e vida, Deus levantará outros agentes.

Precisamos ouvir novamente a Grande Comissão de Cristo: "Como o Pai me enviou, eu vos envio a vós". E devemos responder com uma vida de discipulado que esteja pronta a suportar o custo e o sofrimento exigidos pela obediência ao chamado de Deus. Não ousemos nos desviar dessa responsabilidade.

Canon Theodore Wedel contou a parábola de uma costa marítima perigosa onde muitos barcos naufragavam e muitas vidas se perdiam (Sweazey 1968:12-13). Voluntários de uma vila de pescadores próxima muitas e muitas vezes enfrentaram a tempestade e resgataram várias pessoas que se estavam afogando, e aqueles que eram salvos geralmente se uniam à corporação de resgate.

Um dia, um voluntário sugeriu que com treinamento poderiam fazer um trabalho melhor. Assim, no verão as equipes de resgate praticavam remo e arremesso de bóias, e posteriormente se tornaram capazes de salvar mais vidas. Outro voluntário pensou que deviam construir um abrigo próximo da costa para guardar os barcos de resgate. Dessa maneira eles não perderiam mais tempo trazendo seus barcos da aldeia. Depois de um tempo, um terceiro voluntário sugeriu que construíssem um alojamento para as pessoas que eram salvas porque elas sempre morriam de frio. E um outro recomendou que se

acrescentasse uma cozinha para fazer sopa e aquecer as vítimas da tempestade. Todas essas inovações aumentaram a eficácia do trabalho.

Depois, um membro da equipe de resgate sugeriu que esperassem no abrigo dos barcos durante as tempestades para que estivessem prontos quando um navio naufragasse. Outro propôs adicionar uma sala de jogos para que não ficassem entediados, e um terceiro, que aumentassem a cozinha para que tivessem bebidas e alimentos quentes enquanto esperavam no abrigo dos barcos. Os participantes trabalharam com grande prazer na construção de seus projetos e acrescentaram uma sala-de-estar e um restaurante bem equipado. A estação de resgate cresceu em prestígio e muitos se uniram para contribuir.

À medida que o tempo passou, um membro verificou que o trabalho de resgate era tarefa muito especializada e que só as pessoas altamente treinadas deveriam fazer o trabalho. Então, contrataram homens jovens para enfrentar a tempestade enquanto o restante os incentivava do complexo de resgate. Finalmente, os membros tiveram uma reunião e decidiram interromper a parte de salvamento de vidas do “clube”. Ela era muito dispendiosa e todos estavam muito ocupados com as reuniões relacionadas ao comitê e outras atividades.

Alguns protestaram, porque isso colocava de lado o objetivo principal, deram-se e começaram uma verdadeira estação de salvamento mais abaixo na costa. Novamente, eles saíam no meio da tempestade e enfrentavam as ondas para resgatar aqueles que se estavam afogando.

Um dia, um voluntário sugeriu que com alguma prática, poderiam fazer um trabalho ainda melhor. Assim, no verão eles recrutaram equipes treinadas em remo e arremesso de bóias e resgataram mais pessoas. Logo, as equipes do clube mais acima na costa os desafiaram a uma competição porque, embora o grupo tivesse desistido do salvamento real, permanecia fazendo “resgates” como esporte de verão. E quando uma estação de resgate vencida, seus membros recebiam um troféu.

Mais tarde, alguém do grupo mais recente sugeriu que construíssem um abrigo de barcos próximo à costa para guardar seus barcos e outros acrescentaram que precisavam de cozinha e abrigo para os que eram resgatados. Depois de um tempo, eles construíram uma sala de jogos e um restaurante para as pessoas que esperavam na costa durante as tempestades.

Com o passar do tempo, o resgate se tornou uma prática altamente especializada e pessoas experientes foram contratadas para o trabalho. Um dia, os membros decidiram interromper o salvamento porque ele custava muito e estavam todos muito ocupados. Alguns protestaram e se mudaram mais para baixo na costa e começaram uma verdadeira estação de resgate.

Sabemos o resto da história.

Conta-se que se visitarmos aquela costa marítima hoje, encontraremos uma série de clubes exclusivos em toda sua extensão. Nenhum deles está muito

interessado no salvamento de ninguém, embora ainda ocorram muitos naufrágios naquelas águas e muitas pessoas se estejam afogando.

Meditações de um Missionário

Embora eu fale o dialeto das pessoas a quem sirvo e possa pregar com o poder da eloquência de um evangelista veemente; embora como cirurgião possa operar com perícia; embora como agricultor possa cultivar arroz de primeira qualidade, e como professor possa dar conferências com erudição, se não tiver amor, minha mensagem é vazia.

E embora eu tenha o talento do organizador e do administrador diplomático nos conselhos e reuniões; embora possua toda a confiança necessária para levantar grande sustento financeiro, se não tiver amor, não sirvo para nada.

E embora eu reparta meus bens e dê dinheiro aos pobres, se não ajudar meu irmão e irmã a se tornarem seguidores de Cristo fortes e independentes, não alcanço absolutamente nada.

O amor, se for genuíno na vida e no trabalho de um missionário, é paciente e construtivo; não busca posição e prestígio. O amor se agrada de ver um líder local competente na liderança e não fica enciumado. O amor procura treinar uma liderança nacional; não nutre idéias soberbas de sua própria importância; nunca fica ansioso para impressionar. O amor procura identificar-se com as pessoas e nunca é arrogante e etnocêntrico.

O amor genuíno não é depreciativo. Não reúne estatísticas dos erros dos outros. O amor busca mostrar alegria e perdão, fracasso e sucesso, de maneira útil. O amor não é facilmente provocado quando há uma diferença de opinião ou surgem diferenças culturais; e quando se espalham rumores, o amor dá um voto de confiança.

O amor genuíno é companheiro. É melhor fracassar com um líder nacional à frente do trabalho do que ser bem-sucedido sem ele. O amor não é melindroso; nunca esconde sentimentos de dor. O amor nunca obstrui o entendimento; ele se regozija em compartilhar a verdade.

O amor mantém a mente aberta; dispõe-se a tentar novos métodos e meios de fazer as coisas. O amor não considera o passado tão precioso de forma que limite novas visões. O amor dá coragem para mudarem-se velhas maneiras quando é necessário; é flexível para adaptar as formas experimentadas e confiáveis da cultura do missionário que se ajustem ao novo contexto cultural da sociedade local. A menos que estejamos preparados para nos adaptar e mudar, teremos defensores de um sistema velho, mas nenhuma voz nova; guardiões estabelecidos, mas não quem busque a verdade; teremos pregadores e não profetas. Conservaremos o arbusto meticulosamente aparado por jardineiros contratados, utilizando equipamento caro, mas dentro do arbusto não haverá fogo queimando.

O amor que confia como uma criancinha nunca falha. Grandes instituições podem deixar de existir; mesmo as escolas e faculdades fortemente subsidiadas que transmitem conhecimento podem fechar. Se a sabedoria ali adquirida

deixar de levar os alunos a Cristo, o Salvador, seria melhor confiar tal educação ao governo; porque sem ele, que é “o Caminho, a Verdade e a Vida”, nosso conhecimento é sempre incompleto. O amor que não tem outro desejo a não ser a confiança, nunca falha.

Estamos numa época de mudança e transição. A era pós-colonial está sobre nós. E onde está a pessoa que sabe para onde estamos indo ou o que acontecerá no mundo de missões e evangelização? Aqui na terra, só podemos compreender vagamente.

Quando as missões cristãs ainda estavam no estágio da infância, os métodos de proclamação do evangelho de Cristo eram simples e às vezes ingênuos. A autoridade estava nas mãos de poucos. Mas já que as missões têm mais de um século de crescimento e maturidade, devem colocar de lado a dependência infantil. Uma igreja do Senhor, nova, vibrante, identificada deve ser plantada profundamente no solo de cada pessoa; uma igreja que não seja apenas auto-sustentável, autogovernada e automultiplicadora, mas que também seja capaz de uma autoteologia.

Mas aconteça o que acontecer, seja qual for a direção em que os ventos da mudança soprem, há essa certeza: Nosso Senhor não ficou e nem ficará sem um testemunho. Por meio de sua criação e redenção ele está aperfeiçoando seu plano na história e ao longo dela, embora tudo agora pareça confuso, desconcertante e algumas vezes sem esperança.

Uma coisa é certa: as instituições passarão, mas o trabalho feito por mãos que repartiram com os necessitados e que proclamaram a mensagem da salvação do amor de Cristo, que morreu, ressurgiu e vive como Senhor da vida, nunca, nunca passará. Nessa vida só há três qualidades que perduram: fé, esperança e amor; estas três. Mas a maior delas é o amor.

Bibliografia

Arensberg, Conrad M., e Arthur H. Niehoff

1964 *Introducing Social Change: A Manual for Community Development*. Chicago: Aldine.

Arias, Mortimer

1982 "Centripetal Mission or Evangelism by Hospitality." *Missiology* 10:69–81.

Barrett, David B., ed.

1982 *World Christian Encyclopedia: A Comparative Survey of Churches and Religions in the Modern World*. Nairobi: Oxford University Press.

Beeby, H. D.

1973 "Thoughts on Indigenizing Theology." *South East Asia Journal of Theology* 14:34–38.

Berger, Peter, Brigitte Berger, e Hansfried Kellner

1970 *A Rumor of Angels: Modern Society and the Rediscovery of the Super-natural*. Garden City, N.Y.: Anchor Books, Doubleday.

1974 *The Homeless Mind: Modernization and Consciousness*. New York: Vintage Books.

Boyd, Robin H.

1974 *India in the Latin Captivity of the Church: The Cultural Context of the Gospel*. London: Cambridge University Press.

Brewster, E. Thomas, e Elizabeth S. Brewster

1982 *Bonding and the Missionary Task*. Pasadena: Lingua House.

Brislin, Richard W., e H. Van Buren

1974 "Can They Go Home Again?" *Exchange* 9:19–24.

Burt, E. A.

1954 *The Metaphysical Foundations of Modern Science*. Garden City, N.Y.: Doubleday.

- Carlson, Dwight L.
 1974 *Run and Not Be Weary*. Old Tappan, N.J.: Revell.
- Condon, J. C.
 1976 "Cross-cultural Interferences Affecting Teacher-Pupil Communication in American Schools." In *Intercultural Communication: A Reader*, editado por Larry A. Samovar e Richard E. Porter, pp. 340-347. Belmont, Calif.: Wadsworth.
- Condon, J. C., e Fathi S. Yousef
 1975 *An Introduction to Intercultural Communication*. Indianapolis: Bobbs-Merrill.
- Dabner, Jack
 1983 "Notes on Communication." Singapore: Haggai Institute. Drach, George, e Calvin F. Kuder
 1914 *The Telugu Mission of the General Council of the Evangelical Lutheran Church in North America*. Philadelphia: General Council.
- Dye, T. Wayne
 1982 *The Bible Translation Strategy: An Analysis of Its Spiritual Impact*. Ph.D., dissertação. Fuller Theological Seminary.
- Elliot, Elisabeth
 1975 *These Strange Ashes*. New York: Harper and Row.
- Engel, James
 1984 "Communicating the Gospel with Understanding." Atlanta, Ga.: Haggai Institute.
- Firth, Raymond
 1973 *Symbols: Public and Private*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press.
- Foster, George
 1965 "Peasant Society and the Image of the Limited Good." *American Anthropologist* 67:2 (April):293-315.
- Geertz, Clifford
 1972 "Religion as a Cultural System." In *Reader in Comparative Religion*, editado por W. A. Lessa e E. Z. Vogt. 3rd ed. New York: Harper and Row.
- Glasser, A. F., et al.
 1976 *Crucial Dimensions in World Evangelization*. South Pasadena: William Carey Library.
- Hall, Edward T.
 1959 *Silent Language*. Greenwich, Conn.: Fawcett.
- Hiebert, Paul G.
 1967 "Missions and the Understanding of Culture." In *The Church in Mission*, editado por A. J. Klassen. Fresno: Board of Christian Literature, Mennonite Brethren Church.

- 1976 "Social Structure and Church Growth." In *Crucial Dimensions in World Evangelization*, editado por Arthur F. Glasser et al. South Pasadena: William Carey Library.
- 1982a "The Flaw of the Excluded Middle." *Missiology: An International Review* 10:35–47.
- 1982b "The Bicultural Bridge." *Mission Focus* 10:1–6.
- 1983a "Anthropological Tools for Missionaries." Singapore: Haggai Institute.
- 1983b *Cultural Anthropology*. 2nd ed. Grand Rapids: Baker.
- Holmes, Thomas H., e M. Masusu
- 1974 "Life Change and Illness Susceptibility." In *Stressful Life Events: Their Nature and Effects*, editado por Barbara S. Dohrenwend e Bruce P. Dohrenwend. New York: Wiley.
- Holth, Sverre
- 1968 "Towards an Indigenous Theology." *Ching Feng* 11:5–26.
- Howard, David M.
- 1979 *Student Power in World Missions*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity.
- Hsu, Francis L. K.
- 1961 "American Core Value and National Character." In *Psychological Anthropology: Approaches to Culture and Personality*. Homewood, Ill.: Dorsey.
- 1963 *Clan, Caste and Club*. Princeton, N.J.: Van Nostrand. Iwanska, Alicia
- 1978 "Some American Values." Citado por William A. Smalley em "The World Is Too Much With Us," in *Readings in Missionary Anthropology*, editado por William A. Smalley, p. 701. South Pasadena: William Carey Library.
- Jantz, Harold
- 1984 "The Church of the Rich." *Mennonite Brethren Herald* 23, no. 20 (October 5, 1984): 4–5.
- Jones, E. Stanley
- 1957 *Christian Maturity*. Nashville: Abingdon. Kane, J. Herbert, e Ralph R. Covell
- 1981 "Missions in the Modern Milieu." In *Perspectives on the World Christian Movement*, editado por R. D. Winter e S. C. Hawthorne, pp. 347–354. Pasadena: William Carey Library.
- Keidel, Levi
- 1971 *Stop Treating Me like God*. Carol Stream, Ill.: Creation House. Kelly, Daniel P.

- 1982 *Receptor Oriented Communication: An Approach to Evangelism and Church Planting Among the North American Indians*. D. Miss., dissertação. School of World Mission, Fuller Theological Seminary.
- Kivengere, Festo
1962 "Personal Revival." In *Commission, Conflict, Commitment*, pp. 27–46. Chicago: Inter-Varsity.
- Kluckhohn, Florence R., e Fred L. Strodtbeck
1961 *Variations in Value Orientations*. New York: Row and Peterson.
- Kraft, Charles H.
1979 *Christianity in Culture*. Maryknoll, N.Y.: Orbis.
- Kraft, Charles H., e T. N. Wisley
1979 *Readings in Dynamic Indigeneity*. Pasadena: William Carey Library.
- Kraus, C. Norman
1979 *The Authentic Witness*. Grand Rapids: Eerdmans.
- Kroeker, Wally
1984 "The Deadly Race." *Direction* 1 (January/April): 3–15.
- Kuitse, Roelf
1983 "The Missionary: A Marginal Person." *AIMM Messenger* (Spring): 3–6.
- Loewen, Jacob A.
1975 *Culture and Human Values: Christian Intervention in Anthropological Perspective*. South Pasadena: William Carey Library.
- Loss, Myron
1983 *Culture Shock*. Middleburg, Pa.: Encouragement Ministries.
- Luke, P. Y. e J. B. Carman
1968 *Village Christians and Hindu Culture*. London: Lutterworth.
- Mayers, Marvin K.
1974 *Christianity Confronts Culture: A Strategy for Cross-Cultural Evangelism*. Grand Rapids: Zondervan.
- Mbiti, John S.
1969 *African Religions and Philosophy*. New York: Praeger.
- McElroy, Richard
1972 "The New Missionary and Culture Shock." *Latin American Evangelist* 52 (May-June): segunda capa.
- Mehrabian, Albert
1979 "Communication Without Words." In *Basic Readings in Communication Theory*, editado por C. David Mortensen, pp. 193–200. New York: Harper and Row.

Minz, Nirmal

- 1973 "The Freedom of the Indigenous Church Under the Holy Spirit and Communication of the Common Christian Heritage in the Context of this Freedom." In *The Gospel and Frontier Peoples*, editado por Pierce Beaver. South Pasadena: William Carey Library.

Nakamura, Hajime

- 1964 *Ways of Thinking of Eastern Peoples: India, China, Tibet, Japan*, editado por Philip Wiener. Honolulu: East-West Center Press.

Neill, Stephen

- 1961 *Christian Faith and Other Faiths*. London: Oxford University Press.

Nida, Eugene A.

- 1975 *Customs and Cultures: Anthropology for Christian Missions*. Pasadena: William Carey Library.
- 1978 "Mariology in Latin America." In *Readings in Missionary Anthropology II*, editado por William A. Smalley. South Pasadena: William Carey Library.

Nida, Eugene A., e William D. Reymann

- 1981 *Meaning Across Cultures: A Study on Bible Translating*. Maryknoll, N.Y.: Orbis.

Nyamiti, Charles

- 1973 *The Scope of African Theology*. Kampala: GABA.

Oberg, Kalervo

- 1960 "Culture Shock: Adjustment to New Cultural Environments." *Practical Anthropology* 7:177-182.

Ong, Walter J.

- 1969 "World as View and World as Event." *American Anthropologist* 71 :634-647.
- 1982 *Orality and Literacy: The Technologizing of the Word*. London: Methuen.

Osborne, Cecil

- 1967 *The Art of Understanding Yourself*. Grand Rapids: Zondervan.

Palmer, Parker

- 1977 *A Place Called Community*. Wallingford, Pa.: Pendle Hill.

Raab, Laura

- 1984 "Practical Tips for Coping with Culture Shock/Stress." Pasadena: Fuller Theological Seminary.

Radin, Paul

- 1957 *Primitive Man as Philosopher*. New York: Dover.

Rao, Raja

- 1967 *Kanthapura*. New York: New Directions.

Ray, Benjamin C.

- 1976 *African Religions: Symbol, Ritual, and Community*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.

Reichel-Dolmatoff, Gerardo, e Alicia Reichel-Dolmatoff

- 1961 *The People of Aritama: The Cultural Personality of a Colombian Mestizo Village*. Chicago: University of Chicago Press.

Reyburn, William D.

- 1959 "Polygamy, Economy and Christianity in Eastern Cameroon." *Practical Anthropology* 6 (January-February): 1-19.
1978 "Identification in the Missionary Task." In *Readings in Missionary Anthropology*, editado por William A. Smalley. 2nd ed. South Pasadena: William Carey Library.

Richardson, Don

- 1986 *O Fator Melquisedeque*. São Paulo, Vida Nova.

Ryder, Arthur W.

- 1956 *The Panchatantra*. New Delhi: Jaico.

Shenk, Joseph C.

- s.d. "Joys and Frustrations of Going Home." Akron, Pa.: Mennonite Central Committee.

Shenk, Wilbert

- 1980 "The Changing Role of the Missionary: From 'Civilization' to Contextualization." In *Missions, Evangelism and Church Growth*, editado por C. Normal Kraus, pp. 33-58. Scottdale, Pa.: Herald.

Smalley, William A.

- 1978 "Culture Shock, Language Shock and Shock of Self-Discovery." In *Readings in Missionary Anthropology II*, editado por William A. Smalley. South Pasadena: William Carey Library.

Spradley, James, e Mark Phillips

- 1972 "Culture and Stress - A Quantitative Analysis." *American Anthropologist* 74:518-529.

Stewart, Edward C.

- 1972 *American Cultural Patterns: A Cross-Cultural Perspective*. Chicago: Intercultural Press.

Sweazy, George E.

- 1968 "Hiding from God Behind Religion." *Presbyterian Life*, September 1.

Taber, C. R.

- 1978 "The Limits of Indigenization in Theology." *Missiology* 6 (January): 53-79

Taylor, John V.

- 1977 *The Primal Vision: Christian Presence amid African Religions*. London: SCM.

Thurnwald, Richard C.

- 1916 *Banaro Society: Social Organization and Kinship System in a Tribe in Interior New Guinea*. Lancaster, Pa.: American Anthropological Association.

Tippett, Alan R.

- 1979 "Christopaganism or Indigenous Christianity?" In *Readings in Dynamic Indigeneity*, editado por Charles H. Kraft e T. N. Wisley. Pasadena: William Carey Library.

Tournier, Paul

- 1957 *The Meaning of Persons*. London: SCM.
1968 *A Place for You*. New York: Harper and Row.

Turnbull, Colin M.

- 1968 *The Lonely African*. New York: Simon and Schuster.

Useem, John, Ruth Useem, e John Donoghue

- 1963 "Men in the Middle of the Third Culture: The Rites of American and Non-Western People in Cross-Cultural Administration." *Human Organization* 22 (Fall): 169–179.

Van Gennep, Arnold

- 1960 *The Rites of Passage*. Tradução de M. B. Vizedom e G. L. Caffee. Chicago: University of Chicago Press.

Vicedom, G. F.

- 1961 *Church and People in New Guinea*. London: World Christian Books.

Visser 't Hooft, W. A.

- 1967 "Accommodation – True and False." *South East Asia Journal of Theology* 8:5–18.

Wallace, A.F.C.

- 1956 "Revitalization Movements." *American Anthropologist* 58:264–281.

Wambutda, Daniel N.

- 1978 "An African Christian Looks at Christian Missions in Africa." In *Readings in Missionary Anthropology II*, editado por William A. Smalley. South Pasadena: William Carey Library.

Warner, W. Lloyd, M. Meeker e K. Eells

- 1960 *Social Class in America: A Manual of Procedure for the Measurement of Social Status*. New York: Harper and Brothers.

Widjaja, Albert

- 1973 "Beggary Theology: A Search for a Perspective Toward Indigenous Theology." *South East Asia Journal of Theology* 14:39–45.

1

2

2